EDITORA AZUL
N.º 29
Dezembro 1987
Cz$ 120,00

BIZZ

ENTREVISTA EXCLUSIVA

MADONNA

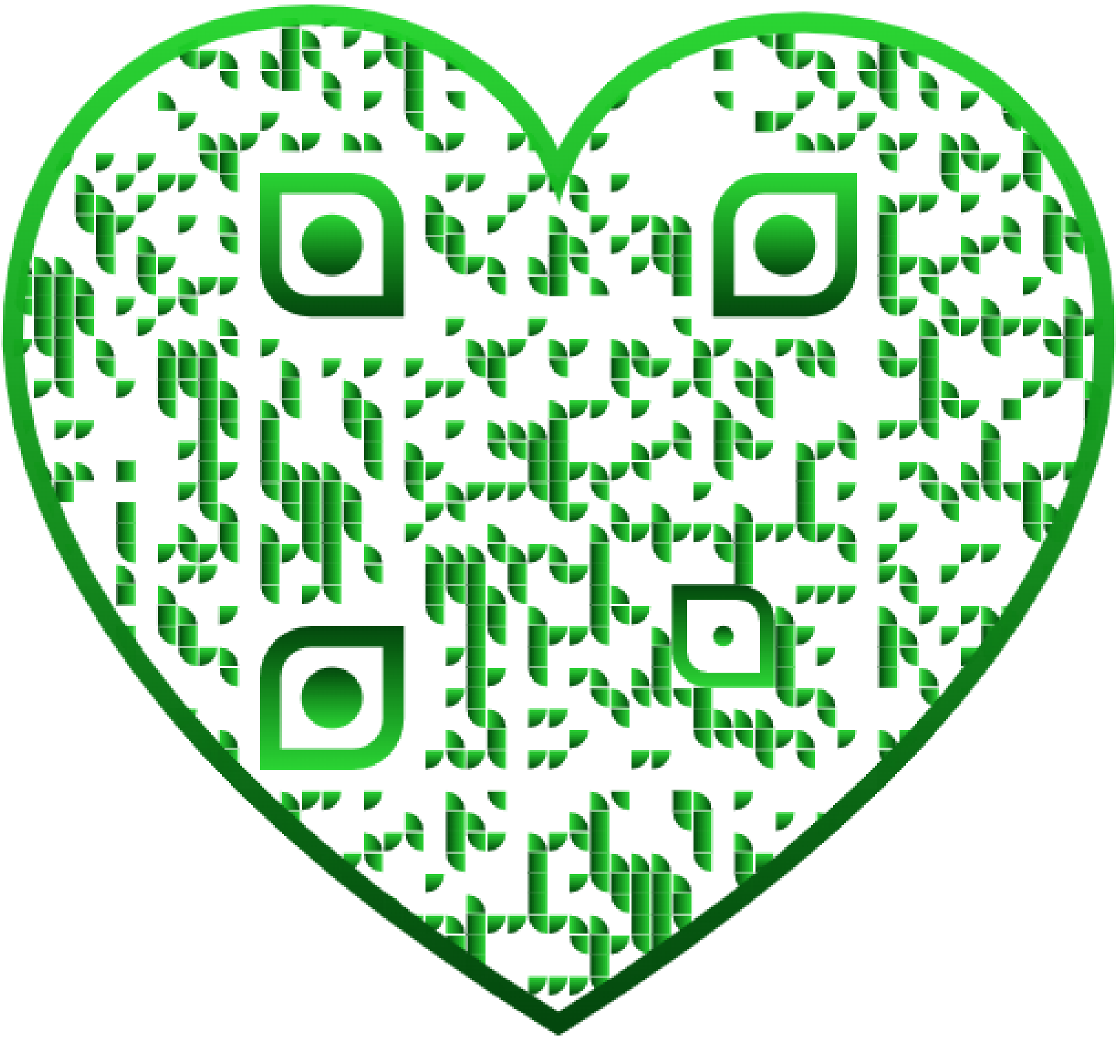
TITÃS

CROWDED HOUSE

TOM WAITS

KIKO ZAMBIANCHI

RETROSPECTIVA DO ANO



Que País É Este
1978/1987
Legião Urbana

Que País É Este
Conexão Amazônica
Tédio (Com Um T Bem Grande Pra Você)
Depois Do Começo
Química

Eu Sei
Faroeste Caboclo
Angra Dos Reis
Mais Do Mesmo

Dado Villa-Lobos/Renato Russo/Renato Rocha/Marcelo Bonfá
Produzido por Mayrton Bahia

Em Discos e Fitas

EMI

Produto de grande aceitação no mercado procura jovem nas mesmas condições.

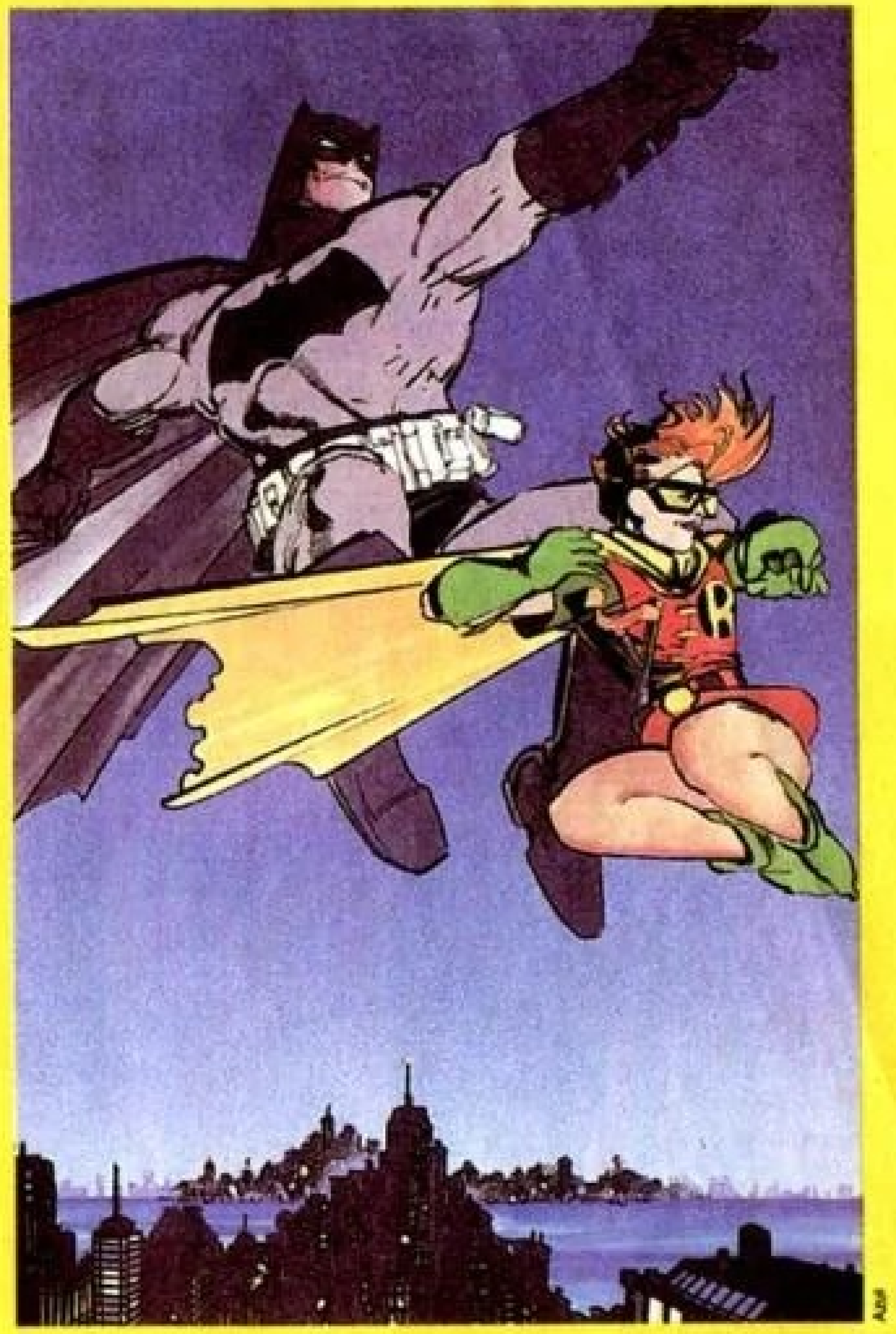
Empresa líder no mercado oferece excelente oportunidade a jovens com aspirações à liderança e que queiram desenvolver rapidamente suas naturais aptidões. Temos o que todo jovem inteligente, trabalhador e que pretende ascender rapidamente deseja: conforto, dinamismo, agilidade, precisão de comandos e economia em perfeita harmonia com o nosso tempo.

Desejamos posicioná-lo no comando de uma potência, dotada de um motor de alta performance 1.6 (AP 600), tecnologia avançada, conforto e desempenho. Comparecer munido de seu entusiasmo em nosso Concessionário para conhecer de imediato a Linha Gol, nas versões CL e GL, além do fantástico Gol GTS 1.8 (AP 800 S), o mais rápido carro brasileiro.

No seu Concessionário Volkswagen, você encontra um Gol na medida certa para um jovem líder. E aproveita também para conhecer as facilidades do superfinanciamento e a supervalorização do seu VW usado, na troca por um novo.

Rede Autorizada

BIZZ



Um novo Batman e "a" Robin (!), uma artimanha de Frank Miller (entrevista na página 84)

A capa desta edição, uma das mais belas que a BIZZ já teve (você não concorda?), também envolveu uma negociação das mais complicadas. O tema se impunha: no mesmo número em que se publica uma retrospectiva de 87, nada como os **Titãs**, que com o álbum e o show *Cabeça Dinossauro* injetaram uma rara dose de novidade no pop nacional. Mas *oito* caras não são um grupo, são uma multidão. Daquelas que não costumam caber na requintada linha das capas desta revista... A banda, convidada para uma sessão de fotos, mandou o recado: ou aparece todo mundo ou não aparece ninguém. "Titãs somos todos nós". Mas toparam fazer poses individuais, e aos duos e aos trios, para ilustrar a matéria (um entrevistão em duas fases, no início e ao final das gravações do novo disco). Aí foi nossa vez: com tantas fotos excelentes, não dava para deixar de pensar em uma capa... A banda permanecia irredutível. **Rui Mendes**, o fotógrafo, queria seqüestrar o material: "Eles vão ficar putos *comigo*!" Os Titãs nos bombardeavam com telefonemas: "Se é assim preferimos não ser capa da revista". Conversa vai, conversa vem, convencemos a banda a confiar em nossos bons critérios... **Branco** e **Arnaldo**, em uma foto das mais sugestivas da série, foram as figurinhas escolhidas para a fachada da BIZZ 29. **Paulo** e **Brito**, **Nando** e **Charles**, **Frommer** e **Belotto** ficam para as próximas capas que os Titãs farão por merecer...

De resto, exclusivíssimas entrevistas com **Madonna**, **Tom Waits**, **DeFalla**, **Gene Loves Jezebel**, **Marianne Faithfull**, **Crowded House**, **Kiko Zambianchi** e o mestre dos quadrinhos **Frank Miller** (gentileza da nossa rede internacional de correspondentes & colaboradores: **José Emilio Rondeau**, **Marcel Plasse** e **Jean-Yves de Neufville** nesta edição) só competem mesmo com o Ao Vivo, que inclui **Jesus & Mary Chain**, **Inocentes**, **Ramones**, **Caetano** e o **Grateful Dead**. Ah, e a matéria especial, a **Retrospectiva do Ano**, radiografa os pontos altos (um ou outro ponto baixo também...) do rock, classe 87, no Brasil e no mundo. *Rewind*...

Alex Antunes

5 ÍNDICE
Você está aqui
6 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boataria
14 PARADA
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
18 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
26 VÍDEO
Um apanhado dos principais lançamentos
31 RETROSPECTIVA 87
Quem aconteceu e quem desapareceu aqui e lá fora
40 MADONNA
A megaestrela deste ano explica quem é
46 KIKO ZAMBIANCHI
O balanço de um fazedor de hits
51 ENTREVISTÃO
Os dentes afiados dos Titãs
62 GENE LOVES JEZEBEL
Por trás da charada, uma banda simples
64 TOM WAITS
Em todos os seus tons
68 DeFALLA
Os nada bestas boys do Sul
70 MARIANNE FAITHFULL
Um papo telefônico com a irmã morfina
74 CROWDED HOUSE
O sonho não acabou para os australianos
76 AO VIVO
Inocentes, Jesus & Mary Chain, Grateful Dead, X, Caetano Veloso, Bandas Plug, Ramones, Georgia Satellites, Bob Dylan & Tom Petty
84 HQ ESPECIAL
Uma entrevista exclusiva com Frank Miller, o criador de *O Cavaleiro das Trevas*
88 EM CARTAZ
Viagem Insólita, Super-Homem IV, Show de Horrores, Dragnet
94 CLIP
"Cara Pálida", da Gang 90
96 LETRAS
"La Bamba", Los Lobos
98 MEU INSTRUMENTO
As cordas de Jim Hall
100 AIR MAIL
Direto dos EUA e Londres
104 DISCOTECA BÁSICA
The 25th Anniversary Album, de Eddie Cochran
106 CARTAS & SERVIÇOS

Fotos de capa - Rui Mendes/Abril - WEA

O FIM DO NEW ORDER

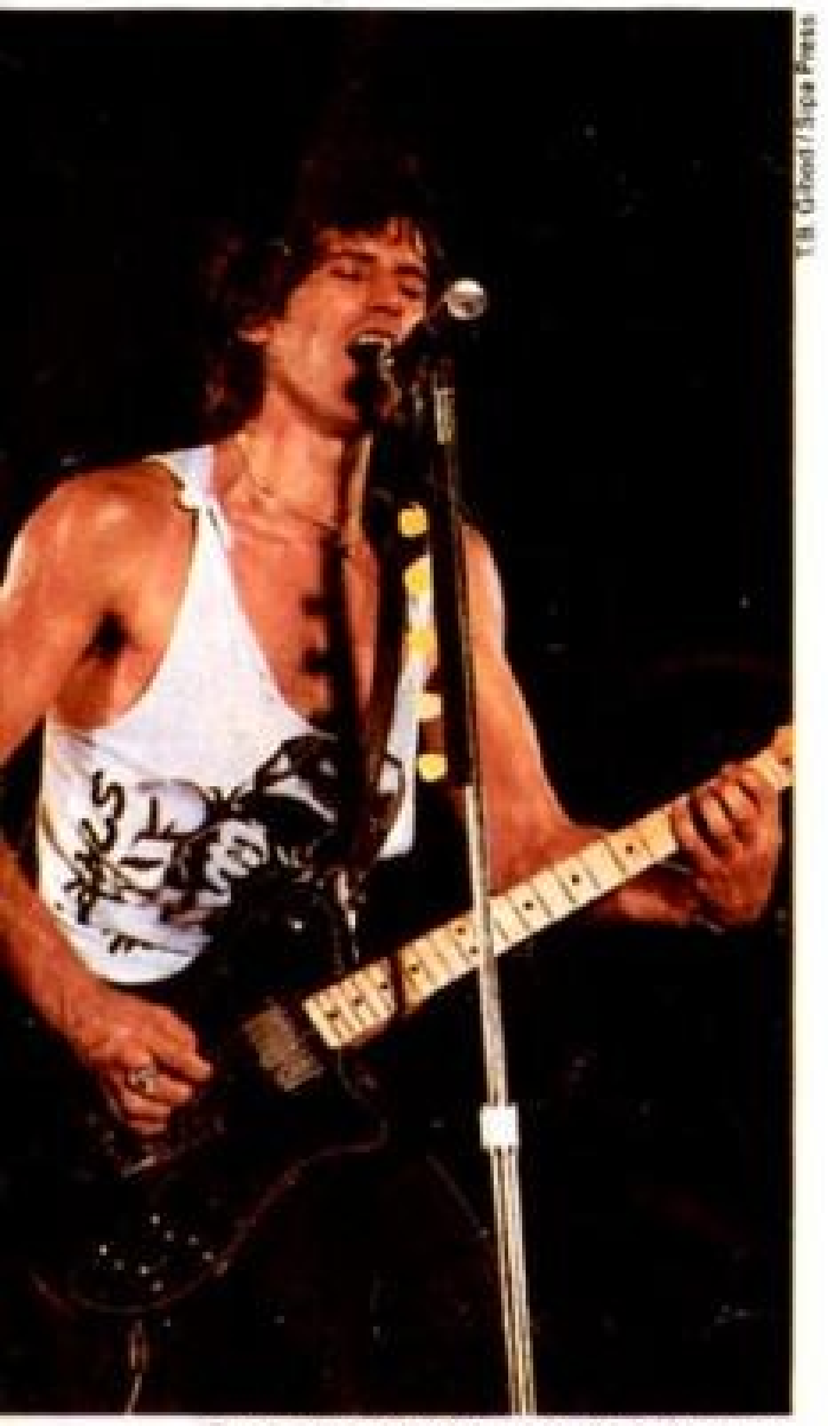
Tudo indica que o ano de 87 vai mesmo ser o último para o **New Order.** Os porta-vozes do grupo ainda não confirmaram a notícia, mas, segundo a *NME*, o próprio baixista **Peter Hook** já anda espalhando o boato. **Barney Sumners,** o cantor/guitarrista, vai se dedicar à carreira solo e os outros deverão partir para outros projetos musicais. Um consolo: podemos aguardar, pelo menos, um último LP com material inédito deles. *Snif, snif.*

Gillian, Barney, Stephen e Peter: o último ano juntos

FESTA DE ARROMBA

Vai ser uma festa da pesada! Em 88 a gravadora Motown comemora trinta anos de existência. Ela está organizando um festival de cinco dias em Detroit, onde cantarão quase todos os artistas que passaram pelo seu cast. Imaginem só: cinco dias com o *crème de la crème* da black music nos palcos: **Michael Jackson** (que já prometeu um show de meia hora), **Stevie Wonder, Commodores, Smokey Robinson & The Miracles, The Supremes,** etc. etc. ...

RICHARDS NEWS



Richards: Ya-Ya's para fora de novo

Vem aí a turnê solo de **Keith Richards** (calma gente, é lá fora). Ele excursionará (provavelmente) pela Europa e EUA, acompanhado do pessoal que toca no seu primeiro LP. São eles: **Waddy Wachtel** (guitarra), **Charlie Drayton** (baixo), **Ivan Neville** (teclados) e **Steve Gordon** (bateria). Richards também esteve tentando recrutar o pianista de **Chuck Berry, Johnnie Johnson.** Em tempo: o velho Stone acertou com Berry, que irá produzir seu próximo LP!

TROPICÁLIA 20 ANOS

Tom Zé e Itamar, assinaram o coro dos descontentes nos 20 anos da Tropicália

José Miguel Wisnick — professor da USP e estudioso de música, em particular da MPB — entrou numas de comemorar vinte anos do movimento Tropicalista. Entre palestras, vídeos, filmes, exposições... algumas atrações musicais se fizeram presentes e deixaram marcas a serem registradas. Num verdadeiro espírito de geléia geral, a festa contou com um baile, onde estiveram presentes a orquestra de **Silvio Mazucca, Waldick Soriano** e **Paulinho Boca de Cantor e Banda.** Outra apresentação notável foi a de **Aguilar e Banda Performática.**

Contava-se com a participação de Rita Lee e Caetano, mas o único a aparecer foi Gil, fechando o evento no dia 07/11.

O melhor momento esteve com a tríade de violões e vozes de **Itamar Assumpção, Tom Zé** e **Luiz Tatit,** em shows individuais no dia 17/10. O ápice do evento ficou por conta do mago Itamar, quando convocou a platéia para cantar, assobiando, a canção "Sampa", de Caetano...

HOLLYWOOD ROCK

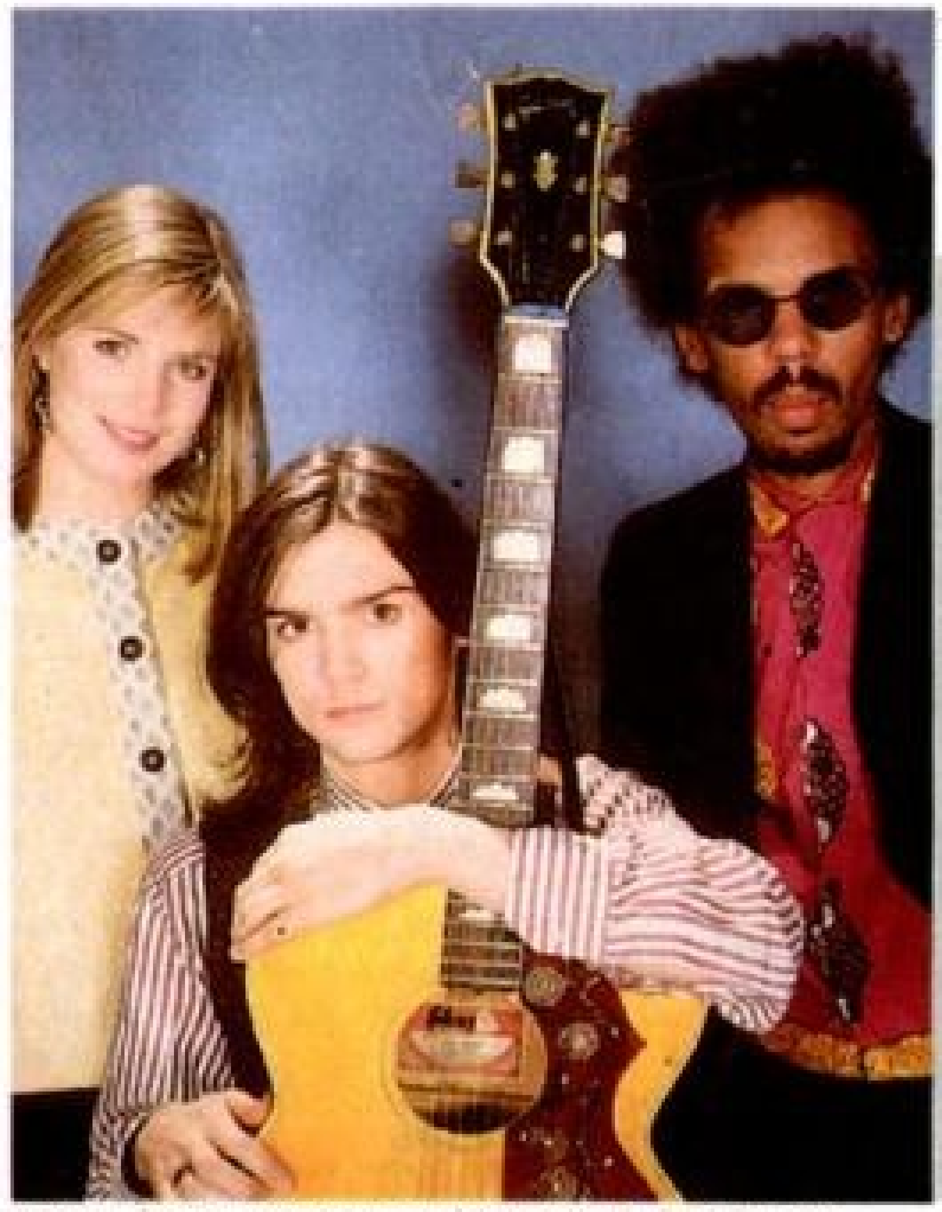
Xuxu beleza! Mais seis grupos ingleses vêm ao Brasil. São as atrações do Hollywood Rock Festival, que rola de 6 a 9 de janeiro na Praça da Apoteose, no Rio de Janeiro, e de 13 a 16 no estádio do Morumbi, São Paulo. Eis as bandas: **Pretenders** (com **Johnny Marr?**), **Simple Minds, Duran Duran, Simply Red, UB40** e **Supertramp.** Das bandas brasileiras que farão os shows de abertura, estão confirmados **Titãs, Ira!, Ultraje a Rigor, Paralamas, Lulu Santos** e **Marina.** A promoção do evento é da Souza Cruz e da MPM Propaganda. A produção é da Mills/Niemeyer.

Pretenders no Brasil? Para quando janeiro chegar...

A MORTE DE WOODY HERMAN

Uma big band se cala: Woody morreu

Woody Herman, clarinetista e líder de uma das big bands mais populares dos EUA, faleceu no dia 29 de outubro em Los Angeles, aos 74 anos de idade. O auge de sua carreira foi nas décadas de 30 e 40, quando chegou a ter várias músicas suas nas paradas americanas. Mesmo assim, ele só parou de excursionar com sua banda no início de 87, quando foi internado com problemas cardíacos, que acabariam causando sua morte.



Dream Academy: para ouvidos sequiosos de som

NOVIDADES NO VINIL I

Bill Ward, ex-baterista do **Blackk Sabbath,** está gravando seu primeiro LP solo. Convidado muito especial nos vocais: **Ozzy Osbourne!**

Chama-se *Remembrance Days* o novo LP do **Dream Academy** (grupo inglês que teve seu primeiro LP lançado no Brasil).

Joe Cocker lançou mais um LP. Este chama-se *Unchain My Heart.*

Finalmente saiu o **LP** homônimo do grupo **Outloud.** É a nova banda de **Nile Rodgers** (ex-Chic). Os outros integrantes são os ilustres (desconhecidos) **Philippe Saisse** e **Felicia Collins.**

Richard Lloyd, ex-Television, lançou *Real Time*, LP gravado ao vivo no CBGB's, Nova York.

O U2 POR PERTO

Os fãs do **U2** podem ir preparando os ponchos: a banda irlandesa desembarca em dezembro na América do Sul, para apresentações... na Argentina (buáááááá!!). Comenta-se que o grupo descartou a possibilidade de fazer shows no Brasil por falta de lugares adequados (grandes porém com boa acústica). O U2 vem acompanhado de **Phil Joanou,** um jovem diretor (25 anos) de cinema protegido de Spielberg, que está realizando um documentário sobre a banda. Que tal uma visitinha ao Brasil, nem que seja em silêncio?

Allons enfants de la patrie: *a nova estação do Metrô*

METRÔ EM PARIS

O **Metrô** não conseguiu se livrar da sombra de sua época "beat acelerado" e foi jogado às traças depois do lançamento de *A Mão de Mao*, um disco mais que arrojado. Partindo para outras plagas — sem, no entanto, esquecer o Brasil —, eles estarão presentes no programa francês *Champs Elisées*, numa gravação realizada em alguns pontos pitorescos de São Paulo: Liberdade, Paulista e edifício Copan. O clip irá ao ar no início de 88 pela TV francesa Antenne 2.

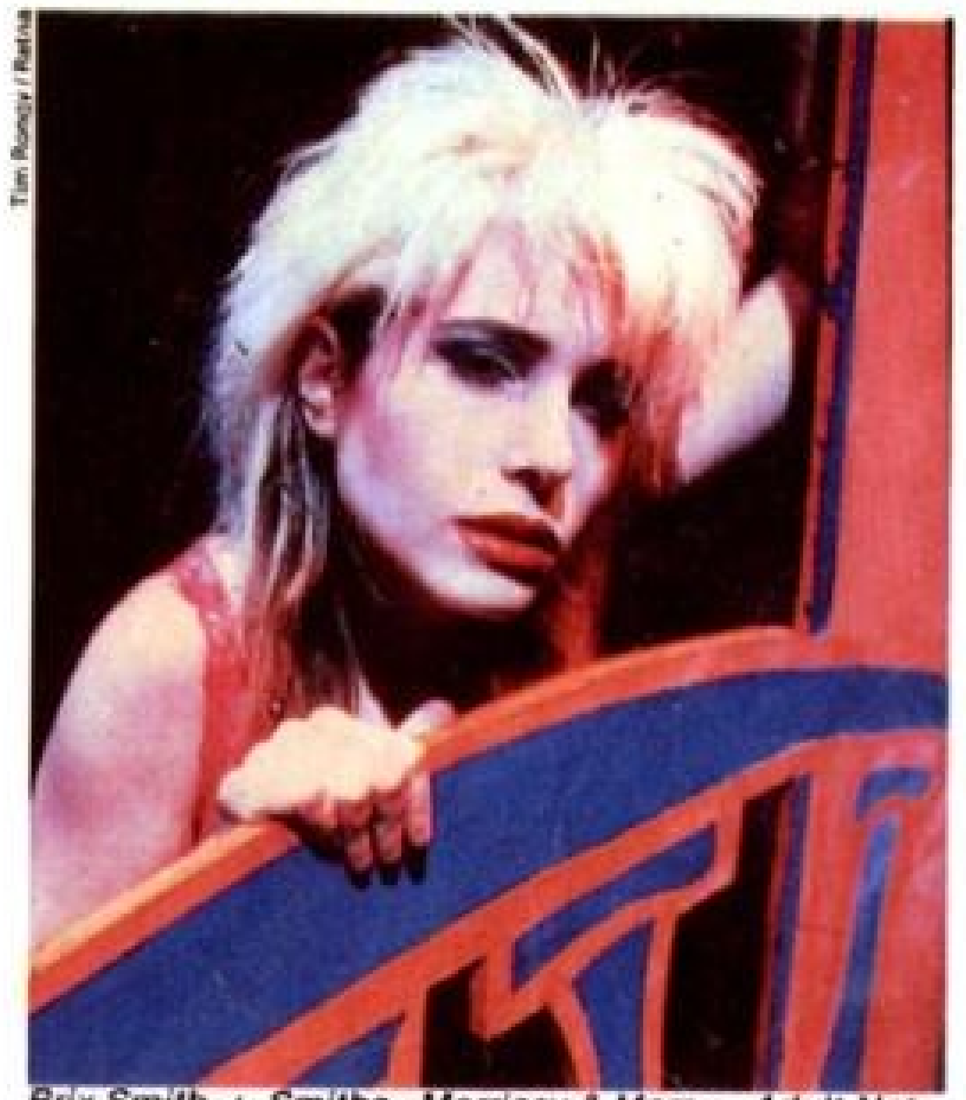
MISTURA FINA

O Teatro Mambembe, que tem se tornado um dos espaços culturais mais ativos de São Paulo, realizou no início de novembro o projeto Mistura Fina. A receita: convidar os músicos de bandas conhecidas para se misturarem em recombinações inéditas. Oito bandas se formaram (mais uma nona, de surpresa, encabeçada pelas deliciosas Lelena — baixo da Máfia e Luni — e Laura Finokiaro na guitarra). O ilustre quarteto de guitarras de Tonho Penhasco (Máfia e Darwin), Mário Manga (Premê), Tuba (ex. Sossega Leão) e Luiz Waak (Gang 90 e Itamar Assumpção) foi o destaque da primeira noite. Na segunda foi a vez de Fernando (voz e teclados do Luni), James Muller (bateria, Máfia), Kuru (baixo, Fábrica Fagus), Márcio Hermes (guitarra, Gueto) e Maurício (sax dos Mulheres Negras). Na terceira noite, Natália Barros e André Gordon (ambos Luni e XPTO), Virgínia Rosa no vocal e músicos dos Heartbreakers, Rumo e Boko Mokos fizeram um espetáculo chegado ao teatro de revista, antecedendo a auto-intitulada *Mistura Grossa* do projeto: o leão-que-não-sossega Skowa (Máfia), André Abujamra (Mulheres Negras), Márcio (Fábrica Fagus) e Edson X (Gueto), que não deixaram pedra sobre pedra, gozando em ritmo de rap todos os grupos e figurinhas do cenário paulista. No último dia, Edgard (Ira!) pegou a guitarra com Akira S (stick e tapes), Bocato (trombone), P.ª Francis (vocal e tapes), e Vitor (batera do Maria Angélica), para um repertório inédito. Gigante Brazyl, batera da Gang 90, fecha cantando blues com Gilvan (guitarra da Gang) e Nadinho (baixo da Metalurgia). No todo, um evento curioso, despretensioso e com vários momentos de excelente música.

BOY INOCENTADO

Boy George foi inocentado no processo de "negligência criminal" movido contra ele pelos pais do músico Michael Rudetsky, morto por overdose de heroína na casa do cantor, em Londres, no ano passado. A decisão é de um tribunal em Nova York (o músico morto era americano), que achou que não tinha jurisdição sobre o caso, já que Boy George vive na Inglaterra. Assim, não haverá a indenização de 20 milhões de dólares, exigida pelos parentes do músico morto.

CURTAS E GROSSAS



Brix Smith + Smiths - Morrisey & Marr = Adult Net

Os **Beach Boys** gravaram uma música com **Little Richard.** Chama-se "Happy Endings". • **Tina Turner** vai gravar uma cançãozinha com (glup!) **Olivia Newton-John.** • E atenção: pintou um grupo pra deixar gregos e troianos com água na boca. É o **Adult Net,** onde a gatíssima guitarrista/cantora do Fall, **Brix Smith** (esposa de Mark E. Smith), faz suas brincadeirinhas de psicodelismo e anos 60 secundada por três ex-Smiths: o baterista **Mike Joyce,** o baixista **Adam Rourke** e o guitarrista **Craig Gannon.** Eles fizeram sua (bombástica) estréia ao vivo há algumas semanas no ICA Club de Londres. Vale lembrar que o grupo já existe há algum tempo, e tem alguns singles lançados. Mas é a primeira vez que o grupo tem uma formação adequada para tocar ao vivo.

ONDA BRASILEIRA NA BILLBOARD

"The Brazilian Wave Comes Ashore" é o título da matéria publicada na *Billboard* de 7 de novembro, em que o jornalista Chris McGowan faz um extenso relato sobre o panorama musical brasileiro. A intenção da editoria da revista fica clara no índice: a matéria faz um apanhado sobre "o novo fenômeno musical brasileiro, prestes a superar comercialmente a bossa nova dos anos 60". Ao longo das 32 (!) páginas da matéria — que tem anúncios de gravadoras, artistas, produtores, empresários e até de estúdios nacionais — McGowan fala sobre a "grandeza da música brasileira", citando artistas consagrados de MPB, rock, música instrumental e usando depoimentos de músicos americanos — destaque para uma grande entrevista com Quincy Jones —, jornalistas, radialistas e lojistas, todos entusiasmados com a riqueza da nossa música. O jornalista americano — que ficou várias semanas no Rio de Janeiro para levantar os dados necessários — ainda fez um excelente artigo sobre os problemas e sucessos da indústria fonográfica nacional (a euforia com o plano cruzado, as quedas brutais nas vendas a partir deste ano) citando inúmeros índices de vendagem dos principais artistas de quase todas as gravadoras significativas do país. A matéria ainda apresenta duas surpresas: dedica um espaço relativamente bem maior ao dado para as bandas nacionais de rock, quando fala sobre Itamar Assumpção ("um estilo curioso e instigante que desafia qualquer categorização"), e ainda revela uma bomba, quando afirma que o RPM deverá gravar um LP todinho cantado em inglês! Palavras de Paulo Ricardo: "Fora do Brasil, gostaríamos de ser conhecidos como um bom grupo de rock, e não como um grupo brasileiro".

O FUTURO É...

Rock em vídeo no Rio Grande, tchê!

A **Vortex** — único selo independente do sul — sedimentou mais seu terreno nos últimos meses. Instalados numa casa onde além de exibição de vídeos, bar e venda de fitas K7 e vídeos produzidos pela In Video Local, ainda dispõem de uma sala de ensaios onde perto de vinte bandas se revesam ao longo da semana. Muitas delas nem têm nome.

Em relação à música, a Vortex trabalha essencialmente com fitas K7 gravadas em seu próprio estúdio e distribuídas via reembolso postal(Caixa Postal 5091, Porto Alegre). No catálogo constam: Julio Reny e seu *Último Verão* — primeiro registro de sua produção musical de 77 a 85; *Miranda* (de 85 a 86), chamado de "o Brian Eno dos pampas"; *Zona Mortal*, uma coletânea das bandas mais representativas de lá até 85; *Danças de Guerra*, com os estandartes do som *punch* de Porto Alegre (Kadafi, ORTN, Justa Causa e Atraque) e o último lançamento — uma fita individual do grupo Kadafi: *Assim Rolam as Cabeças*.

NOVIDADES NO VINIL II

Page: a volta com o filho do Bonzo

Jimmy Page está mixando seu primeiro LP solo! O lançamento será no início de 88. O disco tem participações de **Robert Plant, John Miles, Jason Bonham** (filho do falecido baterista do Led Zeppelin) e **Chris Farlowe.**

E atenção: está desabrochando o novo trabalho de **Morrisey** com **Vinnie Reilly** (por falar nele, aproveitamos para nos desculpar por ter escrito o nome dele errado, na abertura do entrevistão dos Smiths, na edição passada de BIZZ). Eles estiveram gravando no estúdio do Tears for Fears, na cidade de Bath, e concluíram 18 (!) músicas. Segundo as poucas informações que vazaram, as canções "não desapontarão os fãs dos Smiths". Oba!

MARÉS BAIXAS

Kirk, vítima das bruxas à solta

Ian McCulloch foi empurrado por um fã exaltado e caiu num poço de orquestra, sofrendo contusões na perna direita. Isso ocorreu no Arlington Theatre, em Santa Barbara, no final da turnê americana do **Echo & the Bunnymen.** De volta à Inglaterra, o cantor se submeteu a uma cirurgia, seguida de vários dias de repouso e visitas a um fisioterapeuta. Em conseqüência disso, foram adiadas várias datas da recente turnê inglesa do grupo.

O cantor **Kirk Brandon,** líder do **Spear of Destiny,** está há algum tempo afastado por causa de uma doença conhecida como "mal de Reiter", que causa um forte inchaço das pernas.

Roger Hodgson, ex-líder do **Supertramp,** caiu de uma escada em sua casa na Califórnia e sofreu fraturas na altura dos seus pulsos. De helicóptero ele foi transportado ao centro médico da UCLA (Universidade da Califórnia), onde ficou um bom tempo. Já se recuperou.

HAJA PINK FLOYD

Setecentas semanas na parada da Billboard! Este é o fantástico feito conquistado pelo LP *Dark Side of the Moon* — lançado em fevereiro de 73 — na terceira semana de outubro passado. A marca é impressionante, e o espantoso é que o disco segue firme em paradas do mundo todo. E ainda tem mais! O novo LP do grupo (sem Roger Waters), *A Momentary Lapse of Reason*, continua, há várias semanas, no primeiro posto da parada de Compact Disc nos EUA, além de freqüentar os *Top Ten* (os "dez mais") da parada de LPs.

OUÇA ESSA

"Se a situação tá ruim pra malandro, imagina pra nós que somos otários".
Branca di Neve, sambista

OS 50 LPS DOS ESTUDANTES

O texano Meat Loaf, o sexto de todos os tempos

A Nestlé encomendou uma pesquisa para levantar os cinqüenta LPs de todos os tempos, preferidos dos estudantes ingleses. 24 mil jovens de vinte universidades foram entrevistados, e a lista é a seguinte:

1 — *Brothers in Arms*/Dire Straits
2 — *The Joshua Tree*/U2
3 — *The Wall*/Pink Floyd
4 — *Rum, Sodomy & The Lash*/The Pogues
5 — *So*/Peter Gabriel
6 — *Bat Out of Hell*/Meatloaf
7 — *Suzanne Vega*/Suzanne Vega
8 — *Rumeours*/Fleetwood Mac
9 — *Graceland*/Paul Simon
10 — *Misplaced Childhood*/Marillion
11 — *Sgt. Peppers*/Beatles
12 — *The Queen Is Dead*/The Smiths
13 — *Love Over Gold*/Dire Straits
14 — *Invisible Touch*/Genesis
15 — *Infected*/The The
16 — *The Rise & Fall of Ziggy Stardust*/David Bowie
17 — *Making Movies*/Dire Straits
18 — *Led Zeppelin*/Led Zeppelin
19 — *Once Upon a Time*/Simple Minds
20 — *Wish You Were Here*/Pink Floyd
21 — *Alchemy*/Dire Straits
22 — *Dark Sid of The Moon*/Pink Floyd
23 — *Night at the Opera*/Queen
24 — *The Lamb Lies Lown on Broadway*/Genesis
25 — *True Blue*/Madonna
26 — *War*/U2
27 — *Born in the USA*/Bruce Springsteen
28 — *Picture Book*/Simply Red
29 — *Purple Rain*/Prince
30 — *The Kick Inside*/Kate Bush
31 — *Hunky Dory*/David Bowie
32 — *Face Value*/Phil Collins
33 — *Meat Is Murder*/The Smiths
34 — *London O. Hull 4*/Housemartins
35 — *Diamond Life*/Sade
36 — *A Kind of Magic*/Queen
37 — *Steve McQueen*/Prefab Sprout
38 — *Rattlesnakes*/Lloyd Cole & The Commotions
39 — *World Machine*/Level 42
40 — *Love*/The Cult
41 — *Hounds of Love*/Kate Bush
42 — *The Communards*/The Communards
43 — *Never Mind the Bollocks*/Sex Pistols
44 — *No Jacket Required*/Phil Collins
45 — *The Final Cut*/Pink Floyd
46 — *Abbey Road*/Beatles
47 — *Velvet Underground & Nico*/Velvet Underground
48 — *Closer*/Joy Division
49 — *Fugazi*/Marillion
50 — *Treasure*/Cocteau Twins

INÉDITOS DE JANIS

A voz rascante de Janis de volta, em gravações inéditas do início de sua carreira

Dois tapes, gravados num mesmo show de **Janis Joplin**, surgiram recentemente e estão deixando gravadoras (principalmente a CBS americana) em polvorosa. As duas gravações são de uma apresentação de Janis na Coffee Gallery, São Francisco, nos idos de agosto/outubro de 1962 quando a cantora contava apenas com 19 (!) anos. Um dos tapes, segundo o produtor de Janis, Elliot Mazer, é qualitativamente superior ao outro. E ambos, surpreendentemente, têm qualidade superior às gravações feitas no início da carreira da cantora e que estão no LP póstumo duplo, *Janis*. Os familiares da maior cantora branca de blues de todos os tempos, já deram o seu aval ao lançamento do material. Depois de resolvidas as questões dos direitos sobre as fitas — que têm sete músicas — elas deverão ser lançadas em disco. *Oh, yeah!*

NOVO LP DE MILES

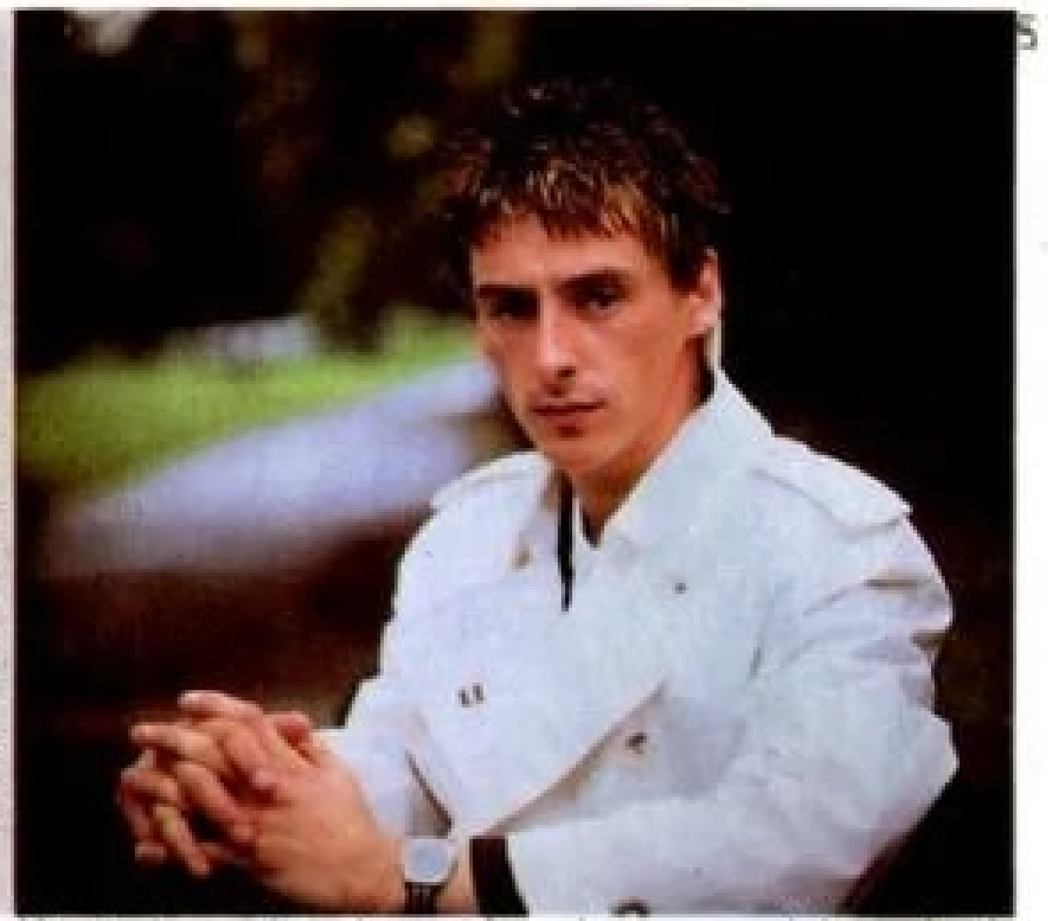
Ken Regan/LFI

O trompete de Miles volta a atacar

Miles Davis já adiantou algumas surpresas do seu novo LP para o pessoal da revista *Rolling Stone*. Várias faixas — entre elas um reggae e um rap (!) — foram co-produzidas pelo líder do Cameo, **Larry Blackmon**. Uma outra faixa, "Give Me That Choclate", é uma composição de **Prince**, especialmente enviada para o mestre do trompete numa fita com mais quatro músicas inéditas. O LP deverá ser lançado no início de 88.

ABAIXO A CARNE!

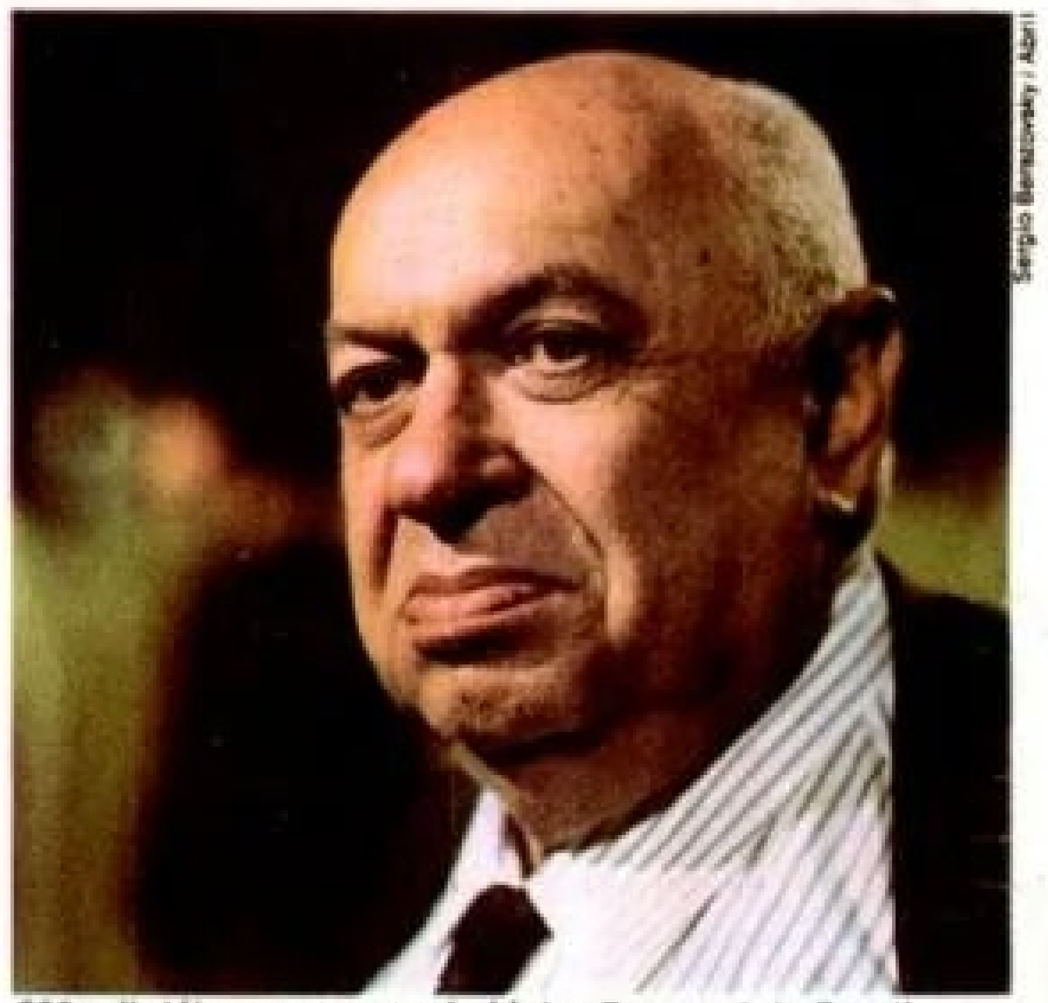
SCREAM! (School Campaign for Reaction Against Meat) é o nome da campanha que está sendo promovida pela Sociedade Vegetariana inglesa nas escolas britânicas, com o objetivo de esclarecer jovens sobre "os horrores e abusos cometidos com animais nas fazendas de criação". A campanha — que terá a participação de vegetarianos ilustres como Morrisey, Paul Weller, Jim Kerr, Chrissie Hynde, Peter Gabriel, Kate Bush e Annie Lennox — será veiculada em anúncios de revistas e vídeos.



Vegetarianos de todo mundo, uni-vos em prol dos animais

O DONO DO CARNAVAL

Uma jogada de mestre, a última de **Marcos Lázaro** (que empresariou Roberto Carlos, Elis Regina, Os Mutantes, Nara Leão, mais um monte de artistas e esportistas, e ainda trouxe Alice Cooper e Nina Hagen pra cá). Ele comprou, por 800 mil dólares, os direitos de transmissão pela TV da festa popular em que detonam as baterias das maiores escolas de samba do país: o Carnaval carioca. Lázaro se antecipou às vacilantes TVs, fechando negócio junto à diretoria da Liga Independente das Escolas de Samba, que vão dividir a grana. A expectativa do empresário (que é argentino e chegou a ser secretário de Obras Públicas nos tempos de Juan Perón) é de que ele lucre trinta por cento do investimento, com os pacotes carnavalescos que oferecerá às TVs.


Sergio Berezovsky / Abril

800 mil dólares, o preço do Maior Carnaval do Brasil

OBRAS ILUSTRES

Unforgettable Fire é o nome da biografia do **U2**, concluída por **Eammon Dunphy** (já falamos sobre ele há algumas edições atrás). O livro foi publicado pela Viking Books.

Saiu *Duke Ellington* (pela Oxford University Press, EUA), biografia do grande compositor/pianista/band-leader americano, falecido em 74. O autor do livro — que é altamente recomendado pela imprensa americana — é **James Lincoln Collier**.

E o sensacional *An Autobiography* de **Chuck Berry** (Doubleday, EUA), também recém-lançado, já foi oferecido para nada menos que cinco editoras brasileiras (L&PM, Brasiliense, Rocco, Cia. das Letras e Guanabara), que não se interessaram... Azar o nosso.

Gamma / Sigla

A genial carreira de Duke em biografia recém-lançada

ALTOS NEGÓCIOS

Segundo estatísticas recentes da revista americana *Billboard*, o rock ainda é o xodó do consumidor. O gênero detém 53 por cento dos índices de vendagem de disco nos EUA. Em segundo lugar está a *black music* (soul, funk, etc.) com dez por cento, seguida pelo jazz (oito por cento) e pela música country (cinco por cento).

Enquanto isso a CBS, gravadora que mais lucros teve nesses últimos anos (só no ano passado ela faturou 162 milhões de dólares), está estudando uma oferta apetitosa. A Sony, conhecida multinacional japonesa, ofereceu dois bilhões de dólares pela compra de seus negócios. Nada mal...

Melhorar o que já existe é um trabalho constante, que envolve muita pesquisa. Veja o Philishave, por exemplo: o sistema de lâminas rotativas foi introduzido em 1939 e permanece até hoje porque tem muitas vantagens sobre os outros sistemas.

Mas lâminas de dupla-ação foram incorporadas, o número de cabeças aumentado. Novos componentes eletrônicos adicionados. Como o sinal que avisa quando o Philishave precisa ser recarregado, o sistema de recarga embutido no corpo do aparelho que garante até 3 semanas de barbear tranqüilo.

Ou o dispositivo automático de voltagem que permite seu uso em qualquer lugar. Inovações que mantêm o Philishave sempre à frente.

Outro exemplo é o sistema de ditar para o escritório. Se você pensar que fala 7 vezes mais depressa do que escreve, vai compreen-

Philips. Idéias que economizam tempo, o tempo todo.

der a importância desse aparelho que permite que você dite sua correspondência e anotações em vez de escrever e reescrever.

O Pocket-Memo é a porta do sistema. É a maneira mais simples de gravar idéias importantes, mesmo em situações onde seria impossível escrever.

E economiza tempo porque, quando você volta ao escritório, sua secretária pode começar a datilografar imediatamente o que foi registrado, usando a máquina de transcrever, que torna o trabalho mais fácil e eficiente. Enquanto você dedica sua atenção a outras coisas importantes. Todo esse trabalho desenvolvido pela Philips só tem uma finalidade: facilitar o seu, no dia-a-dia.

Philips. Produtos de última geração.

PHILIPS

PHILIPS

ARES ARGENTINOS

Herbert Vianna disse que Charly Garcia "é um monstro". Em termos de popularidade, é claro. O veterano roqueiro portenho mudou-se de mala e cuia para o Rio de Janeiro e, para comemorar, deu um show no Morro da Urca no final de outubro (24/10). A casa estava lotada e, além da colônia argentina que foi dar as boas-vindas ao ilustre conterrâneo, estavam presentes vários representantes da prata da casa — Paula Toller e os três Paralamas. A banda mostrou-se afiada e Garcia conduziu seu rock'n'roll básico com garra e simpatia. Era seu aniversário e os moços dos Paralamas levaram um bolo com velinhas e tudo. No final, o aniversariante convidou todos para cantar juntos "Buscando um Símbolo de Paz", de seu novo LP, *Parte de la Religión*, recém-lançado no Brasil, ! *Que sea bienvenido, Garcia!*!

SAMPLER: LADRÃO DE CASACA?

Ron Watson / LFI

Beastie Boys, adeptos do "nada se cria, tudo se transforma", na mira da justiça

Lamentavelmente está em jogo o futuro do hip hop, rap e, conseqüentemente, da música pop. Tudo depende dos resultados de uma série de processos jurídicos movidos por indivíduos que se sentiram "roubados" com a utilização de trechos de canções suas em músicas alheias. Isso ocorre constantemente, graças ao sampler que permite a gravação perfeita de qualquer som — tirado de disco ou não — e sua reprodução no tempu e local desejado. Assim, grupos como os **Beastie Boys**, **Justified Ancients of Mu Mu** e **M/A/R/R/S** estão às voltas com a Justiça, que decidirá se os respectivos usos de trechos sampleados de outros autores é indevido ou não. Mesmo sendo apenas citações, os tais autores "roubados" não deixaram por menos. Entre eles estão **James Brown**, **Jimmy Castor** e o trio inglês de produtores **Stock, Aitken e Waterman**. Se este recurso, o de usar sampler para gravar sons de outros, for definitivamente proibido, então certamente teremos um grande retrocesso na música pop. Grupos como The Young Gods, Beastie Boys, B A D e tantos outros terão de mudar toda sua concepção de som.

ROCK'N'CINE

Griffin / LFI

Também na Austrália roqueiros viram movie stars: Hutchence do Inxs, às telas

Richard Loewenstein, que fez o video *White City* com **Pete Townshend**, é o diretor de *Dogs in Space*, ambientado em Melbourne (o diretor é australiano) com intérpretes (o principal é **Michael Hutchence**, vocalista do **INXS**) fazendo papéis de "pós-punks", segundo o *Village Voice*. A trilha sonora é quente: tem **Iggy Pop**, **Brian Eno** e **Gang of Four**.

Jeff *A Mosca* **Goldblum** e **Geena Davis** são os astros do novo filme de **Julian Temple** *(The Great Rock'n'Roll Swindle, Absolute Beginners), Earth Girls Are Easy*. A trilha sonora é de **Nile Rodgers**.

Alice Cooper faz um dos vários "vomitadores" que aparecem no novo filme de **John Carpenter** *(Aventureiros do Bairro Proibido, Enigma do Outro Mundo, Halloween, Fuga de Nova York)*. A fita — de horror, tá na cara — chama-se *Prince of Darkness*, e o papel central é do careca **Donald Pleasence** (*Halloween I e II*).

NOVOS LANÇAMENTOS

Azul

Atenção: tem SET nova nas bancas

Está nas bancas a SET nº 6, trazendo tudo sobre os novos lançamentos em cine e video. E mais: *Innerspace*, o novo sucesso de Joe Dante produzido por Steven Spielberg, uma exclusiva com Kim Basinger, sensacionais matérias sobre o camaleão Robert De Niro e os grandes livros sobre cinema.

E tem também o Calendário Rock 88, com fotos exclusivas e todas as datas importantes do ano que está entrando. Vá correndo pegar o seu exemplar!

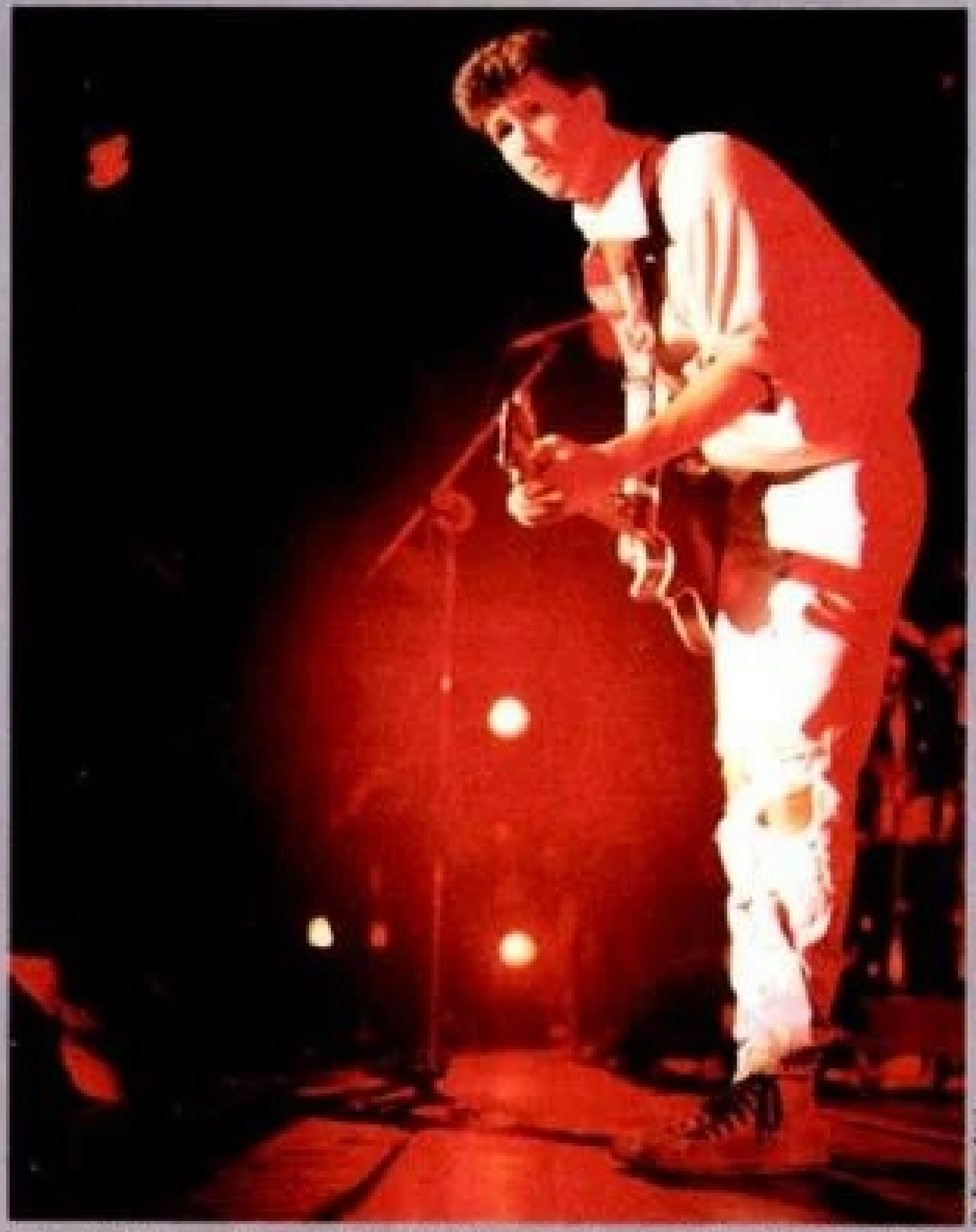
É FLOYD!

NOVO. O MESMO NOVO DE SEMPRE.
SEMPRE MESMO NOVO. SEMPRE DE NOVO.
DAVID GILMOUR, SEMPRE.
NICK MASON, DE NOVO.
RICHARD WRIGHT, MESMO.
É PINK!... É FLOYD!

EM DISCOS, FITAS
E COMPACT DISCS

CBS

CBS



Fifi, da Plebe, ameaçando a supremacia da dobradinha U2/Cure

Parada do Leitor (LPs)

1 (2) *Kiss Me...* — **Cure** (Polygram)
2 (1) *The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
3 (6) *Nunca Fomos Tão Brasileiros* — **Plebe Rude** (EMI-Odeon)
4 (4) *Vida Bandida* — **Lobão** (RCA)
5 (3) *Brotherhood* — **New Order** (WEA)
(11) *Echo & The Bunnymen* — **Echo & The Bunnymen** (WEA)
7 (N) *Independência* — **Capital Inicial** (Polygram)
8 (11) *Sexo!!* — **Ultraje a Rigor** (WEA)
9 (5) *Crocodiles* — **Echo & The Bunnymen** (WEA)
(9) *The Top* — **Cure** (Polygram)
11 (6) *Closer* — **Joy Division** (Eldorado)
(8) *The World Won't Listen* — **Smiths** (WEA)
13 (14) *Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
14 (N) *Bad* — **Michael Jackson** (CBS)
15 (9) *Violeta de Outono* — **Violeta de Outono** (RCA)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome e endereço para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (10) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
2 (2) *Whitesnake* — **Whitesnake** (Geffen)
3 (1) *La Bamba* — **Trilha Sonora — Vários** (Slash)
4 (N) *A Momentary Lapse of Reason* — **Pink Floyd** (Columbia)
5 (3) *Whitney* — **Whitney Houston** (Arista)
6 (9) *The Joshua Tree* — **U2** (Island)
7 (4) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
8 (N) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Vários** (RCA)
9 (N) *The Lonesome Jubilee* — **John Cougar Mellencamp** (Mercury)
10 (N) *Document* — **REM** (MCA)

Compactos (EUA)

1 (N) "Bad" — **Michael Jackson** (Epic)
2 (N) "Lost in Emotion" — **Lisa Lisa and Cult Jam** (Columbia)
3 (4) "Here I Go Again" — **Whitesnake** (Epic)
4 (N) "U Got the Look" — **Prince** (Paisley Park)
5 (8) "Carrie" — **Europe** (Epic)
6 (10) "I Heard a Rumour" — **Bananarama** (London)
7 (N) "Causing a Commotion" — **Madonna** (Sire)
8 (N) "Casanova" — **Levert** (Atlantic)
9 (N) "Who Will You Run to" — **Heart** (Capitol)
10 (2) "Didn't We Almost Have it All" — **Whitney Houston** (Arista)

LPs (GB)

1 (2) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
2 (N) *Dancing with Strangers* — **Chris Rea** (Magnet)
3 (N) *Wonderful Life* — **Black** (A&M)
4 (N) *Tunnel of Love* — **Bruce Springsteen** (CBS)
(N) *The Cream of Clapton* — **Eric Clapton** (Polydor)
6 (9) *Actually* — **Pet Shop Boys** (EMI)
7 (N) *Popped in Souled Out* — **Wet Wet Wet** (Precious Org)
(N) *Always Guaranteed* — **Cliff Richard** (EMI)
9 (N) *A Momentary Lapse of Reason* — **Pink Floyd** (EMI)
10 (7) *Changing Faces* — **10cc/Godley & Creme** (Polydor)

Compactos (GB)

1 (N) "Bad" — **Michael Jackson** (Epic)
2 (N) "Full Metal Jacket" — **Mead & Goulding** (Warner Bros.)
3 (1) "Never Gonna Give You Up" — **Rick Astley** (RCA)
(N) "Crockett's Theme" — **Jam Hammer** (MCA)
5 (N) "You Win Again" — **Bee Gees** (Warner Bros.)
6 (9) "Causing a Commotion" — **Madonna** (Sire)
(N) "Crazy Crazy Night" — **Kiss** (Vertigo)
8 (N) "I Need Love" — **LL Cool J** (Def Jam)
9 (N) "I Found Lovin'" — **Fat Back Band** (Master Mix)
(N) "House Nation" — **Housemaster Boys** (Magnetic Dance)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (Rough Trade)
2 (N) *Songs About F**king* — **Big Black** (Blast First)
3 (1) *Substance* — **New Order** (Factory)
4 (4) *The Fat Skier* — **Throwing Muses** (4AD)
5 (3) *Give me Convenience...* — **Dead Kennedys** (A. Tentacles)
6 (N) *Music for the Masses* — **Depeche Mode** (Mute)
7 (R) *The Circus* — **Erasure** (Mute)
8 (10) *Dawnrazor* — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)
(N) *George Best* — **Wedding Present** (Reception)
10 (N) *Don't Touch the Bang Bang* — **Meteors** (Anagram)

Compactos Independentes (GB)

1 (2) "Pump Up the Volume" — **MARRS** (4AD)
2 (N) "Big Rock Candy Mountain" — **Motorcycle Boy** (Rough Trade)
3 (N) "Birthday" — **Sugar Clubes** (One Little Indian)
4 (N) "Anyone Can Make a Mistake" — **Wedding Present** (Reception)
5 (N) "Beaver Patrol" — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)
6 (9) "He's a Whore" — **Big Black** (Blast First)
(N) "The Circus" — **Erasure** (Mute)
8 (5) "Thru the Flosers" — **Primitives** (Lazy)
9 (1) "Soft as your Face" — **Soup Dragons** (Raw TV)
10 (N) "Blue Water" — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)

Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB), de 03 a 21/10/87.

O Disco do Ano virou Disco de Ouro!

— Em apenas 48 horas, o álbum *Nothing Like The Sun*, a obra-prima de Sting, ultrapassou a barreira das 100.000 cópias vendidas no Brasil. Os brasileiros entenderam que *Nothing Like The Sun*, é, disparado, o melhor lançamento de 1987 em se tratando de pop internacional. Por isso fizeram o *Disco do Ano* virar *Disco de Ouro*. Comprovando que sem o respaldo do público a arte se faz inútil, Sting volta para casa com o maior de todos os certificados de qualidade: o reconhecimento incontestável dos brasileiros.

Nothing Like The Sun venceu porque é um disco digno, honesto, emocional.

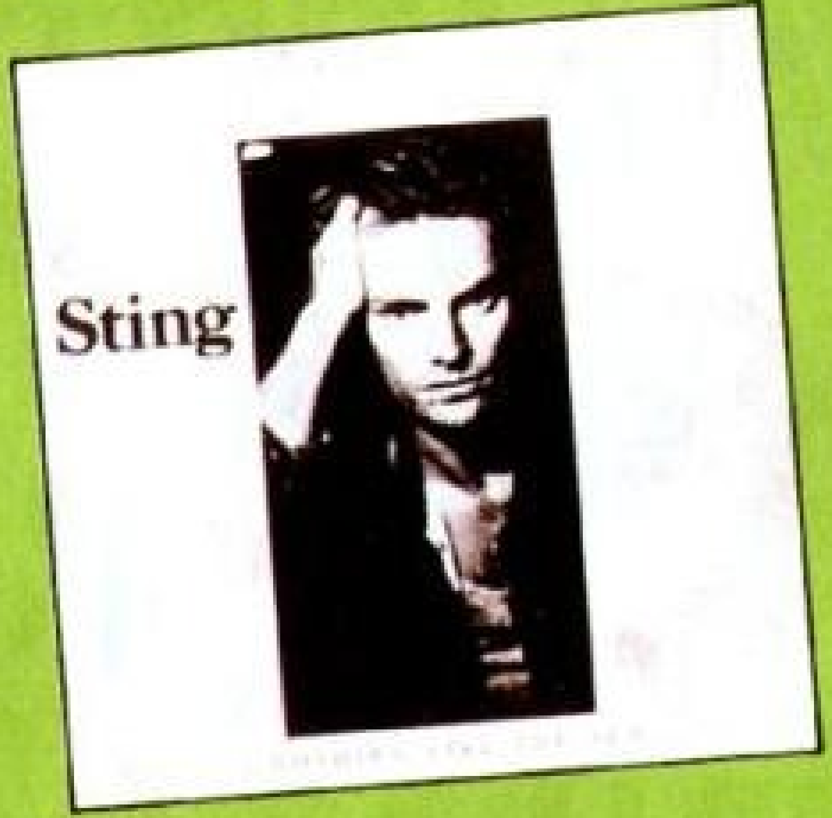
Mais: nasceu num berço de gênios como Mark Knopfler, Eric Clapton, Gil Evans, Andy Summers e outros, que se reuniram (sob a orientação segura do produtor Neil Dorfsman — leia-se Dire Straits) com um único objetivo: música. E de música o brasileiro entende. Quando gosta, consagra. A consagração de *Nothing Like The Sun* está aí, às claras, simbolizada pelo *Disco de Ouro*, que a Polygram do Brasil entregou a Sting, com muita honra, orgulho e satisfação.

Foto: Livio Campos

Em discos e fitas de cromo

PolyGram

TITÃS
SIMPLE MINDS
DURAN DURAN
UB-40
LULU SANTOS
hollywood
ROCK
SUPERTRAMP
SIMPLY RED
MARINA
PRETENDERS
ULTRAJE
IRA
PARALAMAS
CONSULTE OS ASTROS.
JANEIRO 88
RIO
6 IRA TITÃS PRETENDERS
7 PARALAMAS UB-40 SIMPLE MINDS
8 ULTRAJE A RIGOR SIMPLY RED DURAN DURAN
9 LULU SANTOS MARINA SUPERTRAMP
SP
13 IRA TITÃS PRETENDERS
14 PARALAMAS UB-40 SIMPLE MINDS
15 ULTRAJE A RIGOR SIMPLY RED DURAN DURAN
16 LULU SANTOS MARINA SUPERTRAMP
INGRESSOS À VENDA NO BAMERINDUS
VARIG
A nossa Varig
TRANSPORTADORA OFICIAL
APOIO REVISTA BIZZ



...NOTHING LIKE THE SUN — Sting (Polygram)

Política e música pop sempre foi uma combinação explosiva. Com o mais recente álbum de Sting, retoma-se a polêmica. Antes de mais nada, alguns pingos nos is: é um erro acusar o cantor de ter se tornado um paladino das questões sociais da noite para o dia. Os fãs do Police haverão de se lembrar de "Invisible Sun" e "Re-Humanize Yourself" que abordavam, respectivamente, os conflitos religiosos na Irlanda e as atividades do National Front, notório partido neonazista inglês. Por outro lado, como esquecer o envolvimento de Sting com um traficante de armas saudita em 82?... Fatós como estes depõem contra suas denúncias em "They Dance Alone", mas reforçam a impressão exposta em "Fragile" de que, hoje em dia, é cada vez mais difícil distinguir o lobo do cordeiro...

Sob uma ótica mais amena, ...*Nothing Like The Sun* prossegue o flerte jazzístico dos LPs anteriores, adicionando aqui e ali cores latinas com discrição. A gravação é um espanto, a produção, idem. Momentos iluminados: a bela recriação de "Little Wing", a fantasmagórica "Sister Moon" e o calor de "We'll Be Together". No resto, paira uma vacuidade monumental. "Que fragilidade, que fragilidade..." Será este mais um eclipse do sol?

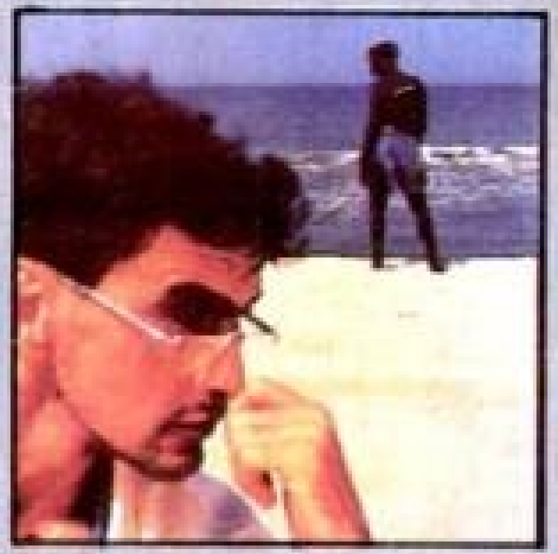
Arthur G. Couto Duarte

EXILE ON MAIN STREET/LOVE YOU LIVE — Rolling Stones /PRIMITIVE COOL — Mick Jagger (CBS)

A CBS relança dois álbuns duplos dos Stones. Um deles é essencial: *Exile on Main St.*, de 72 (ver Discoteca Básica, BIZZ 4). É o álbum que melhor retrata o estilo *stone*, em termos de feeling, gravação e mixagem. Uma avalanche sonora onde vocais, cordas e metais — em luta feroz para estar em primeiro plano — desfilam um repertório de arrasadores rocks, blues e baladas, sustentados pela cozinha simples e eficiente. O último exílio conjunto deles em estúdio.

O outro, *Love You Live*, de 77, é um ao vivo que não é lá essas coisas, com os Stones em mornas performances, mas que tem seus atrativos, como a capa de Andy Warhol e o lado 3, com a banda longe das grandes arenas — tocando para uma seletá platéia de cerca de 300 pessoas —, na boate El Mocambo, em Toronto, Canadá.

Ah... Tem também o segundo LP solo de Mick Jagger. Se, no primeiro *She's the Boss* (85), nem Bill Laswell nem Nile Rodgers conseguiram salvar as enfadonhas canções, aqui a mediocridade alastra-se também para a produção. Que tal um sub-Eurythmics com *os velhos lábios de borracha* no lugar de Annie Lennox? É o que se encontra nas quatro faixas co-assinadas e produzidas por Jagger e Dave Stewart. Até Jeff Beck *is back*, mas aparentemente mais a fim de levantar uns trocos do que tocar o que sabe. *Hey Keith, please come back...* *C.P.*



CAETANO — Caetano Veloso (Polygram)

Dizer que um artista está confortavelmente instalado em sua própria tradição pode induzir à idéia de que seu trabalho se tornou estagnado. Não é esse o caso deste que é o melhor disco de Caetano desde *Muito* (78). Lá está a habitual "análise de conjuntura", aqui chamada "Vamo Comer", uma salsa animadinha com canja de Melodia. Lá está a tradicional homenagem aos eternos Carlos, "Fera Ferida", que os resgata da breguice. Lá estão as manifestações da alma negra, das raízes nordestinas — na mais bela canção do LP, "O Ciúme" —, a métrica sem método, o sambinha só com voz e violão, as autocitações... Se tudo parece *déjà vu*, há detalhes que devolvem o prazer de ouvir Caetano: é um disco calmo, despojado e sem popismos de última hora, com letras mais bonitas do que espertas. Simplicidade com a velha classe. *B.A.*

CARECAS DA JAMAICA — Nei Lisboa (EMI Odeon)

O terceiro LP do gaúcho Nei Lisboa (os anteriores são independentes) é um singelo risco entre as fronteiras do "rock" e da MPB. A MPB, lugar-comum, anda esvaziada. O "rock", lugar-nenhum, ameaça se encher de ar. E Nei sai pela tangente, combinando o velho blues com arranjos que tanto podem lembrar Marina quanto Suzanne Vega, Milton Nascimento ou Nei Lisboa. Entre escorregões provincianos e apologias bairristas salvam-se verdadeiros tesouros da juventude. O mais precioso é "Verão em Calcutá", um refrescante hit beira-mar.

Sua porção intérprete dá um show à parte, especialmente na versão de "Toda Forma de Poder", sucessão dos Engenheiros do Hawaii, acompanhando-se num violão — muito mais cortante do que a gravação original. Os Engenheiros, por sinal, acompanham Nei na faixa-título do LP. E Humberto Guessinger, o letrista-compositor da banda, ainda divide a autoria de "Deixa o Bicho". *Bah, tchê...* um bom disco. *M.P.*

RAINDANCING — Alison Moyet (CBS)

que abrigou um considerável número de bobagens, o duo Yazoo (criado por Vince Clarke e Genieve Alison Moyet) destacou-se pela originalidade de suas estruturas musicais e notoriamente pelos vocais bluesísticos de *La* Moyet. Em meados de 83, separaram-se. Vince montou o Erasure e a blondinha de particulares olhos verdes partiu como solista, lançando em 84 o promissor *Alf*.

Devido ao nascimento de seu filho, em 85/86 posou de dona-de-casa, função contrastada apenas por uma aparição no Live Aid. Em abril de 87, reapareceu com *Raindancing*, produzido pelo respeitável, mas pasteurizador, Jimmy Lovine (Pretenders, Simple Minds, Steve Nicks), que responsabilizou-se por uma sonoridade idêntica a todos os que almejam participar da síndrome sucesseira. Os arranjos pouco diferenciam do convencionalismo descartável. Mesmo assim, o talento de Alf (seu apelido) sobrepõe-se a esses aspectos negativos graças à insofismável beleza e sensualidade de sua voz. Em dez faixas, excetuando três — "Glorious Love", "When I Say (No Giveaway)" e "You Got Me Wrong" — fracas e superficiais, há momentos bonitos. Usando como pano de fundo o tecnopop, seus melhores *insights* estão no soft-tecno-soul "Is This Love?" e na pop ballad "Stay". As restantes, com exceção às intimistas kitsch ballads "Blow Wind Blow" e "Sleep Like Breathing", são dançáveis popismos na linha tecno-soul. *F.N.*

KILL'EM ALL — Metallica (RGE)

Com o lançamento de seu primeiro LP (de 83), a RGE completa a primeira parte da história do Metallica. Na época, depois de muitas fitas demo que rolaram com mais sucesso na Europa do que nos EUA, o grupo chegava cuspindo fogo, vocal gritado e solos cortantes prometendo um metal de verdade, sem amenidades e enfeites. Nada de truques nem teclados, e sim um som puro, arrancado de seus instrumentos com classe e raiva. Nele estão as máximas do Metallica que os headbangers gostam de curtir: "Jump in the Fire", "Phantom Lord", "Seek and Destroy", "Whiplash". Quem gosta de uma boa pauleira vai gostar do LP todo, sem remorso, sem anestesia e sem vingança.

Como já disse certa vez, para se fazer uma boa pauleira, além do sangue, é preciso ter classe e não só pose. E bata sua cabeça ao som metálico de *Kill'em All*. *L.R.*

THE GUITAR AND THE GUN — Vários (Continental)

O título e a capa dessa antologia lançada em 83 são claros indícios das origens da música popular de rua do Gana e de seu estilo peculiar, o high-life.

Sabe-se que o estilo foi desenvolvido na década de 20, por soldados africanos que tocavam nas orquestras do exército colonizador inglês. De volta às suas aldeias, recriavam o que tinham aprendido, adaptando os instrumentos e tocando em festas e cerimônias.

A música revela mais: quando os Genesis Gospel Singers cantam "Momma Mo Akoma Ntutu", a dominante vocal feminina e a essência meio *spiritual*, meio reggae desta canção, ilustram a influência dos missionários que usaram o canto comunitário na igreja como meio de evangelização. Por fim, a simplicidade acústica de "Mama Shile Oga", do grupo Salam's Cultural Imani, prova que a cópia direta da música ocidental sempre foi seguida de uma volta às raízes, um *must* para colecionadores e amantes da música. *J.Y.N.*

GOT TO MOVE — Elmore James (Brasidisc)

Ainda criança, desistiu de tocar uma guitarra artesanal feita a partir de uma lata de banha para aperfeiçoar-se numa arte da qual se tornou mestre: a *slide guitar*. James (1918/63), já no fim dos anos 30, tocava com lendários *bluesmen* como Robert Johnson e Sonny Boy Williamson. Aliás, é de autoria de Johnson a faixa que abre o LP: "(I Believe I'll) Dust My Broom". Só se lamenta a ausência de créditos, tanto na capa quanto no selo de um disco tão importante. *C.P.*

EGO TRIP (CBS)

Mais um grupo-armação. Desta vez, integrado pelo filho de um monstro sagrado da MPB (que terror!): o baterista Pedro (de Gilberto) Gil, o menos apático no vinil. Musicalmente, o grupo tenta ser um mix de Titãs — que é o que não pode ser — e RPM. Acaba soando como um Heróis da Resistência de segunda. Fazer o quê? O público não é obrigado a engolir a ego trip de meia dúzia ou, para ser mais específico, de um quinteto. Melhor esquecê-los. *M.P.*

NÓS — Nelson Gonçalves (RCA)

Como os últimos quatro ou cinco LPs do crooner-mor, *Nós* vem recheado de participações especiais — algumas combinações curiosas, outras dispensáveis e uma ou outra realmente especial. O *medley* Dorival Caymmi ("Não Tem Solução"/"Só Louco"/"Nem Eu") com a filha Nana é uma delas, o esporro para *big band* com Lobão ("A Deusa do Amor") é outra.

Mas o ápice fica para Nelson cantando, só ele, "Ela Disse-me Assim" (Lupicínio) e "Boca Morena" (Adelino Moreira e Chico Xavier). *J.A.L.*

WARNING — Billy Cobham (CBS)

Não que Cobham tivesse algo a perder: em seus quase vinte LPs solo, o baterista panamenho já tinha demonstrado de sobejo sua mediocridade de como compositor, surrando todos os clichês do jazz-rock (que, aliás, ele mesmo ajudou a criar, com sua técnica irrepreensível a serviço da Mahavishnu Orchestra). Mas sua associação com o selo GRP é catastrófica — os produtores Dave Grusin e Larry Rosen conseguem catalizar o que há de mais brega no musak-jazz americano. Fuja dessa marca. *A.A.*

DUPLO SENTIDO — Camisa de Vênus (WEA)

O quarto trabalho do quinteto baiano-paulista imprime dois fatos. Trata-se do melhor disco da banda e, também, dos seus últimos estertores. A banda desfez-se em outubro, deixando como legado o segundo álbum duplo do rock nacional — o primeiro é *Saqueando a Cidade* (83), do Joelho de Porco. Pela primeira vez o Camisa mostra em disco tudo o que pode. Se não pôde muito, o problema é outro e mais profundo.

Como os demais setores da Nação, o rock brasileiro padece de breguice e indigência. O Camisa assumiu conscientemente ambas as misérias. A consciência dos limites fornece sempre bons frutos. *Duplo Sentido* consiste na suma demonológica dos quatro anos de trajetória da mais brasileira das bandas, a única que fundou um estilo mergulhado na cultura pop-autóctone.

A suma é dividida em quatro partes. Na primeira, velhos rocks do início da carreira, amargos e críticos. Na segunda, blues acústicos. Na terceira, diabrites contra o sistema e o *show business*. Na quarta, versões de músicas de Raul Seixas, Adelino Moreira, Walter Franco e Macalé. Como na melhor faixa do álbum, a banda desiste por saber que há muita estrela para pouca constelação.

Luís Antônio Giron

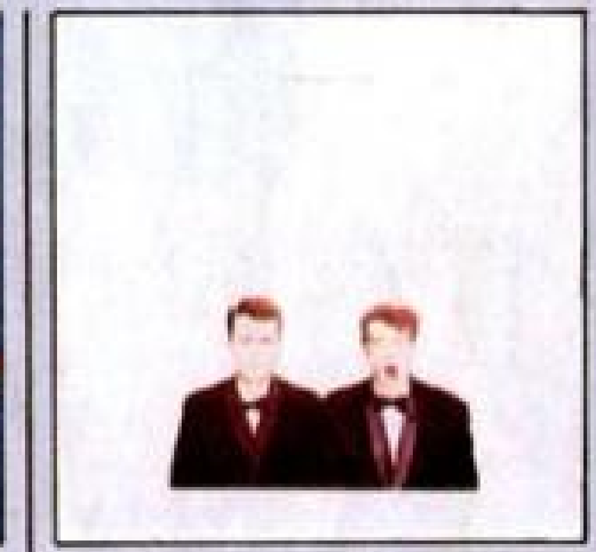
PASSARIM — Antonio Carlos Jobim e A Banda Nova (Polygram)

Pode ser que os coros estejam mixados excessivamente à frente dos instrumentos, pode ser que a faixa "Bebel" tenha um dos finais mais *corny* dos últimos tempos, pode ser que haja uma certa overdose de folclorização Brasil Grande, mas Mr. Jobim está acima das críticas e dos críticos. Preservando sua renda fina acústica-camerística, livre da eletrônica, e sua pulsação sinuosa (um dos melhores antídotos para o 4/4 bate-estaca que nos assola), Tom dá-se ao luxo de ser ele mesmo e mais ninguém — ecos de Cole Porter, Debussy e Villa-Lobos apenas revelam uma personalidade criadora sensível na descoberta de afinidades. Sutileza, *understatement*, preguiça, *jazzy zen*, molejo e graça de glúteos jovens e viçosos no inverno e no verão. Detalhes tão pequenos: cello e baixos acústicos e elétricos dobrando-se uns aos outros, um só timbre que revela os ingredientes de quem sabe escolher a palheta como quem pica o mais pulverizado cheiro-verde.

Preciosidades e revelações: o *cover* de "Fascinatin' Rhythm", o sorriso de "Chansong", o antiprovinciano de "Samba do Soho", a melodia eterna de "Luíza". *José Augusto Lemos*

SCHIZOPHRENIA — Sepultura (Cogumelo)

Tímpanos delicados, cuidado. As alterosas tremem ao som do speed metal, arrotado em inglês, com temas caóticos e verdadeiras maratonas instrumentais. Para quem gosta do estilo é um prato cheio. Para os outros será o barulho de quem quer mostrar mais rapidez e eficiência no domínio de seu instrumento, chegando às raias do absurdo sonoro. Mas para onde se evoluir depois dessa rapidez toda? E isso é necessário. Assim como descansar em paz. *L.R.*



ACTUALLY — Pet Shop Boys (EMI Odeon)

A dupla inglesa que fez estrondoso sucesso em 86 com a canção "West End Girls" retorna com um LP bastante superior ao estreante *Please*. Ao lado dos Communards e do Erasure, o Pet Shop fecha a trinca gay do que há de mais respeitável na área do hightecnodisco-pop.

O tratamento dado à tecnologia não é nada vulgar, fazendo com que, em certos instantes, as "maquininhas" soem (quase) com o brilho dos instrumentos aposentados.

Certas faixas são excessivamente coniventes com o reinado das babas descartáveis, porém, há passagens brilhantes como nas ultradisco-gays "One More Chance" e "It's a Sin" e na neo-romantic-ballad "King's Cross". Mas a grande sacada está em "What Have I Done to Deserve This?", onde ressuscitaram a maravilhosa voz de Dusty Springfield, um inenarrável sabor de 60's beatballad. *F.N.*

MEUS SONHOS DOURADOS — Nara Leão (Polygram)

Não há dúvida de que Nara Leão está circunscrita a um tempo e a um estilo: os anos 60 e a bossa nova. Ela quer isso mesmo: andar pelos mesmos círculos datados e, agora, consagrados. E por que não? Em seu território, ela é irretocável. A voz às vezes falha, mas tão pouco que emociona. Nesse LP nostálgico, ela interpreta onze versões de clássicos americanos para o português com a cadência sincopada da bossa nova. A "Moonlight Serenade", por exemplo, transforma-se em uma criação de Vinícius e Tom Jobim com a letra de Nara, com direito a violão, beijos e verão. E não é que "Over the Rainbow" se parece com "Garota de Ipanema"? Um disco antológico, literalmente. *L.A.G.*

THE BEST OF BLONDIE — Blondie (CBS)

Toda geração tem seu fetiche. Debbie Harry saiu das páginas *glacé* de Playboy para tornar-se uma cantora que fez de sua voz uma arma de doçura/acidez sensual, em um estilo feito de pastiches ambíguos: o clichê da nova Marilyn cavalgando uma eficiente banda de new wave.

E, quando relançam uma coletânea como esta, não surpreende que esses clássicos instantâneos do pop permaneçam intactos, sem nem sequer uma ruga. Pequenas maravilhas. *J.Y.N.*

MUSIKANERVOSA — Kafka (Baratos Afins)

Os conflitos do homem, suas dores e frustrações ante um mundo vitimado pela hipocrisia de suas próprias convenções constituem a temática da obra do genial escritor Franz Kafka. Parte desse universo insólito surge agora metamorfoseado nos sons da banda paulista Kafka, que se insinua pela trilha já permeada pelo Violeta de Outono, todavia retomando a psicodelia sob um esgar de medo, em temas densos de um onirismo sépia. Entre os músicos, brilha o sax de Renato Mello, menos pela técnica do que pela sensibilidade e bom gosto de seus timbres.

Buscando ir além, pulsa uma música nervosa, *danse macabre*, simultaneamente luz e sombra. Uma estréia promissora. *A.G.C.D.*

THE ISLAND STORY — Vários (WEA)

Chris Blackwell, o *big boss* da Island, resolveu passar a limpo as bodas de prata da gravadora (jamaicana de início, mas que estendeu seus tentáculos até o Velho Mundo). Acontece que a festa tem bicões demais. Além da omissão de nomes dignos de convite (Eno, Mott the Hoople), a baba prolifera. E faz com que neste álbum duplo pouca coisa se destaque: o original "The Harlem Shuffle", com Bob & Earl, e "Smoke Gets in Your Eyes", na voz de Brian Ferry. *C.P.*

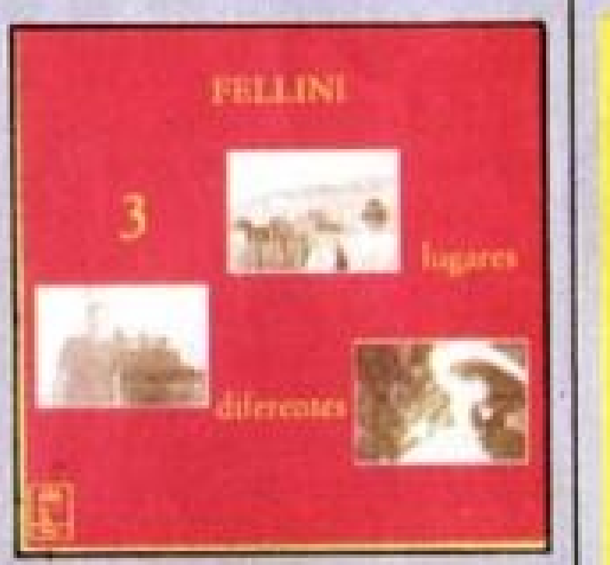
YAUARETÊ — Milton Nascimento (CBS)

As músicas do compositor mineiro têm a invulgar capacidade de absorção e utilização por parte de ideologias demagógicas. A teologia da libertação banhou-se nas águas do chatérrimo disco *Missa dos Quilombos*. As feministas adoraram "Maria Maria". E a dita Nova República cravou os dentes em "Coração de Estudante" e converteu a canção em hino cívico. A culpa não é de Milton. Ele sempre canta e compõe com a melhor das intenções. A honestidade é premiada no Brasil com o desrespeito. *Yauaretê* pode ser definido como o protesto do compositor contra o uso indevido de suas criações. O disco mostra belas toadas, tingidas de lirismo e esperança. Finca, sobretudo, uma posição política clara e avessa à pregação ideológica. Em "Carta à Nova República", Milton conta como foi usado: "Mas eu não posso esconder a amargura/ ao ver que o sonho anda pra trás/ e a mentira voltou". Trata-se de um bom disco. Só não surpreende porque as letras de Fernando Brant são simplórias demais. Ninguém agüenta mais a "consciência latino-americana" e o "elogio ao amigo" que habitam as músicas de Milton. Mas a ingenuidade merece perdão. *L.A.G.*

SHAKA ZULU — Ladysmith Black Mambazo (WEA)

Não é todo dia que aparece um disco como este, inteiramente cantado *a capella*. Dez vozes negras, dez faixas sem outros instrumentos que as cordas vocais e o coração para expressar numa polifonia mágica a amargura de todos aqueles que deixaram um dia suas famílias para ir trabalhar nas minas de ouro ou de diamante e permanecem exilados em seu próprio país. Esses contos são chamados *ngomabusuki*, música da noite — longe do trabalho e dos patrões intolerantes. São dançados lentamente, na ponta dos pés.

Paul Simon acertou em cheio quando convidou em 86 Joseph Shabalala, o líder do Black Mambazo, para participar com sua banda do LP *Graceland*. Se alguém perguntar onde está a calma da África, pode responder que ela pode ser encontrada em Ladysmith, vilarejo situado a 200 milhas de Durban, onde moram as três famílias desses cantores. *J.Y.N.*



3 LUGARES DIFERENTES — Fellini (Baratos Afins)

"Ah, Fellini, um foi pouco, dois foi bom, mas três, definitivamente, é demais!" Enquanto muitos buscavam novos sons, no mais das vezes ilusório caminho das facilidades dos estúdios de última geração, o trio ousava em direção oposta, assumindo a condição *low-tech* com garras e dentes para extrair de um modesto porta-estúdio de quatro canais um dos poucos discos fundamentais deste árido 87.

3 Lugares Diferentes é o caderno de viagem duma trip fosforescente e atemporal, um registro coloquial de bobagens essenciais, *cheapthrills* com um certo quê do frescor tropicalista capaz de romper os limites do vinil e nos fazer voar, sabe-se lá onde. Daí, os olhos e ouvidos do Brasil se voltam para o mundo e forjam um delírio ingênuo e babélico de atrevidos contornos.

Da gaita safada de Thomas anunciando o baticum bêbado da nostálgica "Ambos Mundos", passando pelo noise-blues "Rosas", que harmoniza um órgão anêmico com o zumbido onipresente de um aparelho de ar-condicionado, até "Zum Zum Zum Zazoeira", brincando em *fading* com sons onomatopéicos que brotam da garganta, Fellini extrai água das pedras, o sublime do banal, nos deixando muito felizes e boquiabertos. *A.G.C.D.*

E-Z-O (WEA)

É o mega-samurai-metal. Pode soar estranho, mas a procura de novos caminhos (e saídas) para o heavy já levou a coisa para o Japão, onde Loudness, Bow Wow e outros não nos surpreendem mais. Afinal, a tecnologia lá é predominante e já alterou toda uma cultura milenar. Agora surge o E-Z-O, pesadíssimo, arrasador e com maquiagem. Lógico, seu produtor é Gene Simmons (aquele mesmo do Kiss). Em matéria de metal, o E-Z-O nada deve a muitos grupelhos que andam por aí cheios de paninhos, tachinhas e outros trajes. A guitarra de Shoyo procura seus caminhos, a bateria de Hiro é firme e varia bastante e o baixo de Taro acompanha. Já o vocalista Masaki tem um estilo tétrico e teatral. Resta vê-los em cena. Para os amantes do gênero basta ouvir "House of 1 000 Pleasures" e comprovar o que escrevi. *L.R.*

JOHN LEE HOOKER PLAYS AND SINGS THE BLUES — John Lee Hooker/MUDDY WATERS AT NEWPORT — Muddy Waters/ BIG BILL BROONZY AND WASHBOARD SAM (WEA)

Acima estão as contracapas dos três primeiros lançamentos da coleção *Blues Anthology*, da WEA. São até perdoáveis as capas uniformizadas, visto que as contracapas originais vêm em forma de encarte. São discos do catálogo da Chess Records, gravadora de Chicago que agregou a nata do blues do Delta do Mississipi — uma das raízes mais profundas do rock'n'roll — desde fins dos anos 40.

John Lee Hooker, nascido em 1917, abre a antologia. De seu padrasto, William Moore, aprendeu os rudimentos da guitarra, chegando a tocar com ele pelos bares de sua terra natal. Ainda adolescente, cai na estrada rumo ao norte, munido de seu instrumento, até estabelecer-se, não em Chicago, mas em Detroit. Hooker domina a cena do blues local e grava por vários selos, freqüentemente sob pseudônimos. Seu estilo é inconfundível: bastam sua voz, um violão com um microfone em seu bojo e o ritmo marcado pelo seu pé em uma tábua. Este LP tem faixas gravadas entre 51 e 52, uma delas de Muddy Waters. Muddy, o velho e bom McKinley Morganfield — aqui tocando ao vivo no Festival de Newport de 1960 —, ladeado por uma impecável banda, interpreta um repertório quase que totalmente composto de blues alheios, dentre os quais "I Feel So Good", de Big Bill Broonzy.

Broonzy (1883/1958) foi um dos pioneiros do blues. Neste disco, sua guitarra aliada ao *washboard* (uma tábua de lavar roupas tocada por dedais) de Robert "Washboard Sam" Brown nos remetem à mais pura tradição da música negra americana.

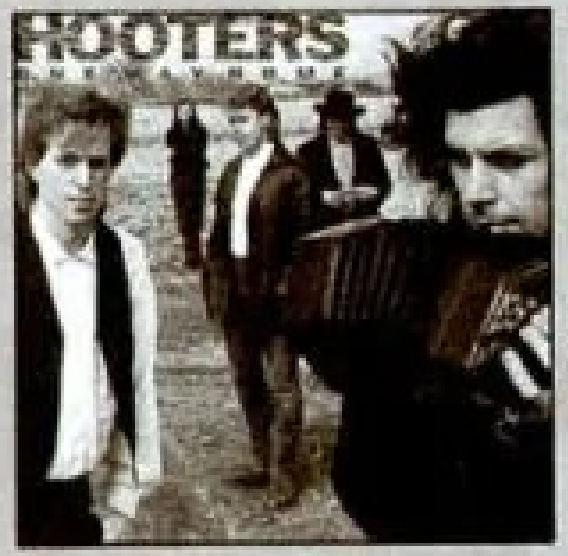
Um punhado de legendas. Obrigatório para fãs dos Stones, Yardbirds, ZZ Top, Canned Heat, Dr. Feelgood, Nick Cave etc. etc... *Celso Pucci*

A REVOLTA DOS DÂNDIS — Engenheiros do Hawaii (Plug)

O segundo LP dos Engenheiros do Hawaii explicita tudo o que acabou subestimado no anterior. Queima no mesmo tanque *latinidad* e a brasa da Jovem Guarda — em sua infinita *highway* cabem clichês de Roberto e Erasmo, Astor Piazolla, a música gaúcha urbana de Nei Lisboa e do extinto grupo Almôndegas — como não? —, e os indefectíveis U2 e Smiths. A saída do baixista e a entrada de um novo guitarrista (Augusto Licks, ex-integrante da banda de Nei Lisboa) acabaram facilitando o resultado enxuto deste mix cultural, ao mesmo tempo rico e pop para as pistas de dança.

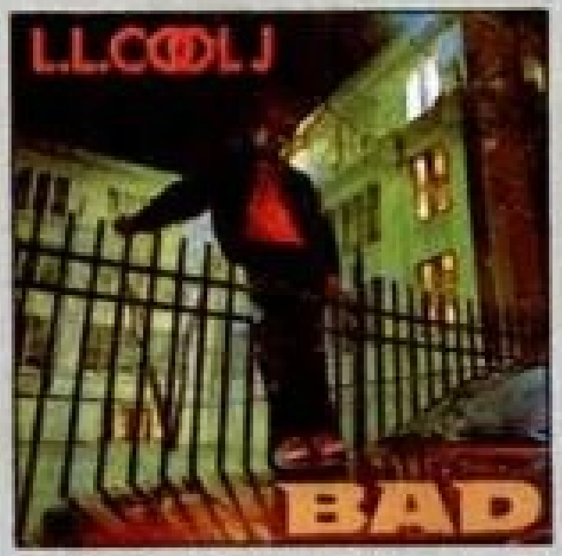
O apelo pop, entretanto, é o chantilly que disfarça o gosto amargo das letras de Humberto Gessinger. Um gosto estranho na parada de sucessos, que ameaça popularizar preciosidades como "Terra de Gigantes" — lembrando um *jingle*, esta faixa ataca: "Juventude é uma banda/ Numa propaganda de refrigerante" — ou "Guardas da Fronteira" — cantada a duas vozes com a participação de Julio Reny: "Antes de atirar o vaso na TV/ Eu ouvi que ela dizia:/ Quando não houver mais amanhã/ Será um belo dia". Existencialismo dançante para deixar puristas — e veranistas! — queimados.

Marcel Plasse



ONE WAY HOME — Hooters (CBS)

Segundo LP desta banda americana, cujo maior destaque é o fato de dois componentes terem trabalhado com Cyndi Lauper. É bem-feito, mas nada original. Soa como os grupos americanos que fazem a comercialóide linha MOR (à la Middle of the Road). A partir do momento que a CBS dispõe de um casting maravilhoso (Raymonde, Housemartins, Mighty Lemon Drops etc.) e ainda inédito aqui, é incabível a aparição de um grupo sem a mínima expressividade. *F.N.*



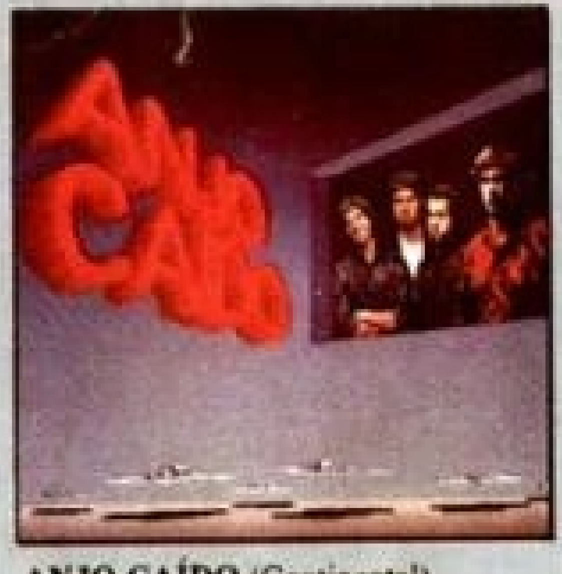
BIGGER AND DEFFER — L.L. Cool J (CBS)

"Who is BAD ?", pergunta o boneco Jacko num longo videoclip. Na gíria ou na real, ele certamente não é. "BAD" mesmo é L.L. Cool J, um jovem e arrogante hip-hopper nova-iorquino, cujo terceiro elepê, *Bigger and Deffer*, é o primeiro a ser lançado no Brasil. Nele, Cool J (ou James T. Smith) brinca como pode com esse tal de rock'n'roll, mixando-o de tal modo com o funk que fica quase impossível enxergar a divisão. Com "Go, Cut Creator, Go!" ele simplesmente faz uma dupla releitura de "Rock Around the Clock" e "Johnny B. Goode", e o resultado não podia ser melhor: racha o assoalho totalmente!

Yo, bro! Get illin' com L.L. Cool J. É mais jogo. *T.L.*

SONATAS PARA VIOLINO E PIANO OP. 105 E OP. 121 DE SCHUMANN — Martha Argerich (piano) e Gidon Kremer (violino) (Polygram)

Dizem que Robert Schumann (1810-1856) era um psicótico maníaco-depressivo incapaz de levar adiante a vida e ainda menos a carreira. Depois de muitas tentativas de suicídio, morreu num hospício, clamando pelo amor de Clara Wieck, sua esposa, e — dizem — inteiramente louco. A música de Schumann, porém, não parece refletir loucura ou os desastres biográficos que o afetaram. Trata-se de criações românticas no sentido mais radical e revolucionário do termo. A música serve aos sentimentos — não à matemática ou à linguagem verbal. Tudo se arquiteta no mesmo instante em que se convulsiona. Nessas sonatas, compostas em Düsseldorf em poucas semanas no ano de 1851, o compositor conseguiu aprisionar o suspiro e a irracionalidade em movimentos tensos e absolutamente rigorosos. As duas composições serviram de casulo para a depressão de Schumann. E até hoje ela está ali. A argentina Argerich e o russo Kremer, que toca num Stradivarius, dão vida e sensibilidade a essas estruturas pulsantes. *L.A.G.*



ANJO CAÍDO (Continental)

"Algo sem um significado certo." Esta frase, pinçada do material de divulgação da própria banda, resume a impressão causada pela audição deste disco. Trocando em miúdos, temos os vocais de André Pinho mais do que assemelhados aos de Lobão, arroubos do heavy de arena, baladas rasas e versos primorosos, tais como "longe nas ruas os gatos miam, aqui dentro nós dois miamos..." A direção musical (?) da coisa ficou a cargo de Bozo Barretti. Realmente lastimável. *A.G.C.D.*

SOUNDS OF SOWETO — Vários (EMI Odeon)

Impressiona a distância que separa o LP do Black Mambazo dessa coletânea que reúne bandas de regiões bem próximas a do Ladysmith. *Sounds of Soweto* traz uma, música essencialmente urbana, carregada de elementos melódicos ocidentais, que incorpora instrumentos eletrônicos, criando uma estranha aliança entre o canto tradicional africano e um pop descartável nada desagradável. Mas com isso certas composições perdem muito de seu peso, o que torna este LP desigual. *J.Y.N.*

MECHANICAL RESONANCE — Tesla (WEA)

É comum aos mais radicais, ao ouvirem bandas americanas de pauleira, torcerem seus narizes e as classificarem de *posers* comerciais. No caso do Tesla, seu som é igual a outras tantas bandas. Porém, eles têm algo que os diferencia desses *posers*. O que seria? A sorte? As influências? Sei lá... O que interessa é que eles têm tudo para vingar, pois o metal precisa de sangue novo e menos vampirinhos e demônios. Destaques: "2 Late 4 Love" e "We're No Good Together". *L.R.*

O DISCO INTERNACIONAL DE 1987

RHYTHM KILLERS — Sly & Robbie (WEA)

Por que diabos o batera Sly Dunbar e o baixista Robbie Shakespeare — dois rastamen da gema e membros do seleto clube dos músicos de estúdio mais bem pagos deste lado do Atlântico — resolveram gravar os dois discos que levam os seus nomes nas capas (*Language Barrier*, de 85, e *Rhythm Killers*, deste ano) sob o signo do mais puro funk?

Se *Language Barrier* era marcado por tonalidades tecno-africanas — Herbie Hancock, Manu Dibango e Afrika Bambaataa deixaram suas pegadas nas composições —, *Rhythm Killers*, lançado agora no Brasil, é uma visita-homenagem às mais famosas galerias do funk. Das fundações, edificadas pelo padrinho James Brown, sobe-se as escadas construídas por Sly & The Family Stone para chegar ao andar reservado ao tio George Clinton e suas duas bandas lendárias: o Funkadelic (seu tecladista Bernie Worrell participa do LP) e o Parliament (Bootsy Collins, seu baixista-vocalista, co-assina quase todas as faixas). Para produzir esta exposição, S & R convidaram novamente Bill Laswell e sua *escuderia* Material, que desta vez trouxe uma orquestra de cordas completa. Excetuando-se alguns *overdubs* (nunca se ouviu bateria tão pesada), a eletrônica ficou mais discreta dando lugar ao confronto entre instrumentos acústicos e elétricos. Acrescente o saxofone tórrido de Henry Threadgill, as percussões de Daniel Ponce, as *turntables* de D.S.T. e mais alguns dos melhores *rappers* do pedaço (o jamaicano Shinehead e o DJ Rammelzee) e você terá 35 minutos e 33 segundos de puro *groove*, durante os quais não se pretende outra coisa a não ser provocar a movimentação de suas pernas e sua cintura. Se você conseguir ficar sentado, é melhor ir ver um médico. *Jean-Yves de Neufville*

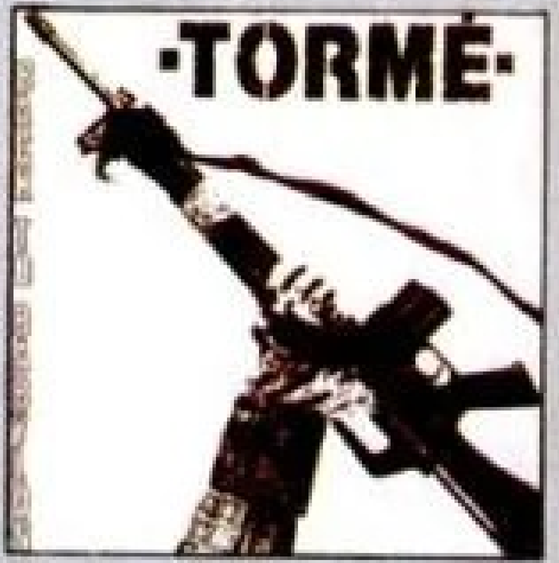
RECANTANDO MÁGOAS (LUPI, A DOR E EU) — Jamelão (Continental)

A inesquecível obra de Lupicínio Rodrigues mais uma vez dá o ar de sua graça na voz de Jamelão — aos 74 anos de idade, ainda o maior *crooner* de samba do Brasil — e nas partituras comandadas pelo maestraço Severino Araújo. Essa máquina sempre deu certo: o timbre e a entonação formados em anos de gafieira e Mangueira, cantando as mágoas do maior dos boêmios gaúchos, apoiado nos naipes de cordas e sopros do maestro pernambucano. Não dá para ser feliz *mesmo*, depois de ouvir essas dez histórias desgraçadas nas soluções métricas das letras de Lupi. Que diabo de infelicidades causa o amor em "Nunca", "Rosário de Esperança", "Volta", "Maria Rosa", "Castigo", só para citar as em que mais chorei. Um disco sublime. *T.P.*

LEQUE MOLEQUE — Alceu Valença (RCA)

É a nova travessura do moleque que cresceu ouvindo os cantadores, repentistas e o alto-falante da praça principal de São Bento do Una, no sertão pernambucano. E que em mais de quinze anos de carreira ainda conserva, com a mesma vitalidade, seu estilo, que eletrifica os ritmos nordestinos para inseri-los no universo do pop e do rock, sempre com muita personalidade.

Este LP — ao contrário do anterior (*Rubi*, de 86), que primava pela simplicidade — possui arranjos elaborados, com produção e orquestrações a cargo de seu guitarrista/escudeiro, Paulo Rafael. O disco mostra logo de cara dois de seus grandes trunfos: as pauleiras de "Bobo da Corte" e "Amor que Fica". Depois de duas faixas dispensáveis, torna a emocionar na ciranda "OP da Paixão". No lado 2, Alceu volta danado na faixa-título, na balada "Girassol" e no clima oriental de "Íris". Um coringa de mais valor que muitos ases. *C.P.*



BACK TO BABYLON — Tormé (Continental)

Tormé foi o guitarrista de Ozzy e Gillan antes de formar seu próprio grupo, para poder mostrar toda sua técnica. E seu grupo se propõe a isso mesmo: servir de apoio a seus solos. O baterista é ritmado, mas não varia muito, e o vocal principal e o backing são bem cuidados. Nada de excepcional, apenas um bom hard rock, contendo os solos e riffs firmes de Tormé. "Family at War" e "Mistery Train" lembram agradavelmente Rod Stewart. *L.R.*

NÃO É AZUL MAS É MAR — Djavan (CBS)

O compositor alagoano teve sorte em sair de moda. Com isso ele não caiu na tentação de obliterar seu estilo em nome da fome das FMs. Esse seu nono disco, em doze anos de carreira, exibe o essencial, sem hipérboles ou rebaixamento. É o Djavan admirável, com melodias palatais e versos elaborados. No disco anterior, *Meu Lado*, ele abusou da negritude e iniciou um filão bossa-novista. Neste, regulou o protesto, evoluiu na popização da bossa e criou dez faixas típicas e belas. *L.A.G.*

TEXAS FLOOD / SOUL TO SOUL — Stevie Ray Vaughan and Double Trouble (CBS)

Atenção, amantes da guitarra bem tocada, do puro e bom rock'n'roll: Stevie Ray Vaughan é o redentor do instrumento que andava tão desrespeitado. Impossível tentar criar um adjetivo para ele. O cara simplesmente toca paca.

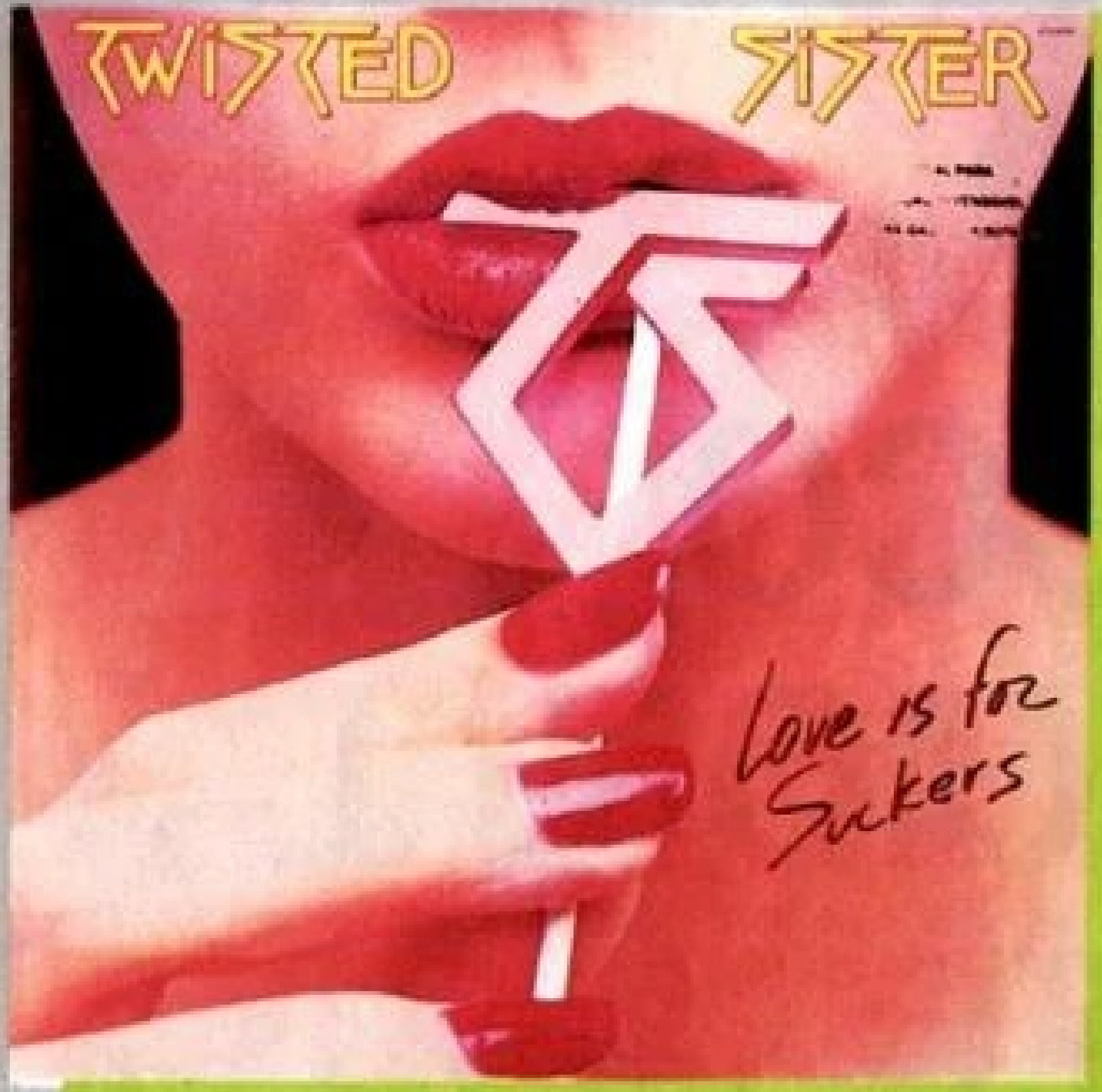
Texas Flood e *Soul to Soul*, respectivamente c primeiro e terceiro elepês, foram relançados aqui na carona do duplo ao vivo *Live Alive* recém-editado.

Stevie — irmão de Jim Vaughan, do Fabulous Thunderbirds — é um *guitarrero* que não somente toca como sente cada corda do seu instrumento.

Entre os dois discos, a diferença é que o primeiro é mais quente e de som mais cru. O outro, até pelo título, remete para uma atmosfera mais rhythm & blues, de produção mais apurada e temas mais longos. Faça a escolha, mas não deixe de conhecer o som de Stevie. *T.L.*

O DISCO INTERNACIONAL DE 1988

EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS
CBS



RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO &

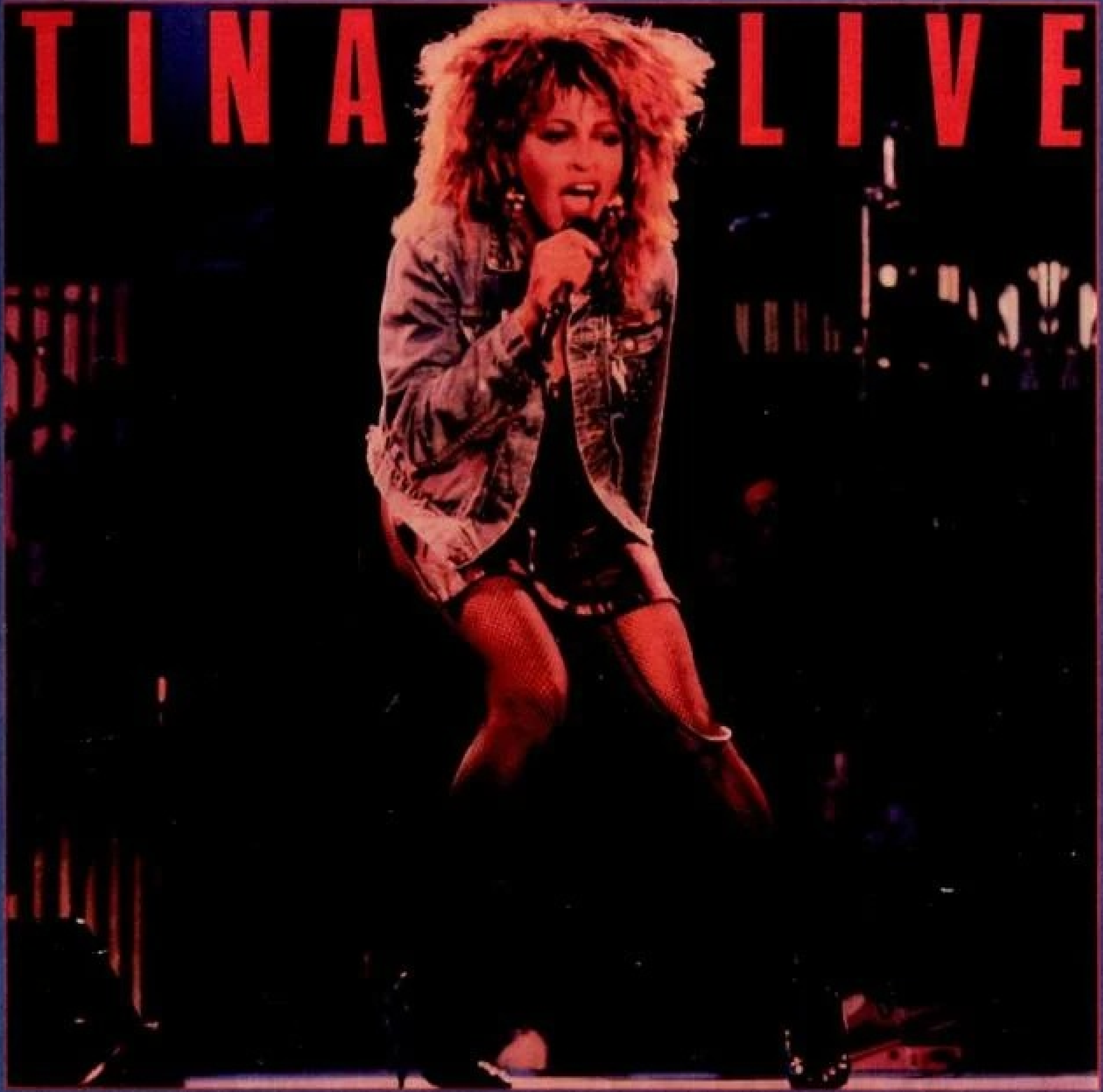
A Baratos Afins lança um novo disco de **Arnaldo Baptista,** em edição limitada, indicado apenas para fãs. Foi feito a partir de uma fita gravada em dois canais por ele mesmo em Juiz de Fora (MG), onde está vivendo. Se por um lado a homenagem e o incentivo ao ex-Mutante não deixam de ser louváveis, por outro nós — os fãs — não conseguimos evitar o nó na garganta ao nos depararmos com **Arnaldo** (di)vagando entre mensagens místicas e os fantasmas de seus méritos passados. ⊗ Outro gênio mal focalizado: **Jimi Hendrix** está irreconhecível na coletânea **PURPLE HAZE,** da Brasidisc (uma exceção no respeitável catálogo da gravadora). ⊗ A WEA relança **DOG EAT DOG,** de **Joni Mitchell** (com a inusitada participação do *high tech* Thomas Dolby na produção), editado ano passado pela CBS. ⊗ A conexão brega nacional ataca no eixo Los Angeles—Rio—SP, produzindo três bolachas: **GUILHERME ARANTES,** não recomendável para diabéticos; rê... rê..., os graciosos do **Dr. Silvana & Cia.** em **TIDE** (ambos CBS) e o amnésico **Rock Memory** em **SOZINHO NA CIDADE** (Continental). ⊗ Musak country em dose dupla: **I PREFER THE MOONLIGHT** (RCA) e **DUETS** (EMI Odeon), um bombardeio fonográfico por conta de **Kenny Rogers,** no segundo com Dottie West (?), Kim Carnes e Sheena Easton. ⊗ O rap de **KOOL MOE DEE** (RCA) consegue soar interessante pela utilização de efeitos. ⊗ No terreno do samba, **Dunga** — vindo de Vila Isabel — lança seu segundo LP, **SEM PINTURA,** com participações de Martinho da Vila e do craque Júnior *(voa, canarinho, voa)*. E se dá melhor que **Roberto Ribeiro,** no vacilante **SORRI PRÁ VIDA** (ambos EMI Odeon). ⊗ Para os adeptos do coquetel heavy-glitter, o grupo nova-iorquino **Twisted Sister** tem seu novo LP, **LOVE IS FOR SUCKERS,** lançado por aqui pela WEA. Dee Snider e sua gang apenas repetem as gastas fórmulas de seus discos anteriores. E, para aqueles que preferem acreditar no metal nacional, a gravadora mineira Cogumelo lança **IMMORTAL FORCE,** do **Mutilator, I.N.R.I.,** do **Sarcófago,** e **CAMPO DE EXTERMÍNIO,** do **Holocausto.** ⊗ Caríssimos(as) irmãos(ãs), é preciso ter fé... *Celso Pucci*

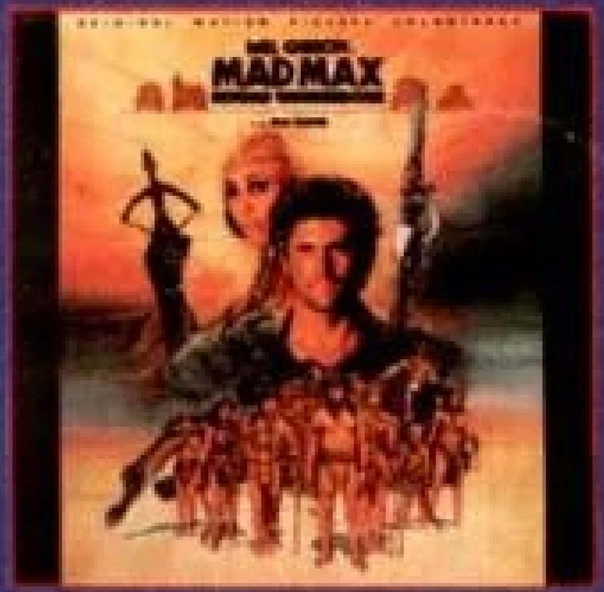
BOLSA DE DISCOS

	HAPPY? Public Image Limited (RCA)	DeFALLA (Plug)	THE MOON AND THE MELODIES Cocteau Twins & Harold Budd (Eldorado/Stiletto)	D Paralamas do Sucesso (EMI Odeon)	BEND SINISTER The Fall (Eldorado/Stiletto)	INDEPENDÊNCIA Capital Inicial (Polygram)
Alex Antunes	Bom	Ótimo	Razoável	Bom	Ótimo	Lixo
Bia Abramo	Bom	Interessante	Interessante	Bom	Ótimo	Razoável
Jean-Yves de Neufville	Interessante	Razoável	Bom	Interessante	Ótimo	Interessante
Marcel Plasse	Interessante	Ótimo	Bom	Interessante	Ótimo	Razoável
Luís Antônio Giron	Bom	Razoável	Bom	Interessante	Ótimo	Lixo
Leopoldo Rey	Interessante	Interessante	Interessante	Bom	Interessante	•
Celso Pucci	Bom	Bom	Razoável	Interessante	Ótimo	Razoável

Ótimo
Bom
Interessante
Razoável
Lixo

FINALMENTE NO BRASIL A EXPLOSÃO DO ROCK





Capitol EM DISCOS E FITAS EMI

LANÇAMENTOS

O ILUSIONISTA
(De Illusionist, 1983)

Direção: Jos Stelling. Com Freek de Jonge, Jim Van Der Woude e Catrien Wolthuizen. Polevídeo.

A relação grotesca, esquizóide e infantil entre dois irmãos, mostrada em cores barrocas, muito *nonsense*, trilha sonora de Willian Breuker e nenhuma palavra. O holandês Jos Stelling realizou esse filme (premiado pelo público na Mostra Internacional de São Paulo em 1985) associado ao comediante Freek de Jonge, que faz o papel principal e é estudioso da antipsiquiatria de Ronald Laing. Referências ao circo e à mímica do cinema mudo numa exacerbada afirmação da loucura com urros, gemidos e paisagens de sonho. *A.Q.N.*

DÉTECTIVE (1985)

Vídeo Cassete do Brasil

Direção: Jean-Luc Godard. Com Johnny Hallyday, Nathalie Baye, Claude Brasseur e Jean-Pierre Léaud. V.C.B.

Quem pegar este filme na prateleira de sua locadora esperando uma trama policial clássica, é melhor desistir. Apesar de alguns personagens típicos — um detetive, um inspetor de polícia, mafiosos —, e um certo mistério, as movimentações que acontecem em torno só de um hotel não conduzem à explicação de coisa nenhuma. Menos polêmico que o filme anterior de Godard, *Je Vous Salue Marie* (84), é uma boa oportunidade para conhecer Godard ou para se divertir com seu "cinema comercial", completamente distante dos padrões tradicionais. *B.A.*

OS BANDIDOS DO TEMPO
(Time Bandits, 1981)

Direção: Terry Gilliam. Com John Cleese, Sean Connery, Shelley Duvall, Michael Palin, Craig Warnock, Ian Holm. VTI.

Um Monty Python infanto-juvenil comparável à superprodução *A Lenda* (86), de Ridley Scott. E com um paralelo possível de ser traçado com *Brazil* (85), do próprio diretor Gilliam, onde ele adiciona um clima orwelliano à sua fantasia. Aqui ela ocorre solta na trilha do garoto Kevin (Warnock), que em companhia de seis anões e com a ajuda de um Ente Supremo, percorre os mais dispares recônditos do tempo e encontra-se com figuras como Robin Hood (Cleese) e Napoleão Bonaparte (Holm), numa trama mais aventuresca que engraçada. *C.P.*

ARMADILHA DO DESTINO (Cul-De-Sac, 1966)

Divulgação

Direção: Roman Polanski. Com Donald Pleasence, Françoise Dorleac, Lionel Stander, Jacqueline Bisset. Globovídeo.

Segundo filme inglês de Polanski (após *Repulsa ao Sexo*) premiado no festival de Veneza. Uma dupla de gangsters em fuga atola-se numa ilha desolada, e passa a aterrorizar seus habitantes. Donal Pleasence é o fraco e efeminado proprietário do castelo, e Françoise Dorleac (irmã de Catherine Deneuve) sua bela e jovem esposa. Ela quer ver o circo (o castelo) pegar fogo e não mede esforços para tentar alguma reação do marido. A fotografia em preto e branco — praticamente toda realizada em externas em Holy Island, Grã-Bretanha —, os silêncios intensos e os planos arrastados tornam o filme sufocante. Clima de pesadelo. *M.P.*

RÁDIO PIRATA AO VIVO (1985)

Rui Mendes/Azul

Direção: Paulo Trevisan. Com RPM. Globovídeo.

Até os órfãos do RPM ficarão decepcionados com este vídeo gravado em dezembro de 85 no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo. As cinco câmeras fazem tomadas tão padronizadas como as coreografias que Paulo Ricardo e Fernando Deluqui desenvolvem no palco. A montagem, que poderia dar um jeito nisso, acaba por piorar: não saem de uma sequência rígida — plano geral, close em Paulo, close em Schiavon, tomada do público (que só aparece como uma massa ululante e sem rosto) e assim por diante. Depois da segunda música, já dá para prever o que vai se seguir. Quem se emocionou, vibrou e gostou dos show do RPM, é melhor matar a saudade com o LP ao vivo. *B.A.*

MUSICAL

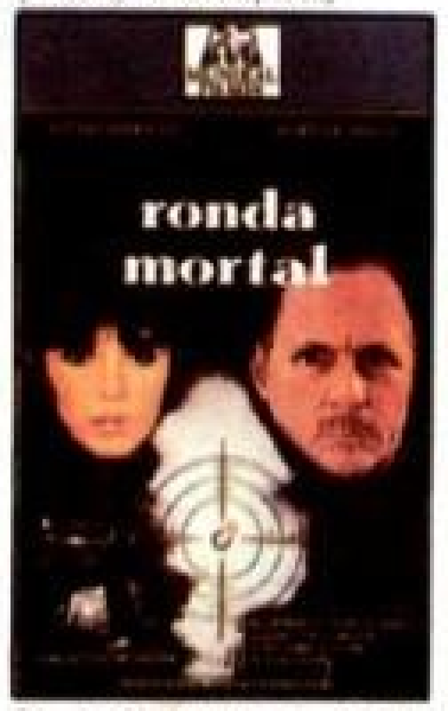
ZONA MORTAL (1986)

Direção: Alex Sernambi. Com Julio Reny, Os Cascavelletes, Anomalia. In Vídeo.

A In Vídeo é uma produtora independente de Porto Alegre, que só agora entra no mercado. Esta *Zona Mortal* traz gravações ao vivo no bar *underground* Ocidente. Através dela pode-se ter uma noção do que acontece nas garagens gaúchas. Os destaques são para a boa produção do vídeo — intercalando cenas noturnas da cidade e imagens de computador — e dois expoentes da música dos pampas. A fita abre com o legendário Julio Reny cantando seu clássico "Cine Marabá". Logo depois entram os Cascavelletes, um grupo com cara de adolescente, letras de adolescente e som ibidem. Destaque para "Menstruada", um hit em Porto Alegre. As demais apresentações circulam pelo terreno que mais agrada os vanguardistas daquela cidade — muita microfonia, colagens e aberrações sonoras. *S.M.*

POLICIAL

RONDA MORTAL
(Mortelle Randonée, 1982)



Direção: Claude Miller. Com Michel Serrault, Isabelle Adjani. Mundial Filmes.

Édipo cruza com o cinema *noir* e gera um rebento com tudo pra se tornar *cult* — roteiro enigmático e Isabelle Adjani em papel fatal. Ela é uma criminosa de classe, que atravessa a Europa mudando de identidade e matando seus casos amorosos. Por acaso, um velho detetive (Michel Serrault) obcecado por uma filha falecida há anos, acaba em seu encalço. À medida que o cerco se fecha, a perseguição se torna mais quente. Apenas a lógica do delírio sugere a rota aos níveis mais baixos da marginalidade, que os conduz estrada à fora, até o último beco sem saída, quando terão de se enfrentar. Mas o detetive não a segue somente por obrigação... *M.?*

SUSPENSE

PARCEIRO DO SILÊNCIO
(The Silent Partner, 1978)

Direção: Daryl Duke. Com Elliott Gould, Christopher Plummer, Susannah York. Transvídeo.

Thriller que viraria sensação nas mãos de Brian De Palma. Elliott Gould é um caixa ambicioso num banco de shopping center que desconfia de um assalto. Christopher Plummer, vestido de Papai Noel, é o suspeito. Antecipando seus passos, Gould desvia uma grande soma para seus próprios fundos, deixando o assaltante levar a fama. Contudo, este percebe o golpe e passa a aterrorizá-lo, demonstrado tendência psicopata. O jogo de gato e rato não poupa detalhes sanguinários e reviravoltas de tirar o fôlego. O grande mérito é do roteirista Curtis Hanson, cheio de soluções inesperadas na manga, lembrando algumas intrincadas armadilhas hitchcockianas. Pena a direção ser muito contida, impedindo maiores comparações com a obra do mestre. *M.P.*

DRAMA

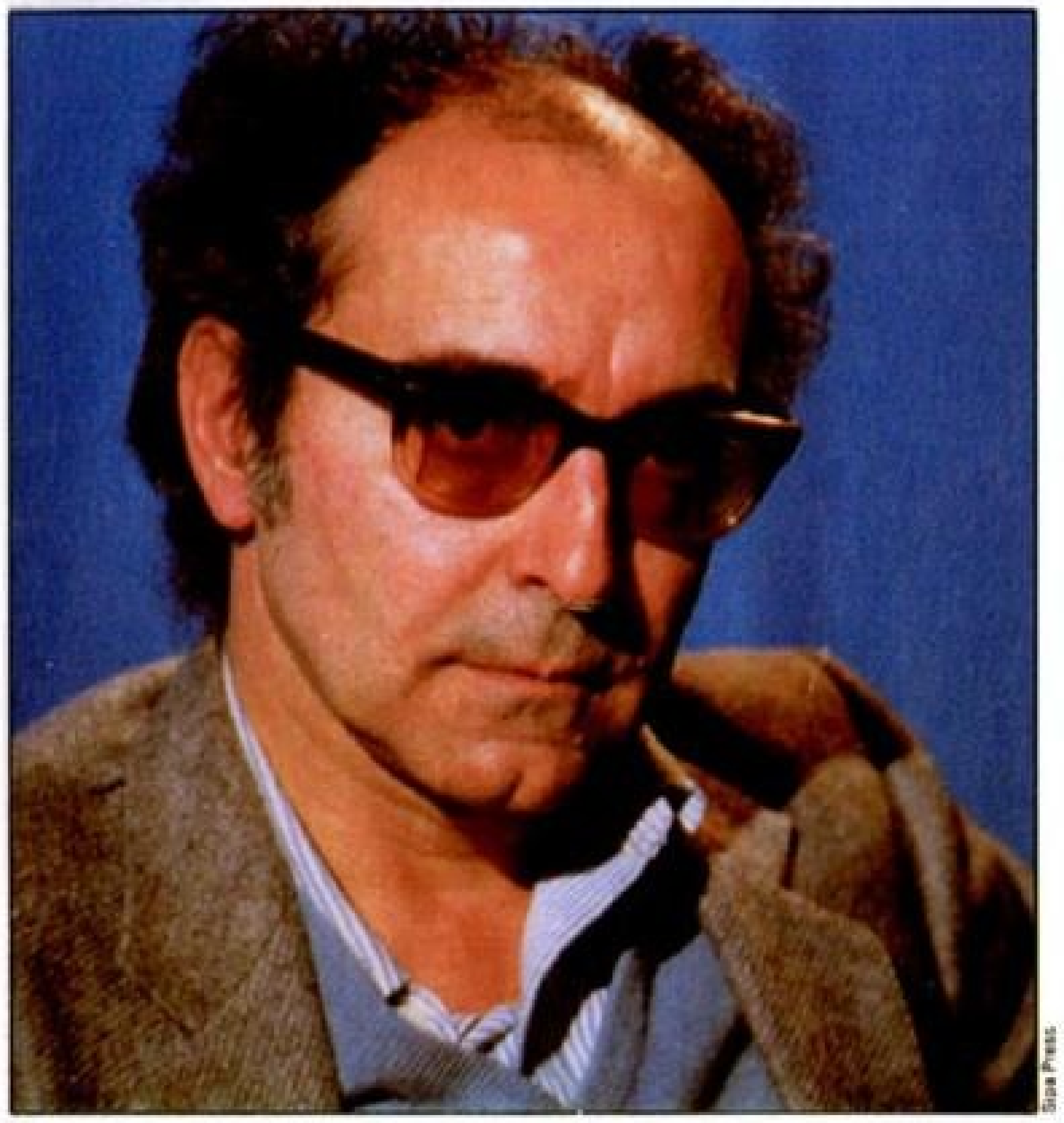
NARCISO NEGRO
(Black Narcissus, 1946)

F. J. Lucas

Direção: Michael Powell, Emeric Pressburger. Com Deborah Kerr, David Farrar, Sabu, Jean Simmons. F. J. Lucas.

Um excitante espetáculo visual — Oscar de fotografia e direção de arte. Deborah Kerr lidera um grupo de freiras na tentativa de estabelecer uma missão no remoto Himalaia. O clima árido do local, o exotismo da nova vida distante da clausura e o fato da missão se encontrar no mesmo local onde antes funcionava um harém acabam arrebatando as freirinhas em sua sexualidade reprimida. As cenas em que a irmã Kerr se recorda de sua vida mundana, um elemento chave de trama, foram originalmente censuradas nos cinemas americanos. Se o filme, entretanto, não é um escândalo, sua atmosfera possui uma dose de sensualidade contida, estimulante. Fortíssimo para os anos 40, bom passatempo para os 80. *M.P.*

JEAN-LUC GODARD



Sipa Press

Godard nasceu em Paris, em 03/12/30. De família abastada, ele é criado entre a capital francesa e Nyon, na Suiça. Aos 19 anos, decide ir sozinho para Paris, a pretexto de estudar etnologia na Sorbonne. Na verdade, ele passa a maior parte do tempo nos cinemas do Quartier Latin, assistindo a filmes clássicos, especialmente os americanos. Em 52, começa a escrever crítica cinematográfica para o recém-lançado *Cahiers du Cinéma*, publicação de cinema de vanguarda que agregava outros "cinéfilos" como François Truffaut, Claude Chabrol, Eric Rohmer e André Bazin. Godard vai à Suiça em 54, realizando seus dois primeiros curta-metragens. De volta a Paris, começa a colaborar mais regularmente com diretores como Chabrol e Truffaut, que despontavam engajados em um novo movimento cinematográfico: a *nouvelle vague*. E foram os dois que convenceram o empresário Georges de Beauregard a financiar *Acossado*(59), primeiro longa de Godard, que foi rodado em apenas quatro semanas e tornou-se uma das obras mais representativas do movimento.

A *nouvelle vague* rejeitava o cinema como um mero entretenimento, preferindo situá-lo como um instrumento para se desenvolver uma nova linguagem, onde o abstrato pudesse ser expresso da mesma maneira que num conto ou romance. Era o chamado *cinéma d'auteur* (cinema de autor). Mas ao mesmo tempo também era o *cinéma vérité* (cinema verdade), onde tanto a câmera quanto os atores tinham um distanciamento crítico em suas funções, induzindo o público a revaliar sua relação com a "realidade" projetada nas telas.

É neste contexto que situam-se os filmes de Godard. Levantando discussões sobre política, sexo e alienação e ao mesmo tempo desmistificando seu próprio meio de expressão, ele tornou-se, antes de tudo, um agitador cultural.

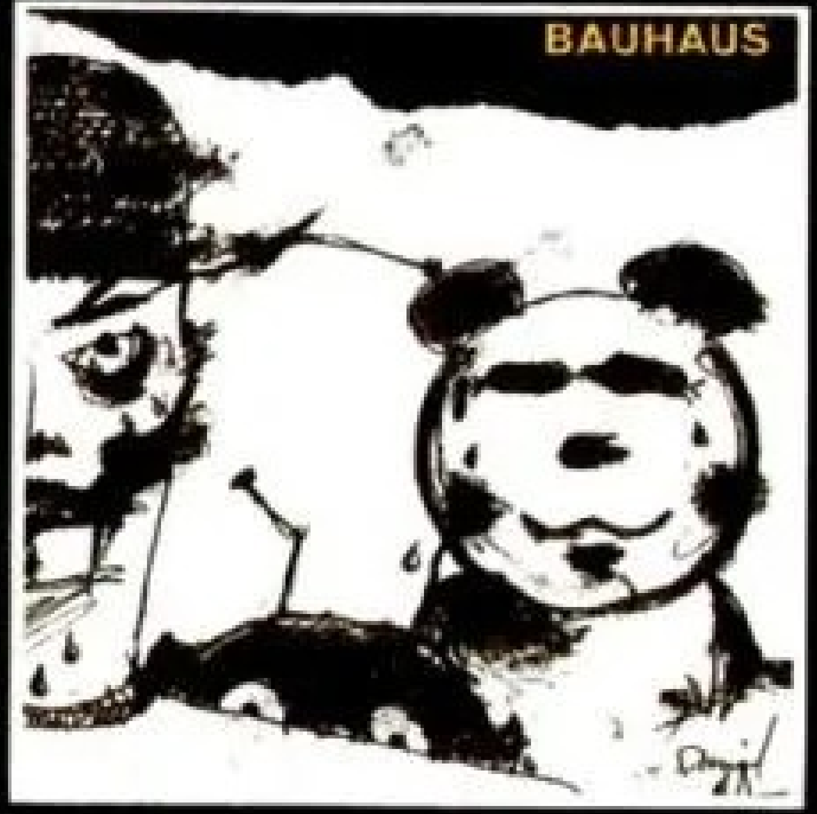
Seu cinema, três décadas depois, ainda possui a mesma centelha revolucionária capaz de incomodar a ordem vigente e suscitar episódios inusitados como a proibição de seu filme *Je Vous Salue, Marie* (84) em vários países (Brasil, inclusive) ou o arremesso de uma torta de creme em sua cara, na apresentação de seu filme *Détective* (85) no Festival de Cannes.

Suas últimas proezas foram *King Lear* (86), adaptação cinematográfica da obra de Shakespeare, (que Godard afirma não ter lido antes de começar a filmar), um dos episódios do filme *Aria* (87) e *Soigne ta Droite* (87), um documentário com o grupo pop francês Rita Mitsouko na linha de *One Plus One* (68), que ele filmou com os Stones. Qual será a próxima do *enfant terrible*? *C. P.*

FILMOGRAFIA COMPLETA

Quadrille (50, como ator e produtor), *Présentation ou Charlotte et son steack* (51, como ator), *Opération Béton* (54, curta, lançado em 58), *Une Femme coquette* (55, curta, dirigido sob o pseudônimo de Hans Lucas), *Kreutzer Sonata* (56, como produtor), *Le Coup du berger* (56, como ator), *Charlote et Véronique ou Tous le garçons s'appellent Patrick* (57, curta), *Paris nous appartient* (58, como ator), *Une Histoire d'eau* (58, curta, co-dirigido com François Truffaut, lançado em 61), *Charlotte et son Jules* (58, curta, lançado em 61), *Acossado* (*A bout de souffle*, 59), *Le Signe du lion* (59, como ator), *O Pequeno Soldado* (*Le Petit Soldat*, 60, lançado em 63), *Uma Mulher é uma Mulher* (*Une Femme est une femme*, 61), *Cléo de 5 à 7* (61, como ator), *Le Soleil dans l'oeil* (61, como ator), *A Preguiça* (*La Paresse*, episódio de *Os Sete Pecados Capitais*, 62), *Viver a Vida* (*Vivre sa vie*, 62), *Il nuovo mondo* (*Le Nouveau Monde*, episódio de *RoGoPaG*, 62), *Tempo de Guerra* (*Les Carabiniers*, 63), *O Desprezo* (*Le Mépris*, 63), *Schehérézade* (63, como ator), *The Directors* (63, como ator), *Paparazzi* (63, como ator), *Begegnung mit Fritz Lang* (63, como ator), *Petit Jour* (63, como ator), *Le Grand Escroc* (episódio de *As Maiores Vigarices do Mundo*, 64), *Bande à part* (64, lançado em 65), *Uma Mulher Casada* (*La Femme mariée/Une Femme mariée*, 64), *Reportage sur Orly* (64, curta), *Montparnasse-Levallois* (episódio de *Paris vu par...*, 65), *Alphaville* (*Alphaville: Une Étrange aventure de Lemmy Caution*, 65), *O Demônio das Onze Horas* (*Pierrot le fou*, 65), *Masculino-Feminino* (*Masculin-féminin*, 66), *Made In USA* (66), *L'Espion* (*The Defector*, 66, como ator), *Duas ou Três Coisas Que Sei Dela* (*Deux ou trois choses que je sais d'elle*, 67), *Anticipation* (episódio de *O Amor Através dos Séculos*, 67), *A Chinesa* (*La Chinoise ou Plutôt à la chinoise*, 67), *Caméra-oeil*, episódio de *Loin du Viêt-Nam*, 67), *Weekend à Francesa* (*Week-End*, 67), *Le Gai Savoir* (68, co-dirigido com Jean Pierre Gorin e o grupo Dziga Vertov de cinema militante), *Cinétracts* (68, série de documentários sem títulos nem créditos), *Un Film comme les autres* (68), *One Plus One/Sympathy for the Devil* (68), *One A.M-One Americam Movie* (68, inacabado), *British Sounds*, *Pravda* e *Lotte in Italia* (os três da 69, co-dirigido com Gorin e o grupo Dziga Vertov), *Andante e ritorno dei figli prodighi* (episódio de *Vangelo 70*, 69), *Vent d'est* (70, co-dirigido com Gorin e o grupo Dziga Vertov), *Jusqu'à la victoire/Till Victory* (70, inacabado), *One P.M-One Parallel Movie* (70, filme que inclui trechos do inacabado *One A.M.* e um documentário sobre sua feitura), *Vladimir et Rosa* (71, co-dirigido com Gorin e o grupo Dziga Vertov), *Tout va bien* (71, co-dirigido com Jean Pierre Gorin, lançado em 73), *A Letter to Jane or Investigation About a Still/Lettre à Jane* (71), *Numéro deux* (75), *Ici et ailleurs* (76, que inclui trechos do inacabado *Jusqu'à la victoire*), *Comment ça va* (76), *Machine-Machine* (76), *6 × 2: sur et sous la communication* (77, para TV), *Salve-se Quem Puder - A Vida* (*Sauve qui peut - la Vie*, 79), *Passion* (81), *Prénom: Carmen* (82), *Je Vous Salue, Marie* (83), *Détective* (85, o único disponível atualmente em vídeo), *Grandeza e Decadência de Uma Pequena Empresa de Cinema nos Tempos da Toda Poderosa Televisão, Reveladas Pela Procura de Atores para um Filme da TV Estatal, Baseado num Velho Romance de J. H. Chase* episódio para a *Série Policial* da TV francesa, 86), *King Lear* (86), *Armine* (episódio de *Aria*, 87), *Soigne ta droite*, (87).

A



revolução

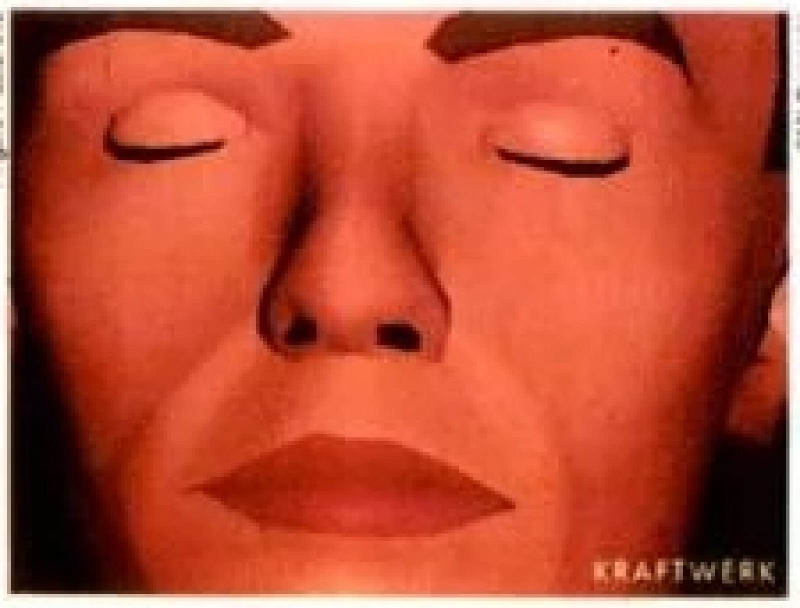
continua.

O selo Eldorado começou a revolução em junho, com o lançamento de seis álbuns de músicos ingleses independentes. Agora, são mais três: **Mask** (Bauhaus), **The Moon and the Melodies** (Harold Budd e The Cocteau Twins) e **Bend Sinister** (The Fall). Eles chegam para mexer com você, para mudar e ficar.

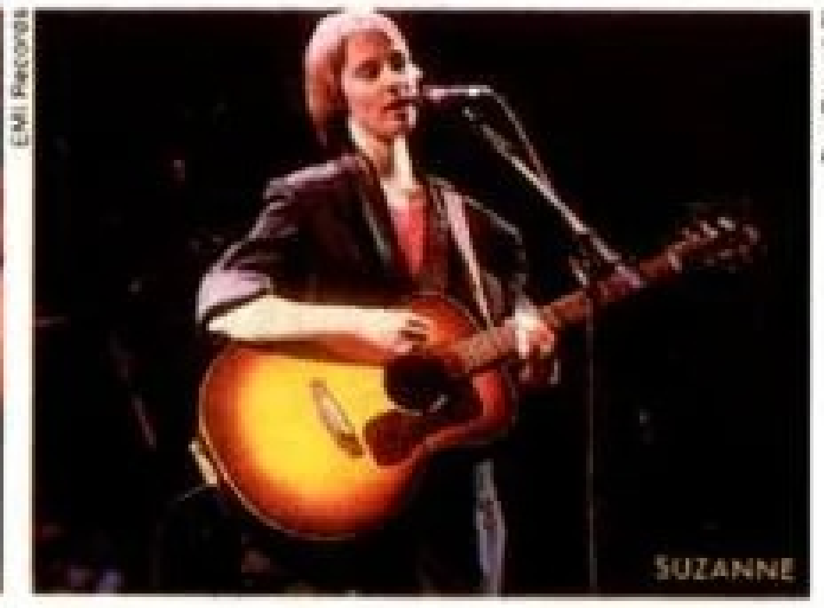
ESTUDIO ELDORADO

Dez anos de boa música.

ECHO



KRAFTWERK



SUZANNE

RETROSPECTIVA 87

O AVESSO DO AVESSO DO AVESSO

Cá entre nós, você gostou deste ano? Uma das palavras mais pronunciadas foi "transição", quase sinônima de "indefinição", geralmente usada nos discursos para descrever mudanças (fictícias) rumo a dias melhores... Se em 86 o rock nacional mostrou todo seu esplendor e viço, 87 teve um vago sabor de ressaca — não vimos mais que meia dúzia de vinis inteiros recheados de brilhantismo (várias bandas e artistas apresentaram bons fragmentos que não emplacaram, mas prometem acontecer no ano que vem).

Quem apostou em fenômenos de massa, resultados estrondosos, aparecimento de novas Legiões, RPMs e Faustos Fawcetts sempre e num piscar de olhos, deu com os burros n'água. O rock, apesar das vendas razoáveis, já não tem sido tratado como um bom negócio... Para os "fenômenos" isso não é muito problemático, mas para as bandas novas isso é quase o atestado de óbito. Um exemplo? O rock desapareceu das rádios — as FMs embregaram de vez. Televisão nem se fala.

Paciência. Aguardemos as surpresas de 88 e, enquanto isso, relembremos os destaques de 87.

CAMISA

BEATRICE

WAITS

A ROTA DO ROCK

A saturação dos mercados europeu e americano, aliada ao *boom* das vendas de discos de 86, transformou o Brasil em escala freqüente do showbiz internacional. Ninguém teria ousado imaginar que tantas estrelas da constelação pop armariam seu picadeiro nas principais capitais tupiniquins. Siouxsie e os Banshees vieram no fim de 86 para estudar o terreno e lançar a moda. Seguiram-se os Ramones, Cure, Echo & the Bunnymen; o PIL de John Lydon e o BAD de Mick Jones quase se atropelaram com shows na mesma semana, e todos os gostos foram contemplados, do principiante Bolshoi ao veterano Sting. Sem esquecer algumas figuras à parte como Keith Jarrett, Kid Creole, Phillip Glass ou King Sunny Adé, para citar só os mais relevantes. Até o compositor multimídia e produtor Brian Eno veio dar seu recado na Bienal de São Paulo. Uma avalanche que teve por efeito desmitificar a imagem de alguns e revelar/confirmar o brilho de outros. A oferta cresceu e o público se tornou mais exigente, o que ajudou a levantar perceptivelmente a qualidade dos lançamentos em disco.

Claudia Dantas/ Azul

CURE

PIL

R. Tucci/ Azul

BAD

R. Tucci/ Azul

Rui Mendes/ Azul

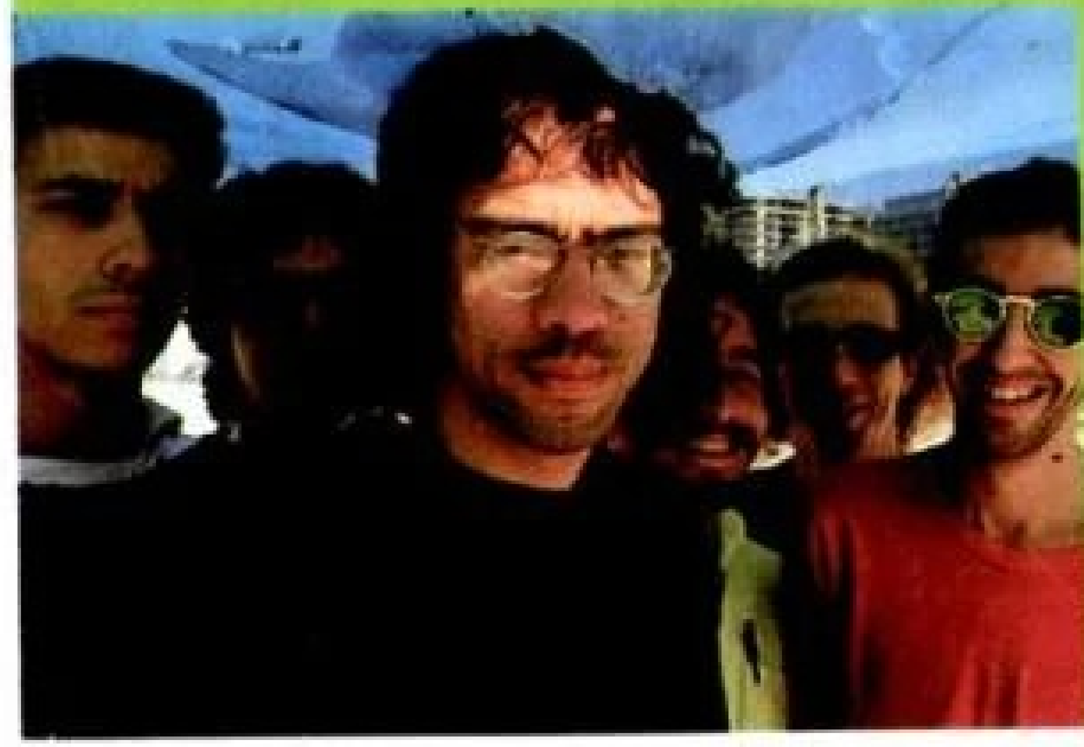
É O QUE NÃO PODE SER

Os maiores representantes do "rock visceral" em 87 foram, quem diria, os Titãs. Emergindo de suas elucubrações brega-chique, os oito compositores — entre os quais cinco vocalistas, entre esses (pelo menos) dois ótimos letristas — incentivaram as platéias com o repertório do disco homônimo, um dos melhores de 86. Cativaram até a petizada com hits irresistíveis como "Polícia" e "AAUU". Roubar público da turma do Balão Mágico ou levar o público delirante à quase destruição do Teatro Carlos Gomes (em março, no Rio) com o mesmo à vontade: isto é que é unanimidade. E o novo disco promete.

UM PRÍNCIPE INOVADOR

O grande evento internacional do ano, em vinil, deve ser creditado sem sombra de dúvida a Prince. Seu perturbador LP duplo *Sign O' the Times*, repleto de invenções e ousadias, foi uma exceção à regra segundo a qual todo artista que consegue a consagração máxima torna-se conformado e careta. Fora Prince só dois compositores/intérpretes marcaram o ano com trabalhos originais: o veterano Tom Waits, e a novata Suzanne Vega.

CALCINHA EXPLOSIVA



Mauricio Valladares/ Azul

O "espírito brasileiro" é maroto, sacaninha mesmo... "Alô polícia. Eu 'tô usando um exocet — *CALCINHA*!". Pronto. Bastou alguém dizer a palavra mágica para o povo cair de quatro. Mas os críticos que execraram Fausto Fawcett (com a mesma rapidez do público que o devorou) como uma armação qualquer, não fizeram jus ao talento do moço, responsável pelo melhor *rap* já vertido em português — ou em *copacabano*. Um raríssimo caso de estrondoso popular para um trabalho muito bem elaborado (quer dizer, quanto às letras, porque a música — à exceção do eficiente hit burilado por Liminha, "Kátia Flávia" — ainda fica a dever...).

Claudia Dantas/ Azul

TRADIÇÃO DA CANÇÃO

*"Como uma letra complicada como 'Eduardo e Mônica' pôde virar hit?!", perguntam-se os cultores da mediocridade. A **Legião Urbana**, responsável por um dos melhores discos de 86, firmou-se em 87 como um dos grupos mais queridos do público — "apesar" da seriedade bem articulada de Renato Russo e seus legionários, capazes de combinar pop e o mais rasgado lirismo. Só se espanta quem esquece que, de Noel a Lupicínio, de Chico a Caetano, a canção brasileira tem uma tradição de grandes letristas — quem disse que esta geração ia ficar de fora?*

WEA

CBS

RATO QUE RUGE

Todos estavam esperando o rugido do leão *Michael Jackson*, após cinco longos anos de silêncio. O que se ouviu esteve mais para chiado de camundongo, amplificado pelos mesmos artifícios promocionais de sempre: para um disco apenas morno, clips superproduzidos, campanha publicitária espalhafatosa, turnê superproduzida... Não chega a merecer o prêmio *Falta de Imaginação 87*, mas é por pouco.

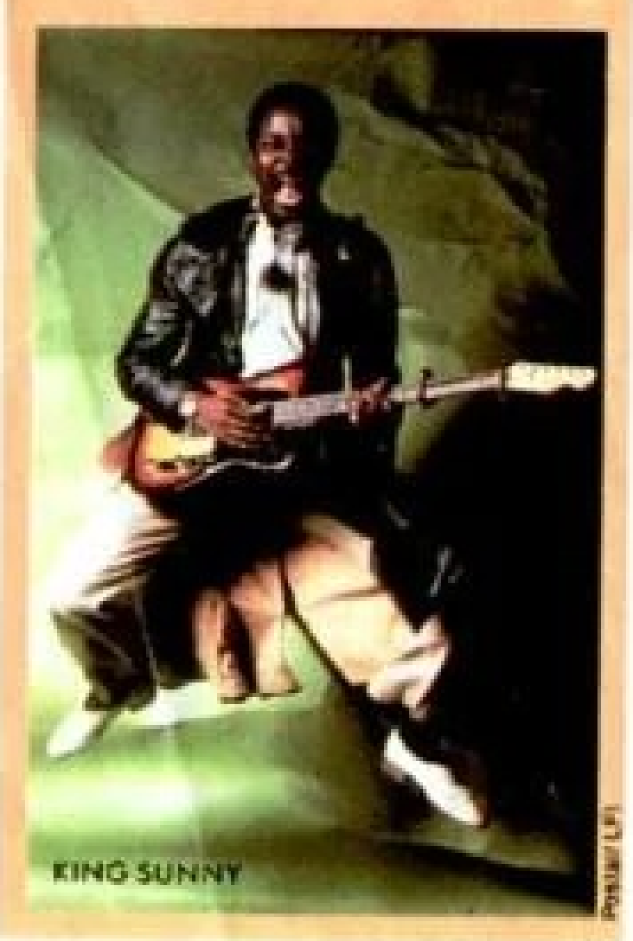
Rui Mendes/ Azul

SEM DRAMAS

Foi uma surpresa quando o **Ira!** ocupou, durante meses, o horário nobre da telinha global, levando a canção "Flores em Você" para milhões de espectadores. O tema da novela das oito projetou a banda sem levá-la, no entanto, ao megaestrelato. E nem era preciso — o Ira! sempre foi um dos grupos mais respeitados tanto no circuito *underground* quanto entre a legião de fãs que arrebanhou ao longo de seis anos de existência.

AFRICANOS

Em 87, a música africana moderna invadiu a nossa praia. Apesar de muitas promessas de shows, a invasão se deu sobretudo sob forma de vinil e trouxe algumas das criações mais originais do ano. A começar pelo Ladysmith Black Mambazo, o grupo dos vocalistas que participou do LP *Graceland* de Paul Simon. Seguindo com Thomas Mapfumo, Toure Kunda, Alpha Blondy, o highlife do Gana (com a coletânea *The Guitar And The Gun*, da Continental), Johnny Clegg & Savuka, e sobretudo a juju music de King Sunny Ade, que além de mostrar um dos shows mais brilhantes do Free Jazz Festival, gravou uma música com "nosso africano" Jorge Ben.



KING SUNNY

Postal/ LFI

A GAROTA MOSTRA QUEM É

Star File/ Stills

Não se sabe se foi por causa de um marido que ocupava muito espaço — o arrogante Sean Penn que ela mandou pastar —, ou por causa do relativo fracasso de sua última incursão nas telas de cinema ***(Quem é Esta Garota)****, ou ainda para quebrar a rotina dos LPs de sucesso. O fato é que* ***Madonna*** *surgiu como um diabo de seu buraco para uma série de megashows arrasadores que arrastaram multidões e colocaram-na na capa de dezenas de revistas nos EUA, Inglaterra, Itália, França, Japão... Seus talentos de* ***showgirl*** *seduziram a todos, inclusive seus críticos e detratores mais ferrenhos.*

Marcelo Faustini

A VOLTA POR CIMA

Lobão repetiu com "Rádio Blá" o mesmo sucesso que o consagrou em 84 com "Me Chama". Era quase inevitável seu estouro este ano. Mais maduro, Lobão alinhavou no LP *Vida Bandida* composições até mais inspiradas que o hit "Rádio Blá", como "Soldier Lips" e "Chorando no Campo". Em contrapartida às agruras da prisão, o Grande Lobo foi duplamente homenageado: João Gilberto gravou "Me Chama" para a eternidade e Nelson Gonçalves registrou em seu último LP, ao lado do próprio Lobão, "A Deusa do Amor".

POR VOLTA DA MEIA NOITE

Stills

CINEMÚSICA

O cinema musical também deu suas voltas ao passado. Ficamos com quatro títulos que se destacaram. *Por Volta Da Meia Noite* (*Round Midnight*), sobre a geração perdida dos músicos americanos de *be bop* que se mudaram para Paris nos anos cinqüenta. *La Bamba*, uma biografia de **Richie Valens**, cantor de rock que teve um sucesso meteórico (8 meses), antes de morrer num acidente de avião, em janeiro de 59. *Conta Comigo* (*Stand By Me*), uma aventura que mergulha nos *early sixties* e que tem por mérito principal sua trilha sonora, uma seleção bastante representativa dos sucessos daquela época.

Mas o filme que mais chamou a atenção foi *A Era Do Rádio*, no qual o genial **Woody Allen** vasculha suas memórias de infância para extrair uma seleção de sucessos dos melhores *big bands* dos anos 30/40. Para muitos, o *swing* daquela época foi uma grande revelação.

Mas não é só de saudade que se vive: *Jonathan Demme* alinhavou em *Totalmente Selvagem* a melhor trilha sonora da década, e *David Byrne*, em pessoa, visitou a América alucinado em *Histórias Verdadeiras*.

COTAÇÃO DO SUCESSO

CAPITAL

ULTRAJE

RITA

PLEBE

Capital Inicial: Em alta. Quem não tem gato (Paulo Ricardo) caça com gato (Dinho), é a lei dos telhados. O primeiro LP (86) vendeu bem e o segundo promete. A banda chamou reforços: o tecladista/produtor Bozo.

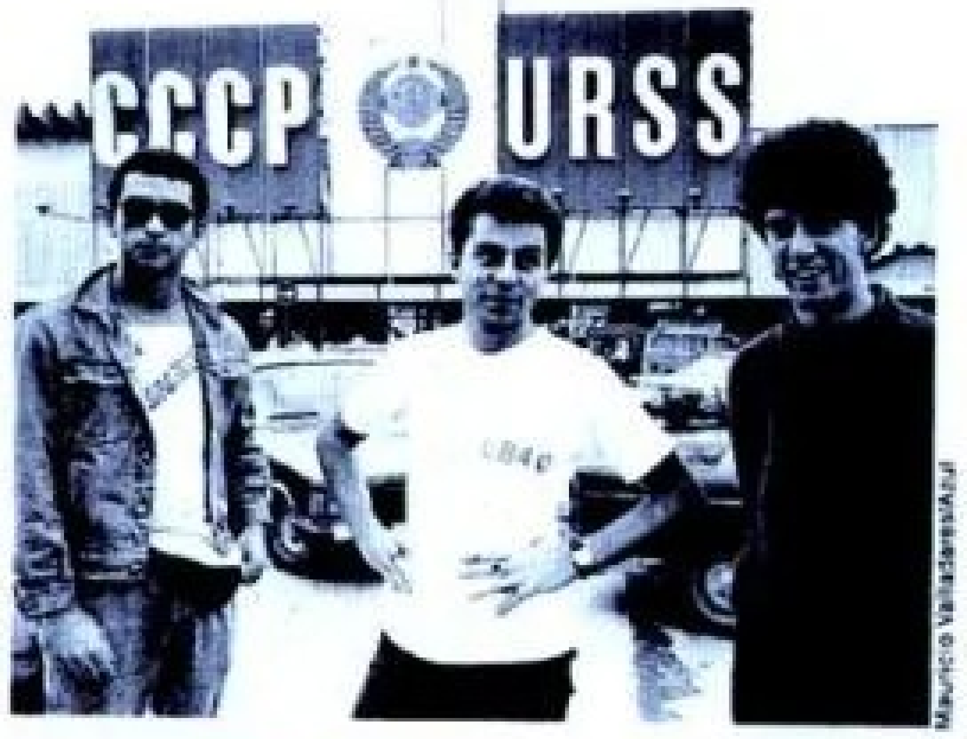
Rita & Roberto: Em baixa. La Lee veio só para bater ponto, exibir o marido (que os fãs antigos não toleram) e ser malhada pela crítica. Também respondeu à altura e excursionou por todo o Brasil, mas a verdade é que *Flerte Fatal* não confirmou mesmo a recuperação prometida em *Rita & Roberto*, o LP anterior.

Plebe Rude: Estável. A música "A Ida" foi bem no rádio e o primeiro LP da banda demonstrou muita maturidade em estúdio, casando com estilo próprio letras apunkalhadas e arranjos de cordas (encomendados ao mesmo Jacquinho Morelenbaum de "Flores em Você", do Ira!).

Ultraje a Rigor: Sujeito a trovoadas. Muita expectativa, a invasão nas rádios de "Eu Gosto é de Mulher" antes da hora e "Pelado" emplacando como tema da novela global das 7, mas nada nem próximo do sucesso conquistado com "Inútil" e o LP *Nós Vamos Invadir Sua Praia*, de 85.

DAQUI PARA LÁ

Não só os grupos internacionais incluíram este paisinho até então esquecido em suas turnês: 87 foi também o ano dos grupos daqui marcarem presença no exterior: os Paralamas compareceram à noite brasileira no Festival de Montreaux, em julho (o que lhes rendeu *D*, o LP ao vivo), além de passagens por Paris e capitais da América do Sul. E o Cólera foi conhecer de perto o circuito *underground* europeu, onde punks, heavies e tribos afins mantêm uma estrutura anarquista, porém muito bem azeitada: foram 57 concertos em 46 cidades (!!), um volume de apresentações puxado até para bandas *mainstream*. De volta ao Brasil desde julho, eles não conseguiram, até agora, achar um espaço para mostrar o que exercitaram por lá. Êta Brasil.



Mauricio Valladares/Azul

J.R. Vivanco/Azul

COME BACK

Este ano trouxe várias estrelas de volta para o futuro. **Chrissie Hynde** recauchutou os Pretenders com pessoal novo e retomou com tudo a estrada. Outra gata lendária, **Debbie Harry**, voltou sem o marido, doente, e sem o Blondie, mas com um álbum interessante. **Iggy Pop**, nosso velho Iguana, deu a volta por cima, arremessou uma bolacha — **Blah Blah Blah** — mais que decente e, pela primeira vez em seus 18 anos de carreira, emplacou uma música, "Shades", nas paradas. E o urso germânico robotizado **Kraftwerk** interrompeu sua hibernação para lembrar-nos de como se faz um tecno-pop impecável. Na categoria "dinossauros foragidos do museu", saudamos a volta do **Jethro Tull**, do **Pink Floyd** e o **Grateful Dead**. Um outro que interrompeu sua hibernação (artificial) foi **Michael Jackson**...

IGGY

Soren Svendsen/Sola Press

SELOS ILUSTRES

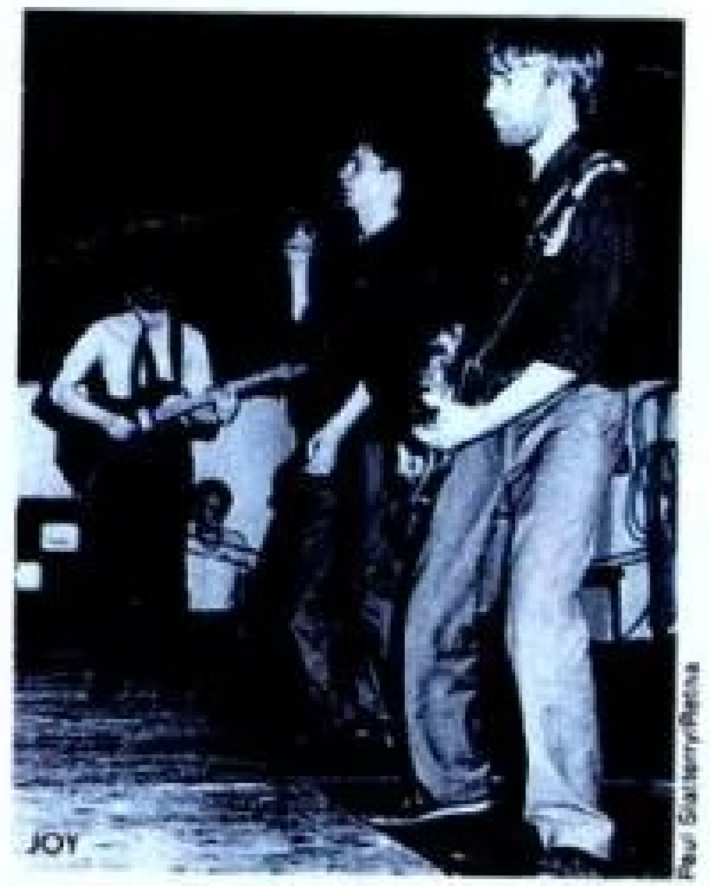
Em 1987 o Brasil saudou a entrada em grande estilo do selo **Stillo**, que iluminou as prateleiras das lojas com preciosidades como Durutti Column, The Fall, A Certain Ratio, Felt e encerrou o cruel jejum de anos com Bauhaus e Joy Division, num total de dez discos indispensáveis. Uma façanha.

Outro selo importante, o **Celluloid**, fez sua estréia por aqui por intermédio da **RCA**. Com ele temos agora acesso ao funk tecno-afro-pop de Bill Laswell/Material, Ginger Baker, Afrika Bambaataa, Manu Dibango e outros. Abrem-se os horizontes das principais tendências dos anos 80. Resta à RCA saber explorar bem estes seus outros catálogos fundamentais, os ingleses Virgin e EG.

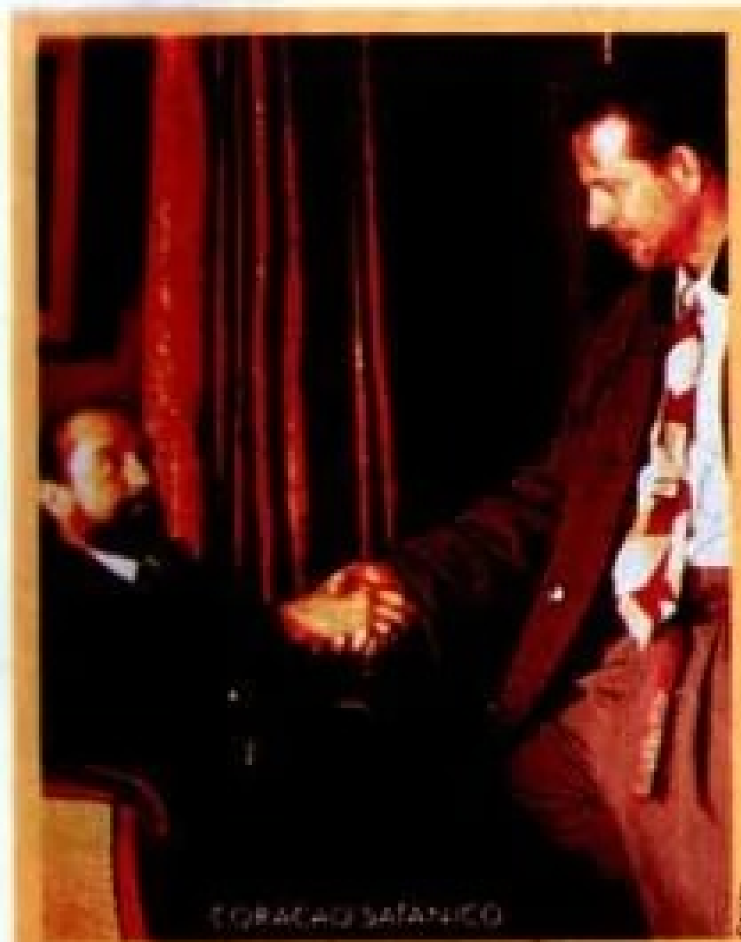
De volta ao passado, abriram-se também três catálogos fundamentais para a história da música. Com quatro LPs duplos da série Atlantic Blues e seis álbuns da Chess Records, a **WEA** tirou do baú monstros sagrados como Howlin, Wolf, Muddy Waters, Big Bill Bronzy e John Lee Hooker.

E a gravadora **Brasidisc**, com sua série Rarity, trouxe de volta Carl Perkins, Jerry Lee Lewins, Chuck Berry, Little Richard e James Brown, entre outros.

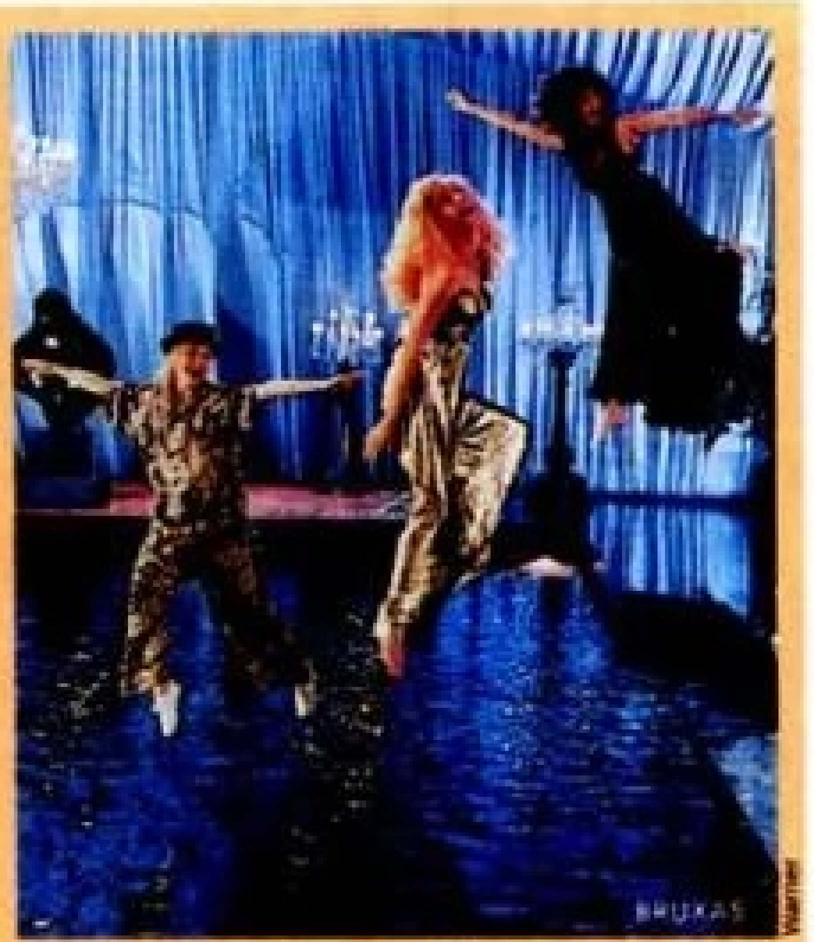
Com tudo isso, alguém ainda duvida que disco é cultura?


JOY

Paul Slattery/Retna


CORAÇÃO SATÂNICO

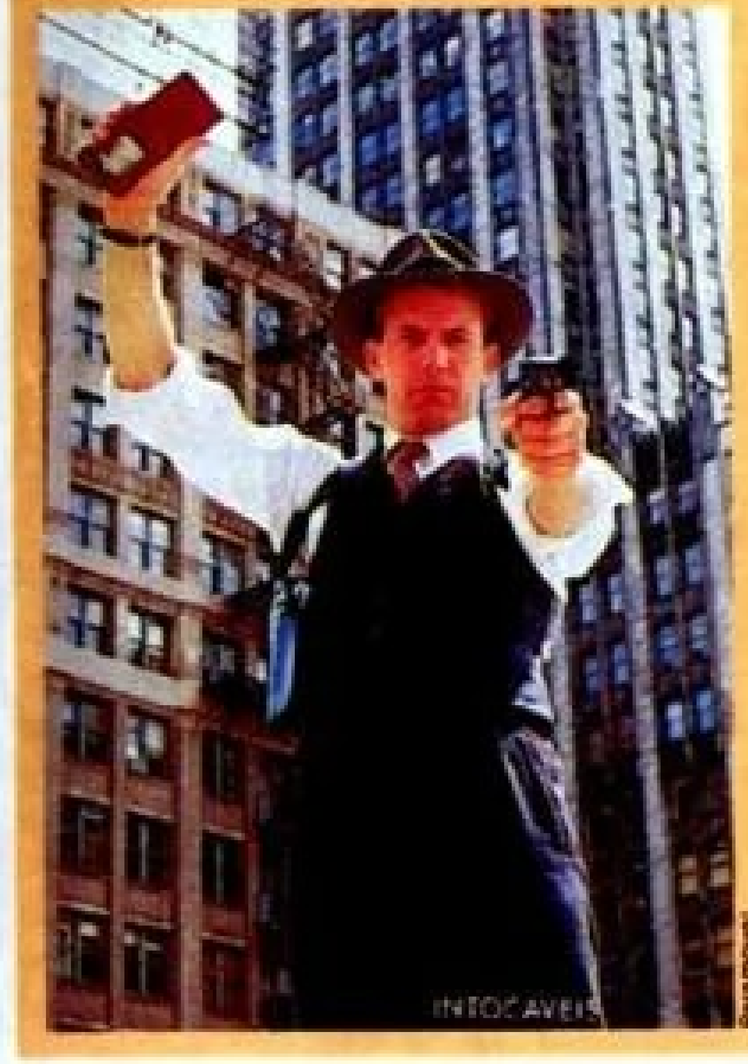
Stillo


BRUXAS

Warner

MADE IN USA

87 pode ser chamado de *o ano em que o cinemão americano renasceu*. Num período particularmente fraco do cinema europeu, Hollywood deu uma grande arrancada. Com prata da casa (**Brian de Palma**, diretor de *Os Intocáveis*, **Joe Dante**, de *Viagem Insólita*) ou diretores estrangeiros convidados (o inglês **Alan Parker** e *Coração Satânico*, o australiano **George Miller** e *As Bruxas de Eastwick*, o holandês **Paul Verhoeven** e *Robocop*, as produções americanas souberam combinar como nunca técnica avançada e roteiros inteligentes. Jovens diretores como **Joel Coen** (*Arizona Nunca Mais* e, **Jim Jarmusch** (*Downbailó*), ao lado de ex-alternativos como **David Lynch** (*Veludo Azul*) e o canadense **David Cronenberg** (*A Mosca*) dirigiram em 87 suas obras-primas. A suprema trindade — **Coppola** (com *Peggy Sue* e *Jardins de Pedra*, *Selvagem da Motocicleta*), **Woody Allen** (*A Era do Rádio*) e **Martin Scorsese** (*A Cor do Dinheiro* e *Depois de Horas*) — compareceu em excelente forma. Do filme político (*Platoon, de Oliver Stone*) ao terrorzão B (*Uma Noite Alucinante*, de **Sam Raimi**), um ano estupendo. Da Europa, muito pouco — inclusive a volta de *Polanski* com o médio *Piratas*. Gato do ano: **Kevin Costner** (de *Os Intocáveis*), que deve arrasar em 88. Divas: **Beatrice Dalle** em *Betty Blue* e **Marushcka Detmers** em *O Diabo no corpo*, dois dos melhores filmes europeus do ano. Para o Olímpico da cinematografia: **Robert DeNiro** (*Coração Satânico* e *Os Intocáveis*), **Sean Connery** (*Os Intocáveis* e *O Nome da Rosa*, **Jack Nicholson** (*As Bruxas de Eastwick*) e **Dennis Hopper** (*O Massacre da Serra Elétrica, Veludo Azul*).


INTOCÁVEIS

Paramount

ENROLAÇÕES POR MINUTO

*O **RPM** começou a fazer um filme, vendeu um vídeo, fundou um selo, produziu outra banda (Cabine C), brigou, separou-se, ameaçou carreiras-solo, juntou-se de novo — em outras palavras, freqüentou o noticiário, apesar das férias musicais (só interrompidas para uma apresentação no Peru, e um compacto com Milton). E parece ter feito escola: não é que, ao final de 87, o **Camisa de Vênus**, depois de um imodesto álbum duplo (Duplo Sentido), anunciou sua separação?! Medalhas de Melhor Depto. de Marketing, ouro e prata respectivamente...*

Rui Mendes/Azul

METALLICA

SONS DO INFERNO E DO CÉU

Mais do que uma simples tendência, o **heavy metal** aplicou uma onda de choque nos Estados Unidos, onde os **charts** foram literalmente seqüestrados por bandas como **Whitesnake, Bon Jovi, Mouttley Crüe, Ozzy Osbourne, Def Leppard**. Aqui, não dá para contar a quantidade de bolachas lançadas sob o signo do metal. No meio da multidão, ficamos com o speed-metal de **Mettalica, Slayer** e **Anthrax**.

E a tal **new age music** também aportou em Terra Brasilis. Alguém (ou) viu? Ficamos com a impressão de que essa história foi mal contada...

HIP, HOP, HURRAH!

*Acabou arrebentando a tão esperada onda do rap/hip hop — uma nova explosão da música negra transformada em fenômeno comercial (já decadente) nos EUA. As melhores produções do gênero — **LL Cool J, Kurtis Blow, Whodini, Run DMC** — chegaram finalmente às nossas praias. Mas a diversão do ano correu por conta dos branquelas **Beastie Boys**, que transformaram a arena do show-biz num grande pátio de recreio com mil estrepolias, facécias e provocações de gosto duvidoso. Uma onda que teve o mérito de realizar a fusão definitiva do funk negro com o metal branco.*

BLACK BRASIL

O mestre brasileiro da *soul music*, **Tim Maia**, compareceu no final do ano com *Somos América*, um disco meio derrubado pelos arranjos (Lincoln Olivetti, quem mais?). E encontrou, pela primeira vez na história, sua área ocupada. Ninguém menos que sua ex-partner **Sandra Sá** (*remember* "Vale Tudo"), mandando a maior brasa com "Joga Fora" e "Solidão". Te cuida, professor! Quanto à suposta onda do funk nacional, essa só saiu do subúrbio pela mão dos brancos — vide o **Gueto** e a **Gang 90**, com os melhores vinis do gênero. Para ficar atento: **Conexão Japeri** (RJ) e **Scowa & a Máfia** (SP). E do "gueto" propriamente dito, não vem rap e hip-hop?

Bob Wolfenson

OS SELOS DO ROCK

A RCA deu o grande passo: um selo, o primeiro não-independente, dedicado ao rock brasileiro. O Plug surge com um *cast* de mais de dez bandas, entre cariocas (Hojerizah, Picassos Falsos), gaúchas (TNT, DeFalla, Replicantes) e paulistas (Violeta de Outono), todas as mencionadas já com discos lançados. Para o ano, Black Future, do Rio, é uma das maiores expectativas. A *Continental* lançou Gang 90 e 365. A EMI-Odeon, além de seus medalhões (Legião e Paralamas), descobriu as Mercenárias, de São Paulo, e promete LP para o início de 88. Mas a mão que afaga é a mesma que bate: Patife (que apanhou da mesma WEA dos Titãs, Ira!, Gueto e Inocentes) e Metrô (que dançou na CBS, a mesma de Nau e RPM) sentiram na pele a dificuldade de levar adiante trabalhos menos óbvios. Até quando?

Independentes: a veneranda Baratos Afins (SP) saiu-se com *3 lugares Diferentes*, disco de despedida do Fellini, e com o tardio LP de *Akira S & As Garotas que Erraram*, além do Kafka (*Musikanervosa*) e *Não São Paulo 2* (com gravações do Gueto, 365 e Nau antes da contratação por grandes gravadoras). A *Wop Bop*, responsável pelo EP de estréia do Violeta de Outono, lançou um EP do *Harry* e o segundo LP de May East, *Tabapora* De Minas, e selo Câmbio Negro estreou com o LP do *Último Número*, e a Cogumelo acrescentou a seu catálogo de heavy nacional o novo LP dos Ratos de Porão, *Cada Dia Mais Sujo e Agressivo*. Outro destaque independente é a sulina Vortex, a mais alternativa das alternativas, trabalhando com fitas K7 (veja nota no Showbizz).

Angelo Pastorello / Azul

DOIS ASES E UM AUSENTE

87 viu a volta de duas pérolas (negras...) da MPB: Luiz Melodia e Jards Macalé. Melô, no LP *Claro*, remexe sua mistura de funk, samba & canção, e de quebra homenageia a jovem guarda, regravando "O Broto do Jacaré", de Roberto e Erasmo. Maca foi fundo nos "clássicos", recuperando em *Quatro Batutas e Um Coringa* os sambas magistrais de Paulinho da Viola, Lupicínio Rodrigues, Nélson Cavaquinho e Geraldo Pereira. O LP foi antecedido ainda por um mix com "Rio Sem Tom" (uma espinafrada em Tom Jobim, que *vendeu* "Águas de Março" para um anúncio da Coca-Cola) e "Blue Suede Shoes". Só faltou Itamar. Onde estás, mestre Assumpção?

Geraldo Luis Gomes/ Azul

Eurico Salis/ Azul

DOS PAMPAS

"Toda Forma de Poder" e "Sopa de Letrinhas" invadiram as FMs e incomodaram os ouvidos dos mais pedantes. Mas das entrelinhas dessas canções supostamente bregosas dos Engenheiros do Hawaii filtravam-se algumas inquietações, mais explícitas em seu segundo e recém-lançado LP, *A Revolta dos Dândis*. Por falar em gaúchos, o DeFalla compareceu com um estupendo LP e o TNT com seu vigor juvenil, sem contar os Replicantes. Ainda bem que ninguém se lembrou, por enquanto, de forjar um rotulozinho conveniente, como aquele que nivelava as "bandas de Brasília" há dois anos...

A ABOBRONA E O ABOBRINHA

Paulinha Toller perdeu o ar ingênuo e ameaça, em poses recentes, adotar um estilo mais para Madonna tupiniquim. Competência ali não falta... E o amadurecimento não foi só visual: o LP *Tomate* contém, além de "Amanhã é 23" — o hit que freqüentou nossas obtusas FMs —, pelo menos uma bela faixa: "Dança". As bruxarias de Liminha e a mixagem no Eden Studio de Londres garantiram ao **Kid Abelha** um dos discos mais bem produzidos de 87. Mas nem as bruxarias de Liminha conseguiram salvar a dissidência dos Abóboras, os **Heróis da Resistência**, do baixista **Leoni**, de soar como mais um sub-RPM.

AS SEPARAÇÕES

*Ninguém quer admitir. Mas a verdade é que os **Rolling Stones** chegaram ao fim... Até prova do contrário. Os **Smiths** seguiram o mesmo caminho e o **New Order**, ao que tudo indica e até nova ordem, também passou para a história. É duro, bem sei...*

Angie Coqueran/LFI

QUEM É MADONNA?

Dez anos de carreira e cinco de sucessos depois, ela está pronta para um balanço. Ainda mais no momento em que a Ciccone — que sempre soube seduzir seu público com uma notável facilidade — derrubou a última resistência para uma consagração definitiva: a da crítica mais ranheta. Com sua turnê deste ano, Madonna não só invadiu as capas de dezenas de publicações como pode saborear o gostinho de ouvir, de muitos mal-humorados, a tardia constatação: "mas ela é demais!". Será? Quem é a personagem e quem é a atriz? *Quem são essas garotas?* Medo do público, privacidade, Jagger e sua boca grande (no mau sentido...) e cinema são alguns dos assuntos da entrevista.

D. Rabaev/Stills

BIZZ — *O sucesso a assusta? O ar é rarefeito aí na estratosfera?*
Madonna — Sim, porque eu sei que tem muita gente prestando atenção em mim, observando cada movimento. Acho que sinto isso agora, mais do que nunca, desde que comecei a me apresentar em estádios. Subo no palco e vejo 65 mil pessoas ali. Tenho uma grande responsabilidade.
BIZZ — *Medo do palco?*
Madonna — Não. Saber que você vendeu uma montanha assim de discos e que tantas pessoas compraram a revista com a sua foto na capa é diferente de, de repente, ver todas essas pessoas juntas, sentindo a presença delas e sabendo que elas querem algo de você.
BIZZ — *Existem momentos em que você não se sente à altura dessa pressão?*
Madonna — Não que eu fique paralisada e não consiga fazer o show, mas... uau! É uma grande responsabilidade. Olha só o que eu fiz!
BIZZ — *Você gosta que as pessoas fiquem olhando para você?*
Madonna — Mmmmmmmm... A maior parte do tempo *(cai na risada)*. Mas todo o mundo tem seus dias de feiúra, em que você acorda com aquela bela espinha...
BIZZ — *Não! Não está no seu contrato, está?*
Madonna — Pois é! A maquiagem é uma arte... Todo mundo tem seu dia ruim, em que não quer ver as outras pessoas, andar pela rua meio escondida, de cabeça baixa...
BIZZ — *Mas para você elas continuam olhando.*
Madonna — Exatamente.
BIZZ — *Faz parte do pacote...*
Madonna — Certo.
BIZZ — *Uma pressão que o homem da sua vida parece não suportar bem.*
Madonna — Não é que ele não suporte ver as pessoas olhando para ele. Apenas se sente sem privacidade, é uma pessoa que preza muito isso.
BIZZ — *Uma jornalista escreveu o que era, em público, um discurso e uma lição para o seu marido...*
Madonna — É...
BIZZ — *...E para pessoas como ele...*
Madonna — *(Começa a rir)*
BIZZ — *...Que acham que podem fazer esse jogo de star, criando suas próprias leis. Você sabe de quem estou falando? O argumento dela era que se você quer ser uma estrela, deve isso aos seus fãs, aos paparazzi, seja quem for... Se não quiser jogar segundo esta regra, é melhor tentar outra coisa. Você concorda com esse ponto de vista?*
Madonna — Com algumas partes, sim. Há certas coisas que se tem de aceitar neste ramo, você se torna um mito desproporcional e as pessoas querem saber sobre você. Tem de se estar preparado para constantes invasões, gente abordando você na rua, fazendo entrevistas, querendo conhecer você, tocar você... É de se esperar, até certo ponto. Mas há um ponto em que tem de se traçar uma fronteira.
BIZZ — *Onde você traça essa fronteira?*
Madonna — Traço a fronteira quando passo os portões da minha casa. Onde eu moro deve permanecer em segredo. E minha vida privada e minha vida romântica ficam atrás da fronteira.
BIZZ — *Seus fãs sabem disso?*
Madonna — Do quê?
BIZZ — *Eles entendem que existe uma fronteira?*
Madonna — Mmmmm... Não acho que ocorra a eles. Se você realmente gosta de alguém, faz o que pode para descobrir tudo sobre a pessoa. Também depende... Há pessoas que chegam a extremos. Há pessoas que ficam ali paradas nos portões de casa, tocam a campainha com freqüência, talvez achem que vamos convidá-las para tomar uma xícara de chá ou algo assim, entende?
BIZZ — *Chega a assustar?*
Madonna — *Yeah*... Às vezes, quando são mais ousados e não querem sair de perto de você por nada...
BIZZ — *Você está tão exposta! Veja a capa de* True Blue: *provocante, sedutora em seus vídeos. O produto — existe um produto Madonna que nós vemos?*
Madonna — Existe.
BIZZ — *O produto é tão convidativo... Chega a ser perigoso para você, ou não?*
Madonna — É. Mas não tenho medo disso. A intenção é ser provocante, mas não apenas num nível sexual — em outros sentidos também. Gosto de provocar as pessoas, mas não penso nos perigos que isso acarreta — talvez os perigos tornem o jogo mais excitante.
BIZZ — *Não tenho nenhuma intenção de cruzar a fronteira que protege sua vida romântica, mas não deixa de ser interessante que Sean Penn tenha se apaixonado pela mulher mais pública do planeta...*
Madonna — Bem, os opostos se atraem...
BIZZ — Yeah.
Madonna — ...Mas não quero discutir especificamente Sean e como ele se comporta. Já está bem crescidinho e toma suas próprias decisões. Se ele quiser discutir isso em público, pode fazê-lo ele mesmo.
BIZZ — Quem é essa garota? *traz Madonna no papel de Nicky Finn. Nicky Finn não é esta mulher sentada à minha frente, é óbvio. Trata-se de um personagem... Mas por que você a escolheu?*
Madonna — Ela é engraçada, doce, durona, tem a experiência da vida

nas ruas e é vulnerável, além de muitos outros traços interessantes em sua personalidade...

BIZZ — *Quais aspectos do personagem com que você mais se identifica?*

Madonna — Ela sabe se virar. É também muito engraçada. Eu sou engraçada, eu acho.

BIZZ — *Griffin Dunne, seu parceiro no filme, descreveu o trabalho no set de filmagem assim: entre um take e outro, ele se encontrava perguntando a si mesmo: "Quem é essa garota?", citando o nome do filme. Tenho vontade de perguntar isso também — não sobre Nicky Finn, mas sobre Madonna: quem é ela?*

Madonna — Isso seria desfazer o mistério e entregar o ouro. Me sinto mais disposta a falar sobre o personagem. Mas acho que Griffin se fazia esta pergunta porque quando nos conhecemos — acho que nas primeiras reuniões —, me viu comportando de uma maneira bem calma e reservada, e no set, quando eu já estava tomada pelo personagem... Bem, é um personagem de energia contínua e ininterrupta, fala alto, pelos cotovelos, sem parar... É uma bola de fogo humana. E eu tinha de manter essa energia mesmo entre um take e outro, por isso talvez o tenha deixado um pouco louco.

BIZZ — *Você falou em mistério. Sem dúvida é um componente importante na carreira das estrelas, e também em sua vida pessoal. Mas todo bom mistério tem algumas pistas. Quais são as pistas que levam à personalidade de Madonna?*

Madonna — Uma pergunta difícil.

BIZZ — *OK. De onde você veio?*

Madonna — Vim de Michigan.

BIZZ — *De que parte?*

Madonna — Bay City.

BIZZ — *Uma cidade bem pequena, não?*

Madonna — Pequena e fedorenta, no norte de Michigan.

BIZZ — *Por que "fedorenta"?*

Madonna — Muita indústria química jogando entulho.

BIZZ — *E você diz isso com alguma afeição ou completo desprezo?*

Madonna — Tenho uma grande afeição por Bay City.

BIZZ — *Dá para entender? Alguém que talvez seja hoje a maior estrela do mundo nasceu em Michigan, em Bay City... Como aconteceu?*

Madonna — Acho que tem muito a ver com a imaginação e com um grande desejo que eu tinha de deixar para trás aquela mentalidade de cidade pequena e ir para outro lugar e ser alguém, porque sentia que estava sendo privada de alguma coisa... Ter nascido numa família grande também ajudou, eu acho...

BIZZ — *Quão grande?*

Madonna — São oito filhos. Cria um clima de competição, todos querendo a atenção dos pais. Você quer se destacar, ser tratada de uma maneira especial. Depois, minha mãe morreu e isso me fez — assim que superei a dor — decidir que seria forte e saberia tomar conta de mim mesma.

BIZZ — *Quantos anos você tinha quando isso aconteceu?*

Madonna — Seis e meio.

BIZZ — *Idade suficiente para ter lembranças. Como era ela?*

Madonna — Linda, muito carinhosa e dedicada a seus filhos, éramos a vida dela.

BIZZ — Você é forte. Com certeza você exala força. Mas a gente nunca sabe...

Madonna — Se é camuflagem?

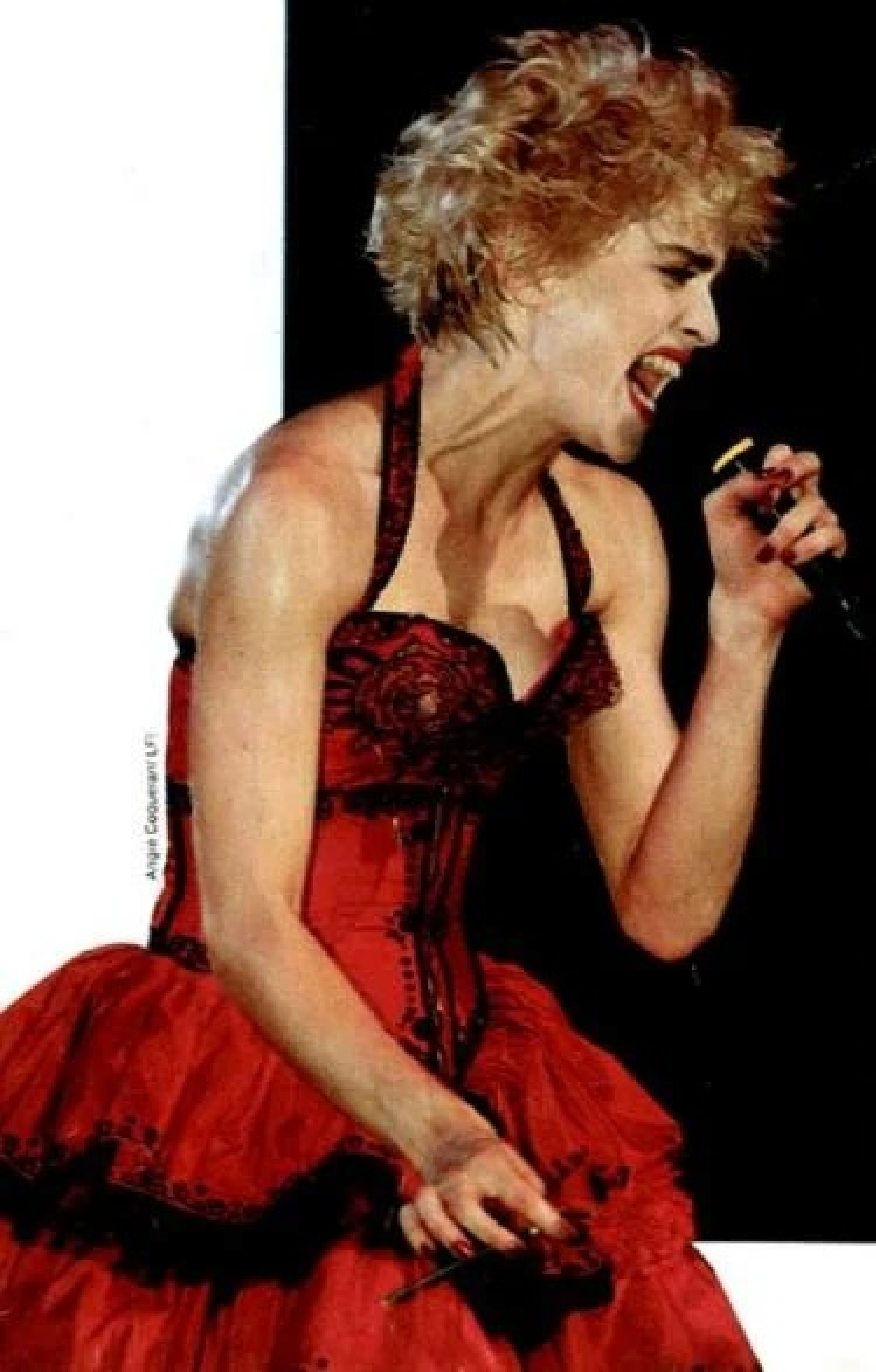
BIZZ — *Isso.*

Madonna — Parte é. Tenho tantas vulnerabilidades quanto forças. Mas as forças superam as fraquezas, eu espero.

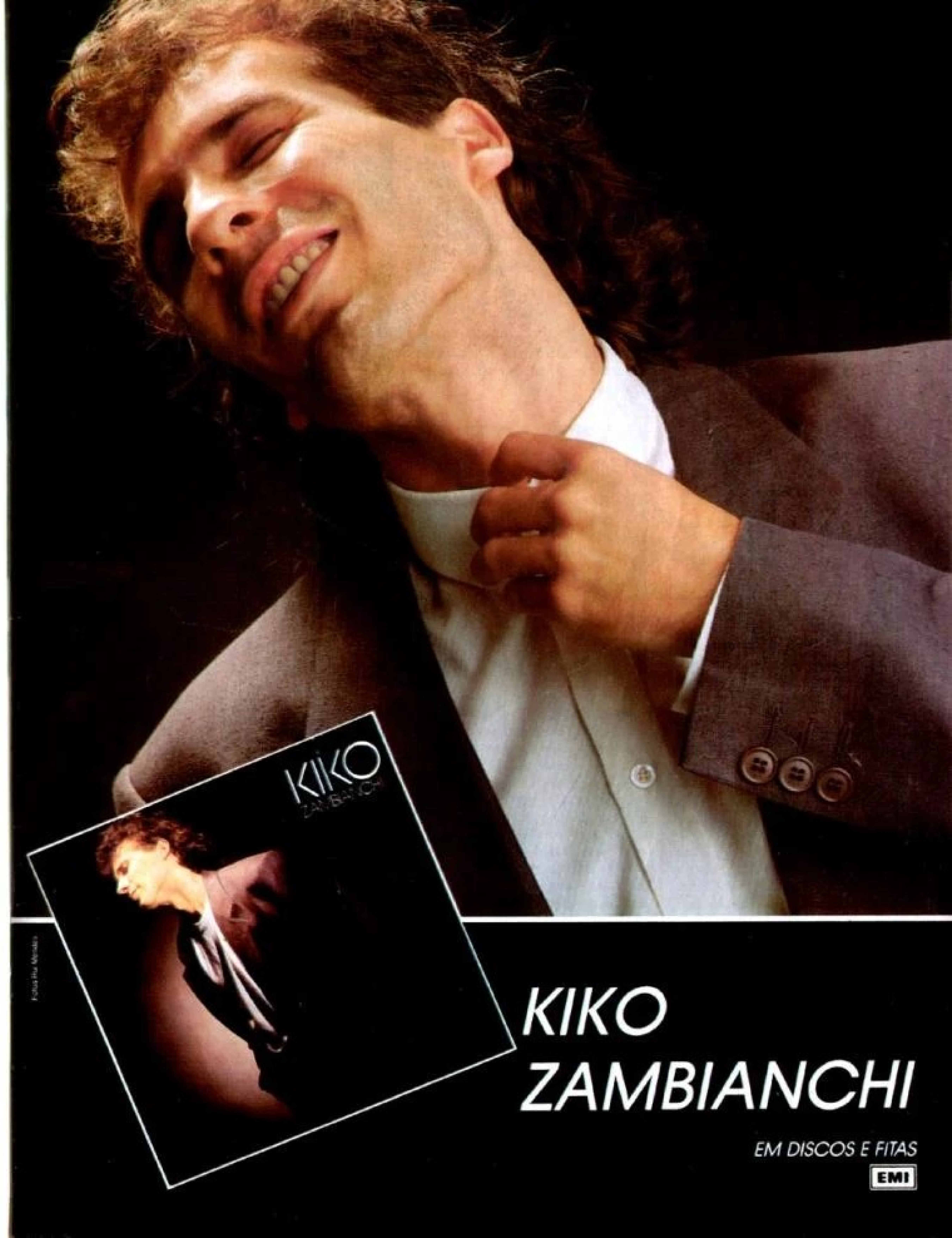
BIZZ — *Falam mal de você em um ponto...*

Madonna — Me parece que em vários...

BIZZ — Yeah!? *Quais são?*



"Dizem que não tenho talento, que não passo de uma armação de marketing... A imagem é importante para abrir a porta, mas é preciso algo mais para que a deixem ficar na sala"



Madonna — Me diga primeiro em qual você está pensando.

BIZZ — *OK. Que você é basicamente uma cantora de uma nota só, que o sucesso é desproporcional à sua voz. Você acha uma crítica séria? Ou isso só a faz rir a caminho do banco?*

Madonna — Acho que sou mal interpretada, não tenho ilusões de que todo mundo vá entender o que estou tentando fazer.

BIZZ — *Parte do mistério?*

Madonna — Exatamente. Assim, as pessoas estão sempre fazendo novas descobertas.

BIZZ — *Não a machucam, então, essas críticas?*

Madonna — Não.

BIZZ — *Mick Jagger disse algo terrível, do tipo ''Madonna é burra''. A implicação era essa, não que suas letras fossem idiotas, mas que você seria idiota...*

Madonna — Sim. Me lembro de ter lido isso em algum lugar.

BIZZ — *Que acha disso?*

Madonna — Coisas que não ficaria bem dizer em público.

BIZZ — *Você o conheceu pessoalmente?*

Madonna — Sim. Já o encontrei, inclusive, depois de ele ter dito isto.

BIZZ — *O que disse a ele?*

Madonna — Nada. Conversamos sobre outras coisas.

BIZZ — *Acha que ele mudou de idéia?*

Madonna — Acho que ele não sentia isso para valer, quando disse. Talvez estivesse me sentindo como uma ameaça.

BIZZ — *OK. Eu disse o que tinha ouvido falar mal de você. Agora é sua vez.*

Madonna — *(Cai na risada)* Deixe-me pensar. Bem, o principal é que não tenho tanto talento assim, que não passa de uma armação de marketing. Obviamente não é verdade. A imagem é importante para abrir a porta, mas é preciso algo mais para que a deixem ficar na sala. Outras críticas? Acho que essa é a principal. Também me chamam de mercenária e oportunista, coisas assim...

BIZZ — *Você fez, uma vez, uma observação: que ''tinha de se manter em movimento, não podia dar muita atenção ao que os outros pensavam de você''. Será isso oportunista?*

Madonna — Chamem do quiserem. Oportunista, para mim, é alguém que agarra o momento e extrai dele o máximo, enquanto dura. Nunca tive a intenção de ferir ninguém.

BIZZ — *E as pessoas pequenas que você esqueceu à beira do caminho?*

Madonna — Elas existem, com certeza. Mas há pessoas demais no mundo para ficar lembrando de todas. As pessoas de quem me lembro são as que valem a pena me lembrar.

BIZZ — *Você diz isso com uma frieza metálica e um brilho gélido nos olhos. Não acho que você seja assim tão fria...*

Madonna — Não sou fria. Mas é verdade. Você também deve ter conhecido muitas pessoas na vida, mas fica telefonando, mandando cartões e presentes de Natal para todas elas?

© Rabani Stills

Madonna, seus *partners* e seu charme bem humorado dão à volta ao mundo com a *Who's That Girl — World Tour 87* (acima GB, abaixo EUA)

© McDougall Oddo Stills

BIZZ — *Alguém já insinuou que você deveria fazer isso?*

Madonna — Bem... não é o que você está insinuando? Que sou fria porque digo que não me lembro de todas as pessoas que passaram pela minha vida? As pessoas que realmente significam alguma coisa para mim, que enriquecem e iluminam minha vida, são as pessoas que ainda estão comigo. As outras são aquelas de quem já tirei tudo que tinham para me dar, e eu as valorizo por isso — ou, então, pessoas que realmente não tinham nada a me ensinar, dá para entender?

BIZZ — *Você é o que sonhou quando era uma garotinha?*

Madonna — Não. Como eu podia ter sonhado tudo isso?

BIZZ — *É melhor?*

Madonna — Apenas maior do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado.

BIZZ — *Se eu soubesse como realmente é, será que desejaria trocar de lugar com você?*

Madonna — Não, não... *(ri).*

BIZZ — *Por que não?*

Madonna — Porque é um trabalhão, mesmo. Não sei. Acho que é preciso um ego muito grande e uma boa resistência à dor, tem de ser viciada no trabalho para continuar, sem parar...

BIZZ — *Dor física?*

Madonna — Dor em todos os sentidos. Todas as dores.

BIZZ — *De onde vêm?*

Madonna — Momentos em que se está cansada e se tem de fazer as malas para mais uma viagem. Quando você dá duro em cima de alguma coisa e ela não sai do jeito que você queria, depois de consumir seu sangue e nervos durante meses.

BIZZ — Shangai Surprise?

Madonna — Sim. Essas dores, mas dá para aprender muito com elas, então vale a pena.

ERROS E ACERTOS

KIKO ZAMBIANCHI

Desde que saiu de Ribeirão Preto, interior de São Paulo e sua cidade natal, muita coisa aconteceu na vida de Kiko Zambianchi. Por ora ele manda seu novo LP inclusive para o exterior. Além disso...

Fotos Rui Mendes

"Chega de balada!", diz Kiko Zambianchi, disposto a virar a mesa. O autor de "Rolam as Pedras" e "Primeiros Erros" — entre outros hits radiofônicos — mergulhou de cabeça na funk music, com a qual já flertava em *Quadro Vivo*, seu LP anterior.

Não é a primeira vez que Kiko ensaia uma mudança. Do garoto recém-chegado do interior àquele que se prepara para o lançamento do terceiro LP, as transformações são flagrantes. Na verdade, ele mesmo faz questão de admitir seus primeiros e segundos erros. Entre o padrão comercial que dominava o álbum de estréia e a sonoridade pós-punk do segundo disco, Kiko fica mesmo é com seu novo trabalho.

A habilidade de Kiko para produzir hits instantâneos não é novidade para ninguém. Mas o que ele tem a dizer sobre o rock brasileiro — um universo onde Kiko atua mais como observador —, e de si mesmo, enquanto artista, compositor e até ator? Vejamos...

BIZZ — *Como é a sua relação com o pessoal do rock nacional? As pessoas te consideram um roqueiro?*

Kiko — Não. Ninguém me considera nada, eu acho *(rindo)*. Acho que sou um peixe fora d'água, porque eu não tenho uma relação musicalmente forte com ninguém. Sou eu, meu irmão, minha banda, e acabou. Eu não tenho acesso fácil a essas pessoas e acho que elas também não estão interessadas. É cada um na sua...

BIZZ — *'Você se considera um roqueiro?*

Kiko — Não. Eu sou meio MPB, uma coisa no meio do caminho. E eu quero ficar aí; já tem muita gente de um lado e de outro. Estou num lugar ótimo, de onde já desapareceu muita gente. Na verdade, é uma ponte — a maior parte do meu público está na faixa dos trinta anos. É aquele pessoal que curtiu rock, curtiu MPB e continua por aí, como eu. Gosto de muitos tipos de música — jazz, MPB, Gil, Caetano, coisas que as pessoas não gostam mais.

BIZZ — *Como você vê a situação do rock nacional hoje?*

Kiko — Atualmente o rock está caído. Não em termos de vendagem, mas ele saiu de evidência, saiu das rádios. A gente tinha uma relação muito forte com vários grupos e hoje eu não encontro ninguém — ninguém encontra ninguém. As rádios não tocam mais rock e as gravadoras se desinteressaram. A verdade é que a grana que rola para tocar os bregas é muito grande. Nenhuma gravadora vai investir tanto assim no rock, numa banda nova, como se investiu um tempo atrás, quando surgiu todo mundo: eu, Paralamas, Legião, Titãs... Hoje as bandas que estão começando estão com muito menos chance. O rock começou a ficar muito inglês! E não há quem agüente chorar por muito tempo. Depois de cinco anos, o público não agüenta mais só música pra baixo.

BIZZ — *E o que vem agora? Você acha que o rock se levanta?*

Kiko — Bem, os discos de rock continuam vendendo. E agora devem sair muitos discos bons. A verdade é que antes, nos finais de ano, eram esperados os discos de Caetano, Simone, Gal, Gil, e hoje em dia já se espera um disco do Legião, do Paralamas... Essas bandas já conquistaram um nome quase tão grande quanto os antigos astros da MPB.

BIZZ — *Como você viu essa série de shows internacionais no Brasil? Isso foi importante para o nosso rock?*

Kiko — Em termos musicais não acrescentou nada, porque o que veio a gente já conhecia e o que não conhecíamos não foi muito diferente do que se esperava.

BIZZ — *Não acrescentou nada também para o público? Ele não pode passar a exigir mais dos grupos nacionais?*

Kiko — Ou exigir menos. Na verdade, muita gente que veio pra cá decepcionou. Por exemplo, eu estava ouvindo o show do Echo pelo rádio, e o cara desafinava o tempo todo no vocal. E ninguém falava nada, ficava todo mundo repetindo: "O Echo é bom..." Eu sou músico, pô! Tenho ouvido. Então é bom a gente ver que lá fora desafinam, também, e que não é nada tão espetacular assim. Não sei quantos discos o Bolshoi vende lá fora. Vinte mil, trinta mil? Menos do que eu!?! Isso o público brasileiro não sabe. Aí fazem uma promoção no rádio, a música do cara é tocada direto, e eles falam: "Essa banda aí vai vir pra cá..." E todo mundo enche o bolso, quando, na verdade, o show saiu muito mais barato do que tudo o que tem no Brasil.

BIZZ — *Enquanto isso, o Cólera e os Paralamas fazem sucesso lá fora...*

Kiko — É isso! O Cólera faz o maior sucesso lá fora e ninguém fala nada no Brasil. Quem fala é a BIZZ e acabou. Ninguém faz nada com os caras, o público fica sem saber. De repente, o Cólera faz mais sucesso do que o Bolshoi lá fora. Pô, vamos dar valor para o que tem aqui, deixar nascer gente boa. Vamos deixar o cara fazer sucesso. Isso é bom para o país. Aqui, eles criam os ídolos e não sabem o que fazer com eles.

BIZZ — *Como o RPM.*

Kiko — É, o RPM... Por que o Paulinho não se torna, sei lá, um ídolo...mundial? Por que não??? Se ele conseguir, tenho certeza de que eu e outros do Brasil vamos ter muito mais chance. Tem que torcer para essas coisas acontecerem, não torcer contra. Aqui, você faz um disco, e as pessoas não param para ouvir. Elas pensam: "Ah, esse cara não é legal..." Como, não é legal? Esse meu disco, por exemplo. Se ele for ouvido sem preconceito, sem pensar nos meus trabalhos anteriores, vai surpreender muita gente. Acho que errei muito nos outros discos. Nesse eu também errei, mas muito menos. Eu tenho certeza de que esse disco tem tudo para acontecer, inclusive fora do Brasil. Eu acho até que é um disco mais para fora do que para dentro do país. Na América Latina e em Portugal o meu trabalho já é conhecido há tempos. Tem um lance também com um pessoal da Chrysalis, uma gravadora inglesa — eles vieram aqui, chegaram na Odeon, ouviram o *Quadro Vivo* e gostaram. Eles levaram o disco para lá, mas não sei o que vão fazer com ele.

"Se esse disco for ouvido sem preconceitos, com certeza surpreenderá muita gente"

BIZZ — *Vamos falar do disco novo, então. Dá para perceber que tem menos baladas...*

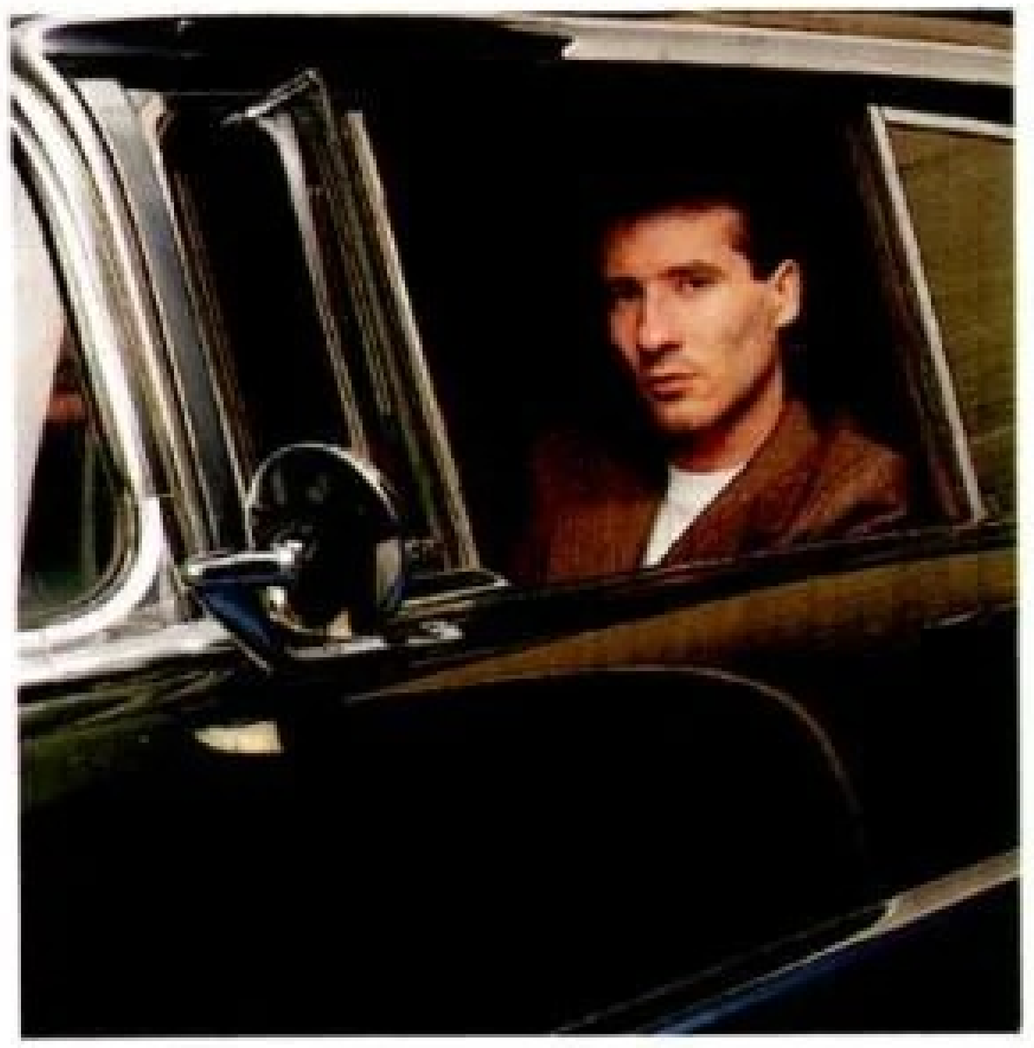
Kiko — Chega de balada! Chega de chuva! Eu gosto de balada, entendeu? Mas balada eu já fiz, eu já sei que tem público para isso. Seria muito fácil pegar outra música tipo "Primeiros Erros" e todo mundo falar: "Que música bonita!", mas... e o desafio?

BIZZ — *O disco também está mais para o funk, bem dançante. Você acha que esse é o caminho?*

Kiko — Eu já fazia funk em Ribeirão, com o meu grupo, o Vida de Rua. O que a gente mais tocava era funk. Mas o funk que eu faço é diferente — não é rap, é uma coisa com melodia, harmonia... Eu ainda não vi ninguém fazendo esse som no Brasil. Tem o Tim Maia, mas aí já é outra coisa.

BIZZ — *Desta vez, você resolveu colocar mais metais.*

Kiko — Coloquei tudo mais. O disco está muito mais trabalhado. Eu cansei um pouco de bateria, baixo e



A última cantora a procurar Kiko para pedir uma música foi ninguém menos que Xuxa

guitarra. Eu acho que quanto mais você puder enriquecer um arranjo, melhor. O que acontece, também, é que eu fiz esse disco pensando no show. Do ano passado pra cá, eu fiz vários shows por todo o Brasil. Era um show ainda do *Quadro Vivo*, mas com músicas e arranjos novos, e ficou muito legal. As pessoas chegavam pra gente e falavam: "O show é muito melhor do que o disco", e era verdade. Então eu peguei essa mesma banda — que havia sido montada para o show e comecei a ensaiar as músicas do novo disco. Isso foi ótimo para o LP.

BIZZ — *Você co-produziu* Quadro Vivo, *ao lado do Mayrton Bahia. Você não quis participar da produção do novo disco?*

Kiko — Não. Deixei tudo na mão do Luiz Carlos Maluly. Com ele, consegui fazer tudo o que queria ter feito antes. Quer dizer, no *Choque* eu não participei de nada — eu tinha acabado de chegar, caipira de Ribeirão, não sabia até onde eu poderia ir. No *Quadro Vivo* eu já me senti mais à vontade. Mas também não consegui tirar o som que eu queria, não gostei do resultado final. Agora parece que achei o que eu estava procurando. Fiz o disco como queria, sem me preocupar com o que vai tocar ou não no rádio. É comercial, mas tem qualidade.

BIZZ — *Fale um pouco sobre a faixa "Limousine"...*

Kiko — Essa música eu fiz quando a gente já estava gravando a parte final do disco. Ultimamente eu estou com mania de ouvir AM — aqueles programas tipo Eli Correia —, e fiz uma fita só com essas coisas. Aí, como a música tinha todo esse lance de carro, eu resolvi colocar um som de rádio, como se o cara estivesse ouvindo dentro do carro. É uma notícia horrível: "...currada por três padres... com o auxílio de três monjas dominicanas e cinco fiéis... a vítima é uma garota de 17 anos..." É um absurdo! Mas, na verdade, esta é a realidade brasileira. A gente vive num determinado meio e nem imagina o que é o Brasil realmente. É barra!

BIZZ — *Você já teve composições gravadas por gente do rock e da MPB. Como está esse seu trabalho como compositor?*

Kiko — Os cantores e intérpretes continuam me procurando bastante. Muitos deles demoram para lançar seus discos porque não têm o que gravar. Mas eu não acho que as minhas composições se encaixem bem com as pessoas em geral. Há coisas mais recentes: o Ritchie gravou uma composição, a Zizi Possi, a Xuxa...

BIZZ — *A Xuxa?*

Kiko — É, ela vai gravar uma música minha no próximo LP. É estranho você ver outra pessoa cantando sua música. Não teve nenhuma música minha, até agora, que eu achasse que gravaram como deveriam...

BIZZ — *Você tem circulado pelo underground paulista? O que você viu de novo?*

Kiko — O que eu vi ultimamente foi o Luni — genial, eles são demais. E só. Eu gosto de fuçar por aí, mas atualmente eu não tenho visto muita coisa. Eu gosto muito dos punks, do Cólera, principalmente. Eu acho que o Brasil é o país que mais justifica o surgimento dos punks *(rindo)*. Acho que o punk brasileiro é um dos mais autênticos que existe no mundo.

BIZZ — *Quais são os planos para o futuro? Soube que você foi convidado para fazer um filme...*

Kiko — Eu estou montando uma banda para uma série de shows, começando ainda neste ano. Quero chamar alguns músicos de jazz para tocar comigo; gente competente, com quem eu possa contar para um arranjo, por exemplo. Os nomes ainda não estão definidos. O lance do filme foi um convite da Suzana de Moraes. Eu vou fazer o papel de um músico estrangeiro que vem para o Brasil e é convidado para fazer um filme. Deve começar a ser rodado no final do ano. Eu e o Fé *(do Capital)* fomos convidados para fazer a trilha sonora da peça *Blecaute*, do Marcelo Paiva. Mas eu gosto mesmo é de cinema, sou a fim de fazer tudo. Já tenho até umas idéias para uns roteiros...

Marisa Adán Gil

CABRA CEGA

"A Forest", Cure
The Cure! Eu gosto dessa música. Ela tem o mesmo ritmo de uma música minha, "Justiça". Eu não lembro o nome, acho que é "Forest". Essa não é a gravação do disco preto e branco? Eu gosto mais da gravação ao vivo. Isso está muito marginho, muito mal gravado.

"Gatos", Anjo Caído
Parece o Cure, de novo. Não é uma versão de uma música do Cure? Acho que é. O arranjo é bem diferente. Não gostei disso.

"On Some Faraway Beach", Brian Eno
Eu não conheço, mas se continuar só nisso vai ser um saco! Philip Glass deve adorar isso. Não sei se é dele, mas deve ser um puta lance que a crítica ama. Eu acho muito brega.

"Garotas que Erraram", Akira S & As Garotas que Erraram
Ih! Perdeu a virgindade? Puta, foi nesse exato momento? Legal isso! O começo eu gostei. Não sei o que é. Quem faz essas coisas bem, essa mistura, é o Akira. Se essa música não tivesse letra, seria bem melhor.

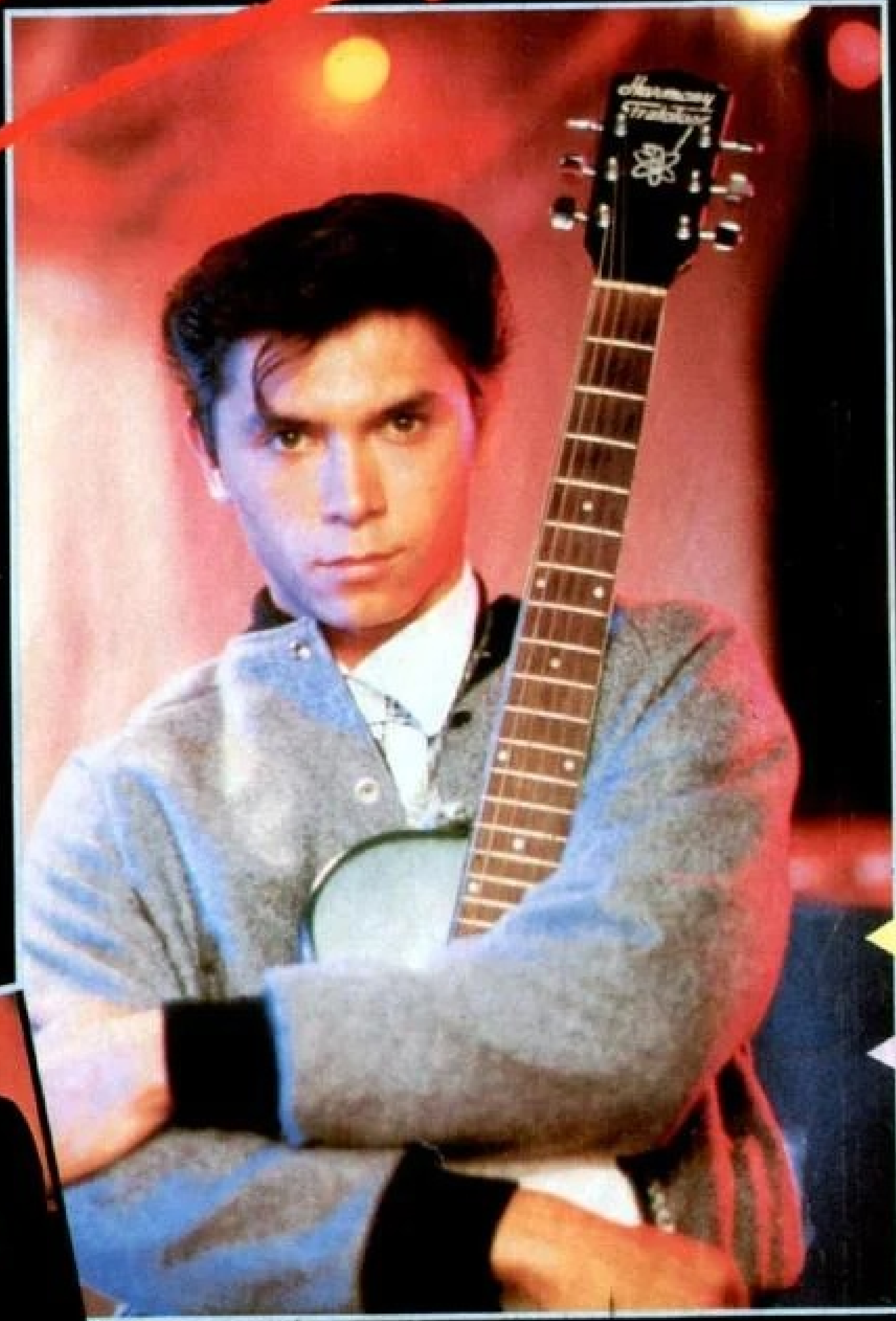
"(Sittin'on) The Dock of the Bay", Otis Redding
Deve ser alguma coisa antiga. Poderia ser Marvin Gaye, mas acho que é mais antigo. Eu gosto desse tipo de som.

"Debaixo das Palmeiras", Joelho de Porco
Se não for Joelho de Porco é Joelho de Porco. Muito legal, isso!!!

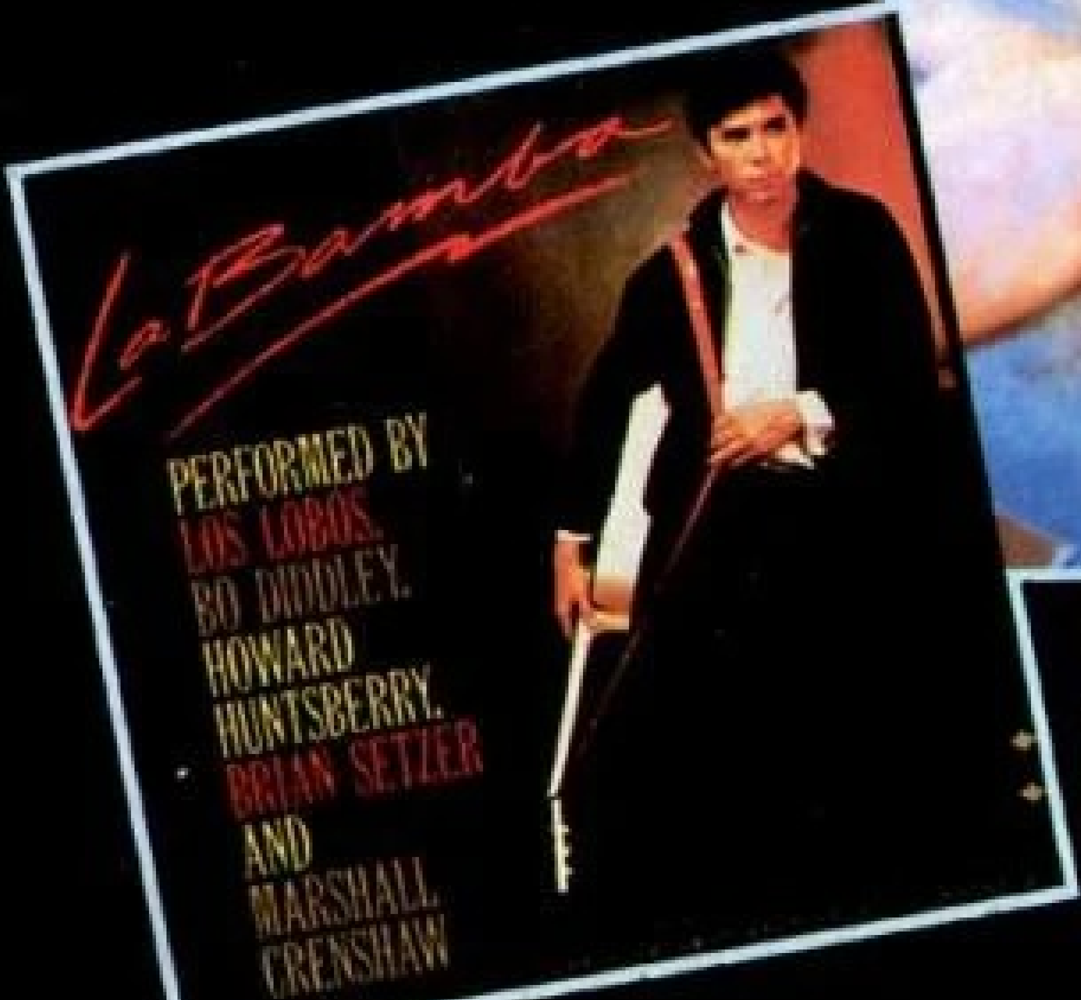
"Cherry oh Baby", UB 40
(Cantando) Eu já ouvi isso, eu sei o que é. Isso é uma música que os Rolling Stones gravaram, também. Eu adoro essa música, mesmo porque eu adoro Stones.

200 MIL BAILAM

La Bamba



O LP La Bamba, trilha sonora do filme, está chegando à marca das 200 mil cópias vendidas no Brasil. Isso significa que La Bamba já garantiu Disco de Ouro e está pronto para receber o Disco de Platina. Puxado pelo grupo Los Lobos (gravou 8 das 12 faixas), o disco venceu porque respeitou o rock. Rock básico, sem firulas, purpurinas. Quem está bailando La Bamba assina embaixo.



Gravado e mixado em processo digital, La Bamba conta essa louca história com os seguintes personagens:

Los Lobos, Bo Diddley, Howard Huntsberry, Brian Setzer e Marshall Crenshaw.

Em discos e fitas PolyGram

DESCUBRA A MAGIA DO SURF

O CONTATO É DIRETO. A FORÇA É IMENSA. A ADRENALINA É TOTAL. TUDO É E ESTÁ EM MOVIMENTO. CADA MOMENTO É ÚNICO, ESPECIAL. SERÁ QUE DEU PARA EXPLICAR POR QUE O SURF É O ESPORTE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO?

REVISTA FLUIR

SURF É FLUIR

TITÃS

FLAGRADOS NO ESTÚDIO

Fotos Rui Mendes/Azul

Foram seis semanas que os Titãs estiveram trancados no estúdio Nas Nuvens, no Rio de Janeiro, gravando seu quarto LP, *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas*. Não foi tarefa fácil preparar um sucessor no mínimo à altura do *Cabeça Dinossauro*, aclamado pela crítica (foi eleito o melhor disco de 86 pelos especialistas de BIZZ) e pelo público (ultrapassou a marca das mil cópias vendidas). *Thomas Pappon* subiu ao Olimpo para ver tudo de perto, em dois momentos: logo na primeira semana de gravação, onde o espírito reinante era de fé no repertório mas de incerteza quanto ao produto final, e algumas semanas depois, quando o disco estava pronto, e o clima era de entusiasmo total. Os Titãs certamente já não são mais os mesmos, depois das experiências que tiveram nestes cinco anos de convivência, com quatro processos de gravação e tantas maratonas de shows. Em seus relatos eles expõem as marcas mais profundas deixadas pelo passado, atestam que agora estão mais unidos do que nunca...

PARTE I

FUGINDO DO *CABEÇA*

(08/09/87)

BIZZ — *O método de composição de vocês mudou para o novo repertório? São criações coletivas?*
Branco — Eu acho que nesse disco as parcerias são mais amplas. Tem músicas com três, quatro ou cinco autores. Tá mais mesclado. Isso foi legal. Pintaram novas parcerias. Tem músicas do Charles...
Sergio — A gente tá tentando dar mais ênfase à unidade do repertório, arrumando os arranjos de uma forma que não pareça que são duas ou mais bandas tocando num mesmo grupo. Inclusive agora, no estúdio, estamos escutando os arranjos para não exagerar.
BIZZ — *Vocês improvisam muito no estúdio? Chegam a criar no estúdio?*
Branco — Compor no estúdio, geralmente, não. A gente já chega com quase 90 por cento do material fechado, já pronto. Aqui só acrescentamos alguma coisa em cima disso. Nunca chegamos a mudar alguma música, radicalmente, no estúdio.
Sergio — Uma coisa ou outra acaba mudando porque você vê o arranjo com mais clareza.
Branco — A gente fica todo o dia no estúdio. Não tem sessões para outras bandas. A gente fica ouvindo o som até um estágio impossível de ser atingido num ensaio.
Arnaldo — Tem detalhes de arranjo que eu ouço aqui agora, que não reparava nos ensaios...
BIZZ — *Então ficam sempre todos os Titãs no estúdio?*
Arnaldo — Todos. Enquanto uns gravam, outros assistem, dão palpites.
BIZZ — *Vocês estão percorrendo algum novo caminho musical? Têm novas influências?*
Sergio — Poderia dizer que agora tentamos fazer uma coisa um pouco mais refinada do que *Cabeça*, mas ao mesmo tempo isso pode ser mal-entendido, porque continua sendo um som que é muito simples. É uma coisa que tem uma depuração maior, os arranjos foram mais bem pensados e repensados, até que chegássemos ao que *deveria* ser. Uma coisa bruta que depuramos. O *Cabeça* era uma coisa muito mais bruta mesmo. Não é algo que você possa dar uma explicação tipo "a gente tá escutando mais isso" ou "a gente quer fazer parecido com aquilo"...
BIZZ — *Entre a gravação de um disco e outro sempre vão pintando novidades musicais aqui e lá fora que, de certa forma, acabam influenciando o trabalho das bandas. Pintou o hip hop, hoje tem mais funk na parada...*
Sergio — Uma coisa que nós tivemos o cuidado de não fazer, foram funks muito estereotipados. É uma coisa que ficou muito vulgarizada. Todo mundo faz funk, acaba fazendo funk de qualquer jeito, e isso acaba com a identidade, com a riqueza.
Branco — A gente toca funk desde o primeiro disco. Acho que nessa busca por uma unidade de repertório, alcançamos um estágio onde os funks têm a ver com rocks pesados. É um funk meio pro lado dos Titãs mesmo, sem outras referências.
Arnaldo — É difícil apontar uma influência única nos Titãs, algo que tivesse indicado o caminho do nosso som. Acho que nosso caminho é o resultado do nosso trabalho mesmo. Eu, por exemplo, tenho ouvido muito reggae ultimamente, mas esse nosso próximo disco é o primeiro que não tem nenhum reggae...
BIZZ — *Vocês, como indivíduos, são obrigados a fazer concessões para o resto do grupo, ou seja, desistir de idéias próprias, como por exemplo, incluir um reggae ou não no próximo disco? O que determina o rumo dos acontecimentos? Voto? Discussões exaustivas?*
Arnaldo — Isso sempre é difícil. Como, por exemplo, na formação do repertório. Todos compõe e têm um material grande. É uma coisa difícil de ser resolvida, sempre.
Branco — Mas, geralmente, seguimos uma tendência estética da maioria. A cara do disco é mais ou menos o que a maioria quer levar adiante. Os caras que não estão muito naquela praia a nível de composição, acabam ficando mais afastados nesse sentido.
BIZZ — *Nunca pintou uma situação de impasse?*
Todos — Sempre pinta!
Branco — Não tem muita regra. Cada caso acaba sendo um caso. Tem música que todo mundo adora só que não dá certo, por alguma razão. Se tem dois caras que não estão satisfeitos, a tendência da música é sair fora. Nesse disco nós tentamos fazer com que todas as músicas tivessem aprovação de cem por cento dos integrantes. O concenso foi quase absoluto. Antigamente isso não acontecia. Cada um chegava e colocava sua parte, e às vezes ficavam até coisas conflitantes no mesmo disco. Agora não. Lutamos para que não pintasse mais esse tipo de contradição.
BIZZ — *É comum em grupos de rock que as relações internas deteriorem já que, com passar do tempo, os interesses mudam, as visões vão divergindo. Vocês são oito e estão juntos há mais de quatro anos. Como vai a relação interna dos Titãs?*
Sergio — Cada vez que você vai selecionar um repertório, as diferenças aparecem. Você tá tocando junto mas tá ouvindo outras coisas — e não necessariamente com pessoas do grupo. E é bem nesse momento de escolha do repertório, onde você vai ver que tipo de som vai fazer, que isso acontece. E cada vez acontece mais forte. Se dá certo é uma coisa muito boa, porque acho que o produto de todo esse conflito é uma coisa muito rica. Se as oito pessoas estão de acordo com o resultado final, você tem uma coisa muito rica. Mas também pode acontecer de dar tudo errado. Foi muito difícil a gente selecionar esse último repertório. Muito mesmo, a ponto de todo mundo ficar meio grilado com isso, se perguntando se deveríamos continuar juntos ou não, se a gente tinha mesmo a ver.
Nando — Essa lance de relação de um grupo não chega a ser uma coisa cíclica, mas oscila muito. Você tem períodos onde um cara fica numa situação limite, e a barra fica mais pesada. A única resposta que tenho a dar é que isso exige um puta cuidado. Se você quiser descambar, você descamba. Num grupo com muitas pessoas existe muitas diferenças, muitas coisas que podem se tornar maçantes se você não souber minimizar as diferenças. Às vezes dá uma puta vontade de ter menos gente na banda. Seria mais fácil, a respiração seria mais tranqüila. Estamos num emaranhado de problemas, de diferenças.
Arnaldo — Essas dúvidas sempre eclodem nesses momentos. Mas uma vez que você passa por esse "cabo das tormentas", passa pelo momento de definir o repertório, e parte para o estúdio, aí pinta uma outra fase. Fica tudo legal.
Branco — Parece incrível isso. Depois de cinco anos numa banda onde todos compõem, enfrentando todas essas dificuldades, nós estamos na melhor fase dos Titãs como um grupo. Temos diferenças, mas estamos na nossa fase mais tranqüila, coisa em que eu não acreditava a um tempo atrás.
BIZZ — *Como foi o período de shows do Cabeça Dinossauro?*
Nando — Antes do *Cabeça* eu tinha uma relação romântica com shows. Pra mim, cada show era uma grande alegria. Agora vejo isso de maneira diferente. Fazer show é um puta trabalho pesado, exige muito de você.
Marcelo — Tem coisas chatas que cercam um show. Passar o som, que é uma coisa demorada. É uma coisa normal, mas é uma coisa chata que você tem que fazer. Quando você tá lá em cima tocando, é bom. Você curte fazer aquilo, você tem resposta do público. É uma experiência, uma novidade. Mas o que cerca o show, as condições, ter que acertar o som... É sacal fazer o show acontecer, quando ele tá rolando, é outro papo.
BIZZ — *A resposta do público tem sido sempre positiva?*

Branco — Já tivemos problemas, em Belém.
Sergio — O pessoal lá fica muito violento. Jogavam umas coisas. Um cara jogou uma lata de cerveja no Nando, e ele levou uns pontos.
Branco — Mas o show lá foi uma coisa forte.
Arnaldo — Mas problemas de toda ordem, todo mundo que faz rock no Brasil enfrenta. A tendência da gente é tentar ter cada vez menos problemas, o trabalho vai caminhando nesse sentido. A gente já passou por toda espécie de problemas nesses últimos quatro anos.
BIZZ — *E seus problemas com a justiça, já foram resolvidos?*
Arnaldo — Eles estão pendentes, ainda não foram resolvidos. Estou esperando a publicação do acordão (*N. da R.: Decisão de um Tribunal, referendando ou revogando a sentença de um juiz*) e o julgamento de um novo recurso.
BIZZ — *Vendo os títulos das músicas novas, me parece que as temáticas seguem a linha do Cabeça...*
Sergio — A temática segue sim. Mas o tratamento é bem diferente, de certa forma. Até mesmo em termos de temática, pensando bem. O *Cabeça* tinha uma coisa que a crítica toda apontava, essa história das instituições, letras críticas voltadas para o social, enfim... Esse disco não. Ele fala muitas coisas pessoais. Músicas que falam sobre amor, sexo. O enfoque é bastante diferente, apesar de algumas terem uma coincidência temática grande com o *Cabeça*.
Arnaldo — Também a maneira de dizer as coisas mudou. O *Cabeça* tem um unidade muito grande na forma das letras serem construídas. Essa coisa de ser bem direto, cru. Esse disco novo não. Tem algumas músicas mais discursivas, outras bem cruas, enumerativas como no *Cabeça*. Tem uma música que é toda metrificada. "Infelizmente" que é outro tipo de barato. É uma maneira bem singular. Acho que tem mais variação na maneira de construção das letras. E no geral essa maneira de construção é bastante diferente da maneira como as letras foram construídas no *Cabeça*.
BIZZ — *E no geral vocês acham que este disco está melhor do que o Cabeça?*
Arnaldo — A gente sempre acha isso. Eu, pelo menos, acho.
Branco — Eu também. Sintetizando essa diferença entre este trabalho e o *Cabeça*, eu sinto esse disco mais ligado a uma coisa interior mesmo. Esse disco é mais pessoal, mais pra dentro...
Arnaldo — O *Cabeça* foi um disco que pra gente foi uma coisa completa, que nos deixou bem satisfeitos. A gente teve um cuidado para que, ao mesmo tempo em que queríamos preservar de certa forma alguma coisa do universo do *Cabeça*, não fizéssemos um *Cabeça II*. Era como conjugar uma vontade de fazer algo diferente com a vontade de manter o que satisfazia a gente naquele disco.
Branco — Na verdade, o *Cabeça* ainda tem muito a ver com a gente. Acho que no show novo vai ter muitas músicas do *Cabeça*.
BIZZ — *E esse título, Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas?*
Arnaldo — É de uma música do Nando. A letra dela é só esse verso. E a gente escolheu a frase para ser o título do disco.
Sergio — A gente queria um título bem marcante, acho que essa frase é marcante.

"Em Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas, *tivemos cuidado para que, ao mesmo tempo em que queríamos preservar alguma coisa* do Cabeça Dinossauro, *não fizéssemos* um Cabeça II..."

É muito rica em termos de interpretação. É muito denso, eu acho. Fora o impacto da frase.
BIZZ — *É um nome bem ousado...*
Sergio — É meio provocativo, né?
BIZZ — *Vocês estão preparados para enfrentar reações adversas?*
Branco — Não só em relação ao título do disco como também às músicas. Elas sempre geram essas coisas...
Sergio — Tomara que não! Acho que não tem muito motivo para isso.
Arnaldo — Essa capa também tem uma coisa interessante. É a primeira vez que a gente usa uma imagem da Grécia Antiga para fazer associação com o nome Titãs. Nunca usamos esse dado antes.
Branco — A capa parece meio uma boca enorme também...
BIZZ — *A partir do Cabeça vocês assimilaram o uso do ritmo eletrônico. Houve alguma outra assimilação de novidades tecnológicas, mais recentes?*
Toni — A gente foi pra Nova York um pouco antes de começar a gravar, para comprar equipamento. Eu fui comprar uma guitarra Jackson, um instrumento que me interessava. É uma guitarra moderna que mantém a afinação, tem um puta som. Nesse sentido acho que todo mundo se equipou melhor.
Marcelo — Principalmente pra show ao vivo. Essa coisa de afinação das guitarras é um drama. Essas guitarras têm um sistema de trava que é fudido. Pelo menos evoluímos neste sentido, acabamos com esse problema.
Toni — No estúdio, se você não está satisfeito com o som da Jackson, pega uma Stratocaster, e tira um puta som.
Charles — Acho que a gente evoluiu como instrumentista, a nível da execução. Desde que a gente gravou o *Cabeça*, em abril/maio do ano passado, a gente fez um ano de shows, sem interrupções. Tocando todo fim de semana. No mínimo eram três shows por semana. Isso permitiu que evoluíssemos. Esses shows, na verdade, funcionaram como treinamento. E, em Nova York, todo mundo se equipou.
Toni — Nós não só evoluímos no sentido de executar melhor as coisas, mas também no de *conceber* melhor as coisas. Conseguir resultados mais possantes, mais definitivos.

Paulo — Eu trouxe um sax tenor. Antes só tocava sax alto. É algo que, a exemplo da

ARNALDO ANTUNES
vocal

nome completo: ***Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho***
idade: ***27 anos***
preferências musicais: ***James Brown, reggae ("especialmente o Junior Marvin"), Talking Heads, sambas antigos e cancioneiro dos anos 50 ("Lamartine Babo, Noel Rosa, Mário Reis, Ismael Silva, Lupicínio Rodrigues. Adoro este universo")***

BRANCO MELLO
vocal

nome completo: ***Joaquim Cláudio dos Reis de Mello Branco***
idade: ***24 anos***
preferências musicais: ***vários discos dos Stray Cats, Talking Heads, Doors, James Brown, Echo & the Bunnymen, Fats Waller e Clementina de Jesus ("ela super me influenciou!")***

PAULO MIKLOS
vocal, sax

nome completo: ***Paulo Roberto de Souza Miklos***
idade: ***28 anos***
preferências musicais: ***funk, Thelonius Monk, Steve Reich, Sonic Youth***

NANDO REIS
baixo, vocal

nome completo: ***José Fernando Gomes dos Reis***
idade: ***24 anos***
preferências musicais: ***Led Zeppelin, reggae, Bob Marley & the Wailers ("gosto muito do baixista, o Aston Family Barrett") e Sly & Robbie ("principalmente o novo LP, Rhythm Killers")***

SERGIO BRITTO
teclados, vocal

nome completo: ***Sergio de Britto Alvares Affonso***
idade: ***27 anos***
preferências musicais: ***canções do Luiz Melodia, 1999, do Prince e Big Science, de Laurie Anderson***

TONI BELLOTTO
guitarra

nome completo: ***Antonio Carlos Liberatti Bellotto***
idade: ***27 anos***
preferências musicais: ***Clash ("o LP Combat Rock"), Muddy Waters, Tom Verlaine, Screamin, Blue Messiah, John Lee Hooker e o LP Exile On Main Street dos Rolling Stones***

MARCELO FROMER
guitarra

nome completo: ***Marcelo Fromer***
idade: ***25 anos***
preferências musicais: ***Steve Ray Vaughan, Clash e o X ("sou fã da levada simples e eficiente do guitarrista deles")***

CHARLES GAVIN
bateria

nome completo: ***Charles Gavin***
idade: ***27 anos***
preferências musicais: ***Led Zeppelin, heavy metal, punk, "som pesado em geral". Seus bateristas prediletos são Neil Peart (do Rush), Stewart Copeland e Budgie (Siouxsie & the Banshees)***

Agência O Globo

Rio de Janeiro, junho deste ano. Branco e Arnaldo se juntam à irmã de Lobão, Glória, num esforço conjunto de vários amigos pela liberdade do artista

bateria eletrônica, para encontrar seu lugar na sonoridade da banda, leva um tempo.

Marcelo — Pra falar a verdade, nós estamos começando a usar todo esse equipamento que trouxemos só agora, no estúdio.

BIZZ — *Vocês estão curtindo mais esse trabalho com o Liminha?*

Sergio — Estamos.

Branco — Ele é um grande produtor.

Arnaldo — Perfeito.

Toni — Acho que nosso relacionamento tá até melhor do que no outro LP. Ele tá mais radiante.

Nando — A gente tem um nível de liberdade e cumplicidade que é uma puta coisa importante, que rende em dividendos, em melhorias. Principalmente em relação à outra gravação. Pô, naquela época o Liminha era um estranho para mim. Eu não sabia como é que eu ia me entender com o cara. Esse tipo de coisa, da relação pessoal, acaba sendo uma coisa que interfere pra caralho. Posso até estar falando besteira, mas acho que o lance dele ter ido pra Inglaterra para produzir o Sigue Sigue Sputnik, foi uma coisa que mudou o cara.

Sergio — Ele tá muito empenhado em fazer uma coisa supercorreta, supereficiente. Acho que isso é uma coisa que tem no rock inglês. Ninguém se mete a tocar mais do que sabe. Não tem fuleiragem no som, entendeu? Não tem virada malfeita. É aquela coisa de optar pela solução mais simples, mais precisa.

BIZZ — *Isso não é muito honesto, sob certo ponto de vista. Se você vai gravar uma banda ruim, com instrumentistas ruins, pode estar criando um produto falsificado ao querer tudo certinho.*

Sergio — Está certo isso que você está falando. Mas acho que isso depende de cada caso. Você pode querer fazer um som onde exatamente esse seja o ponto legal, a incorreção, no caso. Mas no nosso caso, pra esse disco, foi bom o que o Liminha tá querendo fazer, tá batendo com o que a gente quer. Nosso som é econômico, as coisas precisam ser bem-feitas.

Marcelo — Em certa época a gente tinha a preocupação com o fato do Liminha ser um puta músico. Em função disso, ele chamou a gente para simplificar nosso som. Em algumas músicas a gente tinha a ilusão de estar fazendo algo evoluído, mas na verdade aquilo era um rococó, entendeu? Aí o cara falou "pra que isso, bicho?".

Toni — Teve uma frase antológica dele: "Pra que vocês querem parecer com o Yes? Vamos tocar rock'n'roll!".

BIZZ — *Por falar em produção, como foi o trabalho com o Detrito Federal, Charles?*

Charles — Eu fui convidado por eles. No começo não entendi bem porquê. Depois descobri que era uma coisa de identidade musical. Eles descobriram que eu gostava do mesmo tipo de som que eles gostavam. Eles acharam que eu poderia ajudá-los a fazer o que eles estavam querendo. O pessoal do estúdio, o estúdio B da Polygram, na Barra, se dedicou ao máximo. Todo mundo deu o máximo de si. Quando a fita ficou pronta, vi que não era uma obra-prima de engenharia de gravação, mas tinha seus ingredientes bons, a energia do som deles, uma coisa meio suja, de garagem, pesado. Eu tinha uma cópia da fita mixada, que levei para casa e mostrei para algumas pessoas. Todo mundo falava "pô, tá pesado, não é uma obra-prima, mas tem som!". Aí quando recebi o disco em casa eu chorei de descontentamento. O corte feito na Polygram assassinou o disco! O disco não tem som! É uma coisa estapafúrdia, absurda, mataram o disco dos caras. Então tive uma reunião com o grupo, eles tavam superchateados, perguntado o que tinha acontecido. Mais tarde fui averiguar, conversei com outros engenheiros, e descobri que o corte é responsável por setenta por cento da qualidade do disco. O corte feito do disco do Detrito Federal é lamentável. Penso que eles reduziram os picos de gravação. Os caras achataram o som. É bom que você publique isso! Tanto os ouvintes como os críticos têm que saber disso. Eles vão ouvir o disco e ver que ele não tem som. E a culpa não é nem de quem gravou e nem do grupo, é de quem fez o corte!

BIZZ — *Há certo tempo rolou um papo de que talvez fossem lançados discos com trabalhos feitos por duplas formadas por integrantes dos Titãs. Que história é essa?*

Sergio — Tem essa história de todos comporem etc etc. Tem gente que começou a desenvolver outros trabalhos, e a gente teve vontade de gravar essas coisas. A gente falou com o André Midani (*presidente da WEA*). Ele falou que é uma possibilidade que existe. Mas é uma coisa que está muito no germe.

Marcelo — Acho superlegal a proposta de fazer isso, acho que é bom pra todo mundo. Pra achar tempo pra fazer isso é que é duro.

Charles — E se nós gravássemos esses discos não haveria show promocional.

Arnaldo — O que realmente existe é a possibilidade de acontecer trabalhos paralelos dos integrantes dos Titãs, dentro da WEA. E todos têm materiais diferentes, que não caberiam nos Titãs.

BIZZ — *As ambições de todos os integrantes continuam sendo musicais mesmo?*

Todos — É.

Branco — Por acaso todos têm isso de atividades paralelas. Também em outras áreas — escrever, por exemplo. O Brito tem um lance musical com o Charles. Essas coisas já têm maturidade para serem registradas.

BIZZ — *Vocês têm planos de fazer um disco ao vivo?*

Branco — Temos vontade, mas nenhum plano ainda. Nada a curto prazo.

Sergio — No ano passado, para se ter uma idéia, a gravadora quis que nós fizéssemos um disco ao vivo, com o show do *Cabeça*. A gente não quis porque achou que seria extremamente redundante. Nosso disco é gravado com as bases feitas ao vivo. O som do disco é superforte. Enfim, ia ser uma coisa muito redundante gravar essas mesmas músicas, só que com aplausos de pano de fundo...

Arnaldo — Acho que interessaria um disco ao vivo que registrasse coisas novas. É chato você gravar as mesmas músicas de outro disco, e ter que segurá-las por mais tempo.

BIZZ — *Vocês tem planos de tocar no exterior?*

Branco — A gente tá a fim cada vez mais disso. Mas não tem nada marcado. Talvez pinte um show em Nova York. Não tem nada definido.

Arnaldo — O que tem de concreto é só a vontade. Já mandamos uns materiais pra fora, mas é só isso.

Branco — Acho que nosso som tem uma coisa internacional, num certo sentido. Não é uma coisa brasileira, exatamente.

Sergio — Essa também é uma dificuldade. Você fazer um som que não tenha uma cara claramente brasileira. Se você faz alguma coisa ligada ao samba, por exemplo, você tem mais possibilidades de tocar lá fora.

BIZZ — *Por outro lado, os Paralamas foram muito bem recebidos na Argentina, Paraguai e Chile. O pessoal que conhece melhor os grupos brasileiros.*

Branco — Os Paralamas trabalharam melhor o disco deles lá fora. Infelizmente isso não aconteceu com a gente. Sei que tocam algumas músicas do *Cabeça* na Argentina e Paraguai, mas só em rádios meio tipo alternativas, e tal. Mas não trabalhamos nada para fazer um nome lá. Agora, tamos a fins de fazer isso.

BIZZ — *Vocês tem planos para lançamentos do disco novo? O show vai ter o capricho do show do cabeça?*

Arnaldo — A gente pretende mudar todo o cenário. Estamos esperando um período onde possamos parar só para pensar nisso, para bolar o show.

"Na verdade, nunca quisemos fazer playback na televisão. Antigamente, a título de divulgação, fazíamos jabá, playback, de tudo. Agora não"... "A partir do Cabeça Dinossauro, paramos de fazer programas desse tipo"

BIZZ — *E TV? Faz tempo que vocês não fazes playback na TV...*

Sergio — Na verdade nunca quisemos fazer isso. Antigamente, a título de divulgação, fazíamos jabá, *playback*, de tudo. Agora não.

Arnaldo — A partir do *Cabeça* nós paramos de fazer TV.

BIZZ — *E o que vocês acharam dos grupos estrangeiros que tocaram no Brasil?*

Sergio — De todos, o que eu mais gostei foi o BAD. Pra falar a verdade também gostei muito da Siouxsie, quando ela tocou no Anhembi. Não sei se foi porque era o primeiro show internacional da série...

Arnaldo — Acho uma puta coisa importante isso das bandas colocarem o Brasil no circuito internacional de shows. É uma coisa positiva pra formação da cultura, de um tipo de cultura que está acontecendo agora. Eu gostei praticamente de todos esses shows. Acho que é uma coisa importante,mesmo, ver esses shows. Adorei o PIL, o BAD, é difícil dizer qual o que eu gostei mais.

Toni — Eu particularmente gostei muito do BAD. Acho a concepção interessante. Gosto pra caralho do Mick Jones, desde os tempos do Clash. Achei demais poder ver o BAD e o PIL. Sempre achei que não havia público para eles aqui. Gostei não só de ver as bandas mas também do fato de ver que elas têm um campo de trabalho aqui.

Charles — Desde que se iniciou esse ciclo de grupos, desde dezembro do ano passado, com a Siouxsie, tivemos sorte de ver bons shows. Não me lembro de nenhum grupo que eu não tivesse gostado. Eu vi todos. Vi o Cure, o PIL, o BAD, que é um dos que eu mais gostei, vi a Siouxsie, vi Ramones — gostei muito deles —, vi o Echo, duas vezes em São Paulo e duas no Rio, gostei bastante. Acho que todos foram bola dentro.

Nando — Não sei se isso é uma impressão errada minha, mas acho que a qualidade de som do Echo estava muito melhor que a do BAD.

Paulo — Mas o som deles é mais complicado.

Marcelo — Acho que de todas essas bandas a única que foi meio brocha foi o Cure...

Nando — ... Mas é foda tocar em ginásio, cara!

Charles — Teve uma coisa que foi um fiasco, eu acho. Foi o Kid Creole. A crítica botou lá em cima, eu achei o pior show que já vi na minha vida. Em quinze minutos de show, eu saí.

Nando — É, o Kid Creole foi muito chato.

Marcelo — Já no ano anterior (*N. da R.: Kid Creole & The Coconuts estiveram no Brasil pela primeira vez em 86*) foi aquela merda.

Nando — Esse ano tava um show de Las Vegas...

Charles — ... Broadway.

BIZZ — *Como vocês vêem o futuro do rock nacional?*

Sergio — Acho que ele tem muito futuro. É um gênero musical que eu acho que vai render muita coisa boa. É positiva essa coisa de ter muita banda fazendo coisas diferentes. Cada um aponta para um lado. É uma coisa rica. Todo mundo fala da mesmice do rock brasileiro, mas eu não acho isso.

Arnaldo — Todo mundo tem a mania de generalizar as coisas. Falar sobre os caminhos do rock nacional é que nem falar sobre os caminhos da MPB. Eu não vejo nenhum caminho, não existe isso.

Sergio — Tem uma preocupação positiva no rock, que ainda vai render muita coisa. É essa coisa da canção poética e o som caminharem juntos. Acho que a MPB privilegia muito a canção, a junção da melodia e da letra. Isso está muito desgastado, os arranjos seguem sempre o mesmo padrão. Acho que o rock tem uma preocupação maior de misturar as coisas. De fazer uma coisa que privilegia mais o som, o peso. Isso ainda vai render muitos frutos.

PARTE II

OS NOVOS CAMINHOS

(15/10/87)

BIZZ — *Como vocês acham que o disco vai ser recebido?*

Branco — Isso sempre é uma incógnita. Isso tem dois lados, o comercial e o artístico. No nível artístico o disco está perfeito, acima do que a gente queria fazer. É um disco bem forte, denso. Mas não dá pra prever se vai vender bastante.

Arnaldo — O processo de gravação e as soluções que encontramos no estúdio sur-

WEA

Os Titãs, à época das gravações de Cabeça Dinossauro: um ano e meio de sucesso depois, a banda aproveita a carta branca para barbarizar na alta tecnologia

preendenram a nós mesmos. Descobrimos muitas coisas, como usar o sampler, por exemplo. Acho que o disco é cheio de surpresas e que tem novidades no nível sonoro. Ele tem pequenas pitadas de coisas estranhas, coisas mais esquisitas do que o padrão de discos de rock feitos no Brasil. A gente ainda está engatinhando nessas coisas, mas foi legal realizar isso. Acho que sempre quisemos fazer algo assim.

Charles — Principalmente o lado dois do disco. Tem samplers, outros tipos de som, levadas de bateria mas sem o som da bateria. Tem música onde o papel da bateria é feito por vozes — elas foram sampleadas e a gente escreveu uma levada ali.

Branco — O *processo* foi diferente. A gente ficou trancado no estúdio, viveu isso mais intensamente do que nos outros discos, exploramos todos os recursos que só existem no estúdio.

BIZZ — *Quais foram as novidades mais interessantes que vocês descobriram no estúdio?*

Arnaldo — Teve, por exemplo, uma música, "Inimigo", que mudou totalmente. A gente viu que a letra dela era uma coisa frágil, e ela foi chegando numa outra coisa, num outro tipo de som. Ela ficou mais sintética — tinha uma letra maior que a gente foi cortando. Redividimos o refrão durante o som. Esse processo onde a própria estrutura da canção acaba sendo transformada no estúdio é uma coisa bem interessante.

Branco — A música ficou muito melhor do que era.

Arnaldo — Outra coisa que a gente experimentou é fazer música tipo só com voz e bateria. Ou voz, baixo e bateria, sem guitarras. São coisas mais *vazias*, que só poderiam acontecer aqui no estúdio.

BIZZ — *Como é que o sampler entrou na jogada?*

Charles — O disco foi gravado em duas etapas. A gente vinha gravando as músicas bem próximas do arranjo que fizemos na demo-tape. Aí teve um dia onde o Liminha parou e falou "olha, hoje e amanhã a gente não vai gravar. Só vou ficar mexendo com sons. Vou samplear umas coisas para ver se estimulo a minha fertilidade". Aí ele fez uma levada, a de "Diversão", que tem uma assadeira que ele gravou na cozinha, uma garrafinha, umas caixas sampleadas. Eu toquei em cima. Mudou completamente a sonoridade rítmica da música. A partir disso a gente regravou tudo. Isso foi depois de três semanas de gravação, já com seis bases prontas! Achamos que essa nova música tinha mudado a direção do disco. Passamos a investir no sampler. Cada música sugeria um tipo de som.

Branco — A relação com o Liminha foi uma coisa muito intensa, dentro do estúdio. Isso também foi uma coisa que mudou caminhos, sugeriu outros. O Liminha foi uma pessoa de extrema importância nisso.

Paulo — Aconteceu uma coisa criativa. Não só no sentido de solucionar arranjos, arrumar o som. A gente mergulhou nisso de transformar músicas, usar outras soluções como o sampler, em "Todo Mundo Quer Amor" e "Infelizmente", duas músicas que se resolveram nesse sentido.

BIZZ — *Mas de uma certa forma me parece que o sampler só foi usado em funções rítmicas.*

Charles — Mais ou menos. Eu diria que em noventa por cento dos casos. Houve casos onde a guitarra foi sampleada e tocada no teclado. Em "Violência" ele sampleou a guitarra do Marcelo.

Marcelo — Mas isso foi um único caso!

Arnaldo — Têm músicas que passaram por cinco fases diferentes! É um processo pelo qual nunca tínhamos passado.

BIZZ — *Como foi o caso de "Comida"?*

Arnaldo — Na demo nós tínhamos dois arranjos de "Comida". Uma levada funk e uma versão acústica. Desistimos da idéia acústica e partimos de uma levada de uma programação de bateria que o Liminha fez para compor arranjos.

BIZZ — *Essa dificilmente vai pintar no show, não?*

Charles — Não! Estamos propondo-nos a fazer ao vivo tudo o que fizemos no estúdio!

Marcelo — A gente vai comprar um sampler. Talvez a gente use até fita no show.

BIZZ — *Quem mixou o disco?*

Charles — Praticamente tem sido o Liminha. Mas temos cometido alguns erros, como fazer show durante o processo de gravação. Saíamos na sexta-feira e voltávamos na segunda completamente acabados. Forçosamente o Liminha acabou mixando sozinho mesmo.

BIZZ — *Ao fim e ao cabo o disco deixou de ser aquela coisa "pra dentro" e "intimista" como se falou na primeira entrevista?*

Sergio — Acho que esse negócio de "intimismo" era mais relacionado com a temática das músicas, com as letras. Em termos de letra a coisa mudou do *Cabeça* para este. É uma coisa mais voltada para o lado pessoal. É nesse sentido que estávamos falando de uma coisa "pra dentro".

BIZZ — *Como é que vocês redefiniriam o disco?*

Sergio — Acho que este disco tem o mesmo vigor do outro, mas é mais elaborado. Basicamente em termos de timbre.

Paulo — Esse disco têm mais soluções inusitadas, originais. São elementos que a gente encontra em certos tipos de música que conhece, fontes de onde a gente bebeu.

Nando — Essa elaboração tem seu paradoxo. Algumas coisas são muito mais simples do que eram. O baixo no LP, por exemplo. Faço coisas muito mais retas e simples do que eu fazia.

Camiseta Hering é Juventude Sempre.

UM DIA ALGUÉM USOU UMA CAMISETA SEM NADA POR CIMA. E A CAMISETA VIROU MODA. O CABELO CRESCE, ENCURTA. A CALÇA FICA MAIS LARGA, MAIS JUSTA. TUDO MUDA, MENOS A CAMISETA. PARECE ATÉ QUE A CAMISETA ESTÁ ACIMA DA MODA. CAMISETA HERING, VISTA ESTE CLIMA.

Hering

GENE LOVES JEZEBEL

EXTROVERTIDOS E COLORIDOS

Claudia Thompson, Abril

Eles não são ratos de estúdio — a verdadeira paixão do GLJ é o palco. E souberam que no Brasil a coisa é quente

WEA

Os gêmeos Aston: vozes ambíguas dos fãs de Marc Bolan e David Bowie

Em pleno mês de agosto apareceu nas melhores lojas do ramo um álbum que chamou a atenção. Primeiro, pelo nome da banda: Gene Loves Jezebel... Uma charada fácil de ser desvendada. Gene, de Gene "Be Bop-A-Lula" Vincent, um dos papas do rock'n'roll nos *late fifties*. Jezebel, um dos muitos nomes dados ao diabo.

Na foto da capa se destacam dois seres andróginos, cabelos compridos, rostos pintados, sinais que remetem aos anos em que uma poeira de estrelas pairava sobre o rock, os anos *glitter* de Marc Bolan e David Bowie. No rótulo do disco, outro nome chave da mitologia do rock: Beggars Banquet, título de um lendário LP dos Rolling Stones e nome de uma gravadora independente inglesa por onde já passou o Bauhaus e que abriga hoje nomes tão ilustres como o Cult e o Fall.

Quem comprou este disco, *Discover*, seduzido por tantas referências ilustres, descobriu um som bastante denso, com guitarras (James Stevenson) e baixo (Peter Rizzo) puxados até a saturação pelos *overdubs*, estruturas melódicas simples até o clichê, mas enriquecidas pelas vozes ambíguas dos irmãos gêmeos Jay e Michael Aston, tudo apoiado sobre uma bateria (Marcus Gilvear) que não compromete. Em outras palavras, exatamente o tipo de disco que leva o ouvinte a dizer *"I know it's only rock'n'roll, but I like it"*; exatamente o tipo de som que deve ficar bem melhor no calor de um palco, ótimo para esquentar qualquer platéia.

Levando as investigações mais adiante, descobrimos que *Discover* é originalmente um álbum duplo nas suas edições européia e americana, e que o outro disco, *Glad to Be Alone* — que sumiu no meio do caminho — é composto de gravações ao vivo. Para completar, soubemos que o GLJ estava completando sua terceira turnê pelos Estados Unidos, só que desta vez acompanhados por... Echo & the Bunnymen e New Order. E, para fechar o assunto, conseguimos o número do telefone do hotel em que estavam hospedados, em Washington.

Do outro lado da linha, James Stephenson, o guitarrista contratado às pressas dois anos atrás para participar da primeira turnê americana, explica que as bases do álbum *Discover* já estavam prontas e que ele teve apenas o trabalho de aplicar seu instrumento sobre a linha-guia. Mas para ele, como para os outros membros da banda, isso já é história antiga. Estão muito mais interessados no novo álbum, *House of Dolls*, lançado no final de outubro na Inglaterra. "Temos muito orgulho deste trabalho", explica. Uma banda de palco, o GLJ? É só conferir no vídeo *Live at the Ritz* (disponível em algumas locadoras de São Paulo). As canções parecem literalmente explodir, ficando bem diferentes do resultado conseguido no vinil, com vitória total das improvisações. Stephenson confirma: "Nunca tocamos uma música duas vezes da mesma maneira. Esse elemento frouxo e solto tem de fazer parte da performance..." Para falar dos guitarristas que mais admira, ele não coloca limites: "Gosto muito de Jeff Beck, Mick Ronson (que tocou em pelo menos dois LPs essenciais de David Bowie, *Ziggy Stardust* e *Alladin Sane*). Também gosto de Adrian Belew e Robert Fripp. Para falar a verdade, gosto de qualquer um que saiba tocar. Pode até ser Eddie Van Halen..."

Segundo Stephenson, a postura do GLJ é simples. Ele parte da constatação seguinte: a maioria das bandas que surgiram recentemente no cenário independente inglês é composta por "gente introvertida e cinza". E o GLJ é por natureza colorido e expansivo. Por isso expressa-se melhor no palco, onde desenvolve um diálogo intenso com a platéia. Segundo ele, os ingleses e os americanos sempre foram muito receptivos: "Aqui e lá existe uma paixão profunda pelo rock". E acrescenta: "Parece que no Brasil é a mesma coisa. Estive conversando com Will Sargeant, o guitarrista do Echo & the Bunnymen, e ele me disse que ter tocado no Brasil foi a experiência mais gratificante que em qualquer outro lugar do mundo... Temos muita vontade de tentar essa experiência, é claro".

E essa influência *glitter*? É Jay Aston, um dos gêmeos que canta e compõe, quem responde: "É difícil dizer... O *glitter* foi uma fase particularmente marcante da minha vida. Eu gostava muito de Marc Bolan e David Bowie. Mas também gosto de James Brown, de Smokey Robinson, do Led Zeppelin. Todos nós gostamos muito do rock misturado com pop. Recebemos influências de toda parte..."

Como quem não quer nada, pergunto: "E os Glimmer Twins?" (N. da R. — literalmente "gêmeos vislumbre", nome muito usado pela dupla M. Jagger & K. Richards) Jay: "Nós somos provavelmente os verdadeiros Glimmer Twins, não somos? *(Risos)* Mas eles eram *great!*"

Jean-Yves de Neufville

TOM WAITS

A ÓPERA INACABADA

Fotos Christian Rose

Durante o verão de 86 um musical chamado *Franks Wild Years* foi apresentado pelo Steppenwolf Theather Company em Chicago. O musical — uma ''operachi'' romântica — foi escrito por Waits e sua mulher, Kathleen Brennan. As músicas que faziam parte do espetáculo estão agora no último álbum de Waits, que conversou com *Rip Rense* no set de filmagens de *Ironweed*, o novo filme de Hector Babenco

ENTREVISTA CEDIDA PELA WEA COM EXCLUSIVIDADE PARA BIZZ

BIZZ — *Em que parte do filme vocês estão?*

Waits — Passando da metade. Iremos até maio. Eu sou Rudy, um cara que morre no fim. É um bom papel. O filme é o que a maioria das pessoas chamaria de superprodução. Jack Nicholson está nele, sabe? Eu o botei nisso *(risos)*.

BIZZ — *A minha primeira reação ao disco foi querer ter visto a peça.*

Waits — Hum... Essa é boa.

BIZZ — *Eu também notei as influências operísticas antes de ler ''Uma operachi romântica'' na capa do disco.*

Waits — Bem, tem uns arremedos de ópera misturados com mariachi. Operachi é uma definição de Kathleen. Nós queríamos uma palavra que resumisse tudo isso.

BIZZ — *Eu ouvi dizer que você é um tirano no estúdio.*

Waits — É, todos têm que vestir um uniforme com seu nome escrito. Se eles são bem pagos, você pode esperar tudo deles. É um exército.

BIZZ — *Esse disco, ao lado de* Raindogs *e* Swordfishtrombones, *parece dividir uma abordagem estilística similar. Ecletismo, casamento de instrumentos improváveis, um senso teatral...*

Waits — Fecha um capítulo, eu acho. De algum jeito parece que os três combinam. É, Frank surgiu em *Swordfish*, cresceu em *Raindogs* e amadureceu em *Frank's Wild Years*. Eu produzi os três, então eu me sinto mais próximo a eles. Eu *tirei* alguma coisa. Não tudo que eu gostaria, mas quebrei algumas pequenas barreiras para mim mesmo — coisas que eu queria ouvir.

BIZZ — *Isso significa que o próximo disco será totalmente diferente?*

Waits — Provavelmente vai ser. De algum jeito, atuar e trabalhar em filmes me ajudou a ser capaz de escrever, gravar e tocar diferentes tipos de música, sem sentir que isso compromete a minha própria personalidade ou qualquer coisa parecida. Que eu posso ser diferentes coisas da música. Antes, eu sentia ''essa música *sou* eu'', ''eu tenho que estar *dentro* da música''. Eu estou tentando me separar dessa idéia e deixar as músicas terem sua própria anatomia, seu próprio itinerário, sua própria cara.

BIZZ — *A sua voz está diferente nesse disco. Tem uns efeitos vocais incríveis.*

Waits — Eu fiz todos os vocais usando um desses megafones que a polícia tem. Depois que você usa um, meu amigo, é difícil abandoná-lo. Tem algo com o poder e a autoridade que me deu sobre os músicos no estúdio. Nunca tinha cantado com um. Eu já tinha tentado outras coisas. Tentei usando as mãos em forma de concha na frente da boca, latas, microfones baratos, tubos... Até que consegui um megafone a bateria, encontrado nas melhores casas do ramo. Apenas trinta dólares.

BIZZ — *Eu soube que Kathleen fez alguns dos arranjos vocais.*

Waits — Sim, ela me ajudou bastante nesse disco. Trabalhamos lado a lado. Eu estou chegando num ponto em que eu posso arriscar, acho. É duro quando você produz, escreve e toca. Você precisa ter controle sobre muitas coisas. Você precisa de alguém em quem você confie para ficar do lado de fora e te empurrar dentro da água.

BIZZ — *O que você quis dizer com ''arriscar''?*

Waits — No que se refere ao universo sonoro. Criar um ambiente sonoro particular. Fazer isso música por música. Como em ''I'll Take New York'', por exemplo. Foi uma espécie de... hum, como se o Jerry Lewis estivesse naufragando no *Titanic*. Pequenos dramas. Neste disco eu tentei pegar cada música e criar um mundo próprio para ela.

BIZZ — *Da mesma maneira que você tentou nos dois últimos discos?*

Waits — É, acho que sim.

BIZZ — *Como é a história? A impressão que eu tive é que ela é bastante simples — um cara que deixa sua cidade, tenta acontecer e não consegue.*

Waits — Para simplificar, é a história de um cara de uma cidade pequena que vai procurar fama e fortuna, uma odisséia comum. A história se abre num parque de Saint Louis, Frank está desesperado, sem grana e sonha estar de volta no bar da sua cidade. Ele está quase congelado, aí acorda e está no bar. Ele ganhou uma... hum, passagem de volta, e aí conta a história do seu sucesso. Mas pára no meio e conta a verdade. Ele não é um herói, não é um campeão: não é o que dizia ser. Era só um cara que deu errado. Os amigos dão uma força e dizem que ele ainda tem muito o que viver. No final, ele acorda no parque, pronto para começar de novo.

G. Dubose/ Stills

"As músicas descobrem sua lógica própria ... podem falar de qualquer coisa. Se você domina essa arte, pode fazer de tudo"

BIZZ — *É ambígua e talvez um pouco discutível, enquanto não se sabe o que é sonhado e o que é realidade.*

Waits — Bem, no palco era até para ser mais ambígua... Você escolhe no que acreditar. Frank é aquele cara que obviamente *não* vai chegar até o topo, mas o fato de ele estar tão certo quase faz com que você acredite que alguém como ele vai conseguir estourar alguma coisa... Provavelmente ele mesmo. As três primeiras músicas — "Hang On Saint Cristopher", "Straight to the Top (Rhumba)" e "Blow Wind Blow" — falam do cara se preparando para partir. Nós usamos o optigon na gravação de "Straight to The Top (Rhumba)".

BIZZ — *Eu ia perguntar o que é isso.*

Waits — É um dos primeiros órgãos não profissionais criados. Você pode colocar um programa nele que cria uma variedade de universos sonoros que te envolvem completamente. Tem um programa de ritmos polinésios e do Taiti, com sons de pássaros, quedas d'água e tudo o mais. Você pode ter uma orquestra de 32 peças, cordas instantaneamente... Tem coisas meio de cabaré, meio jazzísticas, com um toque de Charlie Byrd.

BIZZ — *O que acontece com Frank depois?*

Waits — Depois, ele se envolve com um evangelista fanático.

BIZZ — *Isso é redundante.*

Waits — É, o cara finge ser cego. Faz parte de um desses shows de circo.

BIZZ — *Eu me lembro de que você falou que "I'll Take New York" poderia assustar as pessoas.*

Waits — Eu fiquei um pouco assustado. Eu acho que é a música do disco que mais se aproxima de um pesadelo. O cara está na Times Square com tuberculose e sem dinheiro. É muito louco. Eu quis que esse pesadelo fosse a experiência de Frank, em Nova York.

BIZZ — E o fim?

Waits — Frank está no parque de joelhos. Não consegue mais reagir, está no fim da linha, sentado num banco com um anúncio escrito "Funerária Palladin".

BIZZ — *As músicas têm o mesmo pique que tinham quando eram tocadas na peça ou estão diferentes no disco?*

Waits — Ah, sim. Bem diferentes. Sem a peça você tem que implantar cirurgicamente o espírito dela nas músicas.

BIZZ — *Então você encara cada música como um papel individual? Eu noto que os instrumentos ficam mais e mais... hum, ecléticos? Órgãos de fole, mellotron, optigon...*

Waits — O órgão de foles realmente tem pulmões. Ele respira. Eu gosto do ato físico de tocá-lo, o som que emite. É sempre um pouco amargurado, distante. Cada um tem a sua própria personalidade. Eu tenho uma porção deles agora. Quanto ao mellotron, eu o tenho ouvido há anos, sempre com um pouco de receio. Entende, quando você toca uma tecla, na verdade você está registrando aquela nota particular num determinado instrumento. Então quando você toca uma nota parece que você está batendo no ombro de alguém e ele começa a tocar. É muito real. Sonho *tornado* realidade. A maior parte dos instrumentos das músicas, no entanto, pode ser encontrada em qualquer esquina. Eu ainda não entrei completamente no século XX. Eu estou começando a usar a minha própria herança musical, filtrada pelas lentes da minha própria experiência. É o que eu estou tentando fazer com a música. Até mesmo com a mariachi. Escutei muita música mexicana e tem um pouco no disco (na verdade, houve até a participação de David Hidalgo, do Los Lobos). Eu acho que você espera que isso seja assimilado e resulte em algo seu quando chegar na hora de fazer música.

BIZZ — *As palavras parecem ser bem mais abstratas do que em* Rain Dogs.

Waits — Estou começando a descobrir que as músicas descobrem a sua lógica própria. E, quando as escutamos, não as prendemos em formas lógicas. Nós as deixamos ir a algum outro lugar. Elas têm a sua própria coleção de imagens. Quando algo me vem à cabeça eu tento deliberadamente descobrir coisas que não tenham nenhum significado particular naquele momento. Aí eu ponho no papel e depois penso sobre o que escrevi. E então eu compreendo.

BIZZ — *Acho que aí é que está a beleza de poemas e músicas...*

Waits — Quando você ouve uma música logo que ela está terminada... bem, supõe-se que ela será ouvida mais de uma vez. Alguma coisa que não te diz nada agora pode significar tudo no ano seguinte. Essas músicas desse disco não são o que eu chamaria de profundamente pessoais. Elas são mais teatrais. São como Paul Bowles. Ele tinha uma compilação chamada *She Woke Me Up So I Killed Her*, uma tradução que ele fez de antigos contos de mercadores de peixe marroquinos. Tem lá uma receita para encolher cabeça de quatro páginas que é arrepiante. Detalhada. Eu achei incrível. Músicas podem falar de qualquer coisa. Se você domina esta arte, você pode fazer de tudo.

BIZZ — *Instrumentalmente isso também é verdadeiro...*

Waits — Você tem que ser cuidadoso com o que escuta. Quando estou escrevendo, eu presto atenção nos *elementos*. Eu quero tentar colocar novas cores.

Peça já e receba mais que depressa

Agora você pode receber, comodamente onde mora, as T SHIRTS da ÚLTIMA MODA UNISSEX DE VERÃO. Um visual novo e com ótimos descontos para você. Sucesso total em todos os pontos de encontro jovem do país. Peça já e entre na moda rapidamente.

Aproveite esta oferta especial para agitar logo a sua moda!

APENAS Cz$ 438,00 CADA
2 PEÇAS Cz$ 416,00 CADA
3 OU MAIS Cz$ 395,00 CADA

- Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL junto com o cupom, você ainda terá 10% de DESCONTO. Faça a conta no cupom ao lado.
- Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa. Você receberá um aviso do correio para retirar sua encomenda dentro de 10 dias.
- Você também pode pedir por carta, copiando os dados do cupom. Não tem limite de quantidade.
- Preços especiais para revendedores.

PREENCHA E ENVIE O SEU CUPOM HOJE MESMO

Qualidade

FEFER · CONFECÇÕES INDUSTRIA E COM. LTDA
Rua Laguna, 330 · Fone (0474) 22 8560
C.P. 1211 · 89200 · JOINVILLE · SANTA CATARINA

À FÉFER-CONFECÇÕES INDÚSTRIA E COM. LTDA.
Rua Laguna, 330 - Caixa Postal 1211
CEP 89200 - Joinville - Santa Catarina

REF.	TAM. P/M/G	QUANTIDADE	PREÇO
7001			
7002			
7003			
7004			
7005			
		TOTAL DA COMPRA	
DESCONTO DE 10% PARA PAGTO. COM CHEQUE OU VALE POSTAL			
		TOTAL A PAGAR	

Estou enviando junto com este cupom, pagamento em ☐ Cheque ☐ Vale Postal - No valor de Cz$ ______
☐ Prefiro pagar ao retirá-lo no Correio ao preço de Cz$ ______ mais despesas postais.

NOME ______
END. ______
CIDADE ______ CEP ______ ESTADO ______

Eurico Salis - Abril

DEFALLA

OS IMPLICANTES

Desta vez, não é uma frente fria que vem do sul. São quatro garotos endemoninhados, prontos para virar de pernas para o ar o resto do país

DeFalla, o grupo gaúcho que tirou seu nome de uma enciclopédia, chegou ao primeiro LP. Uma coleção de experiências sonoras que destoa de todo o repertório nacional. O acontecimento mais barulhento de 1987. Mas não há tempo para introduções. O vocalista Edu K ameaça inundar o local desta entrevista, causando um maremoto no banheiro!

O baixista Flávio Santos comenta: "O Edu é um cara que põe ação nas pessoas. Por onde ele passa, não importa se as pessoas estão doentes ou quase morrendo, elas se impressionam!" Biba Meira, a baterista: "Ficam furiosas, com vontade de matá-lo!"

Edu, colocando um velho vestido bordô — provavelmente de sua mãe: "Eu me divirto pra c*. Há pouco, eu estava no salão do Hotel e uma p* duma gerente veio falar comigo: 'Escuta, você não pode ficar aqui de calção, com as pernas de fora'. Eu falei: 'Ah, mas eu não tô de calção, tô de macaquinho' ". Biba: "Macaquinho...!" *(risos)* Edu: "Ela insistiu que eu não podia ficar de macaquinho. Aí eu fiz um *streep* e fiquei com um vestidinho ainda mais curto, que eu tava usando por baixo. Subi, botei as minhas calças com uma minissaia por cima e desci correndo. Porque eu adoro implicar!"

Ele termina de se vestir e conclui: "Todo mundo tem uma opinião. Tem umas meninas que assistem aos shows e dizem: 'Gostei de saia e tudo. Os músculos...' "

Difícil ficar sério com esta turma. Ainda mais na presença de garrafas de cerveja. Mesmo assim, Biba tenta resumir a transição do grupo entre as duas faixas gravadas na coletânea *Rock Grande do Sul* e o LP: "Num momento de impasse criativo, o Carlo, nosso antigo baixista, saiu da banda. E logo foi a vez do Edu. Me deixaram sozinha! Aí eu convidei o Castor e o Flávio para continuar o DeFalla. O Edu não resistiu e acabou voltando. Começamos a ensaiar em dezembro de 1986, um mês antes do nosso primeiro show, e aqui estamos!"

Edu deixou a guitarra um pouco de lado — a não ser para tirar microfonia ou tocar com distorção no máximo — e assumiu de vez a condição de cantor — na verdade, porém, sua garganta preferiria pertencer à James Brown. O repertório do grupo, por sua vez, tornou-se uma antologia do material da primeira e da nova formação, com músicas da banda que os dois novos integrantes mantinham anônima, Miguel & Almas, e composições do Urubu Rei, grupo onde todos, exceto Edu, tocavam há três anos.

Flávio começa as apresentações: "O Castor era baterista. Sempre tocou bateria. Até que o guitarrista da nossa ex-banda, Urubu Rei, foi viajar e ele teve que aprender guitarra na marra!"

Edu: "O Flávio, além de ser um baixista f*, também foi cantorzinho de um grupo infantil na tenra idade. Eu, claro, continuo sendo o que sempre fui: um emissário do demônio!" *(risos)*

De qualquer modo, a formação do DeFalla continua pouco convencional, com uma pequena loirinha na bateria. Biba: "Bateria sempre foi o meu instrumento. E sempre foi considerado um instrumento de homem, porque cria músculos. Mulher na bateria é machona!" Flávio: "A Biba é um animalzinho".

Biba: "Teve uma época em que eu tocava em três bandas ao mesmo tempo e cheguei a ficar com 37 quilos, magrinha, magrinha... Terminava os shows quase sendo carregada! Tive que começar a fazer exercícios, a me alimentar bem. Virou uma questão de sobrevivência".

"As letras tem sido feitas na hora... Em inglês, nem se fala... Eu só canto baixaria... E acaba sendo uma forma de lidar com a censura

Edu: "Ela tocou num ponto curioso. Justamente pelo tamanho e força, ela precisa se cuidar mais pra tocar. Acaba sendo a mais séria da banda. O resto é a maior canalhada! Na antiga formação, a gente vivia ensaiando. Agora, quanto menos ensaiamos melhor!" Flávio: "A gente compõe nos shows".

Edu: "As letras têm sido feitas na hora. Hoje, eu estava vendo um desenho na TV, tirei umas frases dele e fiz outra letra. Em inglês, então, nem se fala! Eu só canto baixaria com meu inglês canhestro. E acaba sendo uma forma de lidar com a Censura".

Como esta improvisação foi acabar num disco? Edu: "Inicialmente, com a ajuda do produtor (Reinaldo B. Brito), é claro. Ele colocou tudo o que sabia de estúdio nas nossas mãos. A gente gravou todas as bases ao vivo, em quatro dias. Depois vieram os efeitos".

Flávio: "A faixa 'Rusty James' a gente terminou no estúdio". Edu: " 'Jo Jo' eu compus na rua, andando sozinho, de madrugada, na boca do lixo. Eu comecei a cantar só pra não me apavorar... No dia seguinte, cheguei no estúdio e gravei o vocal. Coloquei uma bateria de boca, um extintor de incêndio e umas percussões em cima..."

O guitarrista Castor Daudt interrompe sua *Sessão da Tarde* na TV — está passando *De Volta ao Planeta dos Macacos* — para dizer: "A gente gravou 'Trashman' com duas baterias. Eu toquei a outra". Biba: "A gente não se preocupa se vão gostar das nossas músicas ou não. Se vai tocar no rádio, se vão nos criticar... É o que a gente quer fazer que importa".

E o que é mais excitante no momento? Flávio: "Funk, hard, funk... Tudo o que der pra bater pra c*". Edu: "A minha punheta atual é rap. O tempo todo, na rua, dormindo, eu tô cantando rap. Mas a gente não é uma banda só de um estilo ou que imita só uma banda. Misturamos tudo estupidamente!"

Como se não bastasse, eles desenvolvem trabalhos ainda mais ignorantes em bandas paralelas — Atahualpa, Montezuma e Três Almas Perdidas. Edu: "São bandas que não precisam ficar se esgotando em ensaios pra fazer show. A gente ensaia por telefone, num esquema totalmente despreocupado".

Biba: "É um tipo de postura compartilhada por várias bandas em Porto Alegre. Fora as que os *guris* tocam, tem Os Replicantes, Os Cascavelletes..."

Algum recado pro rock nacional? Biba: "Pra pqp*!" Flávio: "De todas as bandas do Brasil, eu ainda prefiro os Mutantes. Eles tinham esse *feeling* de liberdade musical que as bandinhas pós-Blitz perderam. É f* pensar que uma coisa que foi feita nos anos 60 ainda está na frente..."

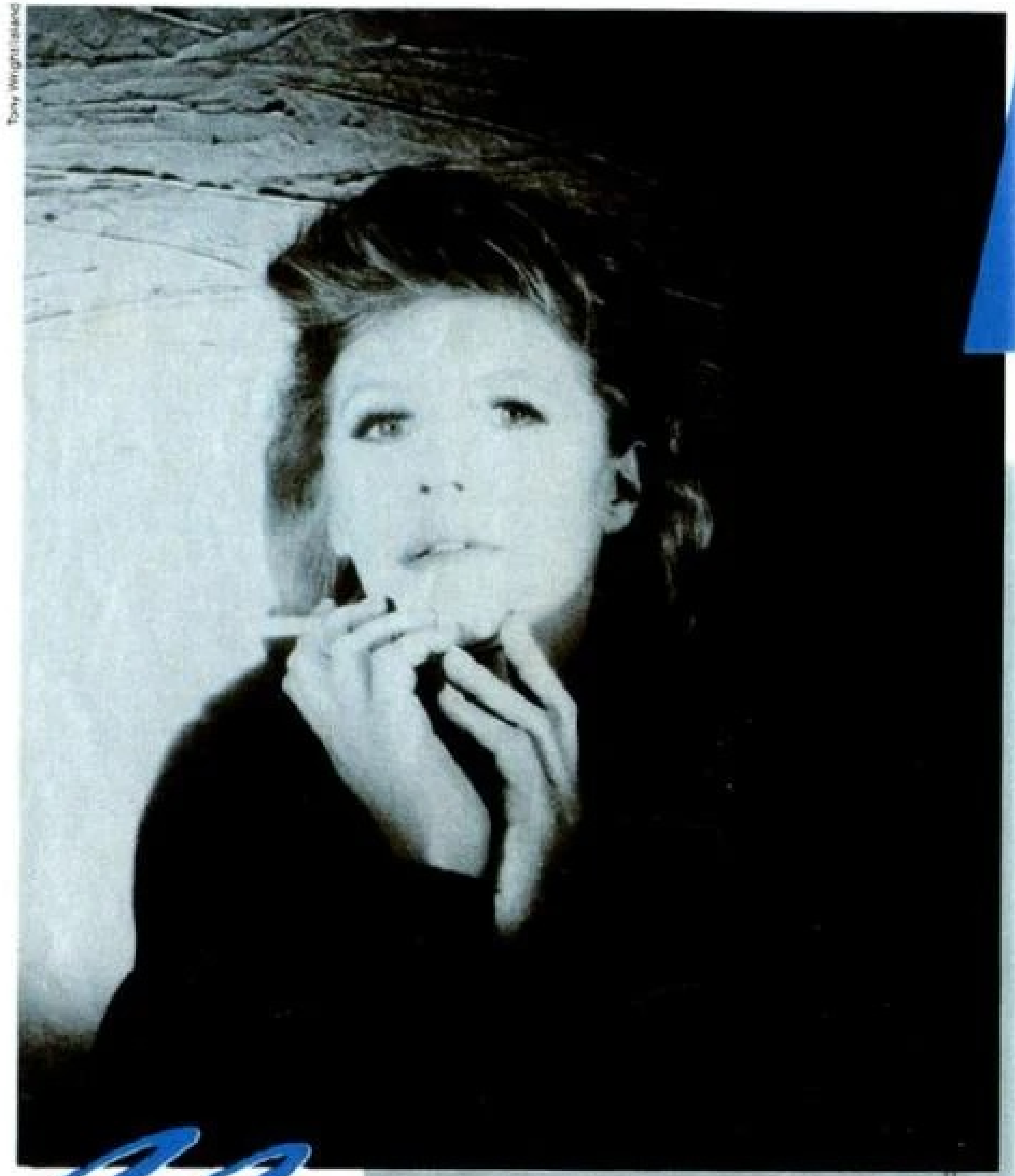
Essa postura f* de fazer o que dá na telha lembra, hoje em dia, os Beastie Boys. Flávio: "Eles não tão nem aí pra qualquer coisa. Mas são americanos que moram em Nova York". Edu: "É uma grande diferença. Eles fazem o que querem com *money*. A gente faz o que pode sem dinheiro. *Papapaparty*. Fe-fe-fe-festa, como diz o Castor em seu inglês gago".

DeFalla é uma boa banda pra animar uma festa? Edu: "Depende de quem estiver na festa. Se todo o mundo estiver bêbado vai ser ótimo! Os bêbados sempre se ajoelham aos nossos pés!" Castor, em outra rara intervenção: "Mais uma cerveja!" *(risos)*

Edu: "A gente adora encontrar pessoas legais, débeis... E isto é o que mais pinta nas nossas viagens". Biba: "O DeFalla viajou pra c* desde o começo, sem ter disco, sem ter nada. A gente pagava pra se divertir em outros lugares"

Edu: "O nosso ideal como banda é ficar sempre viajando. Quem é que não vê o caos que está este país, o mundo inteiro? Só o que nos resta é nos divertir antes do fim". Castor, ainda vendo *De Volta ao Planeta dos Macacos* na TV: "Agora é o fim. Charlton Heston destrói a Terra!"

Marcel Plasse



Tony Wright/Island

MARIANNE FAITHFULL

A OUTRA MARGEM

De um relacionamento tempestuoso nunca se sai incólume, especialmente se os protagonistas são tão díspares quanto rockeiros com fama de malditos e uma garota recém-saída de um colégio de freiras. Ainda por cima, no agitado final dos anos sessenta. Com a palavra, a ex-garota, que demonstra a José Emilio Rondeau, que deu a volta por cima...

A voz soa devastada — por tanto tabaco, álcool, sofrimento. Não parece a voz de uma mulher de meia-idade. Se adequaria mais a um personagem de conto de fadas bastante velho e calejado — a vovó de Chapeuzinho Vermelho? A bruxa da Bela Adormecida? É a voz de uma pessoa que viu e viveu muito — e sofreu com isso. A voz — perturbadora? assustadora? — é de Marianne Faithfull: 40 anos, cinco álbuns — o atual, *Strange Weather*, transporta o rosnado quase punk dos discos que ela lançou no início desta década para um clima de fim de noite em cabaré, e não é por acaso que Tom Waits participa dele. Uma tentativa de suicídio malsucedida recheando um currículo artístico e pessoal que começou — e por pouco não terminou — graças a um intenso e tempestuoso relacionamento com os Rolling Stones em geral, e com Mick Jagger em particular.

A voz — sempre a voz — tenta soar animada ao telefone. Tenta. Principalmente quando diz, de um hotel nova-iorquino, *"I'm alright... I got through it"* ("Estou bem... consegui suportar").

Marianne não quer conversar muito — é monossilábica nas respostas, genérica quando se pedem mais detalhes, furiosa quando os Stones entram na dança. "É *boring!* Mas eu estaria agindo estupidamente se dissesse que me ressinto (das menções aos Stones em toda e qualquer entrevista que dá), porque seria destrutivo para mim. Eles tinham personalidades muito fortes. E logicamente fui afetada por isso." Ainda mantém contato com eles? "Falo com Keith, por telefone, uma vez ou outra. *That's all*". That's all?

Marianne conheceu Mick Jagger numa festa que o produtor dos Stones, Andrew Loog Oldham, estava dando em 1964, para lançar um novo protegido, o cantor Adrian Poster. Oldham viu Marianne — estudante de um colégio administrado por freiras — e perguntou a um amigo se ela sabia cantar. Mick Jagger estava na festa, mas não falou com Marianne. Eles só se veriam dias depois, quando foi gravada "As Tears Go By". Nenhum dos Stones tocou ou cantou. Mick apenas tentou convencer Marianne a sentar em seu colo. Marianne não sentou, tampouco gostou de Jagger, como disse, há poucos meses, ao jornalista Scott Cohen, da revista *Spin*. "Não falei com ele naquele dia. Só conversamos na primeira noite que fomos para a cama. E aí descobri que ele não era aquele babacão que eu imaginava. Quando está bêbado, Mick é insuportável. Ele sempre tentava chamar minha atenção."

Tanto chamou que um dia os dois foram a um show de Ike and Tina Turner e voltaram para a casa dele com uma das "iketes" — as vocalistas de apoio dos Turner. Após uma demorada guerra de nervos, a ikete deixou Mick e Marianne sozinhos. E eles se entenderam, conversando sobre Stonehenge, sobre os tempos antigos da Inglaterra, sobre o Rei Arthur. "Foi o começo de um ano de intenso relacionamento sexual", disse Marianne a Cohen. "Mas não foi um evento. Mick era muito agradável e fofinho — talvez eu tivesse morrido de medo se ele fosse um amante fantástico. Eu tinha uma esperança tênue de ir para a cama com Keith Richards. Mas, ao invés disso, fui para a cama com Mick Jagger."

O relacionamento de Marianne e Mick foi estrondoso assunto para a imprensa sensacionalista londrina. Os Stones, a essa altura, eram tratados da mesma maneira que Lobão é hoje: como criminosos de alta periculosidade. E as lendas a respeito deles se acumulavam com insistência. A mais notória delas envolve Marianne também. Os Stones teriam promovido uma orgia regada a LSD que culminara com dezenas de guardas invadindo a casa de Keith para lá encontrarem Faithfull nua, coberta por um tapete peludo e com uma barra de chocolate entre... bem, não eram os dentes. De verídico esse episódio tem apenas as drogas e o tapete. Nada mais. Não havia barra de chocolate.

De tempestuoso, o namoro de Marianne e Jagger tornou-se definitivamente perigoso, quase fatal. Em julho de 1969, por exemplo, ela ingeriu 150 barbitúricos na Austrália, onde Jagger fora para filmar — no papel principal — a vida do pistoleiro Ned Kelly. Marianne não morreu, mas durante os seis dias em que esteve em coma teve a oportunidade de conversar à grande com Brian Jones, morto há cinco anos. "Foi o melhor papo que já tive com ele. Ele estava solitário, confuso e me levou para o outro lado para caminhar com ele nessa parte específi-

A voz de Marianne, algo semelhante a cascalho sendo esfregado na areia, nunca deixou de reclamar e afirmar sua própria carreira individual, independente das atribulações com os Stones

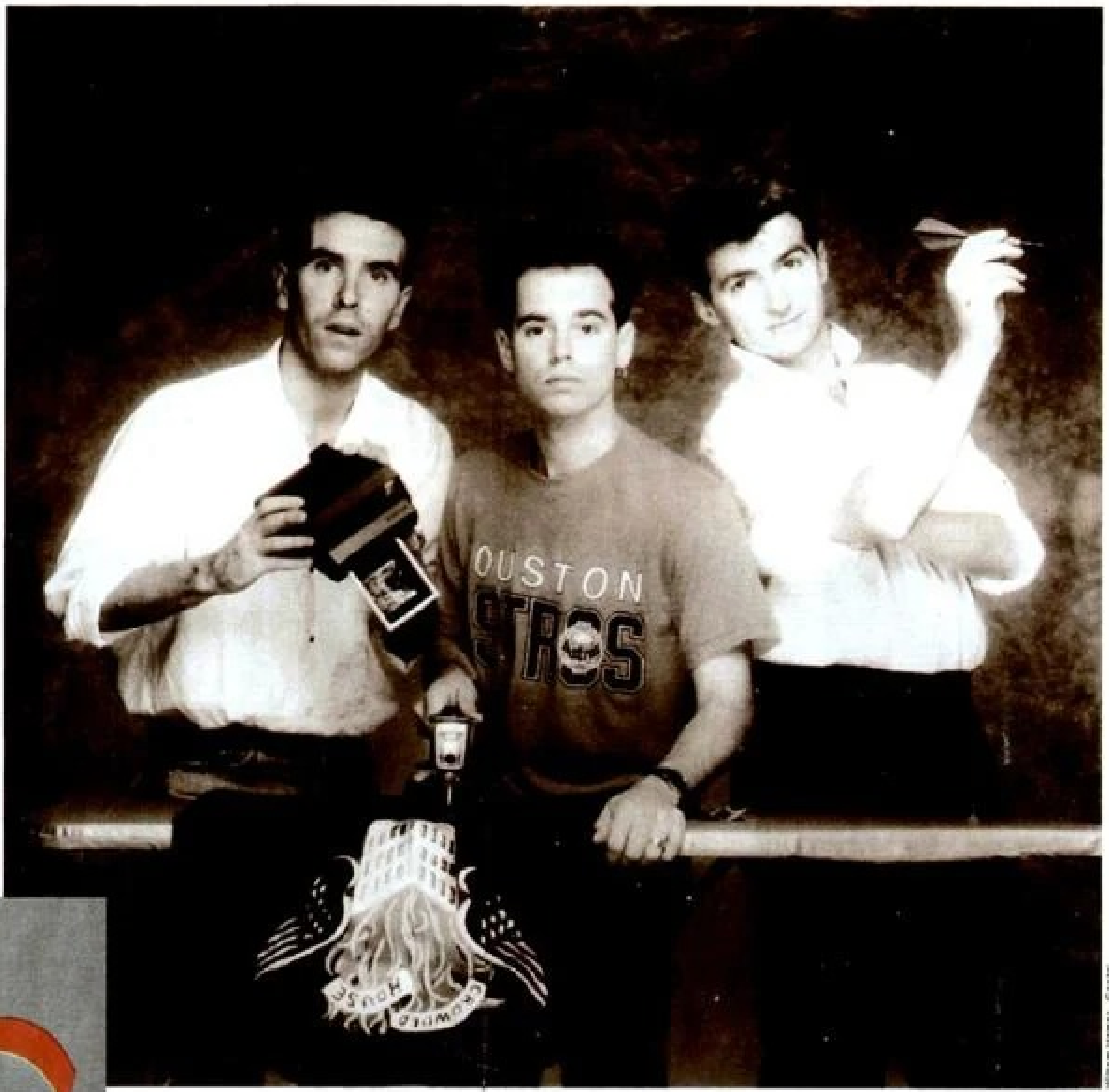
ca da jornada, o que fiz com prazer. Eu entendia como ele estava se sentindo. Ele não sabia que estava morto. Tenho certeza de que quando as pessoas morrem muito rapidamente elas devam passar por uma confusão terrível. Elas não sabem que estão mortas. E por isso elas são fantasmas.''

A carreira de Marianne, a essa altura, se desintegrava a passos largos. Seu trabalho mais pungente, a letra de ''Sister Morphine'' (gravada pelos Stones no álbum *Sticky Fingers*), foi surrupiada por Jagger, sem crédito algum para Faithfull (embora, anos mais tarde, Mick admitisse a autoria). E o assunto que inspirara a música — heroína — se transformou no centro focal da vida de Marianne. Em 1971, Faithfull estava sem casa, vivendo nas ruas de Londres. ''Eu tinha uma outra escolha'', dispara ela pelo telefone, ''mas não estava interessada. (Viver nas ruas) era o que eu queria fazer.'' Qual era a outra opção? Ela não diz.

Em 1979, sem que ninguém esperasse, Marianne meio que fez um comeback, com o brilhante álbum *Broken English*. ''Eu queria me expressar'', ela explica de Nova York. E se expressar foi o que ela fez, com polaróides urbanas mais afiadas do que o canivete do pivete na primeira esquina. Mas o sucesso mediano de *Broken English* não foi sustentado, e de novo Marianne submergiu em seu inferno particular. Outros dois álbuns vieram mais tarde — *Dangerous Acquaintances* e *A Child's Adventure* —, mas nenhum deles teve o alcance ou o impacto do primeiro. E Marianne, mais uma vez, desapareceu.

''Embora todos os meus discos tenham tido um longo hiato entre eles'', conta a voz pelo telefone, ''desta vez levou mais tempo, porque em 1985 me internei para tratamento (pausa) de dependência química, e isso tomou seis meses. Depois, tirei um ano e meio de férias e só comecei a trabalhar em *Strange Weather* em janeiro de 1987.'' O álbum que teria sido *Strange Weather* mora hoje em alguma lata de lixo. Insatisfeita com o resultado que vinha obtendo com um determinado produtor, Marianne descartou tudo e recomeçou o disco da estaca zero, com a ajuda de Chris Blackwell (presidente da Island Records, gravadora de Faithfull) e Tom Waits, seu colega de selo com quem já trabalhara num álbum-tributo a Kurt Weill, *Lost in the Stars*. Juntos, eles reuniram uma série de clássicos do que se poderia chamar ''música de fossa'': ''Boulevard of Broken Dreams'' (de 1933), ''I Ain't Going Down to the Well No More'' (de 1936), ''Love, Life and Money'' (de 1957). E selecionaram clássicos mais recentes — como ''I'll Keep It with Mine'', escrita por Bob Dylan em 1965 — e inéditos de Tom Waits, como a faixa-título. Mais, é claro, ''As Tears Go By''. Por que agora? ''Achei que fosse um momento historicamente interessante para fazê-lo. Completei 40 anos em 1986, e acho que a música ganhou toda uma nova perspectiva. Eu queria redefini-la, conforme o que eu ouvia na minha cabeça.'' E você acha que ela ficou tão diferente assim? ''Bem, ainda é a mesma canção... quer dizer, de algumas maneiras eu ainda sou a mesma pessoa, e acho que é possível ouvir isso se você prestar atenção nas duas versões.'' Mas a diferença existe, é patente: a dor da perda na música, agora, é muito mais profunda. ''Acho que levei umas pauladas da vida. *But I'm alright. I got through it.*''

José Emílio Rondeau



William Hames · Capitol

LAR RISONHO E FRANCO

CROWDED HOUSE

Uma atmosfera anos 60 trazida para uma atitude anos 80, sentenciou *José Emílio Rondeau*. Acrescente-se à receita o bom humor e a teimosia do grupo meio australiano, meio neo-zelandês, radicado nos EUA...

O aviãozinho de papel decola do quarto andar do prédio da Capitol Records e negocia gracioso as correntes de ar quente de Hollywood. Flutua uns bons 60 segundos antes de ameaçar colidir com um dos carros recém-chegados ao estacionamento no térreo, mas evita o choque na última hora e faz uma aterrissagem tão perfeita que seu autor não tem outra saída senão aplaudir — o avião e a si mesmo. "Ele é o artista da banda", oferece Karen Goodman, a *publicist* da gravadora, à guisa de explicação para o entusiasmo do satisfeito aeronauta. "É ele quem desenha as roupas do grupo, os cenários..." Karen poderia mencionar ainda as capas e os vídeos do grupo, todos criados pelo ex-diretor de arte cinematográfica, Nick Seymour, também baixista e compositor da banda escolhida como revelação do ano passado pela votação do público da MTV. Há o inegável talento de Nick — capaz de combinar artes plásticas com pop sedutor e eficaz. Mas há bastante de teimosia do grupo, também. Determinado a comandar sozinho sua música e sua estética visual, o Crowded House, em menos de um ano de carreira de seu álbum de estréia (lançado em novembro de 86), empenhou sua convicção para que o público norte-americano e europeu conhecesse o grupo e a música que ele faz, da maneira como realmente são: simples, diretos, sem armadilhas. A determinação rendeu gordos dividendos: três *hit singles* — "Don't Dream It's Over", "The World Where We Live" e "Something So Strong" — e lotação esgotada durante sua última turnê mundial. Houve um momento, no entanto, em que a banda parecia ter fracassado.

"Nós havíamos decidido que em março (passado) entraríamos de novo no estúdio para gravar um outro álbum", explica Nick, "porque achávamos que o primeiro disco tinha sido um fracasso. Levou quatro meses para que tivéssemos notícia de que alguma rádio estivesse tocando o disco. Só quando começamos a fazer festas promocionais para o pessoal de rádio e de lojas é que a gravadora consolidou de verdade seu ponto de vista a respeito do que nós éramos. As pessoas mais íntimas da banda haviam decidido que o disco tinha sido um fracasso, mas todas as pessoas de fora deste círculo subitamente se tocaram de que tinham gostado do álbum! De repente, todas as rádios começaram a tocar 'Don't Dream It's Over'!"

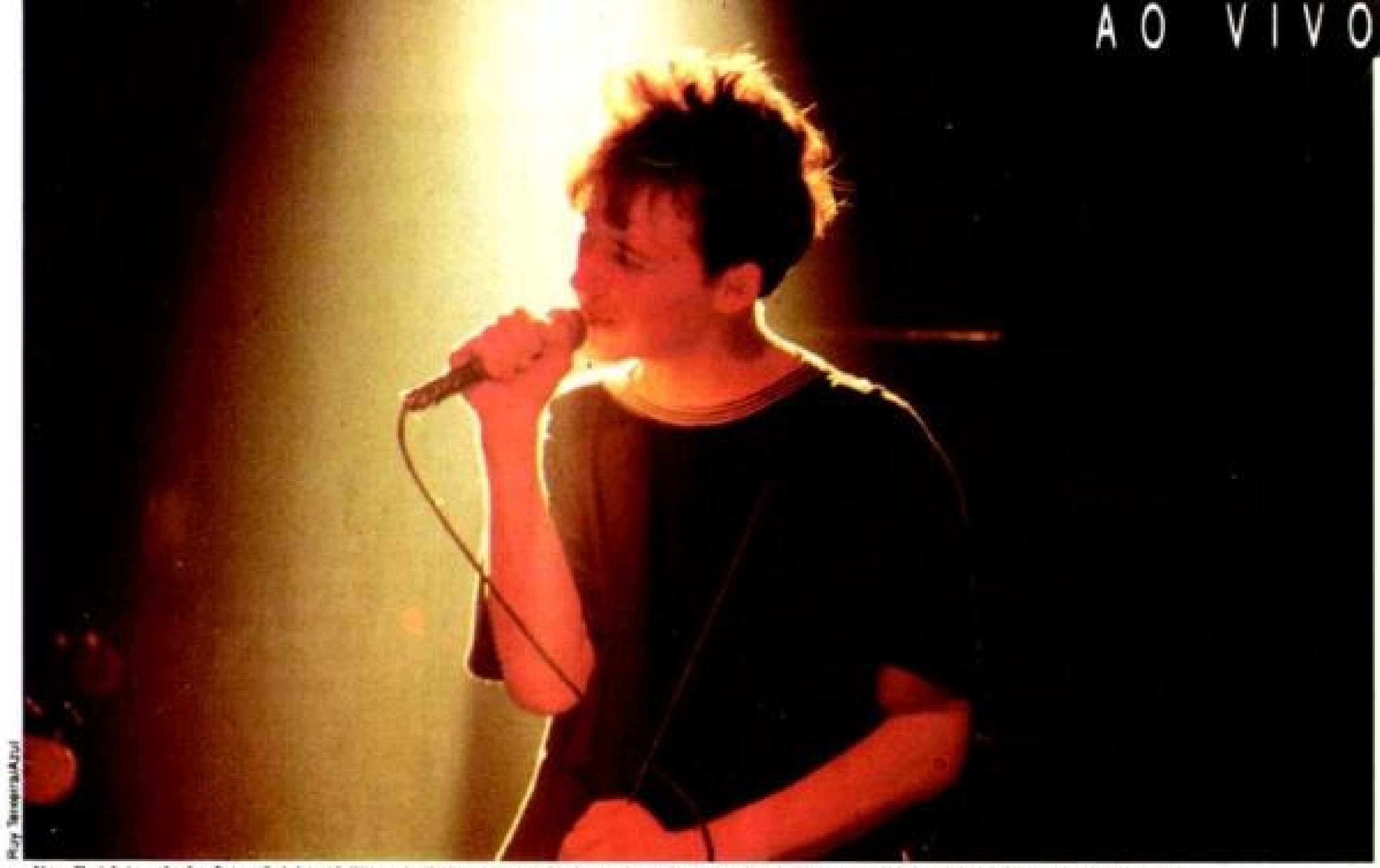
"Na Austrália você vai a um programa de TV e faz o que bem entende. Nos EUA eles estão mais acostumados à imagem do astro de rock glamurizado, desumanizado, e se surpreendem com nosso humor simples. Isso funcionou a nosso favor"

Talvez tenha sido rápido demais, mas não para quem tenha acompanhado os passos dos integrantes do Crowded House lá no território que chamam de *down under* — que, na verdade, se divide em Nova Zelândia e Austrália. Neil Finn — dono de um registro de voz anasalado muito próximo ao de John Lennon e capaz de burilar canções melodiosas e ganchudas — era um veterano da banda que o irmão mais velho fundara, a Split Enz. Durante a turnê de despedida da Enz, Neil e o baterista do grupo, Paul Hester, foram a um programa de TV discutir seus planos pós-Split. De casa, Nick — com passagens por uma série de bandas punk e cineasta ativo ("antes, era preciso trabalhar de dia, quando se tocava numa banda de rock; esta é a primeira vez que estou ganhando dinheiro com música")--viu a entrevista e se apresentou à dupla numa festa. Isso aconteceu em 84 e os três se batizaram The Mullanes, caíram nas graças da Capitol-EMI e excursionaram pela Austrália. Um ano mais tarde, Paul, Nick e Neil mudaram-se para Los Angeles, onde pretendiam ensaiar para seu primeiro disco. Sem muita grana, alugaram uma casa pequena, cujo entra-e-sai de músicos e amigos só era comparável à avalanche de possíveis compradores que a senhoria trazia diariamente... daí o novo nome Crowded House (Casa Atulhada de Gente).

"A gravadora nos contratou achando que éramos apenas uma banda com um punhado de boas canções", recorda Nick, a respeito dos primeiros meses do Crowded House, "canções que poderiam ser *singles*. Até aí, tudo bem, tudo normal, mas eu acho que no início eles tinham dificuldade em categorizar o grupo, porque não tínhamos um barato de imagem, maquiagem, roupas. Foi só quando começamos a fazer as tais festas e a cantarolar e fazer bagunça, como fazíamos na Austrália, que eles descobriram um outro ângulo. E basicamente este é um dos fatores principais do nosso jeito de entreter os americanos. Na Austrália, este tipo de humor é comum... você vai a um programa de TV e *(dando de ombros)* faz o que bem entende, só canta e se diverte. Isso pode ser comum em New Orleans, em Chicago, mas não nos Estados Unidos como um todo... Eles estão mais acostumados à imagem do astro de rock glamurizado, desumanizado. E os americanos se surpreenderam com nosso humor simples".

Até mesmo as cacetadas funcionaram a favor do grupo. Dweezil Zappa, ex-videojóquei da MTV, encontrou um prato cheio no Crowded House para suas piadas debilóides. "Eles soam como os Beatles no início da carreira", disparou o Zappa Jr. na telinha: "O vocalista canta igual a John Lennon e o novo clip deles parece saído de *A Hard Day's Night*." Os neo-australianos — ou austrozelandezes — entenderam a piada ("a gente está acostumado, até gosta desse tipo de sarcasmo sacana", diz Nick), mas reservaram a última gargalhada para um momento mais oportuno. Na festa de entrega dos prêmios da MTV, Dweezil estava prestes a entrar no ar, quando percebeu que estava justamente defronte... a todo o Crowded House! Antes que pudesse escapar, o trio partiu para o ataque: "Então nós soamos como John Lennon? Nós parecemos John Lennon? Dweezil... nós *somos* John Lennon!"

Mais do que o sucesso, o falso fracasso do grupo foi o que mais moldou sua atitude atual — não é à toa que o Crowded House já tem dez músicas novas prontas para o novo álbum: todas haviam sido planejadas para o tal disco tipo "salvação da lavoura", que jamais precisou ser gravado. Afora este acúmulo de munição, "o próximo disco será mais direto, mais simples. Na Austrália as pessoas são meio que dogmáticas sobre esse negócio de fazer pé firme e não abrir concessões, aquela coisa de não se vender. Algumas pessoas acham que vendemos nossas almas à América corporativa, ...mas já nos ofereceram cada coisa, cada tipo de patrocínio, cada trilha de filme... e dissemos não a todo tipo de coisa que nos distrairia da razão real pela qual estamos neste ofício: fazer música simples e se manter verdadeiro".



Ray Teixeira/Azul

Jim Reid (será ele Jesus? Mary? The chain?*) em seu balé com o fio do microfone: a ponta visível do iceberg invisível*

JESUS & MARY CHAIN

Chuva ácida

Prego (Milão) 29/09/87

Tudo é muito simples. De *pyschocandy* a *darklands*. De doces pop — com a psicose de rigor — à terra desolada onde se contrapõem luz e trevas. De palavras suaves e distorções em estado bruto a palavras ásperas e sons limados. De auras elusivas, românticos-adolescentes, a intimações de maturidade, anarquia consciente, violências em micro e macro escala, desencontros homem-mulher. O que aconteceu com os doces românticos da corrente da Madonna com Bambino? Desencanto? Experiência interior? Cinismo da poluição neo-subnarciso e neo-subvulgar? Não. É simples. Os meninos de Glasgow, iconoclastas aos quais se atribuía uma psique selvagem, simplesmente cresceram. Mais sábios. Mais melancólicos — em sua simplicidade provincial escocesa. Mais *dark?* Mais *dark*, se nos referimos a estados de espírito, não a estados de fashion.

De novos Pistols, sem a menor sombra de sex, e novos Velvet, com legítima descendência underground, a apenas Jesus & Mary Chain — sem conotações irônicas endereçadas ao Vaticano. Qual é a essência de Jesus & Mary Chain fase darklands, em vinil e ao vivo? Está naquela linha de "April Skies", sob a voz espectral de Jim Reid, e a marcha elétrica memórias-dos-melhores-anos-de-nossas-vidas: "Making Love on the Edge of the Night". Entre amores, noites e fronteiras, os meninos de Glasgow exercitam uma nova e adquirida sabedoria de vida.

Eles vêm de preto, sem a mínima provocação espetacular — apenas a ênfase nas contraluzes e o máximo de pausa desconcertante entre canções. Na fase psychocandy, o anti-show durava 35 minutos cravados, sem replay. Vi o ritual em 86, em Los Angeles, para um público basicamente de cripto-esnobes de praia. Não entenderam muita coisa — assim como os irmãos Reid e distintos chaps não demonstraram o menor interesse em incentivar sua curiosidade. Na fase darklands temos 55 minutos cravados, também sem replay. A formação é a mesma, mas não o conceito. Desapareceu o kit de bateria minimal. Só *sampled drums*. Baixo, claro, minimal. Feixe de guitarras. Jim Reid enrolando-se progressivamente no fio do microfone e no stand do dito — balé saboreado com delícia por fetichistas de metais esguios. Para completar, o quinto personagem na corrente de Jesus e Maria: a mesa, com seu *set* de efeitos especiais. Cacofonia discreta linha fuzz-feedback-overdrive-delay, mais para fundo de garagem equipado do que as pilotagens automáticas do rock de arena.

Ainda são capazes de construir lindas melodias, quase californianas, agora ainda mais audíveis, pois menos soterradas pela barragem de white noise. Perfeito trabalho de atualização anos 80 das faixas de sensibilidade exploradas por Shangri-Las e Beach Boys. Trata-se de um set que nos põe a sonhar, divagar, viajar por um feixe de emoções despertando de seus sonos de gelo. Corrosão derretendo-se em melancolia. Um comentário adequadíssimo à época. Os milaneses, claro, não entenderam. Nem poderiam. Esta é Yuppieland em estado bruto.

Mary Chain avicina-se a early Stones em "9 Million Rainy Days". Jim Reid fala de água, chuva, isolamentos, desolamentos. Passagem adorável pelos clássicos instantâneos — de "Just Like Honey" a "You Trip me Up", de "April Skies" a "Happy When it Rains". Entre céus aguados e viagens de mel, Jesus & Mary Chain confirmam-se como a grande contribuição escocesa para a sobrevivência do romantismo nos tardios anos 80. Final adequado em registro revivalista-iconoclasta: "Kill Surf City", ou a surf music em Hang Ten sobre um mar de limalhas de ferro. Em nome do Pai, do Filho e da Virgem Santíssima, *we are all happy when it rains*. *Pepe Escobar*

X

Força bruta

Rolling Stone (Milão) 14/09/87

O xis da questão é que o X carrega o peso de uma tremenda história da qual é difícil escapar. Já foi a grande banda pós-punk de Los Angeles e a menina dos olhos azuis do *back door man* dos teclados, Ray "Soul Kitchen" Manzarek produziu X com o máximo de cuidado. Primeiro LP de *drive* matador: *Los Angeles* — quase um manifesto para as linhas de fuga sonoras californianas nos anos 80 —, incluindo uma revisitação de "Soul Kitchen", é claro, em sintonia espiritual com os Bunnymen (comparem as duas versões). A urgência e a exigência também se transferiam para o segundo LP, do qual a pérola extrema só poderia ser "Breathless" X era o máximo do *hip*. Guias-gurus, ainda que à sua revelia. Viraram objeto de documentário — excelente — sobre a sua própria ascensão e a degradação da cena pós-punk em LA. John Doe foi fazer cinema. A vocalista Exene Cervenka virou ícone pop. Mas X — *the band* — mergulhou em certas brumas, certas intimações amorfas...

Depois de auto-indulgência, um LP superproduzido, traumas internos e todos os dramas inerentes a bandas em ascensão, X/87 resolveu descomplicar-se e assumir a longa decantada estrada *back to the basics*. Começaram com o LP *See How We Are* (Elektra, ainda), mas sem Manzarek (produção esparsa de Alvin Clark). E recapturaram, ao vivo, seu som urgente em estado bruto. Versos com ocasionais punhaladas — incorporando à saudabilíssima ironia angelena de rua harmonias vocais de serra elétrica e *drive* de guitarra. Simples. *It's like that*, como dizem os rappers.

O probleminha é que, nesta turnê européia, X era o final e The Call e 10000 Maniacs, o "antes". Um horror. Quando X chegava ao palco, 90% da platéia já estava bombardeada com MIRVs de redundância. Muito bem. Mesmo assim, ao vivo, X ainda foi capaz de transmitir aquela expressão fatal, imortalizada em um LP de Iggy e os Stooges, *Raw Power*. É o que acontece em metralhadas como "In the Time it Takes" e "I'm Lost". *Drive* letal, e, na superfície, aqueles urros vulneráveis da dupla Doe-Exene. Billy Zoom, ex-segunda guitarra, foi substituído com conveniência. Bonebrake continua massacrando seu kit de bateria extra-standard. Simples. Tudo muito simples.

X até se dá ao luxo da pausa que refresca em registro romântico ("You" e "See How We Are"). Selvagens. Mas com elegância. Uma das *encores*, também com elegância, foi "Breathless" — homenagem lateral ao Jerry Lee "Killer" Lewis. Los Angeles ainda tem do que se orgulhar desses filhos pródigos. *P.E.*

GEORGIA SATELITES

Fora de órbita

Ritz (Nova York) 30/09/87

Mauro Magalhães (Magellan, em "americano"), um demônio numa banda desencontrado

De repente os Georgia Satelites saíram de um bar perdido no sul dos Estados Unidos para o Disco de Platina. De repente quer dizer um ano, mas um ano não é nada para quem estava tentando há oito sem o menor sucesso, tocando de noite para curtir, trabalhando de dia em empregos chatos.

O disco é bom — rock direto, quase rockabilly, nada de muito criativo, gostoso e leve. Mas ao vivo o som não resulta tanto. Talvez porque estivessem habituados a tocar num bar, com uma audiência menor sentada à mesa, os Satelites ficam um pouco perdidos no palco. Mauro Magellan, o baterista brasileiro, me disse que nessa época o que eles mais faziam eram covers dos Rolling Stones. Isso podia estar certo para uma banda desconhecida fazendo fundo para uns drinques; mas não é muito legal num espetáculo de palco que se propõe ser auto-suficiente. O covers de "Heart of Stone" foi ótimo, mas quando eles começaram metendo "It's Only Rock'n'Roll" no meio de seu maior hit, "Keep Your Hands To Yourself", já achei um pouco demais. E depois, se a música dos Stones é gostosa, os Stones são mais gostosos ainda, e ninguém se contenta com imitações. Se os Satelites têm boa música própria, para que ficar ainda "cobrindo"?

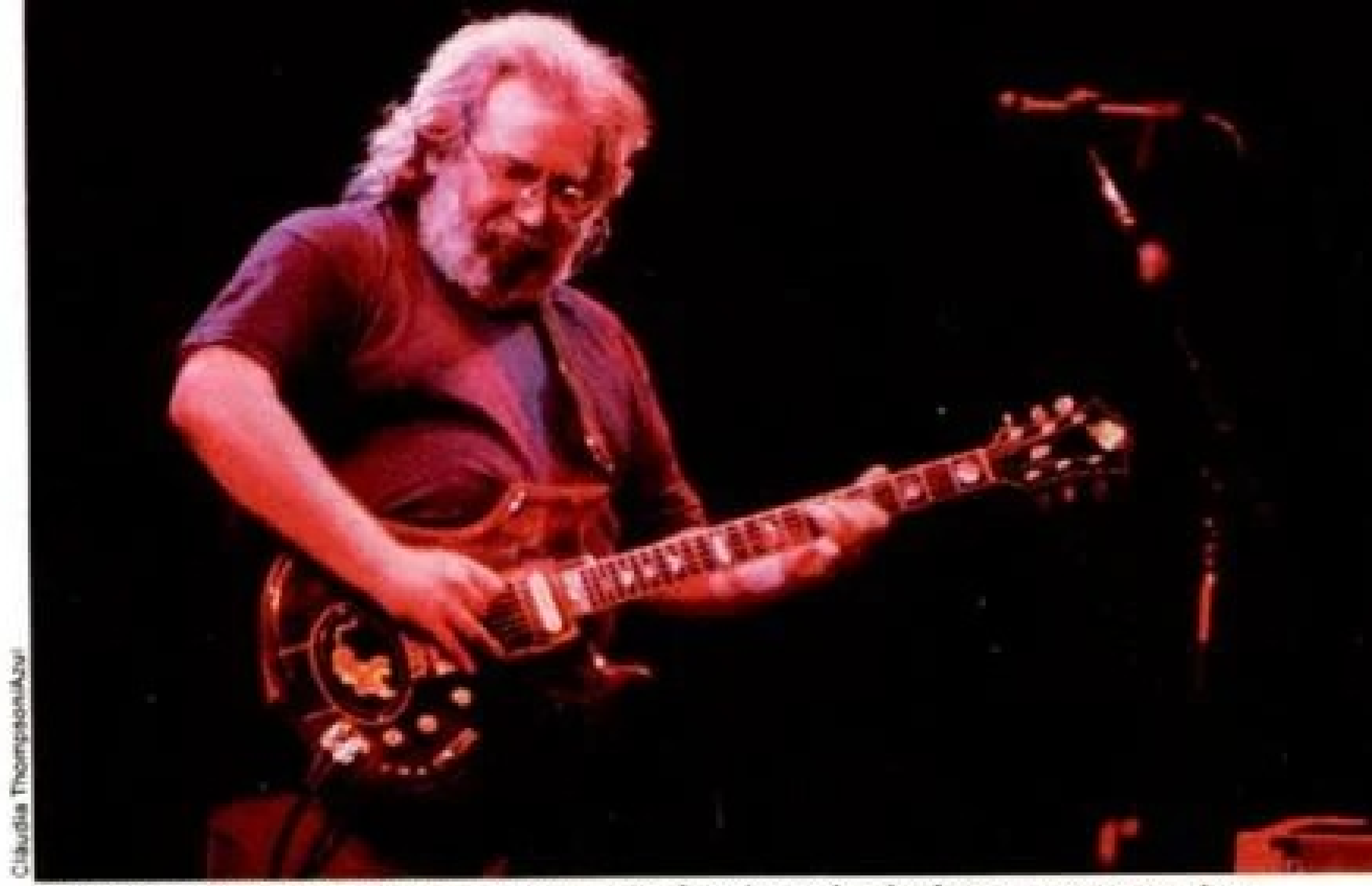
Mauro sempre viveu nos Estados Unidos, a ponto de mudar o nome para Magellan — Magalhães, para os americanos, é mais difícil que Bszonscri. Mauro prova que está certa a fama dos brasileiros como demos da percussão. Só que isso não basta. Quando cheguei em casa ouvi de novo o disco, e quase acreditei que eram os mesmos caras que tinha acabado de ver. E sabem o que botei na vitrola em seguida? Rolling Stones, é claro.

J. N.

GRATEFUL DEAD

Paz e Amor

Madison Square Garden (Nova York) 18/09/87



Jerry, o anjinho papudo de guitarra: quem não dormiu no sleeping bag *nem sequer sonhou*

Os shows do Dead são sempre exemplares únicos, porque eles ficam tocando numa boa, horas e horas, improvisando como se estivessem em casa puxando um fumo e curtindo um som. A banda chega no palco e Jerry Garcia, que está parecendo um profeta, gordo, de farta cabeleira e barbas brancas, morde a palheta, dá uns acordes e a casa entra num silêncio quase religioso. Está começando aquilo que os *dead heads* — os fãs fanáticos que viajam milhares de quilômetros para participar — consideram uma experiência cármica.

Desta vez os Grateful Dead tocaram três horas, umas vezes com brilho e pique, outras demasiado auto-indulgentes, deixando o som escorrer pelo Garden como se a audiência não estivesse ali. É uma viagem no tempo; de repente estava de volta aos anos 60 — os *sit-ins*, os happenings, viagens de fumo e "paz e amor". Beleza, muita beleza. É uma viagem que continua a atrair muita gente, apesar de oficialmente *passé*, porque o Garden estava lotado com fãs de terceira geração.

Jerry Garcia é um grande guitarrista — só não pode ser colocado ao lado dos Claptons e Hendrix porque nunca se esforçou muito, como se o virtuosismo por si só fosse suficiente. Ele não tem aquela angústia, o *drive*, o "vou morrer aqui mesmo" que fazem de um excelente guitarrista um deus. Deus é Clapton, e o demônio, Hendrix; Garcia pode ficar com o lugar de anjinho papudo, perdido numa nuvem lá para cima, entre uma cerveja e uma viagem. Uma viagem no tempo, foi o que foi. Não tem nada melhor para levantar o moral!

José Nogueira

RAMONES

Velhos e bons

Ritz (Nova York) 10/09/87

Marky — o terceiro e quinto baterista — de volta às origens: o rock simples dos Ramones

Os Ramones que eu gosto são os da época de *Rocket to Russia*: "Sheena Is a Punk Rocher" e "I Don't Care" devem estar em qualquer lista das 100 mais, até mesmo das 10 mais. Treze anos de consistência espetacular, aqui está uma façanha que muito poucos grupos conseguiram repetir, e que ninguém esperaria de uns caras que parecem não se levar totalmente a sério.

As únicas mudanças em todos este tempo foram na percussão, que parece ser o lugar quente... O primeiro baterista foi Joey, isto na antigüidade, antes de descobrir o microfone. Foi substituído por Tommy, que preferiu passar a produtor.

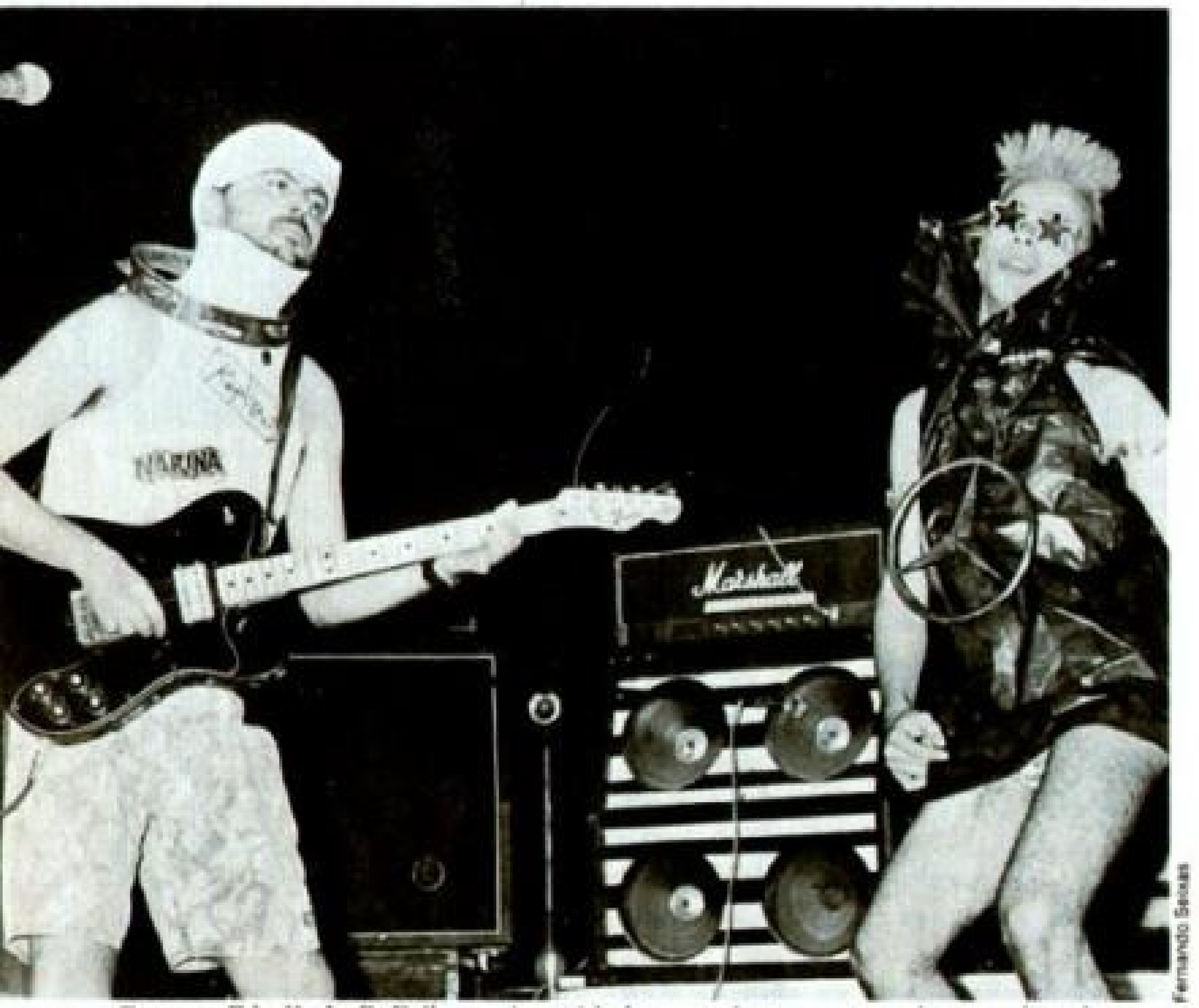
Marky, o seguinte, ficou um tempão, até 1983, quando foi substituído por Ricky, que esteve no Brasil. E agora, quando já estávamos nos habituando, Ricky se mandou!

Este show no Ritz começou por ser anunciado como a estréia de Clem Burke (ex-Blondie, ex-Eurythmics) na bateria — iria ele se tornar Clemmy Ramone? Aí, no dia anterior, o anúncio foi mudado: "... Com o antigo e futuro baterista Marky Ramone". Isso mesmo, o velho Marky, que começou o espetáculo com um solo de três minutos, só parar mostrar que ainda sabe (e muito bem!) o que faz. E logo depois entraram na pauleira de sempre, rápida, alta e com um pique infernal.

Dizem que os Ramones chegaram ao Brasil atrasados 11 anos, mas realmente isso não faz a mínima diferença: o som continua igualzinho ao que sempre foi: curto e direto, sem deixar cair. Tem quem ache que os Ramones são punk, hardcore e não sei que mais. Para mim o que eles são mesmo é rock — puro e simples — do melhor.

J. N.

BANDAS PLUG



Castor e Edu K. do DeFalla — obscenidade contagiante para um show arrebatador

Saco de gatos

Canecão (RJ) 05, 06, 07, 08 e 09/11

Para lançar oficialmente seu novo selo do rock nacional — o Plug — a RCA armou um big festival no Canecão que durou cinco noites. No palco, seu mais novo/jovem cast, que tem de tudo.

Quarta-feira, calor intenso na cidade. Os Replicantes, de Porto Alegre, dão o pontapé inicial na maratona — hardcore de primeira linha, subindo pelo dorso. O público delira, até que... CLICK!, as luzes são acesas e os microfones emudecem no meio do show — uma cena bastante desagradável, pois cada banda teria apenas meia hora, o que prejudicou vários trabalhos. A seguir o TNT com um visualzinho meio Beatles, de franjinha e tudo. Não primam pela originalidade, mas pela garra com que tocam. Fechando a noite, surge o João Penca. Eles são hilários e inteligentes, brincam com todos os clichês possíveis e dão um belo show, apesar de prejudicados pelo som, horrível! Antes de ir para casa, não deixo de reparar numa figura meio andrógina alta, numa minissaia amarela, acompanhado(a) de um sujeito engessado da cintura para cima. Parecia um encontro entre Xuxa e Rococop.

Quinta-feira. Quem disse que o calor ia diminuir? Logo no início, uma surpresa — não é que aquelas duas figuras estão no palco? Era o DeFalla, com um som de arrepiar os cabelos — uma mistura de Red Hot Chilli Peppers com Beastie Boys, se é que isso é possível. Obscenidade contagiante e um show arrebatador. De trás de uma demolidora bateria surge a frágil lourinha Biba. O da minissaia chama-se Edu K. Infelizmente o arraso do DeFalla não é repetido pelos Garotos da Rua, competentes, mas que deixam um gosto insosso na boca. Muita gente aproveita para comprar uma cerveja, voltando para assistir ao violeta de Outono. O show é mais acelerado do que o de costume, embora algumas vezes um pouco cheio de firulas. No fim o resultado é tão bom que eles voltam num bis consagrador.

Na sexta-feira vê-se o menor público, até então. O Black Future abre a noite. O clima da banda oscila entre o melancólico e o depressivo, ajudado pelo canto discursivo do vocalista Satanésio. É um som que incomoda e não há meio termo — amor total ou ódio absoluto. Nenhum de Nós toca durante meia hora, insuficiente para mostrar se possui um som próprio. Fica a dúvida. E a noite se encerrou com o Obina Shock, desfalcado de seu baterista. Superversátil, Roger ocupa seu lugar e, apesar dos problemas, faz um bom espetáculo.

Sábado, casa quase cheia. Os Aliados (ex-Os Melhores de Léo Jaime) abrem com um pop sem atrativo especial. O melhor vem a seguir — é o Hojerizah, com Toni Platão à frente soltando o vozeirão que Deus lhe deu, que combinado com um rock básico, leva a platéia ao delírio. Saem merecidamente ovacionados. A temperatura continua subindo com a banda seguinte, os Picassos Falsos, cada vez mais seguros.

Domingo marca o final da maratona. Os Engenheiros do Hawaii mostram que seu sucesso não é à toa — são quase uma cult band nacional. São seguidos pelo Hanoi-Hanoi, do superbaixista Arnaldo Brandão que, contudo, não é dono de uma voz das mais potentes. O som oscila entre a qualidade instrumental e canções medianas e dispensáveis. Quem vencerá? Encerrando tudo, de fato, o grupo mineiro Sexo Explícito, que não consegue se encontrar, faz com que muitas pessoas deixem o espaço antes do final, apavoradas com os uivos de seu vocalista. O calor, contudo, continua intenso.

C. A.

INOCENTES

Fogo lento

Shopping Center Norte (SP) 25/10/87

Tinha tudo para dar certo. O tempo, instável até então, estava dando uma trégua, aproveitada por mais de dez mil paulistanos que se deslocaram para ver Clemente e sua gangue inaugurarem aquele galpão ao ar livre, não longe de seu bairro de origem, o Limão.

Tudo para dar certo. Os Inocentes lançando seu primeiro verdadeiro LP, o ótimo *Adeus Carne*, um palco com infra-estrutura imponente, ostentando duas respeitáveis paredes de caixas de som. Um clip para ser filmado, o público na melhor disposição.

Só que nem tudo deu certo. Clemente (voz, guitarra), Tonhão (bateria), André Cainã (baixo) e Ronaldo (guitarra), esquecendo provavelmente que o horário de verão tinha iniciado naquele dia, apareceram no palco com uma hora e meia de atraso. O público estava na dele, curtindo a excelente seleção musical que rolava pelos alto-falantes. Então, o Clemente gritou: "Vamos cantar o Hino Nacional: Bota pra f*!"... Aí, a gente se perguntou se era um show do Camisa de Vênus ou um comício. Os Inocentes começaram a tocar versões "devagar" de "Pânico em SP", "Eu", "Tambores". Dez minutos tinham se passado e o pânico estava mais no palco do que em outro lugar. Clemente interrompeu tudo e avisou que voltariam dentro de 15 minutos. De volta, ele explicou que é Brasil, que essas coisas só acontecem aqui etc... Paciência. Os Inocentes, que têm nove anos de estrada, mais pareciam uns principiantes. Soubemos depois que os malandros não tinham feito a passagem de som antes do show. A partir daquele momento as coisas começaram a esquentar. Durante uma hora a banda finalmente exibiu seu rock'n'roll eficiente e engajado, para se retirar em seguida. E o público também começou a se retirar. Ninguém estava agüentando mais ficar em pé.

O bis incentivado por um "animador de auditório" foi o melhor do show dos Inocentes

Aí, alguém foi ao microfone e gritou: "Cumé, moçada? Vocês não querem mais? Tem que pedir! Bis! Bis!" O pessoal pediu, e os Inocentes voltaram rapidinho para continuar seu show. "Pátria Amada", "Não Sei Quem Sou" "Morrer aos 18"... e até a censurada "Não É Permitido". Enfim, quase todo o novo álbum desfilou por mais meia hora de paulada. Tudo impecável. Enquanto isso as pessoas iam saindo. E, quanto mais o tempo passava, melhor a banda tocava. Clemente parecia possesso.

Conclusão: faltou aquela centelha que incendeia a pólvora e eles ficam devendo um show à altura das expectativas que o vinil prometia.

Jean-Yves de Neufville

Tom Petty, o comandante dos Heartbreakers, preparando o clima e a cama para um Dylan em noite inspirada

Ross Barnett/Retna

BOB DYLAN & TOM PETTY

Olho do furacão

Wembley Arena (Londres) 16 e 17/10/87

Os templos não estavam em chamas nem era Desolation Row. Mas quando Bob Dylan pisou com suas botas de motoqueiro no palco da Wembley Arena, na zona oeste de Londres, por todos os lados havia dezenas de árvores tombadas, vidraças rompidas e postes caídos.

Há menos de vinte anos, para deixar a cidade estilhaçada e inquieta não teria sido preciso um furacão de verdade, como o que agora assolava Londres nesta fatídica sexta-feira, autêntica *black friday*, de 16 de outubro. A simples presença de Dylan possuía, então, a fúria devastadora de uma tormenta. Ele era o próprio *eye of the hurricane*.

Pelo menos fora, em 1965, quando os Beatles e os Stones sentaram, atônitos, na platéia. E também em 66, com quatro discos entre os dez mais vendidos. E voltaria a ser, em 78, quando doze anos depois de ter jurado jamais voltar a pôr seus pés na ilha, Dylan apresentou-se para cem mil pessoas.

Mas agora, o clima de inquietude que antecedia os shows de encerramento da turnê *Temple in Flames* — uma continuação da turnê *True Confessions*, iniciada em 86 e na qual, como agora, Dylan estava acompanhado por Tom Petty e pelos Heartbreakers — se devia a razões meramente meteorológicas.

Afinal, os dois shows em Israel, ponta-pé inicial da turnê, haviam sido reticentes e imprecisos. E os demais concertos, por 14 cidades da Europa, revelaram um Dylan remelento em performances quase sempre reumáticas.

Mas como Londres sempre fora uma cidade decisiva na carreira do velho menestrel rimbaudiano, ninguém sabia ao certo o que esperar dele nesta noite tempestuosa. Quem subiu no palco daquela arena gélida, sob céus de chumbo: um profeta irado com a garganta repleta de trovões, como em *Before the Flood*, ou a estrela caída num show chove-não-molha, como em *Budokan?*

Os concertos de Londres, especialmente a noite de encerramento (sábado, 17 de outubro), acabaram desvendando um Dylan relampejante, devastador e altivo. Desde que irrompeu em cena entoando o discurso insurreto e profético de "The Times They Are A-Chan gin", mergulhando a seguir no fragor indômito de "Like a Rolling Stone", até os acordes finais de "Knockin on Heaven's Door", Dylan comandou um show virtualmente perfeito. Uma celebração da amizade e de suas raízes musicais mais profundas. *An American Grain* em plena ilha do norte.

Tudo planejado para a hora exata: Roger McGuinn abre a noite, sózinho ao violão, cantando clássicos de insubmissão como "I Wasn't Born to Follow" e "Ballad of Easy Rider". A seguir, Petty e os Heartbreakers sobem ao palco e, com McGuinn ainda em cena, revisitam o psicodelismo com "Turn, Turn, Turn", "Eight Miles High" e a maravilhosa "Mr. Tambourine Man" (o velho arranjo dos Byrds).

Então, o *set* de Petty e sua banda — 14 canções ao todo — inicia também com uma relíquia, "Around & Around", para repassar a seguir *hits* como "Refugge", "Dont Came Around Here No More" e "Southern Accents".

Depois da aula tipo "tudo o que você sempre quis ouvir de folk-rock, country-rock e *mainstream* mas nunca teve a quem escutar", o clima está pronto para Dylan, de couro e seda, entrar em cena, junto de três vocalistas, as *Queens od Rhythm* (que acrescentariam um toque *gospel* ao coquetel), e detonar jóias como "Forever Young", "Shelter from the Storm" e "When the Night Comes Falling from the Sky", em arranjos extradensos. Ao todo, 21 canções.

Com a tenacidade de uma banda de bar afiada e precisa, os Heartbreakers já comprovaram ser os melhores acompanhantes e Dylan desde The Band. Pelo menos são os únicos com pique, proficiência e amor à grana suficientes para se expor ao vasto repertório de Dylan e à sua perturbadora mania de apresentar canções que sequer foram ensaiadas.

Mas quando fica só no palco, cuspindo os pedaços de sua alquimia verbal, Dylan também é pura magia. Na verdade, os arrepios só foram maiores quando, na última noite, George Harrison subiu ao palco e, com Dylan (ambos, juntos, somam hoje 90 anos), mais Petty e McGuinn, cantou "Everybody Must Get Stoned" ("Todo Mundo Deve se Chapar"). Então, a platéia, em grande parte grisalha ou calva, já podia ir para casa. Chapada. E com a certeza de que nem só de vento são feitos os furacões. *Eduardo Peninha Bueno*

CAETANO VELOSO

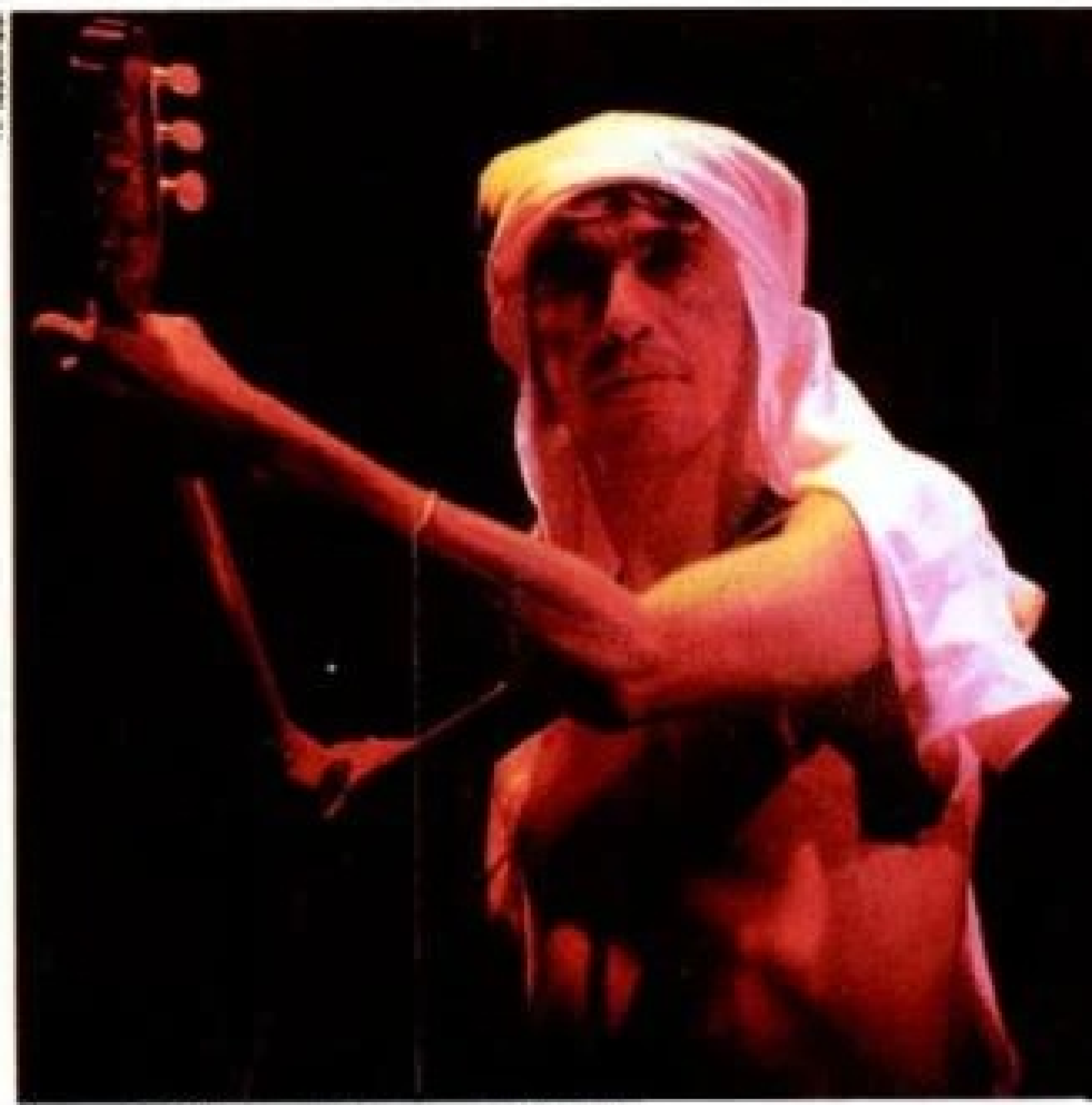
Totalmente cool

Palace (SP) 22/10/87

Já no início do espetáculo, foi um Caetano cool que despejou cinco inéditas, uma atrás da outra, lascou emoção com a balada "Fera Ferida", de Roberto e Erasmo, e desencavou da Tropicália a pérola "Superbacana", de seu LP de 1968, numa bem-vinda homenagem ao movimento que completa agora vinte anos de existência. Destaque ainda para a inédita "O Ciúme", uma plangente canção nordestina que fala de um passeio pela margem do rio São Francisco.

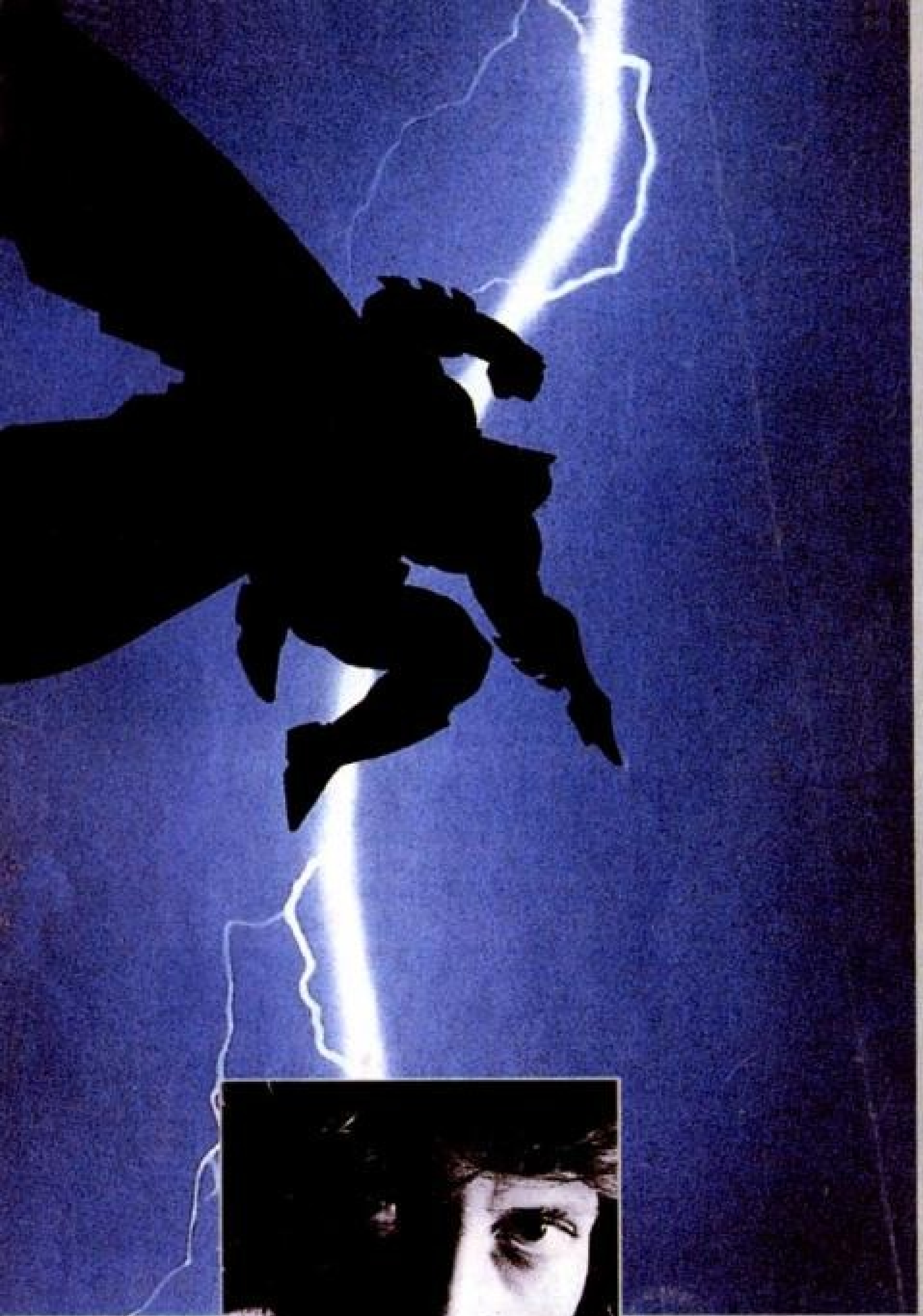
Em seguida, uma sessão acústica com a presença de Toni Costa e Tavinho Fialho — também excelente baixista — no violão, Caetano recria "Valsa de uma Cidade", de Ismael Neto e Antônio Maria, recorda "Brigas, Nunca Mais", de Tom e Vinícius, dá um contorno bossa-novístico em "Você é Linda" e arranca aplausos com "Charles Anjo 45", de Jorge Ben. É exatamente aqui que ele profere seu único comentário durante o show: "Ben disse certa vez que se orgulhava de nunca ter composto uma música triste".

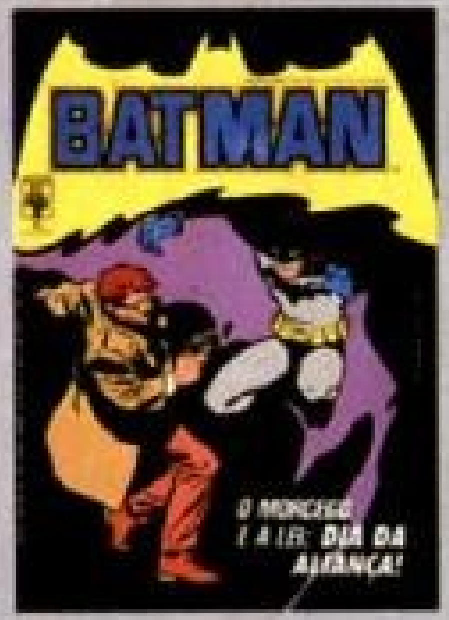
Na terceira fase do espetáculo retornaram a guitarra, e o baixo elétrico e a percussão. Caetano interpretou músicas de outros monstros sagrados da MPB, como "Roque do Segurança", de Gil, e "Cais", de Milton Nascimento. No encerramento, com direito a bis, ele resolveu colocar as duas inéditas que certamente cansarão de tocar nas emissoras de rádio do país. Uma delas é a "Vamo Comer" cantada em ritmo acelerado, uma salsa irônica com letra extensa que fala de PT, UDR, aborto, Aids e de outras mazelas nacionais. Já "Eu Sou Neguinha", homenagem a Arto Lindsay, é um reggae debochado que num trecho diz: "... totalmente terceiro sexo/totalmente terceiro mundo/totalmente terceiro milênio". Adeus à fase "totalmente demais". Caetano está mais contido mas nem por isso menos inquietante e vibrante. *Edgar Olímpio de Souza*

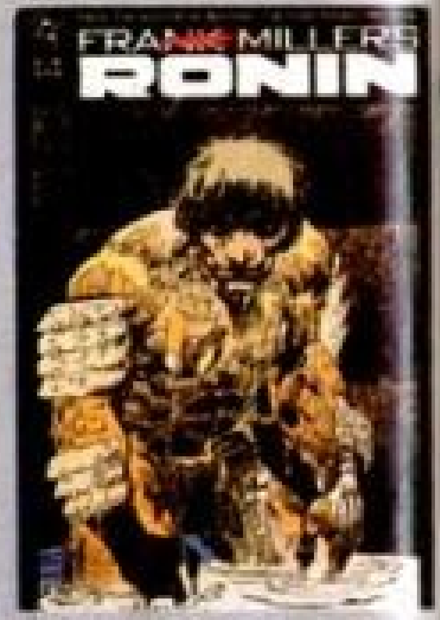


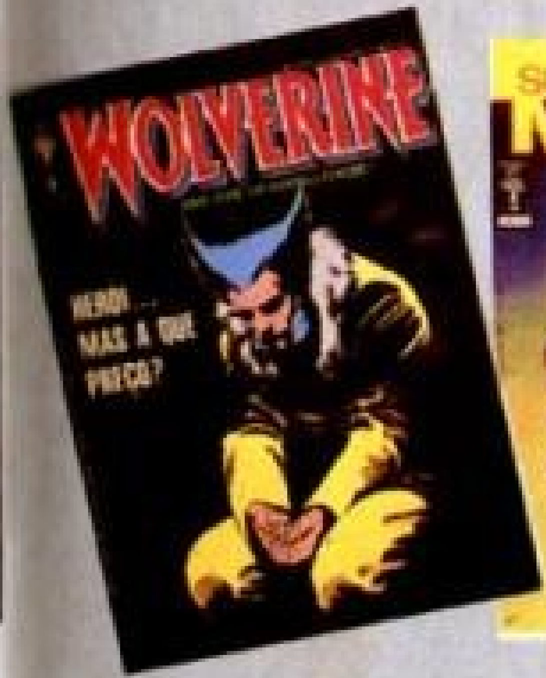
R. Tacci/Azul

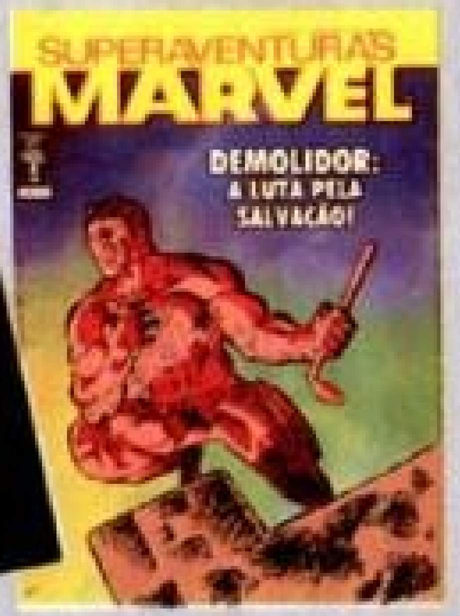
Quarentão, Caetano deixou a pose de lado

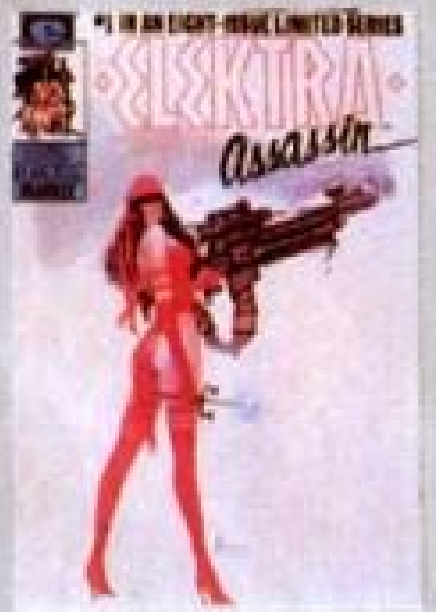












Quadrinhos expressionistas, heróis sanguinários... Enquanto Super-Homem comemora 50 anos, estranhos conceitos ameaçam seu universo de destruição! BIZZ entrevista com exclusividade o principal protagonista destas mudanças: *Frank Miller*, o criador da minissérie *Cavaleiro das Trevas* e outra [illegible] dúzia de assombrações...

TREVAS EM QUADRINHOS

Super-herói não é um conceito moderno. A crise da meia-idade abate a maior parte dos superseres consagrados. Os tempos mudaram e com eles os quadrinhos. Novas séries como *Watchmen* de Alan Moore estão mexendo fundo na questão crucial: o que aconteceria se, de fato, existissem super-heróis no mundo real?

No centro de toda esta controvérsia está uma minissérie de quatro capítulos (lançada no Brasil pela editora Abril) que se prepara para voltar às bancas sob a forma de uma edição única encadernada: *O Cavaleiro das Trevas (The Dark Knight)*. Estrelando um envelhecido e ultraviolento Batman, que volta à ativa num futuro à beira do colapso, dominado por gangs de rua sanguinárias, mísseis nucleares, políticos decadentes e uma mídia sensacionalista. Uma visão de expressionismo urbano com o dramático impacto do melhor *film noir*.

O homem por trás desta obra-prima — ele não se esconde sob nenhuma identidade secreta — chama-se Frank Miller. Sua carreira começou aos 20 anos, como desenhista da revista *Twilight Zone*, da Gold Key Comics. Logo passou a desenhar episódios da revista *Weir War* (histórias de terror) para a D.C. Mas foi na Marvel que seu nome começou a brilhar. Não com seus primeiros trabalhos, dois números do *Homem-Aranha*, mas com um herói com a vida comprometida pela pouca vendagem: *O Demolidor*. A princípio como desenhista e logo também como roteirista, Miller não só impediu o cancelamento da revista como a tornou uma das mais cultuadas publicações dos quadrinhos americanos. O coroamento deste sucesso se deu com a criação de seu primeiro personagem, Elektra, uma ninja assassina que, contudo, era o verdadeiro amor do herói. Esta saga acabou lhe rendendo, aos 24 anos, um bom indício da celebridade que agora, aos 30 anos, desfruta. Hoje, sua obra pode mesmo ser comparada às de seus ídolos Will Eisner (o criador de *Spirit*) e Hugo Pratt *(Corto Maltese)*.

Frank Miller ao telefone (ligação noturna para Los Angeles), contrastando com a ambientação fria e depressiva de suas histórias, soa maroto e sorridente. Nossa conversa começa justamente com a ponta do iceberg, a melhor história em quadrinhos escrita em anos: *O Cavaleiro das Trevas*.

BIZZ — *Como você teve a idéia deste velho e ultraviolento Batman?*

Miller — Eu tive essa idéia olhando os quadrinhos que estavam sendo publicados. Eles me pareciam um pouco pobres e envelhecidos... O envelhecimento de Batman é um mito. E como eu estava trabalhando nele, fiquei me divertindo com isso. Tentei torná-lo um pouco mais realista. E tentei reintroduzir a idéia do super-herói como um fora-da-lei, um foragido.

BIZZ — *Um jornal em Nova York chamou seu Batman de neoconservador...*

Miller — *(risos)* Eu próprio não sou neoconservador. E não vejo Batman como um tira ou um direitista. Como eu disse, eu o vejo como um dissidente, um transgressor!

BIZZ — *E o conflito entre Batman e Super-Homem em sua história? Você vê Super-Homem como uma espécie de herói da era McCarthy?*

Miller — Ele é o genuíno direitista da história. Ele é a direita americana... ou o neoconservadorismo americano. Um cachorrinho de Ronald Reagan. Há muito de neoconservador em sua atitude de manter as coisas como estão, sob controle.

BIZZ — *E Batman é um sádico?*

Miller — *(pausa)* Eu acho que ele é alguém que ama o seu trabalho *(risos)*.

BIZZ — *Na minissérie* Cavaleiro das Trevas, *Robin é uma garota...*

Miller — Esta foi uma idéia que eu tive olhando seu uniforme, *really!* O uniforme de Robin sempre me pareceu melhor numa garota!

BIZZ — *Você começou a escrever histórias com o* Demolidor, *não? E ele se tornou superviolento. Você criou* Elektra, *uma assassina mortífera adorável!* (Frank ri) *E trabalhou com o mais violento X-Men,* Wolverine... *Você gosta de violência?*

Miller — Eu certamente fiz muitas histórias violentas. O que costumo fazer é escrever histórias sobre combatentes do crime. E eles não fazem qualquer sentido a menos que os criminosos estejam cometendo crimes reais. E, você sabe, se um dos meus heróis veste um uniforme e vai à luta, ele precisa ser tão violento quanto os criminosos.

BIZZ — *Você também tem bastante atração por artes marciais, ninjas e lâminas orientais.* Elektra, Wolverine *e* Ronin *estão cheios destas coisas...*

Miller — Elas são o grande ideal da minha vida. São as coisas que eu estudo.

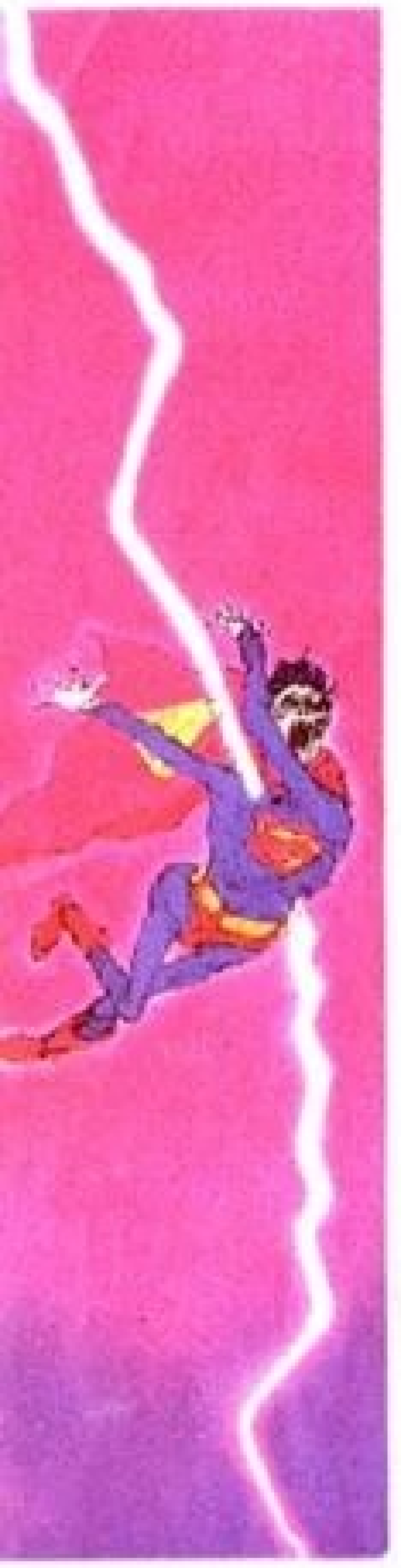
BIZZ — *As minisséries de* Elektra *e* Ronin *vão ser lançadas no ano que vem no Brasil. Você pode nos adiantar algo sobre as histórias?*

Miller — *Elektra*, eu desenvolvi com Bill Sienkiewich. Ela é engraçada, a seu modo!

BIZZ — *Engraçada?*

Miller — É puro humor negro! E ainda inocente e violenta. É a história de uma ninja assassina que decide assassinar o presidente dos Estados Unidos — na verdade, o homem que está concorrendo ao cargo. Ele é uma critura muito maligna...

BIZZ — *Como o candidato de* A Hora da Zona Morta *(filme de David Cronenberg)?*



Super-Homem, o "cachorrinho de Reagan", dançando na mão de Miller

"Tive a idéia de transformar Robin olhando seu uniforme — sempre me pareceu que ele ficaria melhor em uma garota!"

Miller — Hmm! É diferente daquilo, embora você possa comparar. O candidato presidencial trabalha para um monstro (a besta apocalíptica)... Na história, há um agente da CIA *(na verdade, da SHIELD, organização fictícia dos quadrinhos, comandada por um ex-veterano da Segunda Guerra e amigo do Capitão América. Miller trata a SHIELD em sua história como se fosse, de fato, a CIA)* que é parte robô. A arte de Bill Sienkiewich na série é extraordinária! *(nova pausa)*... E *Ronin* foi o primeiro livro que eu fiz com Lynn Varley (pintor original da série *Cavaleiro das Trevas*). Eu escrevi e desenhei em 1984. E é um trabalho do qual eu tenho muito orgulho. É a história de um samurai reencarnado na América do século 21.

BIZZ — *Você também trabalhou com o Homem-Aranha...*

Miller — Eu fiz uma ou duas histórias, *yeah!*

BIZZ — *E que tal? O Homem-Aranha é o herói mais tradicional da Marvel...*

Miller — Sim. Quando Steve Ditko e Stan Lee o criaram, ele era um novo tipo de personagem, muito excitante. Mas, com o passar dos anos, como Super-Homem, ele ficou cansado.

BIZZ — *O que você está fazendo agora?*

Miller — Estou trabalhando em novos personagens. Um deles com Dave Gibbons. Ele criou *Watchmen* — você já viu *Watchmen?*

BIZZ — *De Alan Moore? É um grande trabalho. Vai ser lançado em 1988 por aqui também.*

Miller — *Yeah!* O desenhista é Dave Gibbons. Nós estamos fazendo uma nova série sobre um agente do governo: uma mulher no século 23.

BIZZ — *Pela D.C. também?*

Miller — Oh, não! Nós ainda não temos um editor. *(Pausa)* Outra coisa que eu estou fazendo é uma *Graphic Novel* da *Elektra* para a Marvel. Estou escrevendo e desenhando e Lynn Varley está colorindo.

BIZZ — *Você tem um herói favorito?*

Miller — Hmm... Suponho que é *Ronin.*

BIZZ — *Ainda há lugar para super-heróis na cultura contemporânea?*

Miller — Eu não acho que os super-heróis que nós conhecemos — Super-Homem, Homem-Aranha, Batman... — realmente tenham algum futuro. Eu acredito que o futuro são os novos personagens que estão sendo criados por novos artistas.

BIZZ — *Por exemplo...*

Miller — Eu adoro Alan Moore, Bill Sienkiewich... Minha revista favorita, não sei se você já viu, é a independente *Love and Rockets.*

BIZZ — *Você também está trabalhando como independente agora, não? A última notícia, aqui no Brasil, era que você tinha abandonado a D.C. por causa da adoção do uso de selo de impropriedade em certas revistas da editora... A censura é muito dura nos Estados Unidos?*

Miller — Ela é muito ruim. Séria. Há campanhas públicas envolvendo o candidato neofundamentalista à presidência, Pat Robertson.

BIZZ — *E os papais? São um pé no saco?*

Miller — *(risos)* Certamente são! Assim como os editores de quadrinhos na América. Eu e outros artistas tentamos barrá-los nos recusando a trabalhar com eles.

BIZZ — *O que você acha de super-heróis legais, bonzinhos, como o Super-Homem interpretado por Christopher Reeve no cinema?*

Miller — Eu não gosto dos quadrinhos das crianças. Eu prefiro heróis um pouco mais assustadores.

BIZZ — *E o Super-Homem reestruturado por John Byrne?*

Miller — Ele se parece com um Super-Homem que eu nunca li antes. Mas não é tão diferente quanto podia ser.

BIZZ — *Os quadrinhos que você cria são completamente cinematográficos. Dá para ver sombras de film noir e Hitchcock. São suas influências?*

Miller — Eu sou um grande fã de Hitchcock e estudo muito *film noir* dos anos 40 e 50. Também amo os livros de Jim Thompson e as novelas que inspiraram o cinema *noir*.

BIZZ — *Você não tem planos de fazer filmes?*

Miller — Nada que eu possa realmente dizer. De qualquer forma, eu amo quadrinhos. Eu estou próximo de trabalhar com filmes. Mas o que eu realmente quero é fazer quadrinhos, mais do que qualquer coisa.

BIZZ — *Você prefere escrever ou desenhar?*

Miller — Ambos.

BIZZ — *Você nunca mudou de idéia sobre coisas drásticas em seu trabalho, como a morte de* Elektra?

Miller — Eu não mudei de idéia.

BIZZ — *Mas* Elektra *é um de seus personagens favoritos. Você está trabalhando nela agora... mesmo morta?*

Miller — Isso é uma história estranha. Uma história de terror.

BIZZ — *Como é a história?*

Miller — A história é sobre Matt Murdock, o *Demolidor*, que é assombrado por *Elektra*.

BIZZ — *Hmm... Você gosta do Demolidor? A última vez que você escreveu suas histórias, colocou-o na sarjeta... Praticamente o destruiu!*

Miller — *Yeah! (risos)* Eu adoro trabalhar! Eu adoro fazer histórias!

BIZZ — *E se o Batman e o Demolidor se encontrassem?*

Miller — Oh, eu acho que seria emocionante! Infelizmente, Marvel e D.C. não se amam; Marvel possui o *Demolidor*. E D.C., Batman.... Assim, eles nunca vão poder se encontrar!

BIZZ — *Mas já aconteceram* crossovers *juntando Super-Homem e Homem-Aranha, Batman e Hulk...*

Miller — *Yeah*. Mas isso foi antes. Agora as editoras se odeiam!

BIZZ — *E a outra heroína/namorada do* Demolidor, *a* Viúva Negra? *Você tem planos pra ela?*

Miller — Não. Eu só trabalho com novos personagens agora, exceto *Elektra.*

BIZZ — Elektra *é a única coisa que você planeja fazer para a Marvel ou D.C.?*

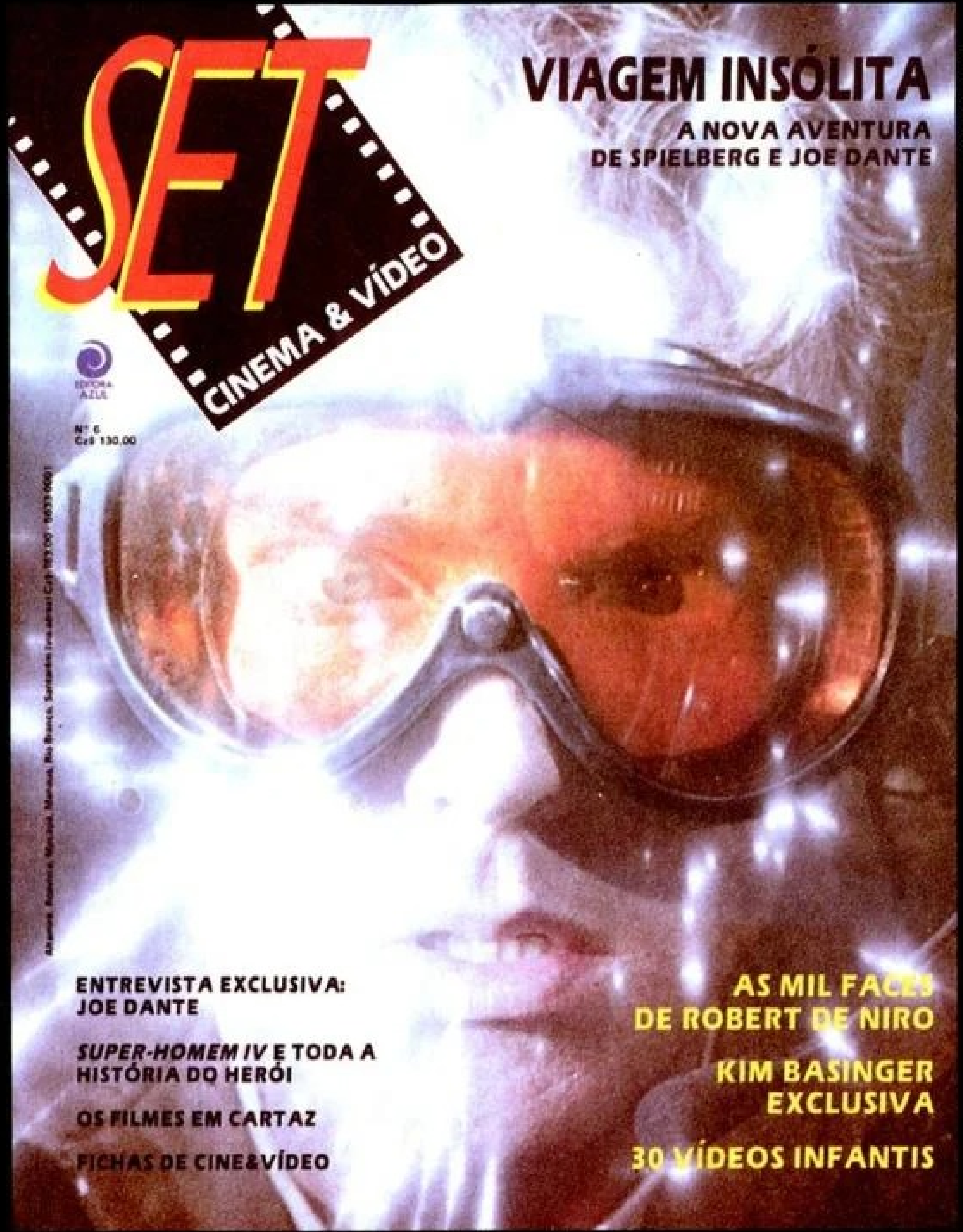
Miller — *That's right!*

BIZZ — *Vai ser difícil, então, acompanhar seu novo trabalho, já que não há representantes das pequenas marcas no Brasil.*

Miller — Eu acharei meios de ter meus livros publicados aí. Apenas no ano passado meu trabalho começou a chegar ao Brasil e a outros lugares do mundo. Eu tenho certeza de que eles vão continuar a chegar. Não são necessárias grandes editoras para arranjar isso... Eu posso arranjá-lo! *(Pausa)* A propósito, que tipo de quadrinhos vocês fazem no Brasil? Eu gostaria de conhecer. Você poderia me mandar alguns?

Marcel Plasse

SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO.



NAS BANCAS.

Warner

O tenente Tuck Pendelton (interpretado pelo novo astro-sensação nos EUA, Dennis Quaid) pilota a cápsula infinitesimal pelas artérias dos incautos

VIAGEM INSÓLITA

Há mais traços comuns entre o megaprodutor bilionário Steven Spielberg e o diretor contente Joe Dante, além da predileção de usar tênis e da idade (quarentinha). Ambos têm também o senso de humor desencanado daqueles que não se sentem culpados pela bandalheira mundial e o que querem mesmo é diversão. Pra terminar, os dois têm três filmes em comum: Spielberg é o produtor, e Dante, o diretor. O primeiro foi *Gremlins* (84), uma espécie de reinterpretação perversa de *E.T.* O segundo, *Viagem ao Mundo dos Sonhos (Explorers*, 1985), uma historinha infantil em que três garotos que sonhavam as mesmas coisas descobrem que alguém os convida para excursões espaciais, e mandam ver. Não emplacou.

O terceiro, *Viagem Insólita (Innerspace*, 1987), promete. É um *remake* às avessas (Dante nega, mas é) de *Viagem Fantástica (Fantastic Voyage*, EUA, 1966), em que um disco voador miniaturizado entrava na corrente sanguínea de um inteligentíssimo cientista moribundo desenganado pela medicina... mas não pela ficção científica. Dentro dele, os tripulantes miniaturizados da nave miniaturizada — Raquel Welch entre eles — tentariam dar cabo da enfermidade.

Viagem Insólita é assim: astronauta-piloto-herói da marinha americana é um bêbado indisciplinado e bonitinho. É o tenente Tuck Pendelton (Dennis Quaid, que divide com Kevin Costner, nos EUA, o posto de astro-revelação de 1987), dono de um apartamento ultratecnológico (ele tem até um robô que serve bebidas) e de uma namorada... puxa, mas que namorada! É Lydia, ou a lourinha esperta e saudável Meg Ryan. É tão maluca a rapariga, que é jornalista profissional. Tuck, sem vagas para os melhores projetos das forças armadas, entra num amalucado laboratório, onde pretende miniaturizar uma cápsula espacial tripulada para injetá-la no corpo de um coelhinho.

Alguns vilões, na hora exata da experiência, entram no laboratório para roubar a cápsula e o chip de desminiaturização. Roubam o último, e a cápsula, com Tuck lá dentro, depois de uma perseguição engraçadíssima, vai parar nas nádegas do neurótico hipocondríaco caixa de supermercado Jack Putter (interpretado pelo excelente comediante Martin Short, em seu segundo longa, depois de *Três Amigos*).

Armada a esbórnia, ninguém segura mais este thriller eufórico de Joe Dante. As crianças vão adorar, e os adultos muito mais. De dentro de Putter, Tuck consegue se comunicar com ele. É uma espécie de espírito que se apossa do medroso hipocondríaco para livrá-lo de suas neuroses. A deliciosa Lydia se envolve com os dois, é claro, e esta comédia aventureira ganha ares de um filme antiparanóia da AIDS. Primeiro porque faz uma alusão direta às injeções que trazem no seu êmbolo uma euforia incontida, um grande prazer de viver — uma alusão positiva. Depois porque a cápsula viaja pelos corpos como um vírus — atenção: transmissível sexualmente.

Ao contrário dos monogâmicos (pós-AIDS) Eliot Ness e James Bond, o trio Tuck Pendelton, Jack Putter e Lydia não estão nem aí. E muito menos estão aí os vilões, verdadeiros devassos, lascivos, escravos do sexo! A alegria de viver é só o que vale nesta *Viagem Insólita*. *Eugênio Bucci*

SUPER-HOMEM IV

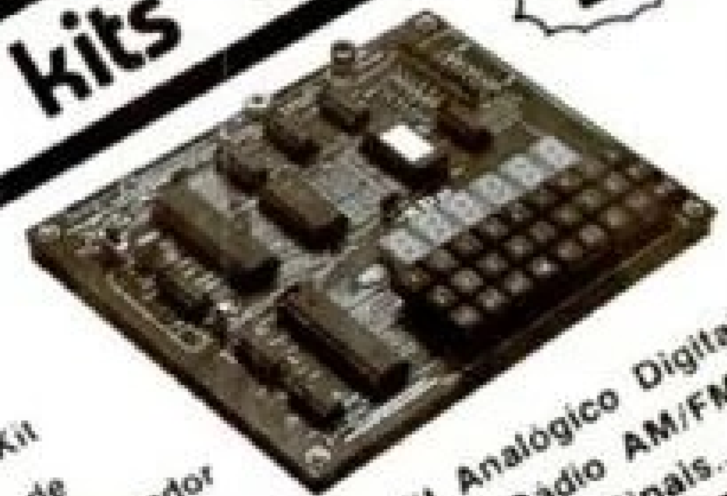
A ubíqua trilha de John Williams anuncia a quarta vinda. Christopher Reeve volta aos céus de Metrópolis! Desta vez, contudo, com efeitos especiais bastante inferiores aos já demonstrados no decorrer da série. O diretor Sidney J. Furie (de *Águia de Aço*) não conseguiu trazer de volta o *frisson* despertado pelo herói em *Super-Homem, o Filme* e mesmo *Super-Homem II*. Está mais para a pior aventura, a anterior, em que Richard Pryor exibia sua ineficácia como gênio do crime.

Tudo acontece ao mesmo tempo. O acionista majoritário do *Planeta Diário*, onde Clark Kent (como se fosse novidade: a identidade secreta de Super-Homem) e Lois Lane (Margot Kidder, enrugadinha e chupadinha) trabalham, resolve transformá-lo em um tablóide sensacionalista. A nova editora-chefe passa a ser sua filhinha querida, interpretada por ninguém menos do que Mariel Hemingway. E ela acaba se apaixonando pelo tímido Kent...

O roteiro bem que tenta ser ousado — e Christopher Reeve, pela primeira vez, é co-roteirista. O dilema básico é: Super-Homem não poderia livrar o mundo da ameaça das armas nucleares? A resposta óbvia é: sim, com poderes que o tornam um deus, Super-Homem poderia conseguir — à força — a paz mundial. Este é o problema ético de um herói capaz de mover a lua de sua órbita, transformado em "tia" das nações malcomportadas e lixeiro nuclear. E aí dê-lhe um supervilão com poderes nucleares, criado pela mente maligna de Lex Luthor (Gene Hackman)...

Super-Homem continua preso às convenções do universo infantil. Quem acredita em Papai Noel, portanto, vai adorar este seu' novo filme. Aliás, junto ao famoso velhinho, Super-Homem vai ser uma das campanhas publicitárias mais caras de dezembro. Ele bem que precisa! *M.P.*

O *Homem de Aço* (Christopher Reeve) nas nuvens com Mariel Hemingway, a deliciosa filha do patrão

cursos técnicos!
• eletrônica básica
• áudio e rádio
• programação basic
• análise de sistemas
• refrigeração e ar condicionado
• instalações elétricas
• eletrônica digital
• televisão pb/cores
• programação cobol
• microprocessadores
• eletrotécnica
• software de base
kits exclusivos!
Z-80

Kit de Microcomputador
e mais
• Kit de Televisão
• Kit de Refrigeração
• Kit Digital Avançado
• Kit Analógico Digital
• Kit de Rádio AM/FM
• Injetor de Sinais...
cursos por correspondência
intensivos! dinâmicos!
OCCIDENTAL SCHOOLS®
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo SP
Fone: (011) 826-2700
SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!
BIZZ 29
OCCIDENTAL SCHOOLS®
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP
Desejo receber, **gratuitamente**, o catálogo ilustrado do
Curso de: ____ indicar o curso desejado
Nome ____
Endereço ____ nº ____
Bairro ____
Cidade ____
Estado ____
CEP ____

SHOW DE HORRORES 2

Atropelamento e fuga... e castigo: o mais arrepiante dos episódios

Diz o ditado que não se mexe em time que está ganhando. Por isso, *Show de Horrores 2 (Creepshow 2)* apresenta a mesma equipe do original de 1982 (inédito nos cinemas), com um pequeno remanejamento nas funções. O filme, baseado em contos de Stephen King, tem roteiro de George A. Romero (responsável pela realização do primeiro episódio), e Michael Gornick, diretor de fotografia no filme precedente, é quem assume a direção.

Dentre os filmes do gênero, *Show de Horrores 2* pode ser classificado como "terror-chique". O primeiro conto, intitulado "A Estátua do Cacique", é a história de uma estátua de madeira de dois metros de altura que ganha vida para vingar a morte de seus donos (George Kennedy e Dorothy Lamour, ambos formidáveis). Embora não tenha muito suspense, a trama é carregada de magia pendendo mais para o fantástico. Vale notar a bela fotografia de Dick Hart. Cada conto é interligado pelo menino Billy, apresentado em desenho animado. Enquanto isso, a sinistra figura do *Arrepio* (Tom Savini) brinca com o garoto e os espectadores.

No segundo conto, o suspense é maior. "A Balsa" conta os apuros de quatro jovens num lago afastado. Ao atingirem a plataforma no meio do lago, uma estranha (e maligna) mancha de óleo os ataca. A esta altura, o espectador está "pronto" para o último conto: "O Caroneiro", que apresenta todos os ingredientes básicos das histórias de terror, inclusive um personagem do além. É a história de uma mulher (Lois Chiles) que atropela um homem na estrada, abandonando-o em seguida. Quilômetros depois alguém faz sinais: é a vítima de minutos antes...

Show de Horrores 2 deve sua força negativa a King e a Romero, dois apaixonados por histórias *macabras*. O filme conta com um suspense "digestivo", sem as apelações da safra atual. *E.T.S.*

DRAGNET

Joe Friday (Dan Ackroyd) mostra a carteira e Pep (Tom Hanks) mostra a cara-de-pau

Um seriado da TV americana dos anos 60, também chamado *Dragnet*, inspirou este longa-metragem de 1987. Dan Ackoyd (o comediante de *Caçafantasmas)* meteu o seu dedão no roteiro e ajudou a cavar uma história engraçadinha e um papel ajeitado para si mesmo.

Ele é o sobrinho de John Friday, do seriado dos anos 60, e seu chefe, o idoso capitão Bill Gannon (Harry Morgan), foi parceiro de seu tio nos velhos tempos. Ackroyd é Joe Friday, como o tio, e seu parceiro é Pep (o simpático Tom Hanks).

Num misto de *Agente 86* da TV com *Barnaby Jones*, de palhaço com otário, de desastroso com caxias, o filme *Dragnet* contrapõe a dupla de tiras a uma organização criminosa de Los Angeles, pintada como o antro da perversão, da luxúria e da corrupção. Naturalmente, os dois tiras lutam contra a corrupção dentro da própria polícia e vão se bater contra a comissária Jane Kirkpatrick (Elizabeth Ashley), xará da autoridade de extrema direita da política americana. Batem-se também contra o reverendo Whirley (Christopher Plummer) e contra o rei da pornografia, dono de um império do mercado de sexo, Jerry Caesar (Dabney Coleman).

Friday é um *c.d.f.* que não passa dos 60 para não gastar a gasolina paga pelos consumidores. Mas quando conhece a virgem (como ele) Connie Swail (Alexandra Paul, ui) ele dirige em disparada. O humor de *Dragnet* é pra quem gosta de truculência, e a truculência é pra quem gosta de palhaçada. Dan Ackroyd é pra quem gosta de Ackroyd. Tom Hanks é um pouco mais unânime, e a virgem Connie Swail, que coisinha. *E.B.*

BAY SHORE

FOOTWEAR

TEL (016) 7237800

SPORTSWEAR

PROMOÇÃO ESPECIAL PARA O NATAL

DIGITONE 61 RT SINTY-ORCHESTRA ESTÉREO

Um sintetizador em forma de órgão com presets, ritmos e orquestra de acompanhamento, totalmente controlado por um microprocessador. Esta nova idéia une a qualidade de som de um sintetizador polifônico à eficiência dos recursos musicais computadorizados.

50% de desconto

de 118.000, por 59.000, nas primeiras 100 unidades

Faça seu pedido já pelo telefone (011) 275-6594 ou enviando o cupom abaixo

Envie este cupom para:
DIGITONE
Av. do Café 383/387 - CEP 04311 São Paulo - SP

Nome
End
Cidade | CEP
Est | Fone

☐ Autorizo o débito em meu Cartão de Crédito (carta anexa)
☐ Estou enviando cheque nominal cruzado

UTILIZE SEU CARTÃO DE CRÉDITO

Digitone®
Av. do Café 383/387 - CEP 04311 São Paulo - SP

TITÃS
TITÃS
jesus não tem dentes no país dos banguelas
COMPRE O NOVO DISCO E VEJA O SHOW
jesus não tem dentes no país dos banguelas

LANÇAMENTOS

Sting — The Videos: Part I — estéreo hi-fi, A&M Video — Com saudades da turnê brasileira do ex-Police? Aqui está o antídoto: uma coletânea de bom gosto com quatro clips extraídos do álbum *The Dream of the Blue Turtle* ("If You Love Somebody Set Them Free", "Russians", "Fortress Around Your Heart" e "Love is the Seventh Wawe") mais o raro promô de "Bring on the Night" (atenção, não é a íntegra daquele documentário da primeira turnê solo de Sting, mas sim o clip da música). Como o sr. Sumner já está de disco novo, a segunda parte pode estar no forno, a essa altura.

Cyndi Lauper in Paris — 90 minutos, CBS/Fox Video — Trata-se do especial ao vivo gravado no teatro Le Zenith, originalmente destinado à cadeira de TV a cabo HBO. Cyndi, além de desfilar seus grandes hits, "passeia" pela Cidade Luz como se fosse uma turista "normal", conversa com os fãs e — além de conseguir arrancar de sua rouquidão um belo show — empresta humanidade a um estilo geralmente gélido de rockumentário.

The Real Buddy Holly Story — 90 minutos, Sony Video — A MTV já passou essa pequena gema da história do rock e quem gostaria de conhecer melhor a carreira e a música de uma das figuras mais influentes do pop de todos os tempos não pode perder este vídeo, narrado por ninguém menos que Paul McCartney. Raridade é o que não falta: cenas do início da carreira da banda de Holly, The Crickets, a legendária aparição de Holly no *Ed Sullivan Show*, cantando "Peggy Sue", mais um super-8 raríssimo de Elvis adolescente (pré- Exército), selvagem e (ainda) indomado. Se vire para achar.

Aerosmith's Video Scrapbook — 40 minutos, CBS/Fox Video — Os velhos homens do metal pularam de volta ao estrelato através de uma associação com o Run-DMC e agora chegou a vez da gangue de Steven Tyler e Joe Perry colherem os frutos da ressurreição de "Walk This Way". São 11 músicas compiladas de shows feitos entre 1976 (o auge da carreira do grupo) e 1978 (o começo do fim). E ainda com uma introdução especialmente gravada por Tyler, de bônus. Hard rock em seu habitat natural. Se esbalde.

PARADA

1 CONTROL-THE VIDEOS, PART II — Janet Jackson
2 THE MAKING OF "TOUCH OF GREY" — Grateful Dead
3 LIVE AT THE HOLLYWOOD BOWL — The Doors
4 GRACELAND-THEAFRICANCONCERT—Paul Simon
5 R.E.M. "SUCCUMBS" — R.E.M.
6 BON JOVI-BREAKOUT — Bon Jovi
7 KISS EXPOSED — Kiss
8 VITAL IDOL — Billy Idol
9 MOTLEY CRUE UNCENSORED — Mötley Crüe
10 CONTROL-THE VIDEOS — Janet Jackson

Fonte: *Billboard*

GANG 90

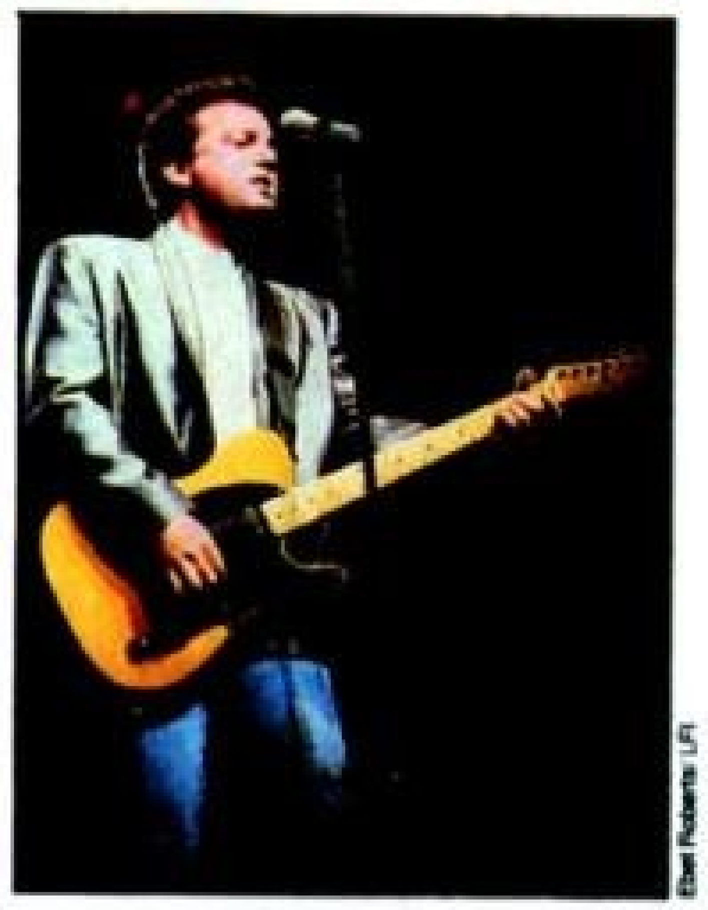
"CARA-PÁLIDA"

Dirigido por Tide Borges

Contrariando a regra dos clips nacionais, que geralmente contam uma historinha ou apresentam uma banda tocando, a tela se enche de grafites animados, edifícios, imagens de vídeo, hambúrgueres, mapas, o caos! Uma colagem surreal, editada em ritmo de painel luminoso pela mesma equipe (Independente) que produzia "Pânico" (Mercenárias), com a participação do *videoeriatura* de Otávio Donasci (um ator com a cabeça substituída por um monitor de TV, com seu próprio rosto na tela) e dos grafites do Grupo Tupynãodá, de São Paulo. A música é perfeita para o exercício ("eu queria ser um índio, mas sou mais um cara-pálida nessa cidade alucinada..."). A banda, passeando *talkinheadianamente* entre os takes, é também valorizada como elemento da ação — o roteiro não perde sequer a chance de transformar cordas de guitarra em fios de eletricidade. O resultado é uma flechada na televisão, mostrando que as perspectivas para o clip nacional ainda podem ser boas...

Fotos R. Tucci/ Abril

NOTAS



Ebet Roberts/ LFI

■ A rapeize da balalaika e da vodka grita até hoje: "Os americanos estão chegando! Os americanos estão chegando!". Isso porque dois grandes shows de rock ianque recentemente fizeram tremer o chão da Praça Vermelha: **Billy Joel,** em Leningrado, e uma verdadeira constelação de veteranos como **Santana, Bonie Raitt, James Taylor** e o **Doobie Brothers,** em Moscou. Ambos os shows viraram especial de cable: *Billy Joel from Leningrad, USSR* (transmitido pela HBO) e *Rock'n'Roll Summit: American-Soviet Music Event* (Showtime). E ambos têm seus momentos altos — Joel estraçalhando uma versão ultra-*a propos* de "Back in the USSR", dos **Beatles,** e, no outro programa, uma rara oportunidade de se conhecer o rock soviético, através de bandas como a **Pakrovsky.** À telinha, camaradas!

■ Já ouviu falar de **Bar Code Programming?** Se você é daquelas pessoas que se enrolam toda hora que precisam programar o VCR para gravar, continue lendo, pois suas agruras estão por terminar. Fabricantes como Panasonic, Canon e Quasar acabaram de lançar uma nova geração de VCRs cuja programação é feita com bar codes — você passa uma espécie de caneta a laser sobre um folheto onde estão desenhados vários códigos de computador, cada um correspondendo ao dia e à hora prevista para a gravação. O VCR entende seu pedido, registra na memória e fim de papo. A única coisa que você precisa fazer é ajustar o canal desejado. Não é simples?

LOS LOBOS

Richie Valens (Lou Diamond Phillips) desencavou "La Bamba" do folclore mexicano

LA BAMBA

(tradicional)*

Para bailar la bamba
Para bailar la bamba se necesita una poca de gracia
Una poca de gracia para mi y para ti
Y arriba y arriba
Y arriba y arriba por ti sere
Por ti sere, por ti sere

Yo no soy marinero
Yo no soy marinero, soy capitan
Soy capitan, soy capitan

Bamba Bamba
Bamba Bamba
Bamba Bamba
Bamba

(repete a primeira estrofe duas vezes)

Bamba Bamba
Bamba Bamba
Bamba Bamba
Bamba Bamba

*Para dançar a Bamba***
Para dançar a Bamba é preciso um pouquinho de graça
Um pouquinho de graça para mim e para você
Vamos nessa, vamos nessa
Vamos nessa, vamos nessa, eu serei seu
Eu serei seu, eu serei seu

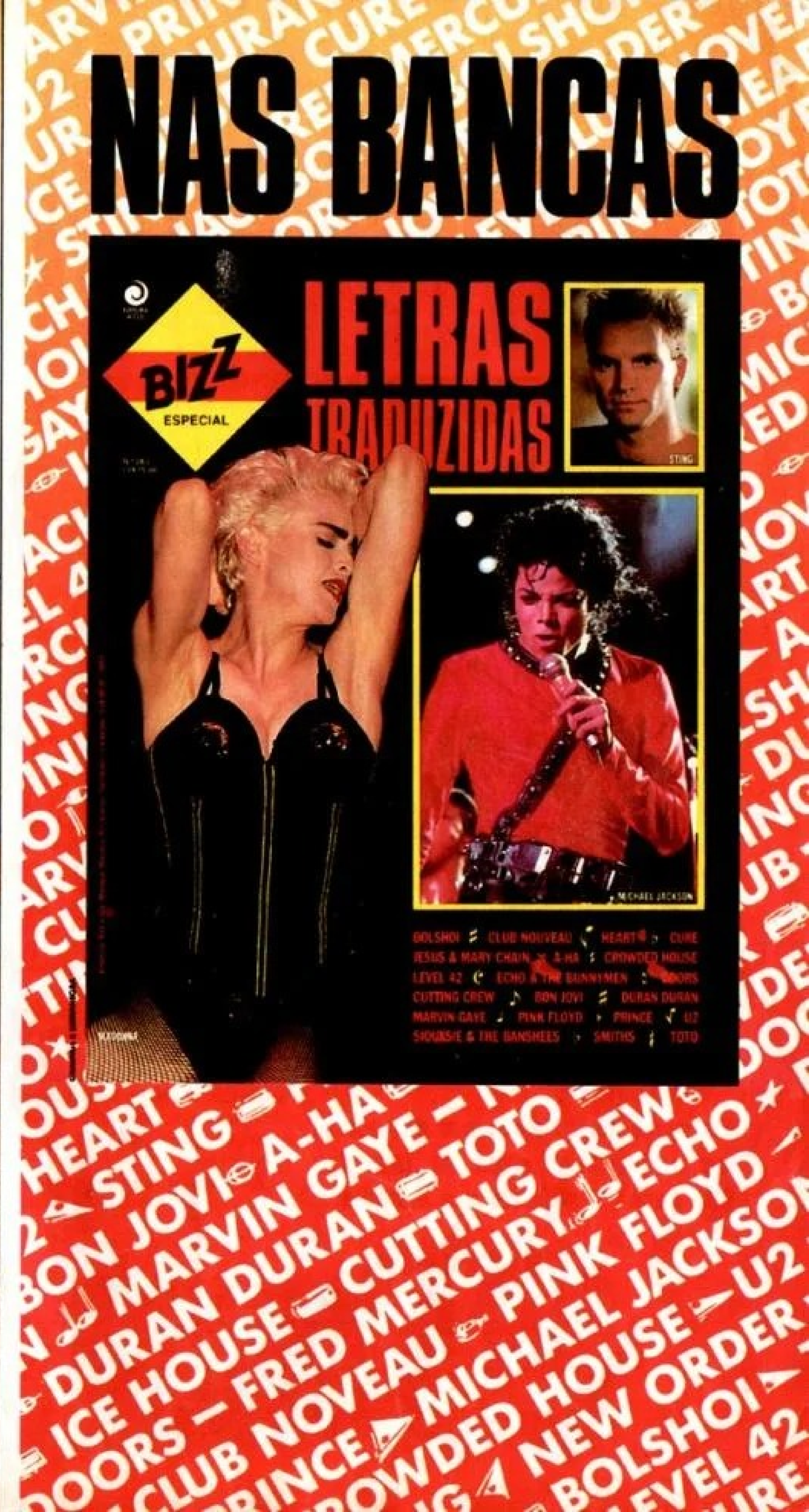
Eu não sou marinheiro
Eu não sou marinheiro, sou capitão
Sou capitão, sou capitão

Bamba Bamba
Bamba Bamba
Bamba Bamba

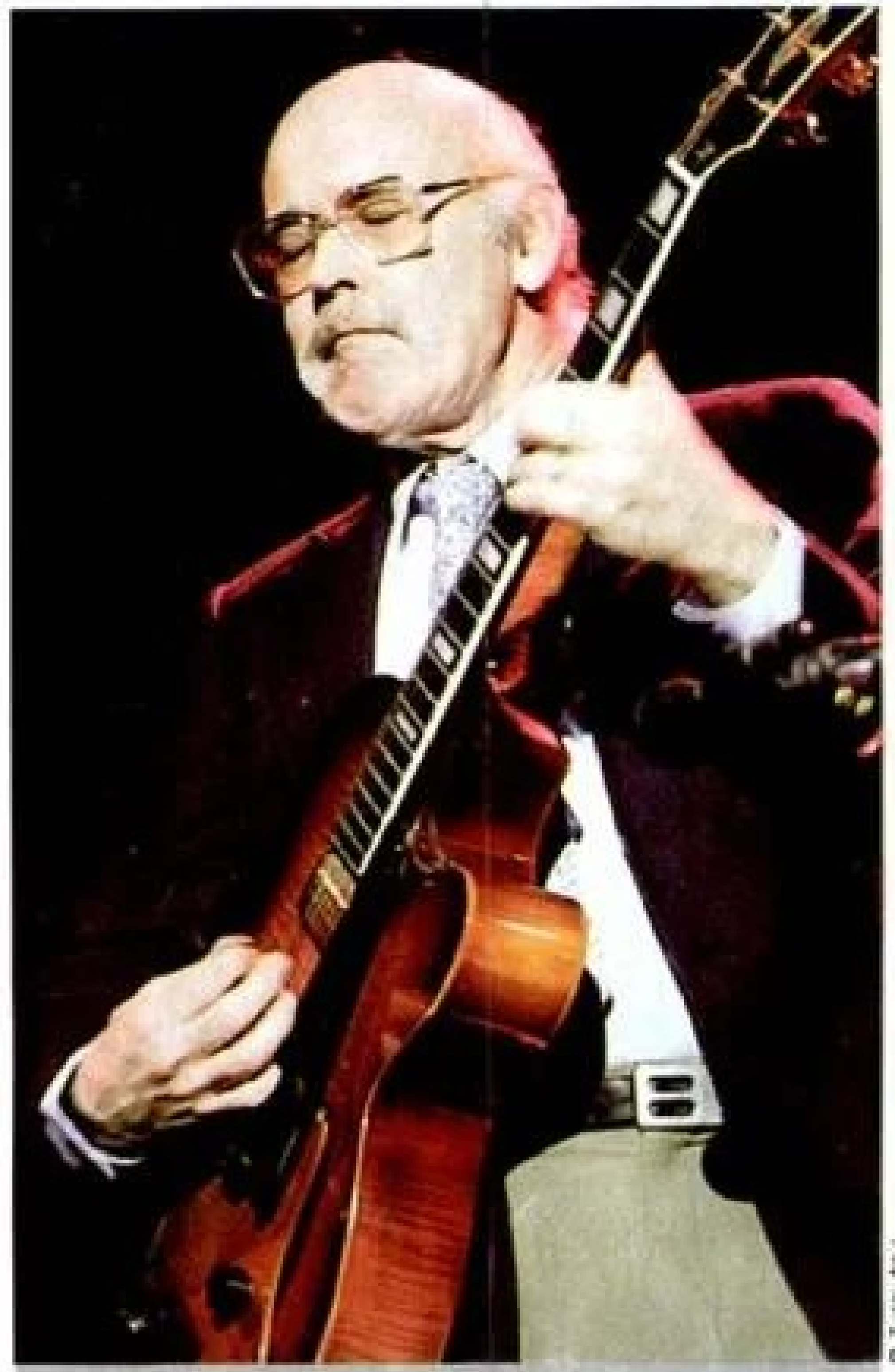
© Intersong

* **La Bamba** é uma música mexicana de domínio popular. Segundo Cesar Rojas, vocalista e guitarrista de Los Lobos, é uma secular canção de casamentos

** **Bamba** é um termo intraduzível. Uma hipótese é de que sua origem seja escrava; alguns negros trazidos da África para Vera Cruz teriam vindo da província congolesa de Mbamba. Nesse caso, as origens da música remontariam a 1700



JIM HALL



R. Tucci/Azul

Jim Hall e sua Daquisto, que "lembra um violoncelo"...

Em nome do lirismo, um dos maiores guitarristas vivos de jazz dos EUA busca o silêncio e a melodia...

Ninguém podia imaginar que aquele turistão, com pinta de americano, segurando a tiracolo a mulher e duas raquetes de tênis, era o circunspecto e respeitado *jazzman* Jim circulando pelo saguão do Hotel Nacional. Ao mesmo tempo, ninguém imagina que esse "pai da guitarra lírica no jazz" acaba de realizar uma temporada ao lado de um jovem mestre da guitarra-sintetizadora, Bill Frisell (que toca com John Zorn, que por sua vez toca com a galera da "vanguarda", como Bill Laswell e Arto Lindsay).

Mas Jim Hall só consegue ser um músico tão versátil porque ele acredita na música como uma forma de arte:

"Você tem de ter algo dentro de você. Copiar alguém não basta" é a principal filosofia de Hall, que antes de tudo é conhecido como um grande "ouvinte" da música que toca, ou seja, ele não toca milhares de notas por segundo, mas ouve (e sente) o que toca. Obviamente, a abordagem "não-metralhadora" de Hall não atrai os músicos interessados só em técnica, mas faz de Hall um ídolo e um prato cheio para gente como Pat Metheny, Mike Stern (Miles Davis), John Scofield (idem) e outras figuras criativas do jazz de hoje. Na verdade, o tipo de guitarrista que ouve Hall está procurando lirismo e riqueza harmônica. Hall não se presta a pastiches.

Ele não sabe dizer, entretanto, de onde vem seu lirismo: "Eu comecei como qualquer um. Minha mãe comprou um violão e pagava um dólar por semana por ele. Tudo que eu sabia eram algumas canções country, ensinadas pelo meu tio". Depois, ele passou por todas as fases de profissionalização, "mesmo porque eu precisava do dinheiro. Nós éramos pobres", até resolver que precisava estudar música mais profundamente. Então, entrou num conservatório da sua cidade, Cleveland, e passou cinco anos afundado na música de Schoenberg, Bela Bartók e dos cantos gregorianos. "Foi lá que eu aprendi a maior parte do que eu sei", diz ele. "Além de aprender a ler e de compor algumas suítes para quarteto de cordas, a coisa que mais se desenvolveu em mim foram as 'nuances' da música: dinâmica, volumes, cores musicais, silêncio, coisas que são negligenciadas por muitos músicos. Também aprendi um pouco de violão clássico depois, mas não acho necessário ter técnica em excesso"

Depois do conservatório, Jim se desenvolveu como jazzman e de lá para cá ele tocou com alguns dos maiores nomes do gênero: Sonny Rollins, Jimmy Giufre, Bill Evans, George Shearing e outros. Por tudo isso, e principalmente pelo clássico que ele gravou com Bill Evans, *Intermodulation*, ele é considerado uma das principais vozes da guitarra no jazz.

"Eu podia ter copiado a técnica de um Tal Farlow ou Jimmy Raney, dois monstros sagrados do instrumento, mas não via sentido nisso. Além disso, é muito difícil tocar como eles. Para mim, deve-se achar a sua própria maneira de fazer as coisas, sua voz pessoal. E isso é mais difícil ainda", diz.

Hoje Hall dá concertos no mundo todo, além de tocar no quarteto que ele tem com Bill Frisell, e se sente motivado também com a sua parceria atual com Michel Petrucciani, que lembra totalmente o clima de *Intermodulation*. Mas o maior conselho que ele dá para um guitarrista é inusitado, se comparado ao que se ensina geralmente: "Ouça o silêncio. Veja as 'cores' que cada nota sugere, preste atenção na melodia. Isso são coisas que podem parecer bobas, mas é um assunto sutil. Para outras pessoas é muito mais fácil fazer música mecânica, mas ouvir é uma arte"

Alexandre Dines

FICHA TÉCNICA

GUITARRA E ESTÉTICA

Jim Hall usa uma guitarra feita por seu amigo, Jimmy Daquisto, que é um dos mais famosos luthiers *americanos. Ele diz que encomendou uma que se parecesse um pouco com um violoncelo ("mas isso é totalmente estético, né?).*

Ele nem se lembrava da marca de suas cordas, mas revirando sua case descobriu que eram Daquisto também. Ele usa apenas um pedal Chorus, da Boss e um amplificador Polytone.

 EUROPA — *Pepe Escobar*

Todo mundo no mundo inteiro faz lista de fim de ano. Depois de uma farta quilometragem *all around the world* e de uma revoada de mísseis balísticos derretendo neurônios e paciência, aqui estão compiladas algumas coisinhas dignas de nota em 1987.

SHOWS DO ANO

Bowie na *Glass Spider Tour*.
LL Cool J e **Public Enemy** na *Def Jam Tour*.
James Brown, sempre (no caso, em Nice).
Jesus & Mary Chain, em Milão.
Echo & the Bunnymen, no Pier 84 de Nova York (mas não com o New Order).

HORS DE TODOS OS CONCOURS

Albert Collins e **James Cotton** no Festival de Blues de Pistóia.
Ornette Coleman na arena de Verona.
Les Paul, o inventor da guitarra *solid-body*, toda segunda-feira no Fat Tuesday's em Nova York.
Chuck Brown & the Soul Searchers em Washington.
Otis Rush bluesando em Chicago.

Tom Sheehan LFI

ROMBOS DE CREDIBILIDADE

Madonna na *Who's that Girl Tour*.
Prince na *Sign O' the Times Tour*.
Duran Duran na *Strange Behaviour Tour* (que "estranho" comportamento foi esse?).
Run-DMC e **Beastie Boys** em Londres.

EQUÍVOCO DOS EQUÍVOCOS

Sting com a orquestra de Gil Evans, em Perugia.

TEMPLOS DE VINIL

Aos de sempre (Rhino em L.A., Wave em Tóquio, Virgin Megastore em Londres, Tower onde for), acrescentar a **Wax Trax,** em Chicago, e a **Colony,** na Broadway, em Nova York (para raridades).

ESTILOS

Todos diluídos em um só mix canibalístico. Opções de bom gosto, dependendo da ocasião: cair para clássico inglês, Def Jam *customized*, gângster. Ou usar exclusivamente Issey Miyake ou Yamamoto. Estilo do ano: a lembrança dos 20 anos do Summer of Love. Os hippies *não* voltaram. Expectativa para o retorno em massa dos meio-oito nos 20 anos de maio de 68.

NA TELA

Cult (Brasil): **Totalmente Selvagem,** de Jonathan Demme.
Cult (EUA): **Swimming to Cambodja,** de Jonathan Demme.
Cult (Europa): **Der Hinamel über Berlin,** de Wim Wenders.
"Filmetto" (a definição é dele) do ano: **Intervista,** de Fellini.
Vergonha de Cannes: **Um Trem para as Estrelas,** ou "O Trem da Vergonha".
Rest in Peace: **John Huston** (mas por que Stallone não é fulminado por um raio?).

ESTILO INSUPERÁVEL

Os coelhinhos de Liverpool no topo da HMV, em Oxford Street, para o vídeo-homenagem **Twist and Shout.**

NO PÉ

Ao Garage, em Nova York, una-se o *10-18*, para o melhor do latin hip hop. Permanecem as torres de Tóquio, ocasional intervenção do *Locomotive*, em Paris. Em Londres, só mesmo fazendo via-crucis, para descobrir o definitivo point (até o dia seguinte).

DISCOS DO ANO

Branco: claro, o LP dos *Bunnymen*. Preto: "Yo Bum Rush the Show", de *Public Enemy*.

CONTRASTES FINAIS

Mix branco do ano: "True Dub", de **New Order.**
Mix preto do ano: "A Touch of Jazz", de **Fresh Prince and Jazzy Jeff.** Rap do ano: "I'm Bad", de **LL Cool J.**
Crossover do ano: "Wipe Out", dos **Fat Boys.**
De quem foi o ano? HIP HOP HUUUUUUUH!
Bluesman do ano: do Texas, **Mr. Albert Collins.**
Afroman do ano: **Yossou N'Dour** (mas, por favor, sem Peter Gabriel). Reggaeman in memoriam do ano: **Peter Tosh.**
Promessa ligeiramente descarrilhada: **Age of Chance.**
Quando eu falava, ninguém me ouvia: **Cure, Siouxsie, Echo** e **PIL** no Brasil.
Palavras ao vento: **Bob Dylan** em turnê européia.
Invasão do Morto-Vivo: "because I'm Bad, I'm Bad, C'mon, HUH! etc."
Comprem um ticket de volta à tumba: **Pink Floyd, Grateful Dead.**
The Dream Is Over: o fim do romance **Morrissey-Marr.**
Vídeo mais vulgar: **Mia Boca.**
Vídeo de mais alto QI: **Sign O' the Times.**
O grande tema idiótico de 87: "Fight for your Right", dos **Beastie Boys.**
Os grandes temas românticos de 87: "Lips Like Sugar", dos **Bunnymen,** e "Happy When It Rains", de **Jesus & Mary Chain.**

SAUDADE NÃO TEM IDADE

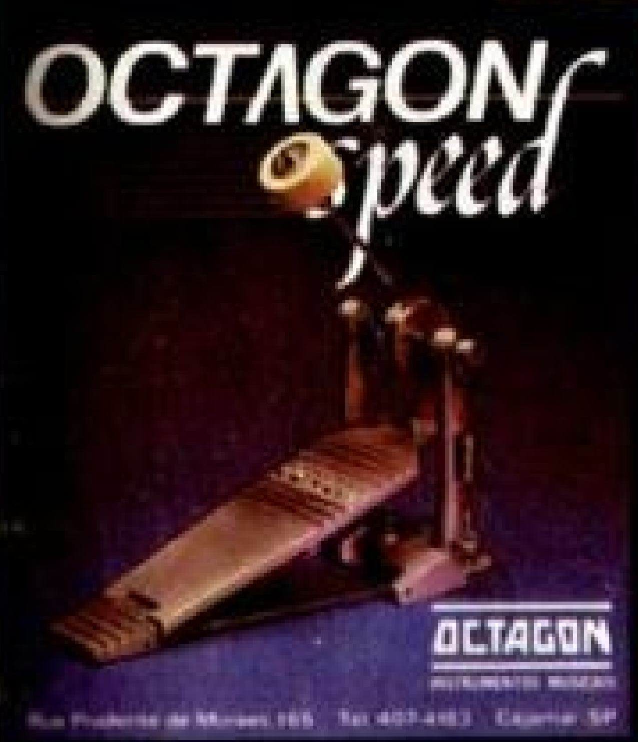
Jerry "The Killer" Lee Lewis em Milão.
Chuck "The Duckwalk" Berry em Roma.

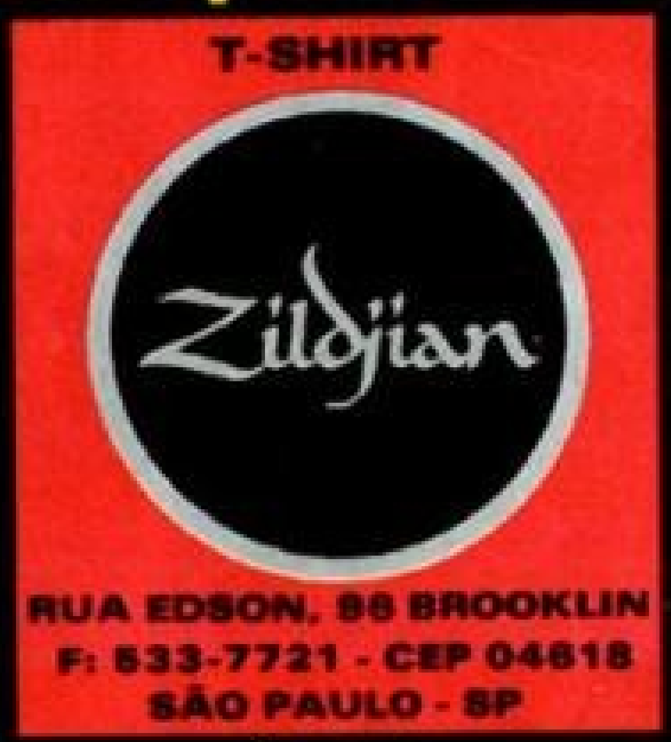
1º Encontro Brasileiro de Bateristas

Flávio Pimenta

Esta bateria Luthier® poderá ser sua!

E olha quem está afirmando isso:





1º prêmio:
Uma bateria **LUTHIER** com dois bumbos 22", dois ton tons 13" e 14", um surdo 18", uma caixa 14-6 e dois pedais **OCTAGON SPEED**, totalmente acondicionada em estojos **TURTLE CASES.**

2º prêmio:
Uma bateria **LUTHIER** com um bumbo 22", dois ton tons 13" e 14", um surdo 16", uma caixa 14-6 e um pedal **OCTAGON SPEED.**

3º prêmio:
Uma bateria **LUTHIER** com um bumbo 20", dois ton tons 13" e 14", um surdo 16", uma caixa 14-6 e um pedal **OCTAGON SPEED.**

Agora, veja como participar:

Grave um **solo de bateria** em fita cassete de aproximadamente 2 (dois) minutos. Envie a fita, junto com o cupom ao lado para **Escola de Música Drum** - Rua Edson, 96 CEP 04618 - Brooklin - São Paulo SP, respeitando as normas abaixo **descritas:**

1. O solo **deverá consistir apenas da performance** do baterista, sem acompanhamento de musicos, baterias eletrônicas ou qualquer outro efeito. Também não poderá haver play back.
2. O solo **deverá** ser de natureza original. Reproduções previamente gravadas ou solos já escritos não serão aceitos.
3. Só aceitaremos uma fita por concorrente.
4. A fita deverá ser marcada com o nome do baterista, endereço e numero do telefone. (marque no corpo da fita e não na caixa).
5. O cupom de inscrição deverá ser remetido junto com a fita. Não envie outro tipo de material escrito, como cartas ou foto. Se o concorrente tiver menos de 18 anos, um responsável deverá assinar por ele.
6. Só participarão do concurso os cupons que chegarem em nossas mãos até 30/12/87.
7. As fitas tornar-se-ão propriedade da **Escola de Musica Drum Ltda.**, e não serão devolvidas.
8. Serão selecionados os 20 (vinte) melhores solos e interpretados ao vivo para julgamento. Os nomes dos finalistas serão divulgados em fevereiro de 1988.
9. Os nomes dos finalistas serão publicados na revista **BIZZ** de dezembro.
10. O transporte e hospedagem dos finalistas correrá por conta dos organizadores do evento.
11. **A** qualidade do som da fita não contará pontos na escolha. Os solos serão analisados pela originalidade, técnica, imaginação e musicalidade, não importando o estilo ou gênero a ser usado.

Como fazer sua inscrição:
Aos candidatos, será cobrada uma taxa de Cz$ 600,00 (seiscentos cruzados), que deverá ser enviada a Escola de Musica Drum Ltda. em forma de cheque nominal e cruzado. Enviaremos ao concorrente o Certificado de inscrição, um adesivo e uma camiseta **Zildjian** inteiramente grátis. As inscrições também poderão ser feitas diretamente na **Escola de Musica Drum Ltda,** bem como a gravação do solo em seu estudio.

Envie este cupom, junto com a fita para:
Escola de Música Drum Ltda.
Rua Edson, 96 - Brooklin - CEP 04618
São Paulo - SP.

DRUM

Nome: __________
End.: __________
Cidade: __________ CEP: __________
Estado: __________ Tel.: __________

Logotipo

ESTADOS UNIDOS — *Ana Maria Bahiana e José Emílio Rondeau*

A Costa Oeste dos Estados Unidos já tem seu próprio Jim Jarmusch: é o diretor **Bill Fishman**, que estréia em longas com *Tapeheads*, um petisco de celulóide pós-moderno destinado a ser *cult* a partir do instante que chegar às telas, na noite do Ano-novo. No elenco, **Ted Nugent** (!!!?) e **Jello Biafra** (foto), no papel de um integrante do **PMRC** (nota 10 para a escalação). **Dino de Laurentiis** esteve na festa de lançamento do filme — com sua mãe a tiracolo — e pediu mil cópias para antes do Natal.

"Só mesmo em L.A." é o nome de uma coluna diária do jornal *The Los Angeles Times* que narra, com especial afeto e espírito *partisan*, os "dicas" que transformam a *"quake capital of the world"* num lugar especialíssimo. *Hip* pacas. E só mesmo em L.A. é que você pode, por exemplo, esbarrar em **Mike Nesmith** (ex-**Monkees**) na fila do cinema para ver *Born in East L.A.*; escapar de atropelar **Madonna** enquanto a blonda se exercita em sua bicicleta de 10 marchas; quase porrar o Chevrolet ano 58 — cor verde-limão — de **Brian Setzer** numa interseção mais atribulada; se deliciar com a baba que escorre da boca do balconista na loja *L'Ellisée* e quando **Cyndi Lauper** estaciona seu carro de qualquer maneira para poder comprar um croissant; olhar duas vezes para se certificar de que aquele cidadão louro e jovial que passeia nas ruas de Westwood — onde fica o *campus* da UCLA — é mesmo **Ray Manzarek** (foto), tecladista dos **Doors**; se espantar ao perceber que aquele rapaz de barbicha, óculos e suspensórios na classe econômica do avião que vai para Nova York é mesmo o *teen idol* cinematográfico **Rob Lowe** (classe econômica!?!?). Realmente, só mesmo em L.A.!

E por falar em Natal, o produtor **Jim Iovine** reuniu alguns dos artistas com quem já trabalhara — **U2, Chrissie Hynde, Bob Seger, Bruce Springsteen, Stevie Nicks** — e outros tantos —, **Sting, Run-DMC, Madonna, John Cougar Mellencamp, Eurythmics, Pointer Sisters, Bryan Adams, Bon Jovi, Whitney Houston** e **Alison Moyet** — para realizar o disco de Natal mais estrelado desde que **Phil Spector** teve a mesma idéia, coisa de 25 anos atrás. O disco de Iovine, além de uma homenagem a seu próprio pai (falecido em 84, em meio às festas de fim de ano), é um *benefit* destinado a angariar fundos para a **Special Olympics**, da qual participam crianças e adolescentes portadores de deficiência física ou mental. Algumas das faixas: "I Saw Mommy Kissing Santa Claus" (Mellencamp), "Christmas (Baby Please Come Home)" (U2), "Santa Baby" (Madonna), "Gabriel's Message" (Sting) e "Have Yourself a Merry Christmas" (Pretenders).

Mas, antes mesmo que o disco chegasse às lojas, dois entrepreneurs da indústria fonográfica de Indiana entraram na Justiça com um processo contra Iovine, a gravadora A&M e a organização Special Olympics Records, reclamando cinco milhões de dólares de perdas e danos. A dupla de Indiana alega que a idéia do disco *A Very Special Christmas* é sua e, portanto, rapinada por Iovine.

Roberto Amadeo · Azul

Muito mais exclusiva, absolutamente não-beneficente e definitivamente anticelebérrima foi a festinha que estremeceu Hollywood de norte a sul a tal ponto que quase foi confundida com um novo *quake*. Eram os últimos dias de outubro, e comemorava-se o aniversário de **Flea**, baixista dos **Red Hot Chili Peppers**. Alto índice de trajes exóticos e consumo de substâncias não-aprovadas pelo PMRC marcaram a noitada, que terminou numa nota da maior elegância, com todo o mundo mais ou menos pelado no meio da verdejante plantação de *ganja* que ocupa o quintal do previdente Flea (à direita, na foto).

Duas outras festinhas, dessa vez em benefício de si mesmas, agitaram L.A. neste início de verão, perdão, outono (aqui, como do Rio para cima, as estações do ano se dividem em sol e chuva, com muito mais sol que chuva). Uma celebrou a gravação do novo clip de Mick Jagger num estúdio de Hollywood, e quem não foi convidado chiou — como o DJ Rodney, rádio-celebridade da emissora FM KROQ, líder do formato "só rock". A outra comemorou, nos salões do hotel Bel Age, em West Hollywood, o término da porção americana da turnê Glass Spider *de David Bowie. Com funk, rap e metal no sistema de som, luminares como Rod Stewart, Robin Zander (do Cheap Trick), todo o Faster Pussycat, além de Bowie (e sua banda), balançaram as madeixas até altas horas. Houve um princípio de tumulto quando uma facção dos celebérrimos dançarinos deu uma prensa nos igualmente celebérrimos DJs Matt Dike e Kevin Dolan, exigindo mais funk e menos metal. Consta que Bowie em pessoa acalmou os ânimos, sacudindo seu avantajado topete lourérrimo.*

EM APENAS 1 MINUTO, VOCÊ FAZ APARECER EM SUA CAMISETA, A FOTO QUE DESEJAR!

Camisetas, jaquetas, toalhas de mesa, cartazes e todo tipo de papel ou pano, podem agora ter estampada qualquer foto ou ilustração de revistas, capas de disco ou posters que você quiser. Você já imaginou o sucesso que você fará com uma camiseta estampada com aquela ilustração tão linda que você viu na revista, ou na capa do disco com seu ídolo ou grupo musical?
Isso você mesmo pode fazer, EM APENAS 1 MINUTO, SEM O USO DE TINTAS E NEM DE PINCEL. A perfeição é inacreditável e a estampa permanece para sempre. Não mancha, nem descora.
CONHEÇA O INÉDITO COLOR-FIX!

VEJA COMO É FÁCIL

Você ficará surpreso com a facilidade que encontrará, e a perfeição atingida, logo na 1.ª vez que executar o trabalho. Não se trata de curso. Você começa a estampar camisetas a partir do momento em que estiver de posse do COLOR-FIX.
1.º) Você passa COLOR-FIX no lado da camiseta em que você quer que apareça a estampa.
2.º) Coloca a camiseta sobre a foto da revista, poster ou capa de disco.
3.º) Passa o ferro de passar roupas por alguns segundos, como se estivesse passando a camiseta.
Pronto! Não sai nunca mais a estampa , do jeito que está na fotografia.

GANHE MUITO DINHEIRO

Aproveite o segredo do COLOR-FIX para ganhar muito dinheiro. Absolutamente sem nenhum capital, você terá seu próprio negócio, ou então poderá multiplicar sua renda mensal, apenas nas horas de folga. É um trabalho para ambos os sexos, bastando ter apenas a vontade de vencer, característica indispensável para quem quer alcançar o êxito, o sucesso e o bem estar.

EXCLUSIVIDADE

Você vai aprender também, a fazer aparecer em uma camiseta ou jaqueta, a sua própria foto, no tamanho que você quiser que fique. Tudo isto em apenas 1 MINUTO. É FANTÁSTICO!

ATENÇÃO: Poucas pessoas terão o privilégio de possuir o segredo do COLOR-FIX, pois o fornecimento é limitado. DECIDA JÁ! Não deixe para depois e garanta já esta grande oportunidade. Com o segredo do COLOR-FIX você fará centenas, milhares de estampas em camisetas, jaquetas, etc. Pense no quanto você poderá lucrar com isto, e aproveite já esta grande oportunidade que a **EXPORT FASHION** está lhe oferecendo.

Envie hoje mesmo o seu pedido e comece a ganhar dinheiro amanhã. Você receberá todas as explicações detalhadas, necessárias para aproveitar ao máximo o incrível COLOR-FIX.

PROMOÇÃO ESPECIAL
Adquirindo o segredo do COLOR-FIX através de cheque nominal ou vale postal, você terá direito a um desconto especial de 50%, e recebe sua encomenda em 10 dias.

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA

COLOQUE O CEP CORRETAMENTE PARA AGILIZAR A REMESSA E PREENCHA À MÁQUINA OU EM LETRA DE FORMA LEGÍVEL.

OBS.: NÃO SE ESQUEÇA DE COLOCAR O VALE POSTAL OU CHEQUE NOMINAL NO ENVELOPE JUNTAMENTE COM O CUPOM.

Solicito à **EXPORT FASHION**, *o envio do segredo do COLOR-FIX, ao qual pagarei da seguinte forma: (Assinale com um "X")*
- **CHEQUE NOMINAL:** Estou enviando juntamente com este cupom, um cheque nominal à **EXPORT FASHION**, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$ 348,00 sem mais despesas.
- **VALE POSTAL:** Estou enviando juntamente com este cupom, um vale postal, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$348,00 sem mais despesas. INSTRUÇÕES PARA O ENVIO DO VALE POSTAL: Peça no Correio e preencha da seguinte forma: Ag. Pagadora: Agência Central - Cód. 400009 - CEP 01051 - São Paulo - SP. A favor de: **EXPORT FASHION - CAIXA POSTAL 7758 - SÃO PAULO - SP.**
- **REEMBOLSO POSTAL:** Pagarei somente ao retirar o segredo COLOR-FIX no Correio, no valor de Cz$ 696,00, mais as despesas postais.

BIZZ-29

Nome ____
End. ____ N.º ____
Bairro ____ Cidade ____ Est. ____
CEP ____ Data __/__/__ Assinatura ____

Envie hoje mesmo o seu cupom à **EXPORT FASHION** - *Caixa Postal 7758 - CEP 01051 - Ag. Central - São Paulo - SP.*

Serviço ao Assinante

BIZZ

Você tem alguma dúvida sobre sua assinatura?

Utilize estes telefones:

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (011) 823-9222
RIO DE JANEIRO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (021) 295-5544
RECIFE
Das 8:30 às 12:30 e das 14:00 às 18:00
Fone: (081) 224-0655
SALVADOR
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (071) 247-1022
BELO HORIZONTE
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone (031) 275-2255
PORTO ALEGRE
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (0512) 33-9034
CURITIBA
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (041) 263-3013
BRASÍLIA
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone: (061) 226-6963
FLORIANÓPOLIS
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (0482) 44-7980
GOIÂNIA
Das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 17:00
Fone: (062) 261-3311

Você mudou de endereço?
Envie este cupom, comunicando seu novo domicílio, para
EDITORA ABRIL-ASSINATURAS
Caixa Postal 11.830, CEP 01139, São Paulo, SP.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

BIZZ-29

Não preencha este espaço. Entrega ____ Roteiro ____
Novo endereço ____
Bairro ____ CEP ____ Estado ____
Cidade ____

EDDIE COCHRAN

THE 25th ANNIVERSARY ALBUM (1985)

Um acidente de automóvel fixou a idade com que Eddie Cochran seria lembrado: 21 anos. Sempre jovem, com topete de brilhantina e guitarra em punho — o *rocker* clássico! Sua rebeldia começou aos 16 anos, quando abandonou a escola e caiu na estrada do rock'n'roll (com Hank Cochran, que não era seu parente, apesar do duo se chamar The Cochran Brothers). Aos 17 anos descobriu Elvis Presley (então em começo de carreira) e o rockabilly. Atropelou-se rumo a Memphis, tentou gravar na legendária Sun Records... Mas só conseguiu sua primeira sessão solo um ano depois (setembro de 1956) no pequeno selo Crest. O resto da lenda está registrado em vinil...

Como a maioria dos desbravadores, a carreira de Eddie Cochran é melhor abastecida de compactos do que de LPs originais. Não faltam, contudo, compilações. O presente álbum (duplo), além de trazer as faixas fundamentais, inclui *takes* alternativos, versões inéditas e duas raras gravações em estéreo. Foi lançado 25 anos após sua morte. É colocá-lo na eletrola e descabelar o topete! Seus hits se encarregam de afastar as cadeiras da sala. Especialmente "C'mon Everybody", "Somethin' Else" (regravada pelos Sex Pistols) e o *smash* "Summertime Blues", hino atemporal às frustrações adolescentes, reinterpretado através das décadas por ex-*mods* como Who e novos *rockers* como Brian Setzer — o próprio Cochran no filme *La Bamba*. Apesar disso, costumavam causar mais furor na Inglaterra — onde eram *cult* — do que nos Estados Unidos.

Sua velha guitarra carmim é sagrada — vide o instrumental "Eddie's Blues" e o incendiário billy "Teenage Cutie". Mas, além de exímio músico, rápido o suficiente para transformar três acordes em um milhão, Eddie dominava as técnicas de estúdio como ninguém em seu tempo. Gostava de experimentar com a voz e reverberação. E foi um dos pioneiros na utilização de *overdubs* na gravação de guitarras. Como seu amigo Buddy Holly, Eddie cultivava uma carreira múltipla de artista, compositor, produtor e arranjador.

Neste álbum ainda é possível acompanhar seu gosto por música negra, através de *covers* dos rhythm'n'blues "Little Lou" de Eddie Daniels e "Long Tall Sally" de Little Richards, sem esquecer o híbrido de Sleepy Joe Estes e Kokomo Arnold (também gravado por Elvis) "Milk Cow Blues" e o spiritual de Ray Charles "Hallelujah, I Love Her So". Eddie, por sinal, tinha verdadeira paixão por doo-wop (vide "Cherished Memories"). Sua primeira gravação para a Crest, notadamente, foi um suporte vocal doo-wop para o cantor Jack Lewis.

Ele também interpretava baladas (como "I Remember" e "Love Again") no estilo dos Everly Brothers e Buddy Holly. Mais do que isso, não lhe faltava sequer a dose cinematográfica de romance na veia criativa. No melhor estilo *boy meets girl*, sua parceira de composições favorita, Sharon Sheeley — com quem escreveu "Somethin' Else" e "Think of Me", entre outras —, era também sua namorada!

Nenhuma de suas facetas, entretanto, sobreviveu melhor ao acidente fatal de junho de 1960, na Inglaterra, do que a do *rocker* ensandecido, imagem celebrizada no filme *The Girl Can't Help It* (sua primeira e mais marcante passagem cinematográfica), interpretando "Twenty Flight Rock".

Edward Ray Cochrane nunca conheceu a fama devastadora que transformou seus companheiros em astros da noite pro dia. Mas, acima deles, foi quem se transformou em ícone, em estilo para muitas gerações. Nada expressa isso com mais propriedade do que sua própria música: "Se alguém lhes perguntar quem cantava esta canção, digam que era um batedor de guitarra de Oklahoma City metido num par de jeans" — a letra de "Boll Weevil Song"...

Marcel Plasse

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor Chefe: Alex Antunes
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Perucci
Editora Assistente: Bia Abramo
Redação: Celso Salles Pucci, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Cesar G. Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Anamaria Guimarães de Lemos, Antônio Querino Neto, Alexandre Dinis, Arthur G. Couto Duarte, Carlos Albuquerque, Eugênio Bucci, Fernando Naporano, Jean-Yves Neufville, Leopoldo Rey, Livio Tragtenberg, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Marisa Adán Gil, Tom Leão, Victor Paolozzi (tradução)
Arte: Angelo Assan, Renato Yada (diagramação)
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Fabiana Figueiredo, J.R. Vivanco, Maurício Valladares, Rui Mendes, R. Tucci
Revisão e Preparação de Texto: Crivo Editorial Ltda.

Diretora Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Lídia Camarate (Rio), Márcia Andrade (São Paulo)
Produção Gráfica/Publicidade-Gerente: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente). **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano. Telex: 313585 e 332809; **Nova York:** Odilo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Auta Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora-Circulação: Vera Helena Mirandez Gomes
Promoção: Fernando Mendonça (Rio)
Assistente de Circulação: Maria Luzia Alves
Assistente de Propaganda: Rosana Aparecida G. Almeida

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel. (011) 826-6777. **Telegramas:** Edabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cz$ 1.320,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 05. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

PEPE ESCOBAR

Lendo a BIZZ 26, fiquei indignado com as críticas feitas ao Pepe Escobar pelo Plautino da Silva Gomes. Na sua carta, Plautino afirma que Pepe possui uma "pretensão de superioridade", com o objetivo de impor o seu gosto pessoal ao público. Diz ainda que o crítico despreza os grupos "antigos". Nenhuma das duas afirmações tem fundamento. Pepe já colaborou com a *Discoteca Básica*, analisando o primeiro LP dos Doors — que é de 67, portanto nem um pouco "novo". Além do mais, não se pode pegar só um artigo para condenar alguém como Pepe, que já escreveu centenas de artigos sobre rock nas mais variadas publicações. Grupos como U2, Cure, Smiths, Echo, Siouxsie e outros tornaram-se conhecidos no Brasil graças às reportagens que ele escreveu para a "Folha Ilustrada", entre 82 e 85. Temos também de analisar o significado da expressão "novo". Afinal, existem certos discos que resistem, pela sua qualidade absoluta, a todas as mudanças históricas e culturais, enquanto outros já estão velhos e anacrônicos antes mesmo de serem gravados. **Marcos Donisete Vicente, Salto — SP**

CRAMPS COMPLETO

Escrevo a esta seção para saber a discografia dos Cramps. **Marcelo Bastos, Rio de Janeiro — RJ**

Com sua primeira formação — Lux Interior nos vocais, Nick Knox na bateria, Poison Ivy e Brian Gregory nas guitarras —, os Cramps gravaram o EP Gravest Hits *(79) e os LPs* Songs the Lord Taught us *(80) e* Psychedelic Jungle *(81). A partir de* Off the Bone *(83), o grupo tem a sua formação alterada — a morte de Brian Gregory é sucedida por uma troca constante de guitarristas. Seguem-se o EP* Smell of Female *(83) e a coletânea* Bad Music for Bad People *(84). O rockabilly dos Cramps retorna em 86 com o álbum* A Date with Elvis. *Completa a discografia o LP* Rockinandreelininaucklandnewzealand, *lançado no início deste ano. A formação atual do grupo inclui uma baixista, chamada Fur. Nenhum desses títulos foi lançado no Brasil.*

EM CIMA DO MURO

O principal motivo que me levou a escrever diz respeito ao autor do artigo sobre Pink Floyd, Valdir Montanari. Em determinado trecho da matéria — quando escreve sobre o álbum *The Wall* —, o Valdir diz que "Waters mostrou-se inconsistente quando centrou boa parte de sua crítica sobre o sistema escolar inglês (de resto, o mesmo que foi responsável pela formação intelectual que ele teve)". Ora, será que o Valdir acha o sistema escolar brasileiro exemplar? No entanto, não deixam de aparecer pessoas brilhantes em nosso país. Logo adiante ele diz que "ali estava o resumo do muro massificante que, ingenuamente, Waters erigiu". Minha nossa! Chamar uma obra-prima como o *The Wall* de ingênua é não enxergar nada além do próprio nariz. **Alberto Júnior, João Pessoa — PB**

Valdir Montanari responde: *"Em primeiro lugar, a intenção básica da matéria não era a de realizar uma crítica, mas sim um histórico do grupo. Alguns comentários opinativos foram acrescentados como ilustração. Em* The Wall, *a idéia básica de Waters era apontar os elementos que julgava responsáveis pela massificação da juventude. Pois ele foi ingênuo quando não apontou o maior interessado nessa massificação: o império. Como foi dito na matéria, Waters preocupou-se com os efeitos periféricos. Aliás, será que ele foi ingênuo ou deu uma de ingênuo para não meter a mão na cumbuca?"*

TUDO SOBRE GRACE

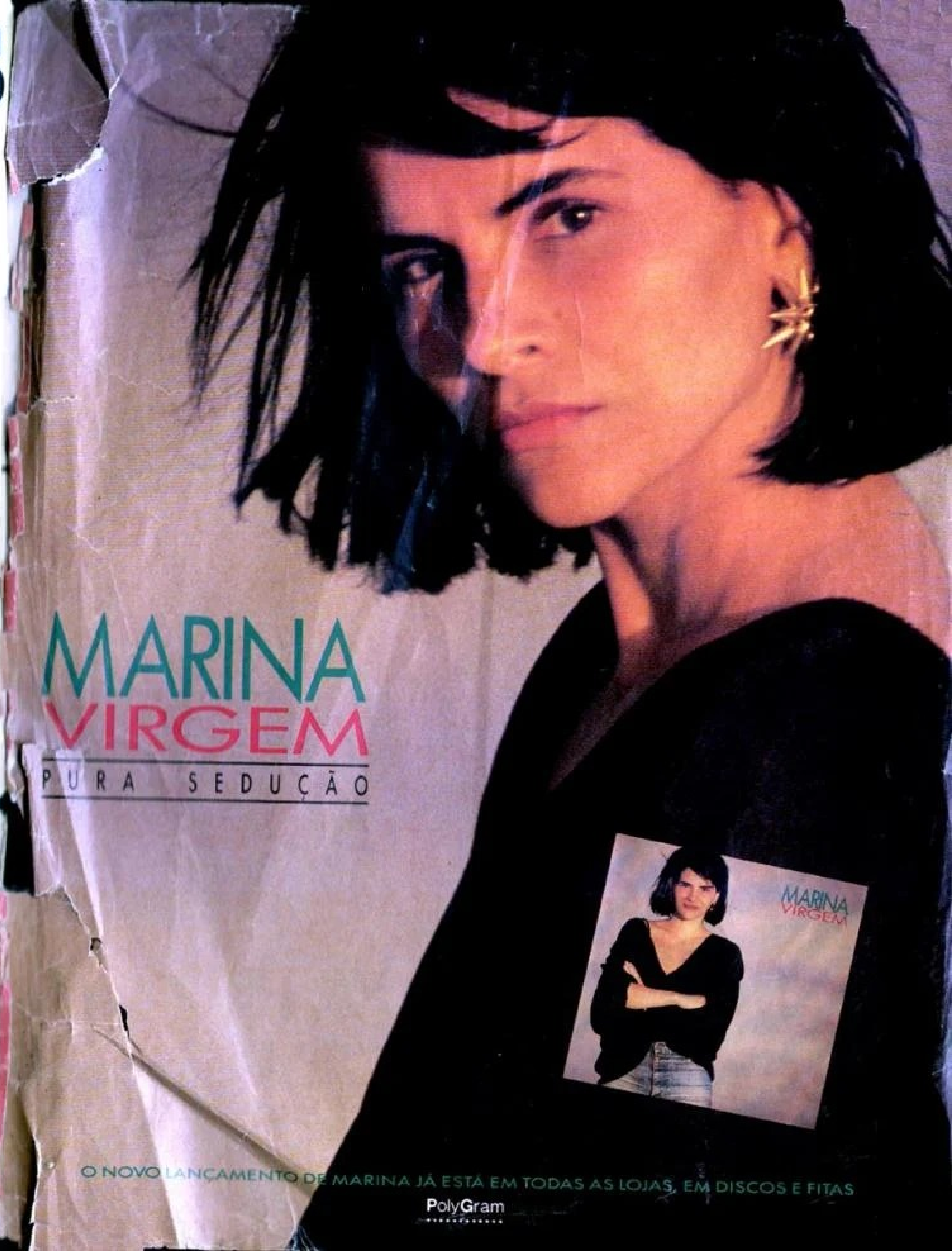
Gostaria de saber a discografia e a filmografia da rainha da era disco, a black Grace Jones. **Jamilson Bemvenuto Lima, Recife — PE**

Vamos lá, Jamilson. A estréia de Grace Jones no vinil aconteceu em 77, com o álbum Portfolio. *Nessa época Grace já fazia sucesso desfilando sua beleza exótica pelas passarelas de Paris. A escalada da ex-modelo rumo às paradas continuaria em 78, com o lançamento de* Fame. *Em 79, sairia* Muse, *inédito no Brasil. A virada na carreira de Grace acontece com* Warm Leatherette *(80) — nesse LP, ela canta, entre outras coisas, canções dos Pretenders e do Roxy Music. Segue-se* Nightclubbing, *lançado em 81. 82 seria o ano de* Living my Life *— inédito por aqui. Depois de um pequeno intervalo de 4 anos, a cantora ressurgiria com* Slave to the Rhythm, *lançado quase simultaneamente no Brasil. Completa a discografia da slave o LP* Inside Story, *lançado por aqui no início do ano. São quatro os filmes que contam com a performance de Grace. O primeiro deles é* Conan, o Destruidor, *de 84, com direção de Richard Fleischer. Segue-se* 007 — Na Mira dos Assassinos *— filme que levaria ao grande público o visual estilizado e agressivo de* Miss Jones. *Completando a filmografia, temos* Vamp *(86), de Richard Wenk, e* Straight to Hell *(87), do diretor inglês Alex Cox.*

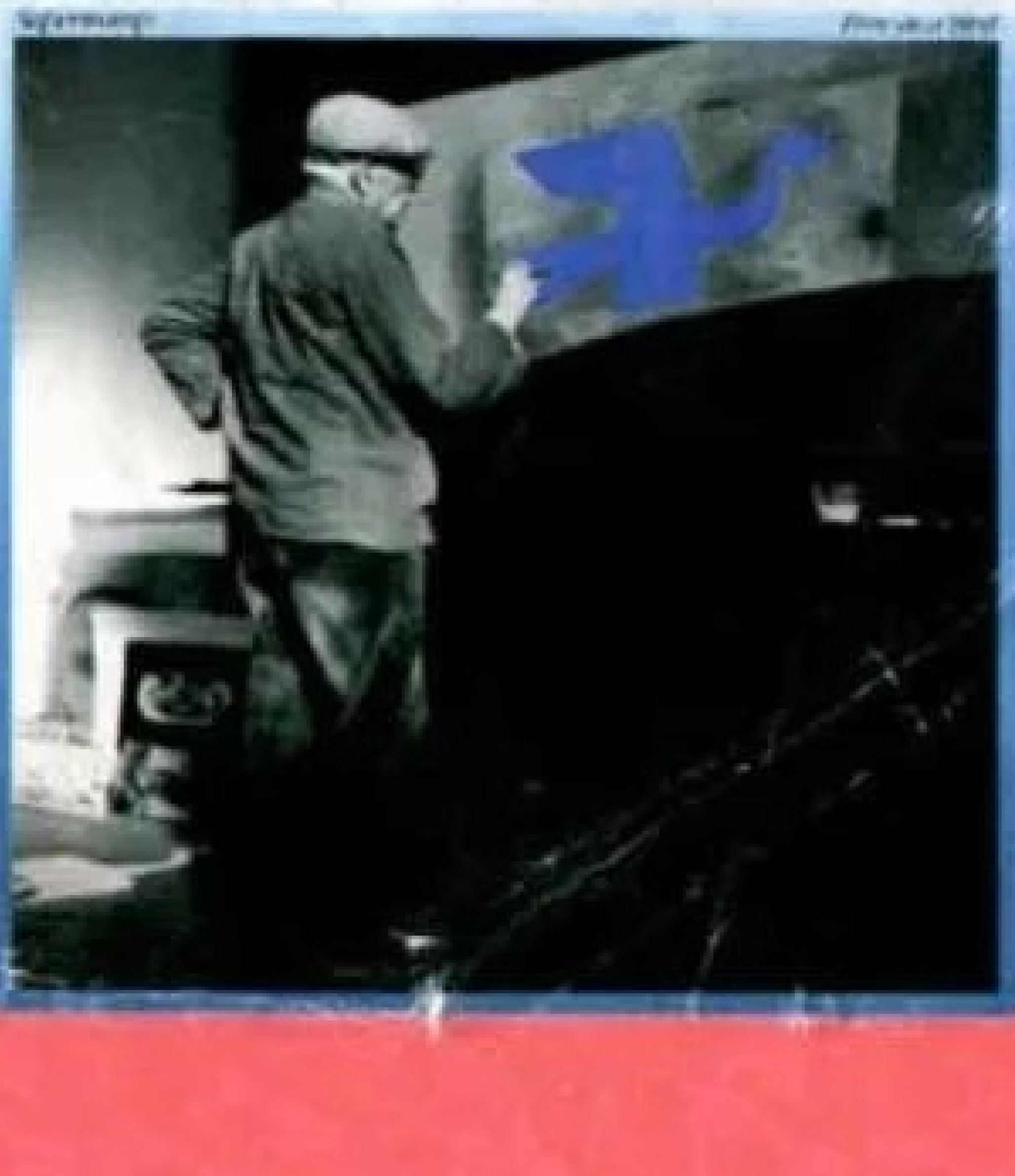
CONEXÃO ANGOLANA

Chamo-me Amarildo Jorge, tenho 17 anos e sou angolano. Aqui em Luanda, a música é muito pouco divulgada e os lançamentos chegam sempre com atraso. Por isso, gostaria de adquirir, por intermédio de compra ou troca, discos de new wave e rock brasileiro. **Amarildo Jorge Van-Drénem, Luanda — Angola**

Um abraço também para você, Amarildo, e para todos (?!?) os nossos leitores em Angola. Existem pelo menos duas lojas brasileiras que vendem discos pelo reembolso postal, inclusive para o exterior. São elas: Baratos Afins, Avenida São João, 439, Loja 318, CEP 01035, São Paulo — SP, e Wop Bop Discos, Rua Barão de Itapetininga, 255, Loja 25, CEP 01042, São Paulo — SP. E aqui vai o endereço do Amarildo para correspondência: Rua Emílio Mbidi, 113.º F, Bairro Maianga, Luanda — Angola



Los Angeles volta a tremer!



Afinal, o novo Lp do Supertramp nasceu lá. Depois de ficar trancado um ano nos mais sofisticados estúdios da Califórnia, o Supertramp entregou ao público o Lp Free As A Bird, um trabalho bombástico que fez a velha L.A. tremer. Provando que quem é rei não perde o trono, o Supertramp já desembarcou o seu novo trabalho no Brasil. Agora é com vocês.

Em discos e fitas de cromo.

PolyGram